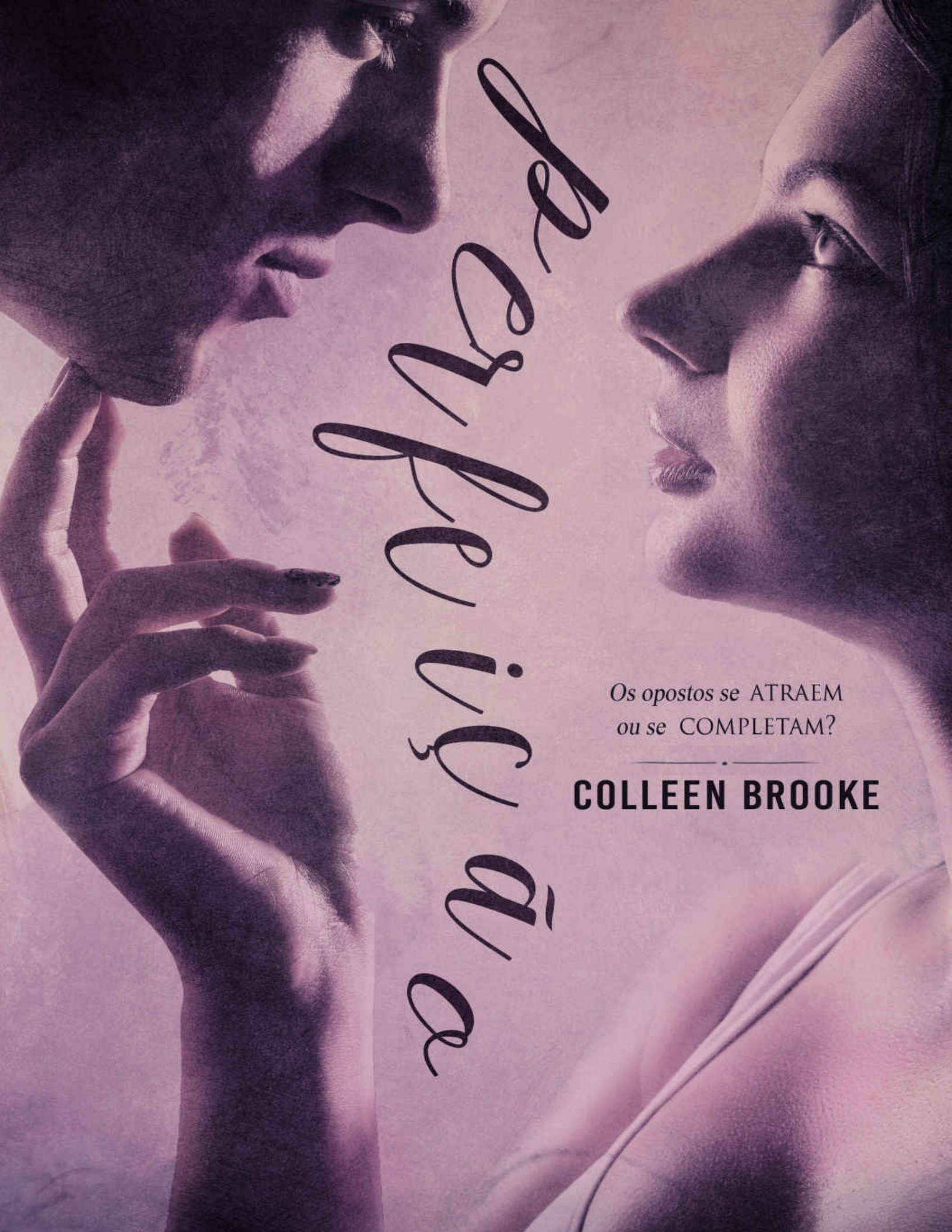


A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on the left, his face in profile, with his hand gently touching the woman's chin. The woman is on the right, also in profile, looking towards the man. The background is a soft, out-of-focus light purple or pink.

Acquiesça

*Os opostos se ATRAEM
ou se COMPLETAM?*

COLLEEN BROOKE



PERFEIÇÃO

Os opostos se ATRAEM ou se COMPLETAM?



COLLEEN BROOKE

Copyright © 2017 Colleen Brooke.

1ª Edição

Capa: ML Capas

Revisão: Liz Montteiro

Está é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos são reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

Ao meu irmão, meu anjo, que hoje olha do céu por mim...

Índice

[Capítulo 01 | A Louca](#)

[Capítulo 02 | Lágrimas de crocodilo](#)

[Capítulo 03 | Mal entendido](#)

[Capítulo 04 | A proposta](#)

[Capítulo 05 | Eu sou um idiota](#)

[Capítulo 06 | Empata foda](#)

[Capítulo 07 | Péssima notícia](#)

[Capítulo 08 | A trégua](#)

[Capítulo 09 | Ficando louco](#)

[Capítulo 10 | Encontro duplo – Parte I](#)

[Capítulo 11 | Encontro duplo – Parte II](#)

[Capítulo 12 - Bebezão](#)

[Capítulo 13 | Insegurança](#)

[Capítulo 14 | Você é meu!](#)

[Capítulo 15 | O jantar](#)

[Capítulo 16 | O começo do fim](#)

[Capítulo 17 | Ombro amigo](#)

[Capítulo 18 | Hora de seguir em frente](#)

[Capítulo 19 | Grávida?](#)

[Capítulo 20 | Quatro corações](#)

[Capítulo 21 | All of me](#)

[Capítulo 22 | Recomeço?](#)

[Capítulo 23 | “Tem certeza que não é um pinto?”](#)

[Capítulo 24 | Marry you](#)

[Capítulo 25 | Vale night](#)

[Capítulo 26 | Nostalgia](#)

[Capítulo 27 | Sejam bem-vindos, pestinhas!](#)

[Capítulo 28 | Perdendo o controle](#)

[Capítulo 29 | The end?](#)

[CONTATO](#)

Capítulo 01 | A Louca

Travis

Beber... Beber... Beber e beber mais um pouco.

Parece que encher a cara é a única coisa a qual sei fazer desde que descobri que a mulher que me deu o seu amor incondicional pode morrer a qualquer momento.

Faz uma semana. Uma maldita semana desde a descoberta de um tumor maligno na cabeça de minha mãe e eu não faço a mínima ideia do que devo fazer.

Porra! Por que a vida tem que ser tão injusta? Como uma mulher que nunca fez mal a ninguém é obrigada a passar por isso? *Não! Eu não compreendo, nem nunca compreenderei o porquê desse maldito câncer surgir para destruir nossas vidas.* É claro que a morte é a ordem natural da vida, mas nem por isso minha mãe precisa morrer agora.

— Mais um copo. — peço para o *bartender* e em questão de segundos estou com meu...

— Esse é o seu décimo copo de vodka em menos de uma hora. — observa a mulher sentada ao meu lado.

Até então eu não havia notado sua presença. E olha que não notá-la é quase impossível. Digamos que a mulher é do tipo GG. Não sabem o que é isso? Então deixe que eu explico-lhes. GG é o mesmo que extra grande. Traduzindo para o masculinês: a mulher é gorda!

Não que eu tenha algo contra as gordinhas. Longe disso. Elas apenas não fazem o meu tipo físico. A verdade é que sou bem seletivo na hora de escolher onde encaixar meu "garotão".

— Me deixa adivinhar, pegou sua namorada na cama com o seu melhor amigo. — sugere e, por um segundo, penso em mandá-la calar a boca.

Será que ela ainda não notou que não quero ficar batendo papo com uma desconhecida? Eu vim aqui para beber, não para derramar a história da minha vida.

— Ok! Mudo eu sei que você não é, já que desde que chegou aqui não para de abrir a boca para pedir bebida. Então irei concluir que está me ignorando.

Aleluia, Senhor! Ela entendeu.

— No entanto, eu não estou ignorando-o e realmente preciso desabafar com alguém toda

a merda que foi meu dia.

Oh, céus! Alguém pode, por favor, calar a boca dessa mulher?

Estou prestes a sugerir que ela procure um psicólogo, mas logo a criatura toma a voz.

— Então vamos lá. Hoje eu saí de casa cedo para trabalhar, tive que acordar 6h da manhã, dá para acreditar? Pois é, sem mencionar o fato de que minha água foi cortada. Então não, eu não tomei banho. — fala com tamanha naturalidade que é impossível não arregalar os olhos depois de ouvir seu comentário inusitado. — Peguei o metrô lotado, quebrei meu salto enquanto caminhava até a droga do consultório em que trabalho e, como se não bastasse, tive minha blusa de seda branca manchada pela peste do pirralho de umas das minhas pacientes. A mãe do monstrinho ainda teve a coragem de colocar a culpa em mim. Vê se pode um absurdo desses! Como eu não sou de ferro, comecei a bater boca com ela. Sim, afinal, quem aquela perua, que já traiu o marido até com o porteiro, pensa que é para gritar comigo? Não, mas o pior não foi isso...

Ainda tem mais?

— Eu acabei sendo demitida depois que quase arranquei o último fio de cabelo daquela *Barbie Inflável*. Eu vou te contar, o que aquela mulher tem de botox nos lábios, juro que não é muito diferente de uma pessoa que foi picada por um par de abelhas. Oh, eu ia esquecendo a melhor parte: serei despejada em menos de uma semana, o que faz de mim uma futura sem teto. — termina de falar e dá um forte cole em seu drink vermelho.

— Terminou? — pergunto boquiaberto.

— Acho que sim. — dá de ombros. — Agora é a sua vez.

— Minha vez?

— Sim. — responde. — Você teve um dia ruim, como o meu, ou está apenas tentando entrar em coma alcoólico? Oh, não vá me dizer que você é alcoólatra?! Olha eu conheço um ótimo grupo de AA aqui na cidade. Ainda dar tempo de sair dessa vida. Tenha fé irmão.

Senhor, essa mulher é louca!

— Eu não sou alcoólatra. — rosno.

— Claro que não. — revira os olhos. — Eu não entendo porque todo *bebum* insiste em dizer que não é um viciado. Pode ser sincero comigo. Eu não vou julgá-lo por ficar enchendo a cara enquanto sua família deve estar sofrendo com todo esse seu vício. Você deveria pensar um

pouco mais neles. Aposto que até a TV da sala você já vendeu para custear seus gastos com a bebida. Nossa! Será que você não pensa na sua mãe? Ou até mesmo em sua esposa que, muito provavelmente, está agora em casa, sozinha, grávida do seu quinto filho? Você...

— SERÁ QUE VOCÊ PODERIA CALAR A BOCA? — grito e ela quase cai do banco em que está sentada. — Eu não sou alcoólatra, não sou viciado em nenhum tipo de droga e minha TV, da última vez que chequei, continuava grudadinha na parede da minha sala. Quanto a minha mãe, ela está morrendo aos poucos e eu não posso fazer nada. Eu simplesmente tenho que ficar sentando, esperando ela morrer a qualquer momento. Eu sou a porra de um filho inútil. Um homem de 30 anos que até hoje não foi capaz de realizar o maior sonho da própria mãe. Satisfeita? Ou será que você precisa de mais alguma informação? — questiono, ironicamente, com um sorriso debochado no rosto.

— Eu... Eu sinto muito por sua mãe. Posso imaginar o quão difícil é perder alguém que amamos. — lamenta, encarando o balcão.

— Não, você não pode imaginar. Não é a sua mãe que está morrendo. — não faço qualquer esforço em tentar ser gentil.

— Nisso você tem razão. — ergue a cabeça e volta a me encara. — Afinal, como alguém que foi abandonada recém-nascida, em uma lata de lixo, pode imaginar qual seja a sensação de perder uma mãe? Você está certo. Porém, eu posso até não imaginar, mas isso não me impede de lamentar por sua atual situação, de lamentar por sua mãe. — sinto-me um lixo depois de ouvir suas palavras.

— Eu não sabia. — falo, envergonhado, mas tudo o que ela faz é dá de ombros, chamar o *bartender* e pedir mais um *drink vermelho*.

Torno a abrir minha boca, desta vez para pedir desculpa, mas quer saber? É melhor ficar calado. Vai que eu falo outra besteira e ela me mata. Sim porque, convenhamos, essa mulher deve ter fugido de algum hospício.



Mais três copos de vodka depois e sinto todo o bar girando.

Por que será que de repente parece que todo mundo tem um irmão gêmeo? Juro que estou

vendo tudo multiplicado por dois. E se tem algo que odeio mais do que acordar cedo é matemática.

— *Maiche um.*

Pois é, pareço minha afilhada de dois anos falando.

— Desculpa cara, mas você já bebeu treze copos de vodka. Talvez esteja na hora de parar.

— Ou talvez esteja na hora de você calar a *buca* e *fazer* seu *trabalho*. — devolvo.

O *bartender* bufa mal-humorado, porém faz o que eu digo.

Depois do meu décimo quinto copo, decido que é hora de parar. Tiro algumas notas de minha carteira, jogo-as sob o balcão e saio do bar. Noto que a "*louca*" continua no mesmo lugar.

O caminho até meu carro é um pouco complicado, principalmente quando o chão parece um carrossel: *gira, gira e gira*. Quando finalmente chego a minha linda e perfeita *Lamborghini*, a dificuldade que encontro é outra: conseguir ligar a merda do carro. A droga da chave não encaixa.

— PORRA! — grito no exato momento em que escuto alguém bater na janela da minha *bebezinha*. Abaixo o vidro e lá está ela.

— Sério que você vai dirigir depois de ter acabado com toda a vodka do bar? Eu não sei se você sabe, mas existem outras formas de cometer suicídio sem que para isso seja preciso colocar em perigo a vida de pessoas inocentes.

Ótimo! Agora estou recebendo lição de moral de uma desconhecida maluca.

— Eu *num* tô *bebu*. — rebato.

— Bêbado? Claro que não! — ironiza com um revirar de olhos. — Você só está a quilômetros luz do estado sóbrio.

— Hahahaha... Estou *murrendo* de rir.

— Não era uma piada, *Sr. Delícia*. Era a simples constatação de um fato.

É o álcool fazendo efeito ou ela acaba de me chamar de *Sr. Delícia*?

— Agora saia desse carro que eu irei chamar um táxi para você.

Quem ela pensa que é para me dar ordens?

— Sinto muito, *maiche* voxê *num* manda *in* mim. Eu *num* vou deixar minha bebê *ati* pra ser roubada por algum bandido ou danificada por algum *bebu*.

— Então tire esse seu traseiro daí que eu irei fazer o favor de levá-lo até o seu humilde lar que, pelo o carro, de humilde não deve ter nada.

— Eu *num* sou louco a ponto de deixar voxê dirigir meu carro.

— Que pena. Se é assim, então eu acho que você não terá sua listinha de volta. — sorri igual à noiva do *Chuck*, erguendo nas mãos uma folha de papel que eu reconheço perfeitamente.

É a mesma lista que eu havia feito há quase 20 anos. Nela estão escritas todas as características da "*Mulher Perfeita*", a mesma que passei a procurar desesperadamente desde que minha mãe foi internada.

— Me devolva a *listra*. — exijo. — Como voxê *cunsigniu* roubar ela de mim sem que eu percebesse?

— Primeiramente, eu não a roubei. Foi você que a jogou no balcão, junto às generosas notas de cem dólares.

— Voxê roubou o dinheiro também? Oh, senhor! Voxê é uma *clepítonanica*.

— Eu não sou viciada em roubo, tampouco peguei o dinheiro que você deixou como pagamento pelas significativas quantidades de álcool que ingeriu. Juro que não sei como ainda não desmaiou.

— Então *pur* que está com minha *listra*?

— Senhor, como você gosta de perguntar. Parece até criança naquela famosa e irritante fase do: "*por que isso?*", "*por que aquilo?*". Paciência tem limite, *queridinho*, eu já testei a minha e ela não funciona.

Essa mulher me dá medo!

— Ok! *Quantu* voxê quer para me devolver a *listra*? — pergunto, abrindo minha carteira.

— Eu não quero seu dinheiro.

— Não? — questiono estático. — Sinto muito, mas eu não irei fazer sexo com voxê. — esclareço e ela cai na gargalhada. — Do que voxê *tá lindo*?

— Do que você acaba de falar. — continua rindo. — Você realmente acha que estou tão desesperada a ponto de transar com você? — ri tanto que posso ver lágrimas saindo de seus

olhos.

Pergunto-me o que tem de errado comigo para ela não querer que eu a *foda*. Sim, porque, sem querer me exhibir, mas meus pais devem ter feito o sexo mais perfeito de suas vidas quando fui concebido. Essa mulher, definitivamente, bateu com a cabeça ao nascer.

Que mulher, em sã consciência, iria dispensar uma boa *foda* comigo?

— Não que você seja feio. — analisa-me. — Até que você dá um belo caldinho.

Caldinho?

Eu com certeza dou muito mais que um simples caldinho. Eu diria que sou tão saboroso quanto um *Petit Gateau*.

— Mas é branquelo demais, eu não sei se sabe, mas existe algo maravilhoso chamado sol.

— *Englaçadinha*. — reviro os olhos. — Se *voxe* *num* quer meu dinheiro, nem uma noite alucinante de sexo *cumigu*, então o que quer?

— Um emprego.

— Desculpa, mas eu acho que *num* ouvi direito.

— Eu. Christina. Wyatt. Quero. Um. Emprego. — fala em câmera lenta.

— Por acaso eu tenho cara de quem *trabaia* no RH?

— Não, *gatinho*. Eu estou oferecendo-me para ajudá-lo a encontrar sua "*Mulher Perfeita*".
— faz aspas, dando-me agora um sorriso Colgate.

— E *voxe* é o quê? Cupido?

— Quase isso. Eu sou psicóloga, especializada em terapias de casais. — diz orgulhosamente.

Psicóloga? Isso é o quê? Uma piada.

— Ok! Onde estão as câmeras.

— Câmeras?

— Sim, *num* precisa mais fingir.

— Isso não é uma pegadinha.

— Então *voxe* é realmente uma psicóloga? — pergunto e ela assente.

O que tem de doido comprando diploma hoje em dia não é brincadeira.

— E está me oferecendo seus serviços?

— Exatamente! Prometo que em menos de dois meses você encontrará quem procura. É claro que não será uma tarefa fácil e que...

— Tudo bem. Eu aceito qualquer coisa, desde que isso a faça calar a boca. — falo, sentindo uma leve dor de cabeça e em seguida tudo fica preto.

Capítulo 02 | Lágrimas de crocodilo

Christina

Será que nessa casa não tem nada que se possa comer, sem que para isso seja necessário usar o fogão? Fala sério! Já passam das dez da manhã e eu estou faminta. Detalhe: não queiram ver uma gordinha faminta.

Reviro a cozinha inteira até encontrar um pacote de pão. Não é grande coisa, mas dá para fazer uns três sanduíches. Eu sei, irei morrer de fome se não comer outra coisa, além desses sanduíches, nas próximas duas horas. Oh, não me olhem com essa cara de espanto! Eu tenho 85 kg de pura gostosura que precisam ser mantidos.

Essa é a parte em as pessoas falam: *"85 kg? Cruzes, mulher, faz logo um regime antes de sair rolando pelo chão igual bola!"*. Consequentemente, é também a parte em que respondo: *"FODA-SE!"*. Um foda-se bem grande porque o corpo é meu.

Odeio essas pessoas que acham que beleza é sinônimo de magreza. Por favor, meu bem! Prefiro parecer uma bola a um palito de fósforo. Por isso meu lema é: *"Sou gorda, mas sou gostosa!"*.

É claro que nem sempre pensei desta forma. Durante minha infância e adolescência o que eu sofri de *bullying* no colégio e no orfanato não foi brincadeira. E tudo por eu ser gordinha. Já me chamaram de baleia, hipopótamo, rinoceronte, vaca, elefante, *Sra. Bolota...* A lista é tão grande que às vezes me surpreendo com o quão idiota algumas pessoas podem ser.

Eu abria os olhos e pensava: *"Eu quero morrer!"*. Então, um belo dia, depois de ser humilhada na frente de todo o colégio, eu resolvi mudar. *E hoje?! Hoje eu sou essa mulher linda, maravilhosa, com a autoestima lá em cima e que não está nem aí para a balança.* Eu me aceito exatamente do jeito que sou. Quem olhar para mim e não gostar tem duas opções: ou olha para o lado oposto, ou fica cego.

Minha vida amorosa?! Safadinhas! Já estão querendo saber das minhas trepadas.

Sim, trepadas. E eu devo dizer-lhes que minha vida sexual é mais ativa que um vulcão em erupção. Se bem que já faz uma semana que não transo. O responsável por meu atual estado de seca?! Henry! Oh, esqueci. Vocês não sabem quem é Henry, certo? Bem, ele é meu amigo de foda...

Ops... Erro de digitação... Eu quis dizer ex-amigo de foda. Ele teve que viajar para a Alemanha e agora aqui estou eu, sozinha, sem nenhum "pau amigo". O que eu, sinceramente, espero que seja por pouco tempo. Não sou aquele tipo de mulher que fica sentada chupando o dedo enquanto as teias de aranhas se apoderam de sua vagina. Não! Definitivamente eu não sou esse tipo de mulher. Faço parte do time das que preferem ficar de quatro ou com um belo pau na boca. Oh, podem ir tirando essa carinha de "*minha nossa*" do rosto, afinal, em momento algum mencionei ser santa. Além do mais, vocês devem ser tão taradas quanto eu. Mas vamos admitir, é melhor ser uma tarada bem fodida a uma puritana que só em ouvir o nome pênis faz cara de nojo. Por favor, para que fazer cara de nojo? Eu, por exemplo, lambo os lábios.

— Ahhhhh! — grita o Sr. *Delícia*, parado na entrada da cozinha, enquanto me olha assustado.

— Bom dia para você também. — sorrio, sem me incomodar com seu gritinho de entrada. — E não me olhe como se tivesse acabado de ver o *Shrek*. Posso garantir que minha aparência está muito melhor que essa sua cara de múmia.

— Eu não estou tão feio assim. Estou? — pergunta, preocupado, e eu tenho que me controlar para não rir.

Não! Ele não está feio. Sinceramente? Olhando para ele agora, sem camisa e com o cabelo bagunçado, eu diria que é impossível esse homem chegar perto da palavra feio. A criatura é uma bela visão, com seu corpo definido, cabelos negros como a noite, um par de olhos azuis hipnotizantes e um sorriso derrete calcinha. Agora vocês vão dizer: "*Mas tu disse que não pegaria ele. Chegou até a comparar o coitado a um simples caldinho*". Bem, ele continua sendo um caldinho, só que um caldinho gostoso. Muito gostoso.

Te controla, Christina!

— O que raios você está fazendo em minha cozinha, ou melhor, o que diabos você faz em meu apartamento? — questiona de braços cruzados.

Ao menos ele ainda lembra quem eu sou. Ou será que não?

— Você quer dizer nosso apartamento, certo? — pergunto, dando uma mordida generosa em um dos sanduíches.

Até que eles ficaram bons.

— Nosso apartamento? — ri como se estivesse em um show de humor e eu acabasse de

contar a piada do século. — Você só pode está ficando louca. Esse apartamento não é seu. Eu nem te conheço. A única coisa que sei é que você é a maluca do bar.

— Nossa, assim você me magoa. — levo uma de minhas mãos ao peito. — Mas tudo bem, irei relevar suas palavras, chefe. — pisco de olho e volto a saborear os sanduíches.

— Chefe?

— Sim. Você me contratou para ser sua cupido particular. — pisco meus olhinhos. — E me deixou morar nesse lindo apartamento até que você encontre a futura *Sra. Maddock*.

— Espera! Como você descobriu meu sobrenome?

— Carteira de habilitação. — respondo e noto seus sedutores olhos azuis ganharem o dobro do tamanho.

— Você mexeu na minha carteira? — parece indignado, mas não ligo a mínima.

— Sim. — dou de ombro.

— E você confirma na maior cara de pau?

— Desculpa, mas essa é a única cara que tenho.

— Ok! Chega! — exclama, irritado, tirando de minhas mãos o prato com os sanduíches.

Porra, esse homem está querendo morrer? Onde já se viu arrancar comida das mãos de uma gordinha? Maior absurdo e falta de noção do mundo.

— Você tem um minuto para sair do meu apartamento.

Olho para seus olhos e sei que ele não está blefando.

Pensa, Christina. Pensa!

E como num passe de mágica, começo a chorar. Mas chorar mesmo, do tipo que borra toda a maquiagem do rosto, não que eu esteja maquiada. Sem querer me gabar, mas eu não preciso de muito para ficar bonita.

— Pode parar com esse seu teatrinho barato. Eu não acredito em lágrimas de crocodilo. — rosna, o que só faz com que eu, em um momento de total desespero, abra ainda mais o berrero.

Ele pode até dizer que não acreditar em minhas lágrimas de crocodilo. No entanto, se tem algo que é de conhecimento feminino é o fato científico de que homens odeiam ver uma mulher chorar.

— Eu... Eu... Fui despejada. Eu não tenho para onde ir. — fungo. — Não tenho família. — soluço. — Perdi meu emprego. Oh, meu Deus, o que será de mim? — lágrimas escorrem por todo o meu rosto e vejo, aos poucos, a fachada de machão desaparecer do rosto de Travis.

— Não... Olha não precisa chorar. — pede em um quase sussurro.

Eu, logicamente, faço o contrário.

Com mais um pouquinho de esforço e é ele quem irá implorar para que eu fique.

— Você... Você está certo. — finjo enxugar as lágrimas de meu rosto. — Afinal, por que você abrigaria uma sem teto? — pergunto, minha voz carregada de drama. Levanto-me e enquanto preparo-me para sair começo a contagem regressiva.

5, 4, 3, 2 e...

— Pode ficar. — diz rapidamente e eu uso toda a minha força de vontade para não dar cambalhotas de felicidade em sua frente.

— Posso? — questiono como quem não acredita nas palavras que acabara de escutar.

— Pode. O quarto de hóspedes é todo seu. — afirma, derrotado.

Ótimo porque minhas malas estão lá desde ontem.

Assim que Travis desmaiou, eu assumi a direção do carro, passei em casa, peguei minhas malas, fuzei em sua carteira e descobri seu nome e endereço. Trouxe-o para casa, o coloquei na cama e desfrutei de seu enorme banheiro. *Deus, aquela banheira é de outro mundo. Entrei nela e não queria mais sair.*

— Então o emprego de cupido continua sendo meu? — pergunto esperançosa e ele assente. — EBAAAAA! — grito, indo até ele.

Eu não sei que alma possuiu meu corpo, mas eu simplesmente o abraço, o que me assusta. Assusto-me porque é bom. O contato entre nossos corpos é eletrizante e ao mesmo tempo reconfortante.

Oh, senhor! O que raios eu estou fazendo?

Pulo para trás com a mesma rapidez em que o abracei. Olho para Travis e ele parece não está entendendo nada.

— Então, o que você irá preparar para o café da manhã? — pergunta, acomodando-se em um dos bancos que ficam próximos à ilha.

O desgraçado ainda tem a petulância de morder um dos meus sanduíches.

— Eu?! Nada. — respondo, arrancando meus preciosos sanduíches de suas mãos imundas.

— A geladeira está repleta de comida. Você só precisa usar o fogão.

— Usar o fogão? Nem pensar! Minha casa, minhas regras. — bate no peito. — Você cozinha enquanto estiver aqui.

— O quê? Eu sou sua cupido, não sua empregada doméstica. — exclamo revoltada.

— Ótimo, então você é minha cupido e não minha hóspede. — rebate com um sorrisinho de vitória no rosto.

— Isso é chantagem. — bufo de braços cruzados.

— Não. Isso se chama troca de favores. — esclarece. — Quando o café da manhã estiver pronto, leve-o até a sala de estar. — ordena antes de sair.

— Argh!

Mas se esse bastardo pensa que fará de mim sua empregadinha particular, ele está redondamente equivocado. Porra, nem cozinhar eu sei. Exatamente! Eu tenho 25 anos e não sei cozinhar. O que eu posso dizer... Existem pessoas que já nascem com uma panela na mão e a barriga no fogão, já eu nasci com o prato na mão e a comida na boca. Por isso, não me culpem.



Uma hora mais tarde e depois de praticamente destruir a linda cozinha de Travis, eu, enfim, consegui prepara uma omelete, um pouco de bacon e algumas torradas. Acabei encontrando mais um pacote de pão. Para finalizar com chave de ouro, fiz um pouco de suco e café, já que não sei de qual o Sr. Mandão gosta.

Coloco tudo em uma bandeja e levo para sala. Basta eu ver o *príncipezinho* sentado confortavelmente no sofá enquanto assiste a merda de um jogo de futebol, para todo o sangue que possuo em meu corpo subir para a cabeça.

Mas é muito folgado mesmo. Onde ele pensa que está? Na casa da mãe Joana?

Não, Christina. Ele não está na casa da mãe Joana, ele está na casa dele.

Escuto uma vozinha irritante, mas logo ignoro-a. O apartamento pode até ser dele, mas enquanto eu tiver aqui algumas coisinhas irão mudar.

— Aqui está seu café da manhã. — anuncio com um sorrisinho falso.

— Então traga-o até mim, *Cristinne*. — impõe. Os olhos fixos na TV, que deve ter umas 70 polegadas.

Ele é o quê? Cego? Qual a necessidade em ter uma TV de 70 polegadas em casa? Eu respondo: nenhuma.

— Primeiro, meu nome é Chris-ti-na. — soletro para ver se ele consegue entender. — Segundo, se quer tanto comer, então levante e pegue. — bufo, furiosa.

Coloco a bandeja na mesinha de centro e então saio para meu lindo e maravilhoso quarto.

Eu não faço a mínima ideia de qual seja a profissão do *Sr. Mandão*, mas com certeza é um ótimo emprego. Só esse apartamento deve ter lhe custado alguns bons milhões, afinal, estamos falando de uma cobertura próxima ao Central Park. Isso, com certeza, não é para qualquer pé rapado como eu. Por isso, irei aproveitar os meus dias de glória.

Pulo na cama *king-size* e permito-me fechar meus olhos por cinco segundos, antes de Travis aparecer gritando.

Oh homem que gosta de fazer escândalo.

— VOCÊ ESTAVA QUERENDO O QUÊ? MATAR-ME? — grita, furioso.

— Matá-lo? Você foi o único a quase estourar meus pobres tímpanos. Só para lembrá-lo, eu não tenho ouvido alugado. Agora será que eu poderia saber o motivo desse seu *showzinho*?

— Aquela sua comida. Espera, eu erreí. Aquele lixo tóxico que você chama de café da manhã. De onde você tirou aquilo? Do esgoto? — coloca a língua para fora e começa a limpá-la com a mão.

— Eu não tenho culpa se não sei cozinhar.

— E só agora você resolve mencionar esse detalhe? Eu poderia ter morrido.

Exagerado.

— Também não é para tanto. — reviro meus olhos.

— Será que dar para parar de revirar os olhos. Isso me irrita.

Isso porque você é fresco.

— Mas alguma coisa?

— Sim. Você. Não. Chegue. Perto. Da. Minha. Cozinha. — fala pausadamente, apontando o dedo em meu rosto.

— E como você espera que eu coma?

— Com a boca. — o engraçadinho responde.

Logo em seguida ele me dá aquele sorrisinho debochado e sai.

Argh!

Travis Maddock é uma tremenda dor na bunda. Quero só ver qual doida aceitará ser sua esposa. Tenho pena da coitada. O que ele tem de lindo tem de irritadinho.

Quanto desperdício.

Capítulo 03 | Mal entendido

Travis

Eu ainda não sei onde estava com a cabeça quando permiti que aquela louca morasse aqui. Senhor, a mulher é insuportável, fala como um papagaio e, como se tudo isso não fosse o suficiente, ela ainda cozinha pior que minha avó. Juro que ainda posso sentir o gosto daquele lixo que ela chama de comida em minha boca. E olha que eu já escovei meus dentes umas três vezes.

Não podemos esquecer, também, que a criatura é espaçosa. Antes que comecem a me taxar de *gordofóbico*, gostaria de deixar bem claro que não estou falando de seus quilogramas a mais. Por favor, eu não sou idiota e nem tenho problemas com o fato dela ser um pouquinho mais recheada que o normal. Porém, tenho sérios problemas com o fato daquela mulher se sentir tão à vontade em meu apartamento. Sim, o apartamento é meu, e ela, por algum motivo que eu desconheço, pensa que é a dona do pedaço. Porra, se eu já não consigo imaginar suas calcinhas espalhadas pela casa.

Não! A casa é minha e eu, como macho alfa, tenho que ter pulso firme.

— Travis, o que nós iremos almoçar?

Falando no diabo.

— Nós? — pergunto. — Eu não sei você, mas eu estou indo almoçar na casa dos meus pais.

— Perfeito. Não se preocupe, estarei pronta em dez minutos. — sorri, já caminhando em direção ao quarto.

— Christina! — chamo o nome da infeliz. — Acho que você não entendeu, mas não se preocupe, como sou um cara legal, irei repetir para que você compreenda: Eu. Irei. Almoçar. Na. Casa. Dos. Meus. Pais. — falo as palavras pausadamente, já que tenho a “leve” impressão de que ela não sabe usar muito bem o cérebro na hora de raciocinar.

— Eu já ouvi isso e compreendi perfeitamente.

Graças a Deus.

Talvez ela não seja tão burra, afinal.

— E como já mencionei, estarei pronta em dez minutos.

Retiro o que eu disse. Se ela não for muito burra é extremamente surda.

— Você não vai! — digo.

— Eu não recordo-me de ter pedido sua permissão. — rebate e eu quero matá-la por ser tão respondona.

Mantenha a calma, Travis. Lembre-se que ela, mesmo sendo esse monstro que veio para infernizar sua vida, continua sendo uma mulher.

Respiro, conto até dez e...

— Engraçado eu não me lembro de tê-la convidado.

— Oh, não se preocupe, *gatinho*. Eu não ligo para sua falta de educação. Agora seja um bom menino e espere eu ficar pronta.

A desgraçada ainda tem a cara de pau de jogar um leve beijinho no ar antes de sair.

Agora me diga, Senhor: o que eu fiz de tão grave para carregar essa cruz? Será que aturar Matteo já não é castigo o suficiente? Mas não, claro que não. Eu saio para encher a cara e de brinde ganho um cupido. Cupido esse que até agora só tem me dado dor de cabeça. Como raios eu me deixei levar por suas lágrimas de crocodilo? Poxa, eu sou um homem, preciso honrar as calças que visto. No entanto, Christina tem o poder de me tirar do sério, e eu não gosto disso. Na verdade eu odeio isso.

Eu nem sei o que ainda estou fazendo aqui, esperando essa louca. Pego as chaves do meu carro e quando estou abrindo a porta...

— SE EU FOSSE VOCÊ NÃO FARIA ISSO. — grita.

Droga, droga, droga... Mil vezes droga.

Xingo mais um pouco e espero minha "cruz" sair de dentro do quarto. Como prometido, dez minutos depois e meu pesadelo aparece. Vestida em... Sei lá... Não fico reparando no que ela veste. O que foi agora? Não me olhem desse jeito, continuo sendo o mesmo Travis de sempre, a única diferença é que agora não tenho paz.

Nota mental: nunca mais pisar meus pés na porcaria daquele bar.

Já pensou se eu volto até lá e encontro outra Christina da vida? Não, seria melhor me mandarem para inferno ou para algum hospício. No fim, qualquer lugar longe dessa maluca seria o paraíso. Estou pensando seriamente em me mudar para o deserto.

— Estou pronta. Agora vamos que estou louca para conhecer sua família.

— Louca você já é. — solto.

— Nossa, *gatinho*. Adoro o seu senso de humor. — pisca um dos olhos e sai rebolando.

Aaaahhh... Essa mulher vai me fazer pular da primeira ponte que aparecer em minha frente. Se bem que a ideia de jogá-la de uma é muito mais interessante. Eu já posso ver estampado nas manchetes do *The New York Times*:

"Travis Maddock, além de lindo e muito simpático, virou o queridinho de New York. O motivo?! O gato conseguiu se livrar de Christina Wyatt. A mulher, para quem não sabe, foi considerada um perigo à sanidade dos nova-yorkinos.

O Presidente dos EUA realizará, na noite de hoje, um baile de gala em homenagem ao nosso 'Homem Perfeito' que, para a infelicidade da mulherada de plantão, subirá ao altar com a modelo Candice Swanepoel neste final de semana."

Oh, Senhor. Ler isso seria um sonho se tornando realidade.

Será que se eu for um bom menino o Papai Noel me dará esse maravilhoso presente? Não custa nada tentar.

Para me livrar de Christina até terreiro de macumba eu frequento se for preciso.



— Nós já estamos chegando? — pergunta pela décima vez em um intervalo de cinco minutos.

Oh mulherzinha irritante.

— Você fez essa mesma pergunta há alguns segundos. — bufo. — E, caso você não lembre, respondi que estamos quase lá.

— Você respondeu a mesma coisa há alguns segundos e, caso não tenha notado, continuamos dentro do carro.

Se eu tivesse uma faca agora, cortaria a língua dela em pequenos pedacinhos e daria para o *Gleefordy* comer. Ok, eu não faria isso. Afinal, não sou tão mal aponto de matar o pobre cachorrinho de Sophie envenenado. Sim, pois tenho certeza que a língua dessa víbora está recheada de veneno.

— Por que você tem esse olhar no rosto de quem deseja arrancar minha língua? — indaga, fazendo aquela famosa pose de donzela indefesa.

Porque é exatamente isso que eu quero fazer.

— Eu não estou olhando como se fosse arrancar sua língua e dar para alguns cachorrinhos comerem. — falo, diabolicamente.

— Viu?! Você até pensou na forma como irá se livrar dela. — põe a mão na boca e eu sorrio. — Mas não tem problema. — tira a mão da boca. — Eu já pensei a mesma coisa a respeito. A única diferença é que ao invés de sua língua, era o seu precioso pau que os cachorros devoravam.

Aiiii!

Doeu só de imaginar.

Dou graças aos deuses quando estaciono minha *Lamborghini* em frente a casa dos meus pais.

— Cristo! Isso é casa de seus pais ou a mansão de algum astro hollywoodiano?

Olho para Christina e percebo que seu queixo está, praticamente, na altura de seus pés.

Será que ela nunca viu uma casa antes?

— Você... Você cresceu nessa mansão? — pergunta, ainda com cara de idiota.

— Sim, eu cresci nessa CASA.

A casa dos meus pais é grande, mas denominá-la mansão é exagero por parte de Christina.

— Claro, casa... Porque mansão é o castelo da Rainha Elizabeth.

— Quanta ironia para uma única pessoa. Agora vamos que eu estou morrendo de fome. — preparo-me para sair quando...

— Espera! — pede, puxando-me pelo braço. — Seus pais não irão achar ruim o fato de

que você me trouxe sem avisar?

O quê? Essa mulher só pode está brincando com minha cara. Não é possível. Ela é o quê? Bipolar? Não, bipolar é eufemismo.

— Primeiro, eu não a trouxe, foi você quem se convidou para vim. Segundo, por que você está preocupada com isso? Achei que fosse a rainha dos caras de pau. — termino de falar e noto que os olhos de Christina estão marejados.

Perfeito! Agora ela irá chorar.

— Se não queria que eu viesse era só ter vindo sem mim.

— Ou você é muito louca ou sofre de amnésia. — perco o controle. — Esqueceu que eu vinha sem você, mas fui impedido? Você que é uma intrometida.

— Ótimo, então vá para o seu maldito almoço. — diz, saindo do carro e batendo a porta com toda a força.

— MAIS UM POUQUINHO E VOCÊ CONSEGUE QUEBRAR A PORTA. — grito, saindo logo em seguida.

— VÁ SE FODER, IDIOTA! — grita de volta.

A desgraçada ainda tem a coragem de me dá o dedo do meio. Com quem ela pensa que está falando. Eu não sou um dos *neguin* dela para que ela fale assim comigo. Eu sou seu chefe e ela me deve respeito e obediência.

— Onde você pensa que vai? — pergunto quando percebo ela se afastar.

— Não te interessa. — a mal criada responde.

— Você tem razão, não me interessa, mas eu quero saber.

— Sinto muito em decepcioná-lo, mas você não manda em mim. Agora me deixe em paz e vá se deliciar com toda aquela comida. Ah, espero que você morra engasgado.

Depois de desejar minha morte, ela me dá língua, como se tivesse a mesma idade de Sophie, e sai rebolando aquela bunda. Só agora percebi quão grande sua bunda é. Grande e gostosa.

Foco, Travis! Nada de ficar reparando na bunda gostosa dessa louca. Agora mostre quem é que manda e arraste aquele traseiro até a casa de seus pais. Seja homem e lembre-se: tenha pulso firme, nada de ceder às vontades dessa víbora. Não seja um marica igual à Matteo.

— CHRISTINA! — grito e ela se finge de surda. — DESCULPE-ME — grito novamente e dessa vez ela para.

— Como? Eu acho que eu não escutei direito.

A peste exhibe um belo sorriso no rosto, o que significa que ela havia me ouvido perfeitamente.

— Eu não irei repetir. Tenho certeza que esses dois ouvidos que possuí não são apenas enfeites.

— Ok, então tchau. — volta a caminhar.

— MINHA MÃE FEZ CHICKEN WINGS. — grito e sinto-a hesitar enquanto caminha. — TERÁ BOLO DE CHOCOLATE COMO SOBREMESA, COM RECHEIO DE MOUSSE DE MARACUJÁ. — essa é minha última tentativa e... Bingo!

— Bolo de chocolate? — aproxima-se de onde estou e eu assinto.

— Com recheio de mousse de maracujá. — completo e ela lambe os lábios.

Lábios rosados e carnudos.

Para Travis! Primeiro a bunda e agora os lábios? Isso deve ser falta de comida no estômago.

— Tudo bem, você venceu. Mas que fique bem claro que só estou aceitando seu pedido de desculpa porque não gosto de guardar rancor, não tem nada a ver com o delicioso bolo de chocolate com recheio de mousse de maracujá que sua mãe preparou.

Imagina. Claro que não.

— Nossa! Nunca sequer passou por minha cabeça que você me perdoaria por causa de um pouco de comida. É claro que não. Você me perdoou porque tem um coração enorme, cheio de amor pra dar.

— Exatamente! Fico feliz que saiba disso. Agora leve-me até aquela casa e me dê um pouco de comida. Estou morrendo de fome, homem.

Depois desse comentário só me resta rir.

— Vamos lá, Srta. Wyatt. — ofereço meu braço a ela, que me olha espantada, mas aceita.

— Sua mãe está melhor? — pergunta em um sussurro e meu corpo congela. — Desculpa a

pergunta, é que você havia mencionado no bar o quão doente ela estava. Eu... Eu só... Oh meu Deus! É melhor esquecer minha pergunta. — abaixa a cabeça, claramente envergonhada.

— Não se preocupe, Christina. — faço uma pausa. — Respondendo à sua pergunta: não, ela não está bem. Mas não tem ninguém que a faça ficar trancada em um hospital. Ela é um pouco cabeça dura.

— Ou talvez vocês não a compreendam. — fala e, antes que eu possa lhe dizer qualquer outra coisa, a porta se abre e minha mãe nos olha com a cara de quem diz: *"Obrigada, Senhor! Até que enfim meu filhinho desencalhou!"*.

— Mãe, não é nada disso que a senhora está pen... — tento explicar, mas logo tenho Christina arrancada de meus braços por uma Tatyane eufórica.

— Travis Edward Maddock, quando iria nos contar que está namorando? — pergunta, abraçando Christina, que está tão perdida quanto eu.

— Oh, eu e Travis não... — agora é Christina quem tenta esclarecer os fatos.

— Oh, querida. É muito bonito de sua parte querer defender seu namorado, mas eu conheço o filho que tenho.

— Mas nós não...

Novamente Christina é interrompida.

— MICHAEL, QUERIDO. VENHA CONHECER NOSSA NORA. — grita, alegremente.

Cristo do céu, agora eu estou fodido.

Capítulo 04 | A proposta

Christina

Eu devo ter sido o próprio diabo em outra encarnação, só pode. Juro que não consigo entender como uma única pessoa é capaz de ter tanto azar na vida. Quando finalmente acho que tudo está caminhando como tem que ser, vem um trem bala e me joga para fora dos trilhos.

Exagero? Vocês acham que estou exagerando? Então adoraria vê-los em meu lugar. Poxa, quando me ofereci "*gentilmente*" para acompanhar Travis em seu almoço em família, eu só queria comer. Sim, comer, o mesmo que tirar a barriga da miséria, almoçar em paz, me deliciar com um belo prato de comida, enquanto conheço o casal que teve a infelicidade de trazer Travis ao mundo. Uma verdadeira fatalidade, eu sei, mas não vamos focar nesse acidente do destino, afinal, erros acontecem o tempo todo. Vamos manter o foco em mim e na minha cara de: "*Alguém me ajuda!*".

Sabe essa gordinha sexy, linda e muito gostosa, parada em frente a essa luxuosa mansão enquanto está quase sendo asfixiada por uma morena baixinha, de uns 48 anos e linda? Estão vendo? Impossível não enxergar, né? Bem, essa gostosona aí sou eu, e a mulher que está tentando me matar com um abraço é a mãe do idiota ao meu lado. Esse mesmo! O retardo de olhos azuis que ainda não fez nada para me libertar.

— MICHAEL, QUERIDO. VENHA CONHECER NOSSA NORA. — a Sra. Maddock grita alegremente e nesse momento só existe um pensamento que habita minha mente...

Eu irei arrancar o pau de Travis se ele não desfizer esse mal entendido.

Um homem alto, forte, repleto de músculos e com os olhos iguais aos de Travis, aparece na porta. Logo concluo que esse coroa enxuto é, sem dúvida alguma, o pai do idiota que permanece calado.

— Taty, amor. Solte a garota, assim você vai acabar matando-a.

Oh, santo Sr. Maddock. Até que enfim alguém para me livrar da morte.

— Oh, querida. Desculpe-me. — se desculpa, logo após me libertar.

Ar... Eu estou respirando novamente. Obrigada, meu Deus. Afinal, se fosse para morrer de

uma forma bizarra, então que eu morresse comendo.

— Michael, olha só como nossa nora é linda. — fala e o Sr. Maddock nos olha sem entender nada.

— Nora? — pergunta, a testa levemente enrugada.

— Não... Na verdade, pai...

Eeeeeee! Já estava mais do que na hora do imbecil abrir a boca. Nem sei de onde a Sra. Maddock havia tirado a ideia absurda de que eu e Travis somos namorados. O que estou querendo dizer é: será que ela me olhou direito? Tudo bem que seu filho é lindo, gostoso, gato, um verdadeiro tesão. Mas, fala sério, eu sou muito areia para o caminhãozinho de Travis. Sem mencionar o fato de que não estou louca, muito menos desesperada, a ponto de aceitar qualquer tipo de relacionamento com ele, a não ser profissional, é claro. Só de pensar na hipótese de nós dois namorando sinto uma vontade incontrolável de cair no chão e rolar de tanto rir.

— Nada disso, Travis Maddock. — o repreende. — Nada justifica o fato de tê-la escondido de nós.

Como?

— Mas não se preocupe. A alegria de finalmente vê-lo namorando é maior que qualquer coisa. Não podemos esquecer que eu esperei 30 anos por esse dia.

Os olhos da Sra. Maddock se encontram marejados e, de certa forma, me sinto mal por ela.

— Agora use um pouco da educação que eu e seu pai lhe demos e nos apresente a essa linda mulher.

— Mãe, pai... Está é Christina Wyatt... Minha... Minha namorada.

Desculpa, mundo. Para tudo que eu quero descer.

O que raios esse idiota acaba de falar? Sua namorada? Será que ele bateu com a cabeça e eu não vi? Não, ele só pode está brincando com a minha cara. Se existe alguém aí que gosta desse imbecil, me segura... Me segura ou eu juro que vou matá-lo.

— Oh, querida. Prazer, eu sou Tatyanne, a mãe do Travis. Mas, por favor, me chame apenas de Taty, afinal, você já é da família. — sorri e posso ver o quão simpática ela é.

Estou começando a achar que, assim como eu, Travis também foi adotado. Impossível o Sr. Chato ser filho de um casal tão simpático.

— E eu sou Michael, o pai de Travis. — me estende a mão e eu, meio sem jeito, o cumprimento. — Agora me diga o que uma moça linda como você viu em meu filho? — pergunta e eu não me contenho, caio na gargalhada.

Travis me olha sério e eu encontro à força da qual preciso para parar.

— Desculpem-me. — peço. — Mas Travis e eu não...

E antes que eu possa dar um basta em toda aquela palhaçada, o Sr. Retardo me puxa em um abraço.

Ecaaaa! Meu corpo está muito próximo do dele.

— Pai, mãe... Por que não terminam de preparar o almoço?

— Mas o almoço já está pronto, *meu bem*. — Taty responde.

— Então nos aguardem lá dentro. Eu esqueci... Esqueci meu celular dentro do carro e preciso ir buscá-lo. — diz, arrastando-me junto a si.

Ótimo! Agora eu poderei matá-lo.

Chegamos ao local em que o carro de Travis está, olhamos para trás para nos certificarmos de que não há ninguém e então o barraco começa...

— VOCÊ FICOU LOUCO? COMO VOCÊ TEM A CORAGEM E A OUSADIA DE APRESENTAR-ME PARA SEUS PAIS COMO SUA NAMORADA? PERDEU A NOÇÃO DO JUÍZO? NÃO DÁ MAIS TANTA IMPORTÂNCIA ASSIM A SUA VIDINHA? OLHA, IDIOTA, — aponto o dedo em sua cara. Estou pouco me lixando se é falta de educação. — EU IREI FALAR APENAS UMA VEZ, POR ISSO SUGIRO QUE PRESTE ATENÇÃO. EU, CHRISTINA WYATT, IREI ESQUARTEJAR ESSE SEU LINDO CORPINHO, ARRANCAR SEU PEQUENO PAU E DAR PARA OS ABUTRES COMEREM. — grito, cheia de raiva.

— Meu pau não é pequeno. — rebate claramente ofendido.

É definitivo, eu serei uma assassina e Travis Maddock um homem morto.

— SÉRIO QUE ESSA FOI A ÚNICA COISA QUE OUVIU? — pergunto.

— Claro que não, mas foi a única que balançou o meu ego masculino. — dá de ombros.

Quer saber? Chega! Se ele não é homem para contar a verdade, conto eu.

Afasto-me de Travis e volto a caminhar em direção a casa dos Maddock.

— Espera, Christina! — me agarra pelo braço. — Onde você pensa que vai?

— Você quer dizer aonde eu vou, certo? — pergunto, tentando me libertar de seu aperto.

— Olha, Travis, eu sei que sou muito gostosa e super irresistível, mas será que dá para você afastar suas patas para longe do meu braço?

— Eu não sou cachorro para ter pata.

Cristo, o homem é uma verdadeira criança.

— Claro, desculpa, eu quis dizer casco. Por um segundo esqueci-me de que estou diante a um cavalo, ou seria burro? Qual você prefere? — ironizo e ganho um olhar mortal do Sr. Delícia.

Ui... Ui... Aquele olhar de cachorro raivoso, que acabou de ter seu precioso pedaço de carne roubado, o deixa ainda mais sexy.

Abana que eu tô passando mal.

— Hahaha... Nossa, estou surpreendido com seu senso de humor. — ironiza e eu bufo. — Olha, Chris...

Chris? Pronto, vai começar a apelação.

— Você conhece minha situação e o motivo pelo qual está morando em meu apartamento. — começa.

— Claro que eu sei. Você, provavelmente, não é tão bom de cama e precisa de uma ajudinha feminina para arrumar uma mulher. — sorrio debochadamente.

— Você está insinuando que eu não dou conta do recado? — indaga e eu apenas dou de ombro.

— Se a carapuça serviu.

— Ah, baby. Você não me conhece. Eu posso fazer uma mulher ir ao paraíso usando somente minha língua. — sua voz sai sexy e...

Alguém, por gentileza, poderia me arrumar outra calcinha?

— Mas não vamos falar de minhas habilidades com a língua ou de meu "grande pau mágico". — sorri, descaradamente. — Eu quero que você entre naquela casa e finja ser minha namorada. — diz, sério.

— E eu quero ficar rica e me casar com o Jamie Dornan. Mas veja só: eu não tenho onde

cair morta e o gato do Jamie já é casado. Conclusão dessa linda história: desce do salto, gatinho. Querer não é poder.

— Eu não estou pedindo para você transar comigo.

— Como se eu fosse aceitar. — começo a rir. — Eu não gosto de "produtos" menores que meu dedo mindinho.

— Cristo, mulher. Será que dá para você parar de insinuar, a cada cinco segundos, que meu pau é pequeno? — pergunta, chateado. — Porra, ele também tem sentimentos. — faz beicinho.

Eu não vou mentir, apesar de ser infantil, seu beicinho é fofo.

Onwt... Que lindinho. Pronto, parei!

— Oh, tadinho dele. — finjo comoção. — Mas não se preocupe "amiguinho", existem paus menores que você. — digo como se estivesse direcionando as palavras a seu pênis.

— Com certeza. O que mais existe por aí são paus menores que 20 cm. — e seu sorriso-derrete-calcinha está de volta.

20 cm? Senhor! É impressão minha ou a temperatura aqui subiu? Porque o calor que estou sentindo agora não é normal. Merda se eu não me lambuzaria toda com um pau de 20 cm.

— OK... Você já pode parar de imaginar meu pau. Se aceitar minha proposta, eu deixo vê-lo ao vivo e em cores. — pisca um dos olhos e sinto meu rosto queimar, desta vez de vergonha.

— Eu não quero ver seu micro pau.

— Tudo bem, irei fingir que acredito que não está louca para vê-lo. — rebate, me fazendo bufar. — Agora vamos falar de minha proposta. Então, eu quero que...

— Proposta recusada. — digo rapidamente e sem hesitar.

— Mas você sequer ouviu minha proposta.

— E nem preciso ouvir. Se a proposta é ideia sua, então ela está automaticamente vetada. Vamos ser francos, Travis, dessa sua cabecinha linda só sai merda. Por isso iremos falar a verdade para seus pais.

— Eu... Eu não posso. — diz em um sussurro.

— Ah, mas eu posso e o farei. — direciono-me novamente à mansão dos Maddock.

— Por favor, Christina, não faça isso. — pede, mas eu continuo andando. — Eu tenho 30 anos, sou o único filho deles, minha mãe sempre sonhou com o dia em que eu iria trazer uma garota para casa e apresentá-la como minha. — começa e eu paro de caminhar para escutá-lo. — Ela sempre sonhou com esse dia, mas isso nunca aconteceu. Sim, eu estou na casa dos 30 e nunca me apaixonei, também nunca dei muita importância a esse fato. É claro que é um pouco esquisito ver todos os meus amigos casarem, formarem uma família e eu continuar encalhado. Mas poxa, pode até parece gay o que vou falar, mas eu acredito no amor. Acredito que um dia aparecerá a mulher perfeita e que será amor à primeira vista. Por isso nunca tive pressa. No entanto, agora corro contra o tempo. Minha mãe está morrendo e eu quero realizar o maior sonho dela. Eu quero me apaixonar, me casar, ter filhos. — faz uma pausa. — Eu não estou te pedindo em casamento, nem nada do tipo, só estou implorando para que não tire a alegria que ela sentiu ao pensar que eu e você somos um casal. Eu ainda espero encontrar minha "*Mulher Perfeita*", mas enquanto isso não acontece, será que poderia ser minha namorada de mentirinha? — pergunta, tímido, e eu não sei o que responder.

Oh, deuses das gordinhas desamparadas, o que eu faço agora?

— Eu... Eu não sei se essa é uma boa ideia, Travis. Por que você não procura uma dessas modelos desesperadas para fisgarem um homem rico e bem sucedido? — sugiro.

— Porque minha mãe gostou de você.

— Eu também gostei dela. — confesso.

— Então me ajuda, Christina. Vai ser por pouco tempo, só até eu encontrar minha mulher perfeita. — me olha com aqueles olhinhos de cachorro pidão.

— Tudo bem. Eu sei que devo está louca em concordar com isso, mas eu topo quebrar a cara. — termino de falar e sinto Travis me abraçar.

Meu corpo treme e novamente sinto uma sensação de segurança me preencher por dentro.

— Você é a melhor pessoa do mundo. — diz, alegremente, o que me faz revirar os olhos.

Falso!

— Muito obrigado, Christina. — distribui beijos por toda minha face, até seus olhos cruzarem com os meus.

Encaro aqueles penetrantes olhos azuis e sinto a respiração de Travis sob minha pele. Seus lábios estão tão próximos dos meus. Mordo meu lábio inferior e noto seu olhar se direcionar à

minha boca.

— Aí estão vocês! — Taty exclama, fazendo eu e Travis pularmos para trás assustados. — Oh, desculpe. Não sabia que estavam dando uns amassos. Eu só vim chamá-los para almoçar, mas esqueçam. Podem voltar a se pegarem. — pisca um dos olhos.

Eu caio na risada, mas Travis parece constrangido.

— Mãe! — a repreende.

— O que foi, bebê? É normal ficar se pegando por aí. Se você tivesse 15 anos eu teria uma conversa séria sobre proteção, mas, como já tem 30, é melhor que esqueçam o preservativo.

Deus, essa mulher é uma figura.

— Ok, mãe. Nós já entendemos. Agora vamos almoçar, por favor.



— Então, para quando será o casamento? — Taty pergunta e todo o suco que estava em minha boca vai parar no rosto de Travis, que está sentado à minha frente, comendo igual um porco.

— Droga, Christina! Você cuspiu em minha cara. — rosna, todo irritadinho, enquanto pega um guardanapo para limpar seu rostinho de boneco Ken.

Bastardo! — xingo mentalmente e lhe chuto a canela por baixo da mesa.

— Ai! — grita de dor.

— Você está bem, gatinho? — pergunto com uma falsa preocupação.

— O que houve filho? — Michael questiona.

— Não foi nada pai, só uma cãibra. — responde, olhando-me com a cara fechada.

Cara feia pra mim é falta de maquiagem, meu bem.

— Ok... Agora me respondam para quando foi que marcaram a data? Temos que escolher o local, buffet, o vestido... Você já pensou no estilista, Christina? Eu conheço um excelente. E os convites? Precisamos agilizar isso.

— Mãe, eu e Christina queremos ir com calma.

— E eu quero meu filho casado e essa cada cheia de netos. Por isso, acho melhor se apressarem.

— Querida, eles ainda são jovens. — Sr. Maddock entra em nossa defesa.

— Jovens? — olha para o marido, visivelmente irritada. — Jovem era eu quando tinha quinze anos e transei com você pela primeira vez, ou quando fiquei grávida aos 17 anos. — joga na cara do marido.

— Amor, eu só estou tentando dizer que eles se conheceram há pouco tempo. — tenta se justificar.

— Michael, nós transamos no banco traseiro do carro de seu pai uma hora depois de nos conhecermos.

Uau... Isso é que é ser rápida.

— Mãe, será que poderia pular todas as partes que envolvem sexo, você e papai na mesma frase? — Travis faz uma careta.

— Por favor, Travis. O que há de errado em falar sobre sexo? Não me diga que você acredita que veio da cegonha?! Porque, filhinho, você foi concebido depois de um louco sexo selvagem na praia. Vocês deveriam experimentar sexo ao ar livre, é tão excitante. Não é mesmo, ursinho? — pergunta para Michael que a olha maliciosamente.

— Ok, se vocês continuarem poluindo meus ouvidos com essas histórias eu irei embora. — Travis ameaça. — Não quero ter pesadelos à noite.

— Não se preocupe, *gatinho*. Não é como você fosse realmente dormir hoje à noite. — insinua, fazendo-o arregalar os olhos.

— Isso é música para os meus ouvidos. — minha “sogrinha” comenta. — Agora me fale um pouco de você, Christina.

Chegou a hora, Christina. A hora em que você narra a merda que é sua vida e todos sentem pena.

— Bem, minha vida não é muito interessante. Fui abandonada recém-nascida em uma lata de lixo, cresci em um orfanato, sofri bullying por ser gordinha, fui adotada por um casal quando eu tinha 15 anos — que passaram a me colocar na rua para pedir esmolas —, fugir de casa aos 17

anos, arrumei um emprego de garçoneiro, entrei na faculdade, me formei em psicologia, fui demitida recentemente, despejada do meu apartamento e tive a sorte de conhecer o homem maravilhoso que é o filho de vocês. — termino de narrar os fatos e levo um pedaço de bolo à minha boca.

— Uau! Uma história digna de um livro.

E isso é tudo o que Taty fala, não há pena e nem aquele olhar que diz: *"pobre coitada"*. Não, não há nada disso. Olho para ela e vejo... Eu vejo admiração. Ela sorri para mim e eu lhe retribuo o sorriso.

Talvez esse falso namoro com Travis não seja uma má ideia como pensei. Taty é uma boa mulher e merece ter seu sonho realizado.

Pergunto-me como é para Michael saber que perderá a mulher que ama.

Capítulo 05 | Eu sou um idiota

Travis

Eu estou vivo!

Mal posso acreditar, mas, por algum milagre divino, consegui sair sã e salvo da casa de meus pais. Tudo bem que meus ouvidos quase foram assassinados com todo aquele assunto de sexo, não que eu não goste desse assunto, eu adoro. Entretanto, esse adoro é quando o tema em questão não está relacionado aos meus pais. Ainda hoje tento entender o motivo de minha mãe não ter tido mais filhos, levando em consideração a quantidade de vezes que aqueles dois copulavam quando eu era mais novo. Céus, eu podia ouvir o barulho da cama rangendo todas as noites. Isso quando eu não acordava com minha mãe pedindo para o meu pai meter mais forte. Nem preciso mencionar que até hoje convivo com esse trauma. É muito doloroso, mas tenho fé que um dia irei superar.

Contudo, nesse exato momento, o que me assombra e tem tirado minha paz, é esse namoro de *mentirinha* que fui arrumar. Estou começando a achar que foi uma péssima ideia insistir para que Christina concordasse com esse circo todo. Porém, quando me lembro da cara de felicidade e do brilho no olhar de minha mãe... Isso... Eu sei que valerá a pena. É claro que há uma grande possibilidade de dá tudo errado, afinal, estamos falando de mim e Christina. No mínimo, um sairá vivo e o outro morto. Não sei se observaram, mas a mulher é insuportável.

— Como eu estou?

Senhor! Eu tenho que parar de pensar nela. Toda vez que a menciono em pensamento ela surge das trevas para atormentar minha paz.

— Estaria melhor se não estivesse em frente à televisão. Não sei se notou, mas eu estou tentando jogar e você está bloqueando o meu campo de visão. — respondo e ela bufa. Cruza os braços, mas não move um músculo. — Oh, queridinha, será que você é surda? Eu disse que estou jogando. — falo um pouco irritado.

— Ok, tudo bem, Sr. Educação Mandou Lembrança. — ironiza, mas faz o que lhe foi pedido.

Graças a Deus.

— Mas que porra foi essa? — pergunto quando noto a tela da TV ficar preta.

A desgraçada desligou a TV. Merda! Era The Walking Dead.

Eu estava a um passo de passar de fase. Não, eu não acredito que ela fez isso.

— Você ficou louca? Isso era The Walking Dead. Por que raios você desligou essa TV? — pergunto, irritado.

Uso o pouco de paciência que me resta para não fazê-la engolir o controle de vídeo game que está em minhas mãos.

— Desculpa, achei que fosse The Sims. — sorri, com cara de: *"Foi sem querer"*.

Dissimulada. Bruxa. Vaca.

— Eu estava avançado de fase. Você faz ideia do quão difícil esse jogo é?

— Não e nem estou interessada em saber. — dá de ombros. — Eu nem sei o que um cara de 30 anos, quase um idoso, faz jogando essa merda.

Merda?! Espera. Ela acabou de chamar The Walking Dead de merda? É definitivo. Alguém interna essa mulher em um hospício, por favor. Quem é louco o suficiente para não gostar de TWD?

— Primeiramente, eu estou longe de ser um idoso. Segundo, nunca mais ofenda minha série de TV e game favorito. — digo sério, mas tudo que ela faz é revirar aqueles malditos olhos e bocejar.

— Terminou? — pergunta, pouco se importando para o que eu acabo de falar. — Ótimo, agora levante seu lindo traseiro desse sofá e vá se arrumar.

— Como assim me arrumar?

— Cristo, dai-me paciência, porque se o senhor me dê uma arma, eu pipoco a cabeça desse idiota. — levanta as mãos para o céu. — Arrumar significa o mesmo que tomar banho, vestir sua melhor roupa e passar um daqueles seus perfumes que valem mais que meus rins.

— Eu sei o significado.

— Então porque perguntou, Sr. Espertinho?

Eu já mencionei o quanto Christina é insuportável? Já, né?! Mas não custa lembrá-los.

— E porque eu tenho que me arrumar? — questiono-a e ela sorri. Pelo seu sorriso sei que aí vem merda.

— Porque nós iremos a caça, *gatinho*. — responde, animadamente.

Toda essa sua animação me assusta.

— Tem uma ótima boate aqui perto e é para lá que iremos. Por isso, sugiro que você tire esse trapo que está usando e vista algo decente.

Olho para minha roupa e me sinto ofendido. Eu não estou usando um trapo. Só estou um pouco mais confortável que o normal, afinal, estou em casa. Tudo bem que essa camisa já está um pouco surrada e que meu short tem um leve rasgo em uma das pernas, mas e daí? *Destroyed* está na moda, certo?

— O que há de errado com minha roupa? — faço cara de emburrado.

— Você quer dizer o que não está certo nela, né? — debocha. — Primeiro, isso é uma camisa ou o pano de chão do seu banheiro? E esse buraco em seu short? Foi um rato ou foram as traças que provocaram essa cratera aí? — aponta para o rasgo em meu short, que nem é tão grande assim. — Por favor, até eu, que tenho menos dinheiro que você, sei me vestir melhor.

— Eu não me visto de forma errada.

— Ok, tudo bem, até que você não se veste mal. Mas, neste exato momento, está pior que um mendigo.

Estou tão mal assim?

— Mas não vamos perder meu precioso tempo discutindo seu deslize de moda. Eu tenho trabalho a fazer e para isso preciso de você bonito.

Como se eu fosse feio.

— Desculpe-me por ter que decepcioná-la, mas eu não vou a lugar algum. Hoje é domingo e amanhã tenho que trabalhar.

Sem mencionar o fato de que não quero ter que ir a uma boate. Tudo que quero é descansar e dormir em paz.

— Minha bunda que você não irá. — fala, desafiadora. — Olha, *amorzinho*, presta atenção. Nós iremos para essa porra de boate e daremos início à busca da sua tão sonhada *Cinderela*. Ou você acha que serei sua "*namoradinha*" para sempre? Ecaaa... Eu mal aguento dividir o mesmo teto que você.

— Então é simples, vá embora. — sugiro esperançoso.

— Acredite, eu adoraria, mas é mais fácil aturar suas chatices do que ter que morar em

baixo da ponte. — sua voz sai fraca e por um segundo pergunto-me se ela já passou por essa experiência.

Não vou mentir, me surpreendi bastante com a história de vida que Christina contou a meus pais. Quem a vê toda durona e com um sorriso no rosto, não tem ideia do que ela já viveu. Confesso que por um momento, enquanto ela despejava os acontecimentos de sua vida, tive que me controlar para não abraçá-la. Meio louco, eu sei, mas sei lá... Naquele momento em que ela falava de seus medos, eu só queria protegê-la.

— É tão ruim assim a ideia de ser minha namorada? — antes que eu perceba a pergunta já tem saído de minha boca.

— Você está brincando, certo? — sorri. — Olha, Travis, você é lindo. Porém, não faz meu tipo. — responde na lata e eu não sei por que, mas aquilo me magoa um pouco. Talvez seja meu ego ferido, prefiro acreditar que seja isso.

— E qual seria seu tipo? — pergunto, curioso para saber o que há de errado comigo.

— Uhm... Deixe-me pensar. Alguém que me ame e me aceite do jeito que eu sou. — faz uma pausa. — Agora vá se arrumar que a noite é uma criança, *baby*. — diz, empurrando-me em direção ao meu quarto. — Quero você bonito, por isso surpreenda-me, *gatinho*. — pisca, bate em minha bunda e sai.

Conclusão: Christina é louca. Uma louca gostosa, mas louca. Espera! Eu acabei de chamá-la de gostosa? O que está acontecendo comigo? Aposto que isso é falta de sexo. Talvez ir a uma boate seja realmente uma boa ideia. Preciso transar urgentemente

Entro no banheiro e depois de 15 minutos saio, enrolado apenas em uma toalha, e para quê? Para encontrar uma Christina apenas de vestido, de quatro, enquanto procura algo debaixo de minha cama.

Porra, sua bunda está empinadinha e automaticamente sinto meu pau se contorcer.

Calma aí, amigo!

Christina inclina mais um pouco sua bunda e... Merda! Estou ferrado porque agora meu "garotão", definitivamente, acordou com aquela visão. Porra, eu sempre fui um fã de bundas e Christina tem uma perfeita.

— Achei! — grita e eu nem preciso dizer o quão assustado fico. — Travis? — pergunta, encarando-me.

— Hã... Oi... É... O que você está fazendo no meu quarto?

Ótimo, eu gagueiei.

— Eu vim lhe apresar e meu brinco acabou caindo no chão, eu estava procurando o danadinho, mas já encontrei. — me mostra o brinco. — E você?

— Eu o quê?

— Por que sua minhoquinha acordou? — pergunta, apontando descaradamente para o meu pau.

Cristo, aposto que meu rosto está vermelho igual tomate.

— Hã... Eu estava... X-vídeos... Eu estava assistindo X-vídeos pelo celular. — respondo sem pensar e Christina começa a rir.

— Oh, então é por isso que não arranja mulher. — constata. — Vou deixá-lo resolver esse probleminha, depois eu volto. — sai, ainda rindo, e eu sinto uma vontade enorme de enfiar minha cabeça em um buraco.

Espero meu "*meninão*" abaixar, visto uma calça jeans escura, uma camisa branca e por cima jogo uma jaqueta de couro que combina perfeitamente com meu mais novo par de botas.

Olho-me no espelho e uau... Que gato é esse? É, realmente meus pais tem razão, fui concebido durante um sexo alucinante.

— Será que a princesinha já terminou de se arru... — pergunta, mas não completa a frase. Assim que me olha ela simplesmente para de falar e fica de boca aberta.

E depois ainda tem a coragem de dizer que não faço seu tipo.

— Se eu fosse você fecharia a boca, pode acabar engolindo algum mosquito. — brinco e ela logo me atira um olhar mortal.

— Não sei do que está falando.

— Oh, pois eu acho que sabe perfeitamente. — digo, aproximando-me dela e encostando-a contra a parede.

Não me perguntem nada, nem eu sei por que estou fazendo isso.

— Nós... Um... Nós deveríamos ir logo. — gagueja e é engraçado vê-la sem jeito.

— Por que a pressa? Eu estou te deixando nervosa? — sussurro em seu ouvido e do nada

ela começa a rir.

Sim, rir... Ela cai na gargalhada de uma hora para outra.

— Do que você está rindo? — pergunto, sem entender absolutamente nada.

— De você... Oh, meu Deus. — sorri mais um pouco. — Sério que você estava tentando me seduzir? — pergunta, entre risadas, e eu me afasto chateado.

— Seduzir você? Só se for em seus sonhos, *baby*. — falo, sem deixar transparecer minha irritação. — Você não faz meu tipo. Achei que tivesse lido a minha lista. Eu gosto de mulheres loiras, inteligentes, que saibam usar um fogão, que gostem de *The Walking Dead*, que não tenham fugido de um hospício e que cuidem melhor do corpo. — sem pensar deixo a última frase sair e no momento em que olho para Christina quero me matar por ter falado isso. — Christina, me desculpe... Eu não queria falar aquilo.

— Não se preocupe. A gorda aqui, entendeu o recado. — e sai, deixando-me sozinho.

Se eu pudesse me daria um soco por ser tão idiota.

Merda!

Penso em ir atrás dela, mas meu telefone toca. Antes de atender xingo baixinho.

Ligação on...

— Alô?! — *rosno, mal-humorado.*

— *Eita, pelo visto alguém não está muito feliz. Isso tudo é saudade?* — o idiota, também conhecido como meu melhor amigo, pergunta.

— *Estou sem paciência para aturar suas gracinhas hoje, Matteo.* — respondo, ríspidamente.

— *Calma, garotão. Aconteceu alguma coisa?*

Aconteceu. Aconteceu que uma louca apareceu do nada em minha vida e agora está tirando a minha paz. Aconteceu que eu sou um idiota e acabo de magoá-la. Aconteceu que eu não a suporto, mas o pensamento de fazê-la sofrer me faz sentir um lixo. Aconteceu que eu não faço ideia do que está acontecendo.

— *Não... Na verdade sim... Eu não sei.*

— Meu Deus, Travis? Você andou se drogando? — questiona e se ele não tivesse no Japão, eu lhe daria um belo soco por ser tão imbecil.

— Claro que não, anta. Eu... Eu só estou estressado.

— Mas também, quase um mês sem transar dá nisso. — comenta e eu não preciso vê-lo para saber que está rindo do meu atual período de seca.

— Quer saber? Vá se foder, Matteo. — falo com raiva e estou prestes a desligar o telefone quando escuto o seu pedido de desculpa.

— Olha, cara, desculpa. Eu só liguei para saber como a tia Taty está e para avisar que fechei negócio com os japoneses. Voltarei para casa ainda amanhã.

— Minha mãe está do mesmo jeito e se recusa a ficar internada em um hospital. — faço uma pausa. — Fico feliz que tenha fechado negócio e triste que voltará amanhã. Estava com esperança de que ficasse por aí e deixasse o caminho livre para mim e Alice. — brinco e escuto Matteo me xingar de todos os nomes possíveis, logo depois de ameaçar-me de morte caso eu viesse a encostar um dedo em sua preciosa esposa.

É engraçado ver como Matteo vira um leão quando se trata de Alice, os dois passaram por uma crise no casamento e jurei que iriam se separar. No entanto, meu amigo abriu os olhos e parece está aos poucos reconstruindo seu casamento. O que me deixa feliz. Alice é uma boa mulher e Matteo, mesmo de um jeito meio torto, é um bom homem.

— Calma, estou brincando. Alice é toda sua.

— E você? Vai me explicar o motivo de todo esse mau humor?

— Eu não estou mal-humorado. — resmungo.

— E do meu peito sai leite. — ironiza. — Vamos, Travis. Diga-me o que aconteceu. É mulher, não é?

— É, mas eu não quero falar sobre isso agora. — respondo e ouço o barulho de porta batendo.

Perfeito! Christina acaba de sair.

— Matteo, eu preciso desligar. A gente se fala amanhã e não esqueça o meu presente.

Desligo.

Ligação off...

Corro para fora do quarto para constatar o que eu já sabia. Christina saiu e eu não sei para onde diabos ela foi. O pior é que nem o número do celular da desgraçada eu tenho.

Vou até a mesinha de centro para pegar as chaves do meu carro, mas ao invés das chaves encontro um bilhete.

Saí para me divertir, gatinho. Espero que não se importe, mas, como não tenho carro, peguei sua linda Lamborghini emprestada.

*Beijos, gatinho ; **

PS¹: Não me espere. Fui à caça e não tenho hora para voltar.

PS²: Ah, já ia esquecendo-me de avisar. Peguei um de seus cartões de crédito também.

Argh!

Eu vou matar essa mulher!

Pego minha carteira e saio de meu apartamento, furioso. Deus me ajude, ou serei preso por matar aquela maluca.

Capítulo 06 | Empata foda

Christina

Idiota, retardado, imbecil, debilóide, babaca...

São tantos adjetivos para definir Travis Maddock, que fico até em dúvida de qual seja o melhor.

Se eu estou chateada com ele? Não, imagina. Eu só estou com uma vontade incontrolável de passar com um caminhão por cima daquele pecado, vulgo seu corpo. Quem aquele imbecil pensa que é para dizer que eu não cuido do meu próprio copo?

Babaca!

Uma pessoa dessa só pode ter muita merda na cabeça.

O fato de eu ser gorda não significa que eu não me cuide. Até onde sei, ser gorda nem sempre é sinônimo de doença ou de descuido com o físico. Sim, tenho alguns quilogramas a mais, mas e daí? Porra, se eu quiser comer até explodir, isso é problema meu. Não nasci e nem tenho vocação para ser um saco de ossos ambulante. Fala sério! Quem gosta de osso é cachorro. Homem que é homem gosta de carne e de ter no que pegar, e isso, meu bem, eu tenho de sobra.

É exatamente por esse motivo que resolvi aproveitar minha noite de domingo ao invés de dar *piti* porque o idiota de Travis não sabe o que é uma mulher gostosa.

Ah, para quem achou que eu iria correr direto para um canto e chorar como uma mulherzinha frágil, se enganou redondamente. Primeiro, porque jamais gastaria minhas lágrimas por conta de um comentário desnecessário. Segundo, porque eu não tenho nada de *"inha"*. Acreditem, eu já passei por coisas piores nessa vida e continuei em pé, não será um cretino que me colocará para baixo. Minha autoestima, graças a Deus, é maior que a conta bancaria das Kardashians.

— Será que eu poderia te pagar uma bebida? — um homem alto e incrivelmente gostoso faz a pergunta, enquanto senta ao meu lado.

Cristo, de onde esse monumento saiu?

Lembram-se de quando eu disse que estava com pouco mais de uma semana sem sexo? Claro que lembram, afinal, quando o assunto é sexo vocês ficam bem atentas, né suas safadinhas?

Pois bem, algo me diz que darei adeus ao meu período de seca.

— Acho que eu poderia aceitar. — dou-lhe meu melhor sorriso.



Meia hora depois e já sei tudo o que preciso saber para ir para cama com esse gostoso.

Seu nome é Peter Morris, advogado, 28 anos, solteiro e dono de um corpo que eu lamberia até o último centímetro.

— Então você é psicóloga? — pergunta e eu assinto. — Engraçado, acho que irei precisar de algumas consultas domiciliares. — a última frase é sussurrada em meu ouvido.

— Oh, então você ganhou na loteria! Eu estou com o horário completamente disponível. — agora é a minha vez de sussurrar em seu ouvido e como não sou boba, muito menos de perder tempo, puxo-o para mim e colo meus lábios nos dele.

Peter logo entende o recado e aprofunda o beijo.

Caralho, ele sabe beijar.

— Você é muito gostosa. — fala, entre o beijo.

Como se eu já não soubesse disso.

— O que você acha de irmos para o meu apartamento? É aqui perto e eu juro que não sou um serial killer. — brinca, arrancando-me um sorriso.

— O que eu acho? Eu acho que estamos perdendo tempo. — levanto-me, puxando-o pelo colarinho de sua camisa.

Estamos quase saindo da boate, eu agarrada aos beijos e amassos com Peter, quando me deparo com a visão do inferno.

Travis Fodido Maddock, parado igual estátua em frente à boate.

— Então é com esse cara que você anda me traindo? — pergunta, fazendo cara de bravo e olhando com raiva para Peter que, assim como eu, está sem entender nada.

— Traindo? — Peter indaga surpreso e quando eu abro a boca para respondê-lo, sou impedida pelo cretino de Travis.

— Como se você não soubesse que ela é casada.

O quê? *Eu vou matar esse idiota.*

— Casada? Como assim? Você me falou que era solteira, Chris.

— E eu sou. — apresso-me em esclarecer os fatos. — Eu sequer conheço esse louco, Peter.

— Tampouco os nossos quatros filhos que te esperam em casa.

Sinto meus olhos crescerem e estou a um passo de pular no pescoço de Travis. Filho de uma... Ok, só não vou terminar a frase porque Taty é uma mulher maravilhosa e não merece ser chamada de puta. Como um ser humano tão perfeito como ela colocou uma carniça dessas no mundo? Eu sei, isso é o mesmo que perguntar: *"Um cachorro realizou cerca de 25 voltas ao redor de um campo de futebol. Agora determine o diâmetro do sol"*. Impossível encontrar uma resposta, e olha que antes de conhecer Travis, eu era daquelas que acreditava que tudo era possível.

— Espera, Christina. Você é casada e mãe de quatro filhos? — Peter começa a abrir certa distância entre nós.

— NÃO! — respondo quando Travis fala *"Sim!"*.

— Nós somos casados há 10 anos, temos quatro filhos e o quinto está vindo a caminho. — sorri feito idiota e sei que Peter está acreditando nessa maluquice.

Argh! Eu vou depenar esse franguinho e fazer uma bela canja. Se eu soubesse cozinhar, é claro.

— Olha cara, desculpa... Eu não sabia que ela era casada... Eu... Eu não fiz por mal. — Peter se desculpa e agora eu quero matar os dois.

— EU NÃO SOU CASADA! — grito. — E VOCÊ, TRAVIS, VOLTE PARA CASA! — termino de falar e noto um sorrisinho de vitória estampado no rosto do imbecil.

Droga! Eu havia falado seu nome.

— Ok... Eu... Eu acho melhor eu ir embora e deixar vocês resolverem isso... Mais uma vez, peço desculpa.

Ouçô Travis murmurar um *"De boa!"* e, logo em seguida, apertar a mão de Peter, que sai sem nem olhar em minha cara.

— Se eu fosse você começaria a correr. — sugiro, pacientemente.

— Correr? Por quê? — pergunta, sem entender uma vírgula, e olha que nem vírgula há.

— Porque eu vou matá-lo. — respondo e percebo que Travis está começando a ficar com medo.

Ótimo, é bom ele ter medo mesmo. Muito medo.

— Calma, Christina! Você não pode se estressar. Não esqueça que está esperando o Travis Jr. — brinca e boom. Minha paciência acabou.

Dou um olhar mortal em direção a Travis e tenho a leve impressão que ele entendeu o recado, ou não estaria correndo como um maluco.

— Oh, Travis, não adianta correr. De uma forma ou de outra, essa noite terminará com alguém no hospital, e adivinhe? Esse alguém não sou eu. — solto uma gargalhada, dessas de filme de terror, e começo a correr atrás do babaca. — Eu vou te pegar e quando isso acontecer haverá um idiota a menos no mundo.

— Para, Christina! Vamos conversar como dois adultos que somos. — suplica e pelo seu tom de voz consigo notar o cansaço começando aparecer.

— Conversar? Sobre o quê? Sobre como você é um empata foda?

— Eu não sou um empata foda. — contesta. — Você deveria me agradecer. Aquele cara era um mongó.

— Oh, gatinho. Mas eu iria foder com o pau dele e não com o cérebro. — falo, notando a presença de um casal que nos olhar assustados. — O que foi? — pergunto a eles, sem parar de correr. — Perderam o cú de vocês na minha cara?

Nem preciso mencionar que os dois saíram espantados e me olhando como se eu fosse louca.

— NÃO VÃO EMBORA! — Travis grita. — CHAMEM A POLICIA! ELA QUER ME MATAR.

— Querendo te matar?! Essa frase está errada, gatinho. Eu não estou querendo, eu irei matá-lo.

— Por favor, Christina. Eu peço desculpas. — pede e, por um segundo, chego a sentir pena do infeliz, mas, como mencionei, foi apenas por um segundo.

— Ai! — grito e Travis olha para trás. — Meu pé. — digo, caindo no chão e tirando meu salto.

— Eu não vou cair nessa, Christina. — diz, convicto.

— Eu não estou brincando! Eu acho... Aiiii... Acho que torci meu pé. — faço uma careta de dor. — Acho que vou morrer. Você ganhou. — começo a chorar.

— Christina, calma! — aproxima-se com cautela. — Eu vou te levar para o hospital.

— Eu vou morrer, Travis. Tá doendo muito.

— Não chora. Respira fundo que tudo ficará bem. — se abaixa para me pegar no colo e é aí que entro em ação.

Pulo em cima de Travis e faço o que eu queria fazer desde o momento em que o conheci.

A sensação de minhas mãos apertando seu pescoço é tão incrível.

— Chris... Tina... Eu... Tô... Ficando... Sem... Ar. — exclama, porém eu não paro.

— Eu disse que iria mata-lo. — aperto mais forte seu pescoço e ele começa a se debater.

— Por... Favor... — implora, mas não tenho pena. — Eu... Não... Quero... Ter... Que... Te... Machucar.

— Como se você fosse tivesse força para isso. — solto uma risada e alguns segundos depois o idiota realmente consegue se livrar do meu aperto. — Travis, *migo lindo*, calma. Vamos esquecer que eu quase te asfixiei e começar do zero. O que acha? — pergunto, enquanto Travis me olha com aquele olhar de boneco assassino.

Esse olhar me dá medo.

— Esquecer? Acho que não.

— Aaaahhhh. — grito e saio correndo, mas antes pego um de meus saltos.

— Não adianta correr, Christina. Os papéis se inverteram e agora quem irá te matar sou eu.

A Lamborghini!

Lembro-me do carro e corro até ele, pegando a chave que eu havia colocado em meu decote. Pois é, odeio andar por aí com bolsa, uma vez que o perigo de ser assaltada dobra. Assim que chego ao carro tento abrir a porta, mas sou puxada por braços fortes e dou de cara com o chão.

Aiii! Essa doeu!

Pego meu salto e aponto em direção a Travis.

— Se afaste, Travis. Eu não quero ter machucá-lo.

Mentirinha! Eu quero muito, mas ele não precisa saber disso. Por isso, é melhor deixarmos em off, por enquanto.

— Você não faria isso.

Homem é realmente um bicho muito burro. Cristo, eu quase o matei asfixiado há alguns minutos e ele ainda está duvidando de que não tenho coragem de acertar-lhe um salto agulha de 17 cm em sua cabeça? Só pode ser muito idiota uma pessoa dessas.

— Duvida? — pergunto, ele assente e tcharam.

— PUTA QUE PARIU! — grita. — PORRA, CHRISTINA! VOCÊ FICOU LOUCA. — leva uma das mãos à cabeça e quando a retira, noto o sangue jorrando de sua testa.

Travis também percebe e começa a gritar feito louco.

— SANGUE! OH, MEU DEUS! EU VOU MORRER! — grita, exagerado como sempre, enquanto encara o sangue em sua mão.

— Por favor, Travis. Também não é para tanto, é só um pequeno corte. — aproximo-me dele para ver seu machucado e... UAU. — Um pequeno corte do tamanho do meu dedo do meio.

Merda, o negócio está feio.

— Oh, Senhor, eu sou tão novo e bonito para morrer agora. — lamenta, desesperado, e eu tenho que me controlar muito para não rir de seu comentário.

— Para de ser dramático, Travis. — reviro os olhos. — Eu vou levá-lo até o pronto socorro e tudo ficará bem.

— Promete? — pergunta, com uma voz tão suave que me faz querer colocá-lo no colo.

Mas que droga é essa?

— Prometo.



— Tem certeza que não quer prestar queixa? — a enfermeira bigoduda torna a perguntar.

— Não, foi apenas um acidente. Eu bati com a cabeça na porta. — Travis responde.

— Oh, querido. Não tenha medo ou vergonha. Hoje em dia é bastante comum homens serem agredidos por suas companheiras. — explica e eu não aguento, começo a rir. — Ainda mais se forem gordas.

Ok... Acho que já passou da hora de colocar esse demônio da tasmânia em seu devido lugar.

— Oh, queridinha, não sei se percebeu, mas essa "gorda" não é surda. E se quer um conselho, é melhor depilar esse seu bigode do Sr. *Madruga* e tirar essa verruga do nariz, ao invés de se preocupar com meu peso. Afinal, é melhor ser gorda e gostosa do que uma megera que nem para pano de chão serve. Ah, e ver se hidrata esse cabelo, juro que não está muito diferente de uma vassoura. Agora saia daqui, antes que eu faça com você o mesmo que fiz com ele.

— Mas eu ainda preciso costurar o ferimento.

— A única coisa que será costurada aqui é essa sua boca de sacola se você não sair por essa porta em cinco segundos. 1, 2...

Ela sai antes do três.

— Obrigada. — agradece e eu não entendo o motivo.

— Por que está me agradecendo? — questiono.

— Por me livrar da agulha.

— E quem disse que está livre? — pego a agulha com a linha e Travis me olha assustado.
— Não se preocupe, eu já fui enfermeira.

Durante minha infância, mas eu fui.

— Agora fique quietinho que irei costurar esse corte.

— Não, Christina, por favor. — pede.

O medo em seu olhar é nítido.

— Travis, eu não vou te machucar. Confie em mim. — peço, pegando em sua mão.

— Eu sei que não, mesmo você tendo me machucado três vezes hoje. — sussurra,

encarando o chão.

— Três? Mas eu só machuquei duas: seu pescoço e sua cabeça.

— Não, Christina. Você me machucou três vezes: meu pescoço, minha cabeça e o meu coração. — leva minha mão até seu peito e eu não sei o que fazer.

Put a que pariu, o que significa isso?

Estou em choque com o comentário de Travis e quando olho para seus lindos olhos azuis, tudo piora. Sinto-me um pouco perdida.

Qual é mesmo o meu nome?

Capítulo 07 | Péssima notícia

Travis

Christina fica em silêncio por alguns segundos, que mais parecem horas. Seu olhar está fixo no meu e sua cara mostra o quão meu comentário a deixou sem jeito. Juntando tudo isso, nós temos uma Christina corada e um Travis, no caso eu, se acabando de tanto rir.

— Do que diabos você está rindo, imbecil? — pergunta, séria, afastando sua mão de meu peito.

Abro minha boca para responder à sua pergunta, mas tudo que consigo fazer é gargalhar alto.

— Eu... Eu... Estou rindo da sua cara. — respondo, ainda sorrindo.

— Da minha cara? Desde quando eu tenho o rosto pintado, nariz vermelho e cabelo colorido? — debocha.

— Você tem razão. No entanto, o nariz vermelho e o cabelo colorido são as únicas coisas que faltam. Sinto muito em lhe dizer isso, *baby*, mas depois de meu comentário seu lindo rostinho ganhou um tom vibrante de vermelho.

— Idiota! — exclama, toda bravinha, dando-me um soco no ombro.

— Ai! Calma, Christina! Eu só queria provar meu ponto. — digo, massageando o local atingido.

A desgraçada sabe bater.

— E que ponto seria esse, Sr. Babaca? — bufa.

— Que você não está imune ao meu charme de Don Juan. Admita, anjo, eu sou um milhão de vezes mais bonito que aquele cara da boate. — sorrio de lado.

— Por favor, Travis, faça-me rir. — sorri. — Você viu o tamanho do homem? — pergunta. — Ele é alguns bons centímetros mais alto que você, logo, o pau dele deve ser o dobro do seu. — lambe os lábios e algo entre minhas pernas resolve despertar.

Calma aí, amigo! Não vamos esquecer que essa bruxa é apenas Christina.

— Porra, qual é o seu problema com meu pau? — questiono, chateado e com meu ego masculino ferido.

— Nenhum, desde que ele fique bem distante da minha "*menina*". — aproxima-se. — Sabe, Travis, você pode até ter um rostinho bonito, mas não possui o essencial para satisfazer uma mulher. — sussurra próximo ao meu ouvido.

Droga! Sua voz sai sexy como o inferno.

— Ao menos agora entendo o motivo de seu ego ser tão grande. — olha descaradamente para meu "*garotão*". — Mas não se preocupe, li em uma revista que é normal alguns homens não desenvolverem corretamente "determinadas partes do corpo". Se pesquisar no Google, encontrará ótimas formas para tentar aumentar os centímetros que faltam aí em baixo. Com muito esforço e persistência, quem sabe possa chegar, ao menos, aos 16 cm. — dá leves tapinhas em meu ombro, como se dissesse: "*É triste, mas você consegue*".

— QUANTAS VEZES EU TENHO QUE FALAR QUE MEU PAU TEM 20 CM? — grito.

— Uau, gato! — sou surpreendido por um enfermeiro, dono de uma voz afeminada, parado na entrada da porta.

Christina começa a rir e eu fico perguntando aos deuses, santos e espíritos, porque diabos isso só acontece comigo.

— Bem, pelo visto você acaba de ganhar um novo enfermeiro. — diverte-se com a situação e eu quero asfixia-la até a morte.

— Me chamaram para cuidar de um paciente. — olha a prancheta em sua mão. — Travis Maddock. É aqui? — pergunta o cara, que não é tão "cara" assim, se é que me entendem.

Estou prestes a dizer não, quando Christina...

— É aqui mesmo. — responde, toda feliz.

Desgraçada!

— Você chegou em boa hora. Infelizmente, eu preciso ir para casa e não queria ter que deixá-lo sozinho.

O quê? Ir para casa?

— Você não pode ir embora e me deixar aqui, Christina. — protesto. — Como farei para voltar para casa?

— Eu não sei se sabe, mas para isso existe algo chamado serviço de táxi ou, se preferir, chame um Uber. — dá de ombros, se vira e começa a andar em direção a saída.

— CHRISTINA! — grito. — NÃO SE ATREVA A ME DEIXAR AQUI SOZINHO!

— Mas você não estará sozinho. Irei lhe deixar em ótimas mãos. — faz referência ao enfermeiro tarado. Exatamente. TA.RA.DO. O homem não para de olhar para mim como se eu fosse sua refeição da madrugada.

Oh, Senhor! E se eu for molestado por esse homem?

— Posso confiar em você para cuidar dele, certo? — pergunta, como se estivesse preocupada e o *Sr. Tarado* assente com um enorme sorriso no rosto.

— Claro, não se preocupe. Cuidarei muito bem desse monumento. — pisca para mim e tudo que desejo é uma corda para me enforcar.

— Ótimo! Assim poderei dormir tranquila.

Mas é muito falsiane uma peste dessas.

— Tchauzinho, *gatinho*. Se comporte como um bom menino e faça tudo o que o enfermeiro mandar. — joga um beijinho no ar e sair rebolando aquele traseiro que merece uns bons tapas.

— Não se preocupe, gato. Eu cuidarei de você. — o enfermeiro se aproxima segurando uma agulha enorme e, neste momento, só existe um pensamento que se apodera de minha mente: Eu. Irei. Matar. Christina. Wyatt!



Escuto meu despertador tocar e amaldiçoou a pessoa que inventou o trabalho.

— Droga. — resmungo mal-humorado.

Só consigo me levantar da cama depois de muito sacrifício. Porém, mal consigo manter-me em pé. Estou drogado de sono, resultado dos acontecimentos da noite anterior. Isso me faz lembrar de que preciso me vingar daquela víbora que agora habita meu humilde lar. Juro que ainda não consigo acreditar no que aquela maluca me fez passar. Toda vez que me lembro das cantadas e das mãos de Sandy em mim, minha raiva só aumenta. Ah, Sandy é o enfermeiro tarado. Mas tudo isso terá volta, ou não me chamo *Travis Gostoso Maddock*. Farei Christina se arrepender de ter

nascido, só não sei como.

Entro no banheiro, faço minha higiene matinal, tomo uma ducha, visto um terno e vou em direção à cozinha, pronto para uma segunda-feira de trabalho. Odeio as segundas feiras. Querem saber o motivo? Simples, porque todas elas deveriam ser decretadas como o *"Dia Internacional da Preguiça"*. Quem, em sã consciência, gosta de acordar às 6h da manhã para trabalhar? Eu com certeza não, mas fazer o que, né? É esse o preço a pagar quando se ganha o rótulo de adulto. Ou você se torna um escravo do trabalho, ou passa a ser um daqueles gordos desempregados que vivem à custa dos pais, dormindo em um sofá velho, bebendo cerveja e comendo costeletas de carne enquanto assisti futebol. Não que eu ache uma má ideia ser bancado por meus pais, é óbvio que não! Contudo, a sessão de sexo ao vivo entre eles era de mais. Das duas, uma: ou eu tomava vergonha na cara e arrumava um emprego, ou teria que aguentar seus gemidos e passar o resto da minha vida frequentando um psicólogo. É, definitivamente, fiz a escolha certa quando sair de casa aos 19 anos. Olhem só para mim hoje: lindo, gostoso, rico e bom de cama. Que mulher dispensaria um cara como eu?

— Bom dia! Ocorreu tudo bem ontem lá no hospital? — a falsiane pergunta sorridente, adentrando a cozinha ainda de pijama e completamente descabelada.

Cristo do céu, será que essa mulher sabe o que é um pente? Se não souber, terei que apresentá-la a um. Isso não é um cabelo. Isso é um ninho de passarinho.

— Te fiz uma pergunta. — insiste, mas eu não me dou ao trabalho de respondê-la.

Pego uma caixa de cereal, um pouco de leite e despejo tudo em uma tigela. Sento-me em um dos banquinhos da ilha e começo a comer. Christina continua parada no mesmo lugar, encarando-me enquanto como.

Deve está me achando muito bonito.

— Então é isso. Você não irá me responder. Sério que irá fazer greve de falar?

Fazer? Não, querida. Eu já estou fazendo.

— Quantos anos você tem? Cinco? — ironiza.

Sei que ela está tentando me provocar, mas esse seu joguinho não irá funcionar. Sim, estou fazendo greve de falar. Sim, estou me comportando como uma criança. Sim, estou irritando Christina. Sim, estou amando tudo isso.

— Tudo bem. Não quer falar comigo? Então ótimo. De qualquer forma não estou perdendo

nada. — fala, com ar de superioridade, pega o restante de cereal que sobrou e começar a despejar em sua própria tigela. Seus movimentos são bruscos e sinto uma vontade incontável de rir.

Christina está chateada com o fato de ser ignorada, isso não há como negar. E enquanto ela está toda irritadinha, eu estou me divertindo com algo doce... O doce sabor da vingança.

Termo de comer meu cereal, coloco a tigela e a colher na pia e saio, feliz da vida.

Ouçõ Christina murmurar um "*babaca*" e me permito sorrir ainda mais.



Chego à empresa e sou recebido pela melhor secretaria de todo o mundo: Beth, minha segunda mãe.

— Bom dia, Beth! — cumprimento-a sorrindo e, logo em seguida, dou-lhe um casto beijo na bochecha.

— Bom dia, menino. — sorri. — Espere! Que machucado é esse em sua cabeça? — pergunta e eu já me preparo para a bronca que irei levar. — Travis Edward Maddock, você andou brigando?

Beth é a única pessoa que me chama por meu nome completo. Quer dizer, ela e o encosto, também conhecido como Christina.

— Mas ou menos isso. — respondo, visto que não sei explicar o que foi exatamente aquele ataque de Christina.

— Eu não acredito que saiu para beber de novo. — repreende-me.

— Não, Beth. Juro que não ingeri uma gota de álcool. Isso... Esse machucando foi resultado de um pequeno acidente.

Um acidente chamado Christina Wyatt.

— Travis, não vá me dizer que apanhou por causa de mulher.

— Quase isso. Na verdade, eu apanhei de uma mulher. — confesso, um pouco sem graça.

Qualquer homem em meu lugar ficaria assim. Porra, levar uma surra de uma mulher é um

pouco humilhante. No entanto, meus pais me ensinaram que bater em uma é covardia. Por isso, por mais que eu queira matar Christina, nunca seria capaz de levantar a mão para ela.

— E o que você fez para essa menina?

— Como assim o que eu fiz? Eu não fiz nada. — uso minha cara de anjo.

— Querido, eu sou uma mulher, sei que se essa menina o agrediu, ela certamente teve seus motivos.

Ótimo! Agora até Beth ficará do lado daquela cobra.

— Eu não acredito que você está tomando partido por aquela víbora. — falo, magoado.

— Eu não estou tomando partido por ninguém. — contesta. — Só estou tentando entender o que o senhor fez.

— Nada. Eu não fiz absolutamente nada. Christina que é uma louca.

— Então ela tem nome?!

— Sim. Nome, sobrenome e uma boca que mais parece uma torneira. A mulher parece um papagaio, não para de falar um minuto, é irritante, mal educada, não sabe usar um fogão e...

— E você gosta dela exatamente como ela é.

— Sim... Quer dizer, não... Eu não gosto dela! — falo convicto. — A verdade é que eu não a suporto.

— Oh, menino, sinto muito em ter que lhe dizer isso, mas você está começando a se apai...

— Não! — corto-a rapidamente, sem deixar que complete a frase. — Eu odeio Christina. Eu... Eu simplesmente não a suporto. — esclareço e saio, sem esperar por mais um de seus comentários sem fundamento.

Céus, ela e minha mãe são tão parecidas. Só essas duas para me imaginarem gostando de Christina.

Entro em meu escritório, ligo meu computador e começo a trabalhar. Duas horas depois e escuto alguém bater na porta.

— Pode entrar! — digo.

— Saudades de mim? — Matteo, meu melhor amigo e CEO desta empresa, pergunta com seu típico sorriso idiota estampado no rosto.

— Sério que você está perguntando-me se senti saudades dessa sua cara feia? — levanto-me para cumprimentar meu idiota preferido.

Costumo dizer que Matteo é o irmão que nunca tive. Tudo bem que ele é um completo imbecil, mas eu o suporto há mais de 10 anos.

— Então, como foi em Tóquio? Muita mulher bonita? — pergunto, sugestivamente.

— Como se eu fosse reparar em alguma delas. A única mulher que possui meus pensamentos e meu olhar é minha esposa. — responde, igual bobo apaixonado.

Quem ver Matteo falar desta forma de Alice, sua esposa, não imagina o quão conturbado foi o relacionamento dos dois. Matteo a traiu algumas vezes e depois de quase perdê-la resolveu correr atrás do prejuízo. O casamento deles ainda não está 100% estável, mas melhorou bastante.

— Por falar em sua linda esposa, ela foi recebê-lo no aeroporto? Eu me ofereci para buscá-lo, mas Alice disse que ela mesma o faria.

— Sim, ela foi. — responde, mas percebo sua voz fraquejar um pouco.

— Certo. Agora sente seu rabo nessa cadeira e me conte o que aprontou nessa viagem.

— Eu... Alice vai me matar quando souber, mas... Eu não tive culpa, Travis. Simplesmente aconteceu. — começa a falar enquanto passa as mãos, nervosamente, em seu cabelo.

— Cristo, Matteo! Sério que você traiu Alice de novo? Será que você não aprende?

Minha vontade é a de quebrar a cara dele por ser tão burro.

— Eu... Eu vou te contar o que aconteceu.

Matteo começa a narrar os acontecimentos e eu escuto atentamente cada detalhe. No final, eu simplesmente não consigo acreditar em tudo o que aconteceu.

— Você precisa contar tudo para Alice. Ela tem o direito de saber a verdade.

— E você acha que eu não sei disso? — suspira pesadamente. — Eu irei contar tudo a ela assim que chegar em casa. Só... Só não sei como. E se ela me odiar mais do que já faz? — posso notar o sofrimento em seu tom de voz e em seu olhar.

— Ela não te odeia, Matteo.

— Ela também nunca mais disse me amar.

— Porque ela está magoada, mas não precisa ser nenhum gênio para saber que ela o

ama. — falo no exato momento em que meu celular começa a tocar.

Ligação on...

— Alô?! — falo.

— Oi. Aqui é a Lauren, amiga da Alice.

O que a amiga da Alice faz ligando para mim? Como diabos ela conseguiu meu número?

— Hã... oi.

— Matteo está com você? Estou tentando entrar em contato com ele há alguns minutos, mas até o momento não obtive resposta.

— Sim, ele está aqui comigo. Aconteceu alguma coisa?

— Alice está internada no hospital próximo a empresa. Ela não está nada bem.

Put a que pariu!

E a ligação cai.

Ligação off...

— O que foi, Travis? Aconteceu alguma coisa? — Matteo pergunta e eu não sei como irei dar essa notícia a ele.

— A Alice...

— Alice? O que aconteceu com ela, Travis? — seu desespero é nítido. — PORRA, TRAVIS! VAMOS, ME DIGA O QUE ACONTECEU COM MINHA ESPOSA! — grita.

— Ela... Ela está no hospital, Matteo. Eu não sei o que aconteceu, mas uma tal de Lauren acabou de ligar e disse que ela não está bem. Sinto muito cara.

— Não... Não é verdade. Eu a vi há um par de horas. — levanta-se e começa a andar de um lado para o outro. — Ela tem que está bem.

— Eu... Eu realmente sinto muito, Matteo, mas é verdade.

— Em que hospital... Para qual hospital levaram ela? Eu... Eu preciso vê-la, Travis.

— Para o hospital próximo a empresa. Eu irei levá-lo até lá, você está nervoso demais para dirigir.

— Ela tem que está bem, Travis. Eu... Eu não posso viver sem ela. Eu a amo.

E presencio meu amigo chorar como uma criança em meus braços.

Capítulo 08 | A trégua

Christina

Tédio!

Não sei qual a vantagem de morar em um apartamento luxuoso sendo que não há nada legal para fazer. Nem comida na geladeira tem mais. Detalhe importante: já está quase na hora do almoço, eu não tenho um centavo no bolso, não sei onde Travis escondeu seus cartões de créditos, não tenho o número do idiota e estou morrendo de fome. Se bem que é quase um milagre eu não ter morrido ainda, uma vez que a única coisa que comi hoje foi aquele cereal com leite e mais nada. Travis vem tentando me matar e está conseguindo. Onde já se viu deixar uma gordinha passar fome? Isso deveria ser considerado crime contra o Estado e o babaca em questão deveria ser preso.

Vasculho pela milionésima vez as gavetas de seu enorme guarda-roupa e nada. Nem uma nota de um dólar. Fala sério! Onde raios esse homem soca esse dinheiro? No cú? Ok, peço desculpa pelo uso do palavrão. O problema é que quando estou com fome não consigo controlar meu estresse, muito menos o filtro que fica entre meu cérebro e minha boca. Se querem culpar alguém, então culpem Travis.

Estou quase desistindo quando lá, bem lá no fundo, em meio a alguns pares de cuecas boxers, encontro uma linda nota de cem dólares. A coitada está lá, jogada, esquecida... E eu, como boa consumidora que sou, pego-a para mim. Antes que me julguem, isso não é um assalto. É apenas um adiantamento do meu salário como cupido. E olhem que esse adiantamento é pouco, se comparado ao sofrimento e teste de paciência que é aturar Travis.

O homem é insuportável.

Não me admira em nada o fato dele ainda ser um idoso encalhado. Quem, em sã consciência, é louca a ponto de casar com o Sr. Chatice? A mulher tem que ter sangue de barata para suportá-lo.

Tudo bem que ele é bonitinho. Tá bom! Reformulando a frase: tudo bem que ele é gato, lindo, gostoso, um deus grego, um colírio para os olhos, um ótimo cobertor para as noites frias e por aí vai, mas nenhum desses adjetivos faz dele menos intolerável. Eu diria que Travis é aquele chiclete sujo, que gruda no seu salto da *Dior* e não quer mais sair. "*Mas você não tem salto da Dior, Christina!*". E vocês não precisam me lembrar dessa triste realidade.

Fecho as gavetas do guarda-roupa sem me preocupar em arrumar a bagunça que causei. Sigo para meu quarto, em seguida para o banheiro onde tomo um banho de cinco minutos. Visto um short jeans clarinho, um camiseta, um all star cinza e prendo meu cabelo em um coque frouxo. Ah, só para esclarecer o banho de cinco minutos, quero deixar claro que isso não significa que sou uma porca, significa que me preocupo em economizar a água do planeta. Consigo lavar perfeitamente minha *menina* em cinco minutos e garanto que ela fica muito mais cheirosa do que umas e outras, que passam uma hora em baixo do chuveiro. Ao menos, até hoje, nenhum pau reclamou.

Olho-me no espelho e... Meu Deus! Como eu posso ser tão gostosa mesmo quando não tento ser? Sorrio para minha imagem de deusa, me admiro mais um pouco, porque toda mulher deveria fazer o mesmo, e logo depois saio à procura de comida.

— Bom dia! — cumprimento o segurança/porteiro/gostoso do prédio, que não tem nada de velho, muito pelo contrário.

O homem é alto, forte, musculoso, negão, careca e deve está na casa dos 30. Eu diria que ele é bem apetitoso, estilo aqueles jogadores de basquete da NB alguma coisa... Não sou fã de esportes, mas qual mulher nunca apreciou os monumentos que são alguns atletas?

— Bom dia, senhora. Em que posso ajudá-la? — pergunta, sorrindo.

Que sorriso é esse senhor?

— Primeiramente é senhorita, eu não sou casada e estou solteira. — pisco um de meus olhos.

Mulherada de plantão, isso não é ser atirada. Isso é ser decidida. Ir direito ao ponto.

— Oh, desculpe-me.

— Sem problemas, *grandão*. É normal as pessoas acharem que um mulherão como eu já foi fisgada. — brinco e ele sorri.

— Então os homens dessa cidade estão cegos, ou são burro demais para deixá-la escapar.

Viram? Daqui a pouco ele abre as pernas para mim.

— Veja só, pensamos iguais. — torno a brincar. — Prazer, meu nome é Christina, estou morrendo de fome e preciso que me indique um lugar onde eu possa comer algo gastando no máximo cem dólares. Ah, precisa ser perto daqui, odeio caminhar.

Sim, sou sedentária e detesto fazer qualquer tipo de exercício físico que não envolva eu nua, sendo sucumbida a um mar de prazer.

— Prazer Christina que está morrendo de fome. Chamo-me Antony e há uma ótima barraquinha de hot dog e um supermercado a uma quadra do prédio, próximo ao Central Park. Você encontrará uma Starbucks um pouco mais adiante.

— Ok, muito obrigada, Tony. Nos vemos por aí. — dou-lhe um tchauzinho e saio.

Caminho até encontrar a barraquinha de hot dog que Tony mencionara. Peço três cachorros quentes e uma Coca-Cola. Pego meu pedido, pago, sento em uma das mesas que há ao redor e como, como se minha vida dependesse daquilo, e olha que ela depende e muito.

Eu estava com tanta fome que quase tive um orgasmo ao dar a primeira mordida.

Esse hot dog é, definitivamente, a oitava maravilha do mundo.

— Mas um pouco e ela come a própria mão. — ouço um murmuro e me viro para encarar duas mulheres. Uma loira e uma morena, ambas belíssimas.

— Eu não sabia que vaca comia cachorro quente. — a morena fala.

— E eu não sabia que cachorra falava. — devolvo e as duas me olham assustadas.

A loira abre a boca e dou-lhe um olhar de: *"Se você falar mais alguma coisa, quebrarei todos os seus dentes"*. Ela entende o recado, fecha a boca, pega suas coisas e sai. A morena vai logo atrás.

Cadelas!

Odeio quando esse tipo de comentário surge. Por mais que eu seja confiante e tenha plena consciência de que sou muito gostosa, nada disso impede que eu me sinta um pouco mal por ouvir e conviver com a *gordofobia* de certas pessoas. Não entendo como o corpo de alguém pode ser mais importante que seu caráter. Infelizmente, ainda existem *Neandertais* que não sabem usar o cérebro.

Depois de alguns minutos, termino de comer e decido que esse é um ótimo momento para um passeio no Central Park, já que não quero voltar para o tédio que é aquele apartamento. Devo admitir: as coisas são um pouco mais agitadas quando Travis está casa. Contudo, vamos fazer de conta que nunca mencionei isso.



Duas horas depois e nem vi o tempo passar. Estava entretida demais, admirando a paisagem maravilhosa ao meu redor. Travis é um filho da mãe sortudo por morar perto desse paraíso. Por falar no diabo, será que ele já havia chegado em casa? Eu não sei que horas ele costuma sair do trabalho, sequer sei em que ele trabalha.

Será que ele ainda está me ignorando?

Uma parte de mim pouco se importa, mas a outra se sente péssima com isso. Essa última parte, a mais racional, sabe que a culpa é minha e que devo um pedido de desculpa a ele. Porém, o meu lado mais orgulhoso não quer dar o braço a torcer.

E agora? O que eu faço?

Penso... Penso... Penso mais um pouco e chego a conclusão de que agir de forma errada e que mesmo Travis sendo um babaca, não merecia ter sido abandonado em um hospital. Principalmente quando fui eu a machucá-lo. Por isso, resolvi preparar uma surpresa para ele.

Na volta para casa passo no supermercado, procuro algo comestível que eu possa comprar com setenta dólares e que não seja necessário usar o fogão. Procuro e... *Putá que pariu!* Acho que eles vendem ouro junto com a comida. É tudo muito caro. Mas como não sou mulher de desistir fácil, continuo com a busca, até encontrar uma cessão de comida congelada. No fim, acabo comprando uma lasanha e uma garrafa de suco que custou vinte dólares.

Chego em casa e nem sinal de Travis. Como ainda está cedo, decido que mereço um bom descanso. Guardo a lasanha na geladeira e sigo para meu quarto.

Cristo, como eu estou cansada.

Tomo um banho, desta vez um pouco mais demorado, visto a primeira roupa que encontro e pulo na cama.

Eu realmente preciso dormir.

Meu descanso durou pouco mais de três horas. Assim que acordo, levanto-me e sigo animada para a cozinha. Coloco a lasanha no micro-ondas e arrumo a mesa enquanto espero a comida ficar pronta. Depois de tudo feito, olho orgulhosa para mesa e um sorriso se forma em meu rosto.

Travis irá gostar.

Escuto o barulho de porta batendo, levo rapidamente a lasanha ao centro da mesa e caminho em direção à sala.

Encontro Travis sentado no sofá com a cabeça enterrada entre mãos. Observo aquela cena e sei que algo ruim aconteceu.

Será que sua mãe piorou? Espero, sinceramente, que não.

Aproximo-me aos poucos, sentando-me ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto.

Até então ele não havia notado minha presença, uma vez que praticamente pulou do sofá ao ouvir minha voz.

— Nada que seja da sua conta. — sua voz sai ríspida, o que me magoa um pouco.

Ele nunca havia falando desta forma comigo antes, nem mesmo quando o machuquei.

— Desculpa. Eu...

— Será que dá para você calar a boca, Christina? Eu nem sei o que você ainda está fazendo aqui. Será que não ficou claro que eu não suporto você? Você é intrometida, chata e já deveria ter ido embora há muito tempo. Se toca, garota! Por que será que você não tem amigos? Por que será que não tem nenhum lugar para ir? Vamos, responda-me! — ri alto e eu sinto lágrimas se formarem em meus olhos.

Travis me olha com raiva, ódio, e aquilo me magoa ainda mais.

Quem ele pensa que é para falar comigo dessa forma?

— Nunca mais fale comigo dessa forma, idiota. — dou um forte tapa em seu rosto. — Espero que aprecie o jantar que preparei. — falo, antes de correr para meu ex-quarto.

Tranco a porta, pego minha mala e começo a arrumar minhas coisas. Não irei ficar aqui nem mais um segundo.

Babaca idiota!

— Christina. — escuto a voz de Travis e minha vontade de matá-lo aumenta a cada segundo.

Será que se eu esquartejá-lo e guardar seus restos mortais dentro dessa mala, alguém irá

descobrir?

— Christina, abre a porta! A gente precisa conversar.

Ah, agora ele quer conversar? Então que converse com as paredes.

— Christina, eu sei que está aí.

Sério? Nossa, que gênio!

— Vamos lá, Christina. Pare de se comportar como uma criança e me deixe entrar.

Criança é um cabo de vassoura enfiado no seu cú, babaca. — Penso.

— Tudo bem, então acho que terei que arrombar a porta.

Como se você fosse consegui, imbecil.

Continuo arrumando minhas coisas e de repente a porta vem abaixo.

O desgraçado derrubou a porta. Quem ele é? O Incrível Hulk?

— Para que essa mala?

Oh, pergunta idiota.

Reviro meus olhos e respondo:

— Não está óbvio? Eu vou embora. — respondo, calmamente, mesmo querendo gritar cada palavra em sua cara.

— Você... Você não precisa ir embora, Christina.

— Engraçado, porque há pouco menos de cinco minutos, você deixou bem claro que não me queria aqui. Como foi mesmo que você falou? Ah, lembrei! "*Você é intrometida, chata e já deveria ter ido embora há muito tempo*". É, acho que foram essas suas palavras.

Sim, estou com raiva.

— Olha, Christina, eu não queria ter falado aquelas merdas para você. Eu... Eu só estava estressado.

— Foda-se você e o seu estresse. — termino de arrumar minhas coisas e fecho a mala. — Agora, se me der licença, eu gostaria de passar.

— Não!

O quê?

— Você não está saindo desta casa por causa de algumas besteiras que falei. — fala, confiante, ainda bloqueando minha passagem.

— Minha bunda que eu não estou. Eu não sei se sabe, mas você não é meu pai. — coloco minhas mãos sob minha cintura.

— Tem razão, se eu fosse, você já teria sido a presentada a um bom e velho sinto.

— Você está insinuando que seria capaz de me bater?

— Não. Estou expressando o desejo que tenho de punir essa sua bunda toda vez que me desafia.

Por que raios eu achei sexy o modo como ele acaba de falar? Será que estou normal?

Olho para Travis decidida a pôr ele em seu devido lugar, mas bastou olhar em seus olhos para que eu esquecesse tudo.

Maldito par de olhos azuis.

— Por favor, Christina. Peço perdão por ser um idiota. — olha-me com aqueles olhinhos de cachorro pidão e não sei se sou forte o suficiente para negar seu pedido.

— Tudo bem, eu o perdoo. — dou-me por vencida. — Agora saia da minha frente. Eu preciso ir embora.

— Mas você acabou de dizer que me perdoou.

— Exato! Eu disse que perdoei, não que continuarei morando aqui de favor.

— Mas você não está morando de favor, você trabalha para mim.

— Você só pode está brincando, Travis. Até agora eu te prejudiquei mais do que ajudei.

Eu não acredito que acabei de admitir isso, mas é verdade. Eu sou um desastre ambulante.

— Claro que não, Christina. Você me ajudou muito.

— Sério? Então me lista algo de bom que fiz nessas últimas 42 horas. — peço, mas ele fica calado. — Foi o que pensei. Eu não fiz nada, a não ser te deixar louco. Será que isso conta?

— Você fez um jantar para mim e devo confessar que ele parece delicioso.

— Você viu? — deixo a pergunta escapar.

— Sim, eu vi. E tenho que admitir que fiquei surpreso em encontrar a cozinha inteira.

— Hey! Eu não sou tão ruim assim na cozinha.

— Não, você é péssima. — ri e eu também acabo soltando um sorrisinho. — Prazer, Travis Maddock. — estende sua mão para que eu o cumprimente.

— O que você está fazendo?

— Começando do zero. — sorri de lado. — Agora seja educada e se apresente.

— Prazer, Christina Wyatt.

Eu ainda não acredito que estou entrando nesse joguinho idiota.

— Deixe-me adivinhar. Você é psicóloga, mas nos momentos livres trabalha como cupido, acertei?

— Minha nossa! — faço cara de surpresa. — Você é o quê? Vidente ou detetive?

— A segunda opção.

— Sério? — pergunto, incrédula.

— Não, boba. — responde apertando o meu nariz. — Eu sou o CFO de uma empresa de publicidade.

— É, essa profissão faz mais sua cara.

— O que a senhorita quer dizer com: *"É, essa profissão faz mais sua cara"*. — pergunta em uma grotesca tentativa de imitar minha voz.

Eu não consigo me controlar e começo a rir feito louca.

— Você está rindo de mim, é isso mesmo? — faz cara de bravo.

— Talvez sim, talvez não. — dou de ombro. — Talvez eu esteja apenas rindo dessa sua linda e perfeita voz afeminada.

Fecho minha boca e já sei o que está por vir.

— Oh, não Travis! Não se atreva! — afasto-me e acabo caindo sob a cama. — Não, Travis, por favor. — peço.

— Acho que não. Não antes de lhe dar um verdadeiro motivo para sorrir.

Um segundo depois e seu corpo está sob o meu, suas mãos passeando por minha barriga

enquanto ele me tortura com cócegas.

— Por favor... Travis... — gargalho alto. — Eu... Eu vou fazer xixi nas calças. — continuo rindo e me debatendo, mas ele não para.

— Só se você me prometer que irá ficar. — para, olha-me nos olhos e mais uma vez sinto-me perdida.

Travis tem um olhar misterioso e isso é quente.

— Por... Por que eu deveria ficar? — indago.

— Porque eu preciso de você. — responde sem hesitar.

— Eu...

— Você ficará caladinha enquanto eu faço meu discurso de imbecil arrependido. — põe um dedo sob meus lábios para me silenciar.

Tenho que confessar, a vontade de lamber esse dedo é grande.

— Eu, Travis Edward Maddock, estou aqui, perante vossa senhoria, em uma tentativa de me desculpar por meu comportamento inaceitável. — controlo-me para não rir da sua cara de bobo da corte. — Peço que me perdoe por ofendê-la e que não me abandone. O que será deste apartamento sem você? Com quem eu irei brigar? Quem irá encher meu saco e me fazer perder o juízo?

— Ninguém.

— Exatamente! E é por isso que preciso de você.

— Mas você disse que sou chata.

— E é, mas é uma chata legal. — dá de ombros.

— Chata legal? Isso não existe, Travis. — franzo o cenho.

— Mas é claro que existe, Srta. Wyatt. Agora pare de drama, desfaça essas malas e vamos comer. Eu estou com fome, mulher.

— Eu não me lembro de ter mencionado que irei ficar.

— Então serei obrigado a trancafiá-la em meu porão. — tenta fazer uma cara de maníaco, que mais se assemelha ao semblante de alguém chupando limão.

— Você não tem nenhum porão, Travis. — lembro-o desse grande detalhe.

— Ok, eu não tenho um porão, mesmo achando que se possuísse um as coisas seriam mais fáceis. — respira pesadamente. — Contudo, esse apartamento é grande e possui três quartos, posso prendê-la em um deles. Bem, na verdade dois, já que quebrei uma das portas. — olha para a porta destruída.

— Você está me ameaçando, Sr. Maddock? — pergunto, entrando na brincadeira.

— Oh, não. Eu estou alertando-a do que lhe acontecerá caso insista com essa ideia ridícula de ir embora. — seu tom de voz sai grosso e firme.

— Então não há qualquer possibilidade de que eu consiga sair daqui?

— Nenhuma. Você está presa em meu castelo e não sairá tão fácil. Renda-se ou prepare-se para a guerra.

— O que ganho se ficar?

— Minha companhia. Quer coisa melhor que isso?

E aí está seu grande ego inflável.

— Meu Deus, mas isso é bom demais para ser verdade.

— Então, você aceita?

— Pensei que não houvesse alternativas.

— E não há.

— Tudo bem, Sr. Mandão. Agora será que poderia sair de cima de mim? Você está sufocando-me. — peço, mas Travis é aquele tipo de pessoa que faz tudo ao contrário. — Travis, saia de cima de mim, *babaca*.

— Cale a boca, mulher. Eu estou tentando dormir. — joga todo o peso de seu corpo sob o meu.

Nós corpos estão tão próximos um do outro que sou capaz de sentir faíscas. Luto para me desvencilhar do aperto de Travis, mas desisto quando percebo que ele falava sério.

Ele está dormindo.

Capítulo 09 | Ficando louco

Travis

— Travis. — escuto alguém chamar por mim. — Travis?!

— Não, mãe. Eu não quero ir para o colégio hoje. Eu tô doente. — resmungo e volto a dormir.

— Travis Edward Maddock, você tem cinco segundos para levantar antes que eu lhe apresente a um bom e velho chinelo. — escuto uma voz dura e severa. — 1, 2...

— Pronto, mãe! Já levantei, já levantei. — levanto-me às pressas e acabo caindo no chão.

Ouçoo uma risada que já se tornou conhecida.

Christina!

— Onde minha mãe está? — pergunto atordoadado.

— Bem, eu não fico monitorando cada passo que a Taty dá, mas acredito que ela esteja no conforto de seu lar. — sorri.

— Eu não acredito que você acabou de me trolar, Christina. — faço beicinho.

— Oh, tadinho dele. — aproxima-se. — E eu não acredito que você fingia está doente só para não ter que ir à escola. Acho que terei uma séria conversa com sua mãe.

— Você não seria capaz de fazer isso.

Ou seria?

— Você não deveria duvidar da minha capacidade em ser má. — pisca um dos olhos e sai rebolando. — TEM UMA LASANHA TE ESPERANDO, SE EU FOSSE VOCÊ VINHA COMÊ-LA. ELA ESTÁ DELICIOSA. — grita do corredor.

Por que suas palavras "*comê-la*" e "*deliciosa*" me deixaram de pau duro?

Levanto-me do chão, vou até o banheiro, jogo um pouco de água em meu rosto e sigo para a sala de jantar. Christina já está lá, terminando de devorar sua primeira fatia de lasanha.

— Achei que soubesse que é falta de educação começar uma refeição sem o convidado.

— puxo uma das cadeiras e sento-me a sua frente.

— Achei que soubesse que para comer só é necessário usar uma boca, no meu caso, a minha.

— Eita, educação mandou lembrança.

— Senso de humor também, *gatinho*.

Merda! Eu nunca havia reparado antes, mas a forma como ela fala "*gatinho*" é sexy, além de soar tão inocente.

Droga, o que está acontecendo comigo?

— Então, será que você irá me falar o motivo de todo aquele estresse? — pergunta, encarando o prato à sua frente.

— A esposa do meu melhor amigo foi atropelada e está em coma. Ele está arrasado e de certa forma eu também. — sussurro ao lembrar-me do estado em que Alice se encontra.

— Eu sinto muito, Travis. — estende sua mão e alisa carinhosamente a minha.

Sinto uma corrente elétrica invadir meu corpo. Pergunto-me se Christina também sentiu o mesmo, visto que afastou rapidamente sua mão da minha, como se tivesse acabado de levar um choque.

— Obrigado. — agradeço, mas ela não me olha nos olhos.

E o silêncio reinou até o final de nossa pequena refeição. Christina não me encarou durante nenhum segundo. O prato de lasanha parecia ser bem mais interessante que meu rosto. Eu, por outro lado, a encarei sem nenhuma vergonha. Observei cada movimento que fazia. Devo admitir que a forma como ela comia estava me deixando louco.

Como alguém consegue fazer de um simples ato algo tão sexy?

— Eu lavo a louça. — fala, já se levantando e recolhendo os pratos.

É impressão minha, ou ela está tentando fugir de mim?

— Nem pensar. Você cozinhou, eu limpo. — levanto-me e pego os pratos de suas mãos.

— Não precisa, Travis. Eu posso muito bem lavar...

— Eu sei que pode. Mas quero ajudar em algo. Que tal você escolher um filme para assistirmos? — sugiro. — Enquanto isso eu lavo a louça. O que me diz?

— Um filme? — pergunta.

— Sim. Você escolhe. — sorrio de lado e caminho em direção à cozinha.

Dez minutos depois e a louça já está devidamente lavada, seca e guardadinha. Modéstia à parte, eu sou um bom dono de casa, além de gato.

Ou seria gatinho?

Lembro-me da forma como Christina costuma me chamar e xingo-me mentalmente por isso.

— Terminei, você já... — paro de falar quando vejo Christina em um pijama que mais parece um pedaço de pano, de tão pequeno que é.

Ela veste uma espécie de *baby doll*, onde o short é do tamanho de uma calcinha boxers e a blusa não consegue comportar seus seios fartos.

Cristo, seus seios são enormes.

— Ah... Oi, Travis. Já escolhi o filme.

— Ok, mas primeiro eu preciso de um banho... Um banho gelado... Muito gelado. — digo, passando direto por ela e entrando em meu quarto com o cacete duro.

Senhor, isso é falta de sexo. Só pode!

Tiro meu terno, vou para o banheiro, entro no chuveiro e começo a bater punheta.

Eu não acredito que vou falar isso, mas eu começo a bater uma pensando em Christina, naquele seu corpo cheio de curvas e naquela sua boca atrevida.

— Ahhhhhh...

Gozo em questões de minutos, com a imagem de meu pau na boca atrevida daquela desgraçada.

Merda, Christina! O que você está fazendo comigo?

Termino meu banho, visto uma calça de moletom e uma camiseta branca. Olho-me no espelho e caminho em direção à sala de estar, onde encontro Christina sorrindo, com o celular nas mãos.

Com quem diabos ela está trocando mensagens? E por que estou com raiva?

— Estou pronto para assistir ao filme. — anuncio, sentando-me ao seu lado. — Qual você

escolheu?

— A Filha do Diabo. — responde, dando play.

— Eu não sabia que você gostava de filmes de terror. — comento, depois de 15 minutos de filme.

— E eu não sabia que você tinha medo de filme de terror. — sorri, sem tirar os olhos da televisão.

— Eu... Eu não tenho medo.

— Travis, o filme mal começou e você já gritou umas trezentas vezes. — debocha.

— Eu não gritei isso tudo. — defendo-me. — Gritei no máximo vinte.

Estão pensando o quê? Já sou um homem crescido.

— Vinte vezes em pouco mais de 15 minutos. Nossa que corajoso. — debocha mais uma vez e eu faço meu famoso beicinho. — Vem aqui, bebê. — faz sinal para que eu descansasse minha cabeça em seu colo.

Sei que eu deveria recusar sua oferta, mas meu corpo traidor fala mais alto que meu cérebro. Apoio minha cabeça, confortavelmente, em seu colo e segundos depois sinto suas mãos acariciarem meu cabelo.

— Como foi crescer em um orfanato? — a pergunta sai naturalmente, sem que eu perceba.

— Foi um pouco esquisito. — responde e eu espero por mais. — É como crescer em uma casa cheia de irmãos, a única diferença é que nenhum deles gosta de você. — sussurra fraco e sinto um aperto em meu coração. Sinto-me mal por saber que Christina já sofreu tanto na vida.

— Oh, então você está dizendo que cresceu em um ambiente repleto de idiotas? — pergunto. — Eles com certeza eram muito imbecis para não notarem a criança maravilhosa que você devia ser.

— Como você pode ter tanta certeza disso? Eu posso ter sido uma criança chata. — sugere.

— Impossível, você não tem nada de chata, Christina. — levanto minha cabeça de seu colo e a encaro.

Céus, ela é linda. Como não notei isso antes?

— Eu... Eu quero muito fazer uma coisa, mas você precisa prometer que não irá me matar depois. — brinco.

— E o que seria? — pergunta, mordendo o lábio inferior, e eu não tenho mais forças para me manter afastado.

Sem qualquer aviso prévio, colo meus lábios nos dela e aquela eletricidade está de volta, só que agora muito mais forte e intensa. O beijo começa lento e calmo, mas logo Christina dá o espaço pelo qual minha língua reivindicava. Puxo-a para mim, posiciono-a em meu colo, aprofundo o beijo e começo a explorar todas as suas deliciosas curvas com minhas mãos.

— Ahhh. — geme contra meus lábios, o que me deixa ainda mais louco de tesão.

Observo as mãos de Christina passearem por meu abdômen. Segundos depois, ajudo-a a me livrar de minha camiseta. Olho em seus olhos e vejo desejo, luxúria e algo que não consigo decifrar.

— Apreciando a vista? — pergunto quando percebo seu olhar em meu peito nu.

— Cala a boca. — reclama, puxando-me para outro beijo.

Como um bom menino, eu obedeco.

Os lábios de Christina são macios e seu beijo tem gosto de morango.

Eu amo morango.

Aperto sua bunda e ela solta outro gemido, desta vez rebolando duro sob meu "amigo".

Ajudai-me, Cristo. Essa mulher vai me deixar maluco.

Com um rápido movimento retiro a parte de cima de seu pijama para apreciar a perfeição que são seus seios.

Grandes... Durinhos... Branquinhos... Rosadinhos... Eu falei grandes? Não, eles são ENORMES.

Não adianta negar, todo homem gosta de um belo par de seios e os de Christina são perfeitos.

— Você vai ficar só olhando? — pergunta, atrevida.

— Com certeza não. — respondo e, literalmente, caio de boca em seus seios.

— Ahhhh. — geme, enquanto sugo um de seus mamilos.

Eu poderia passar toda a noite brincando apenas com esses bebês.

Meus bebês.

Depois de sugar, morder e lambe cada um de seus seios é a vez de dar atenção a sua *"menina"*. Deslizo uma de minhas mãos entre suas pernas para constatar o que eu já sabia.

— Tão pronta. — sussurro em seu ouvido, mordendo o lóbulo de sua orelha.

— Pronta? Eu não sou a única pronta aqui. — aperta, levemente, meu pau.

Agora sou eu quem geme.

— É... Você tinha razão. Seu pau não tem nada de *"inho"*. — massageia meu cacete duro por cima do moletom.

— Eu disse. 20 cm não é para qualquer um. — digo, orgulhoso, arrancando-lhe um pequeno sorriso. — Se você quiser pode brincar com ele à vontade. Essa noite ele é todo seu. Aproveita! Não é todo dia que você tem essa sorte. — brinco, mas dessa vez ela não rir, pelo contrário.

— O que você quer dizer com: *"Aproveita! Não é todo dia que você tem essa sorte"*? — pergunta, séria. — Você está querendo insinuar que é bom demais para mim?

— Não. Eu não disse isso, mas já que você mencionou...

Ela nem me deixa terminar de falar e já vai dando um tapa em minha cara.

— Ai! — passo a mão sob meu rosto que, com certeza, deve estar vermelho. — Por que você fez isso?

— E você ainda tem a coragem de perguntar? — pula do meu colo e começa a procurar sua blusa. — Onde está minha blusa? — pergunta, tentando encobrir os seios com as mãos.

— Não sei.

Mentira. Eu sei, mas não digo.

— Volte aqui e vamos terminar de onde paramos. — tento puxá-la para mim, mas ela começa a gargalhar.

— Você só pode estar brincando com minha cara. — sorri ainda mais. — Isso... Isso foi um erro, Travis. Um erro que não irá se repetir. — fala, desiste de procurar a blusa e vai para seu quarto.

Eu?!

Eu fico mal... Eu me sinto mal com as palavras de Christina.

Um erro... Então é isso o que eu sou? Um erro?

Quer saber? Foda-se! Eu não preciso dela. Posso pegar qualquer uma que eu quiser.

Se Christina não me quer, tem quem queira.

Vou até meu quarto, troco de roupa, pego as chaves do carro e saio.



Minha cabeça dói... meu corpo dói... respirar dói... pensar dói... Tudo dói.

Tento abrir meus olhos, mas só depois de algumas tentativas é que consigo. Olho ao redor e percebo que estou completamente nu, deitado no sofá de minha sala.

Será que eu e Christina havíamos transado?

— Bom dia, amorzinho! — recebo o cumprimento de uma ruiva, que sai de minha cozinha vestindo apenas uma calcinha fio dental.

Caralho, ela é bonita!

Ruiva, alta, magra, seios siliconados, olhos verdes, cintura de pilão e um bumbum arrebitado. Mas o que ela faz em minha casa?

— Travis, eu queria me desculpar por ontem e...

Escuto a voz de Christina, que logo se cala quando encontra a *Barbie Siliconada* no meio da nossa sala.

— Christina, não é o que você está pensando. — tento me explicar, já vestindo minha boxer.

Por que será que isso soou como algo idiota?

— Eu... Eu não estou pensando nada, Travis. Eu... Hã... Eu vou sair para deixá-los mais à vontade. Foi um prazer conhecê-la. — sorri para a mulher e sai.

Eu preciso ir atrás dela.

— Ela é sua irmã? — a ruiva pergunta quando, na verdade, o meu único desejo é que ela

suma da minha frente.

— Não, ela não é minha irmã.

As coisas que eu quero fazer com ela não são de irmãos.

— Agora pegue suas coisas e saia do meu apartamento. — não consigo controlar a raiva que sinto.

— É por causa dela? Sério que você está me dispensando por causa de uma gorda? — indaga.

Juro que se ela não fosse mulher, lhe daria um soco por ser tão idiota.

— Gorda? Você acabou de chamá-la de gorda? — pergunto e ela assente. — Pois fique sabendo que aquela "gorda" é muito mais gostosa que você. — digo, deixando-a de boca aberta. — Agora vista logo essa sua roupa e saia do meu apartamento, antes que eu mesmo a coloque para fora. — rosno e ela obedece.

— Não foi atoa que seu pau levou uma eternidade para subir ontem. E depois, na hora H, falhou. — murmura como uma cobra.

— Como se meu pobre pau fosse o culpado de sua magreza extrema.

— Você está querendo dizer que prefere aquela vaca?

— Não, estou querendo dizer que quem gosta de osso é cachorro. Agora rua da minha casa, vadia. — abro a porta e ela sai, soltando fogo pelo nariz.

Recolho minha roupa que estava espalhada pelo chão, visto-me e vou atrás de Christina.

Onde será que essa louca se meteu?

Entro no elevador, já imaginado o trabalho que será encontrá-la.

Por que eu fui arranjar uma cupido tão teimosa e gostosa? — Pergunto-me.

O elevador abre e tenho uma surpresa nada agradável: Christina flertando descaradamente com o porteiro.

Sinto meu sangue ferver e minha visão ficar vermelha. Caminho furiosamente em direção ao casazinho.

— Que bom que eu te encontrei, *amor*. — falo, agarrando-a pela cintura. — Bom dia, *Tonico*.

— É Antonny, Sr. Maddock. — corrige-me.

— Exatamente, *Tonico*, como eu disse. — sorrio, falsamente, e ganho um beliscão de Christina.

A desgraçada já está tomando as dores do namoradinho.

— O que você está fazendo aqui, Travis? — pergunta, nada amigável.

— Como o que eu estou fazendo aqui, docinho? Eu acordei e você não estava na cama. Fiquei com saudade desse seu corpo. — beijo seu pescoço e noto Tonico ficar sem graça.

— Pensei que aquela ruiva...

Começa a falar, mas antes que ela termine, eu a beijo. Beijo-a em frente aquele idiota, para que ele entenda que ela já tem dono.

— Nós precisamos conversar. — sussurro em seu ouvido, depois de finalizar o beijo.

— Com certeza, mas antes você precisa escovar os dentes.

— O quê?

— Mau hálito matinal, também conhecido como bafo, já ouviu falar? — faz a pergunta e Tonico solta uma risada.

Eu ainda mato essa desgraçada.

— Não fique com vergonha, *gatinho*. É normal ter mau hálito, só não é agradável.

Cobra!

— Eu... Eu vou subir para... Para escovar os dentes e você vem comigo.

— Eu? Não, *gatinho*. Acho que você já é bem grandinho e consegue escovar os dentes sozinhos.

— Mas nós precisamos conversar.

Estou quase implorando por sua atenção.

A que ponto cheguei, Senhor?

— Sinto muito, mas agora não dá. Tenho um compromisso inadiável. — me dá um selinho e sai rebolando aquele traseiro gostoso.

Santo Deus, eu estou fodido de todas as formas possíveis.

Espera! Que compromisso é esse? Será que é com um cara?

— CHRISTINAAAAA! — grito, mas a desgraçada já entrou em um carro de luxo.

De quem diabos é aquele carro?

Lembram de quando mencionei que Christina irá me deixar louco? Então, ela não o fará...

Ela acaba de fazer.

Eu estou fodidamente louco por essa mulher.

Capítulo 10 | Encontro duplo – Parte I

Christina

Será que eu tenho cara de idiota? Travis com certeza acha que sim. Quem ele pensa que é para foder com meus miolos e depois desfilhar com uma magrela sem sal em nossa própria casa? Ok, o apartamento é dele, mas vamos esquecer esse pequeno detalhe, afinal, eu também estou morando lá.

Eu sinceramente não sei onde estava com a cabeça quando me permiti ser seduzida por aquele idiota gostoso. Se bem que ninguém pode culpar-me por isso. Quem não se deixaria levar por um par de olhos azuis, um sorriso safado e um pau de 20 cm, que atire a primeira pedra. Acreditem, é uma missão quase impossível, mesmo o desgraçado em questão sendo um babaca.

Sem mencionar seu beijo desentupidor de esgoto. Sim, de esgoto, porque de pia seria eufemismo. O homem sabe usar a língua. Fico me perguntando se ele é bom usando ela um pouco mais em baixo, mais especificamente entre meu belo par de pernas.

"Pare de ser tarada, Christina!"

Sou repreendida pelo meu subconsciente

Oh, consciência chata!

— Tina. — ouço Henry me chamar.

Exatamente. Henry, meu ex pau amigo, que havia se mudado para a Alemanha depois de uma promoção e que ontem me surpreendeu ao enviar uma mensagem, comunicando-me sobre seu retorno à Nova Iorque. O motivo? É o que quero descobrir.

— Hã... Oi?

— Você está bem? — pergunta.

— Estou. Por que não estaria? — dou-lhe um sorriso forçado.

— Porque eu conheço-a o suficiente para saber que algo está perturbando essa cabecinha. — pega minha mão, entrelaça à sua e a leva até seus lábios, enquanto mantém os olhos no trânsito.

— Eu... Ah... Tanta coisa aconteceu durante essa última semana em que você se ausentou. Eu perdi meu emprego, meu apartamento...

— Como assim? Por que você não entrou em contato comigo? Quem mora naquele prédio em que você estava?

Henry e suas perguntas.

— Bem, irei fazer uma breve retrospectiva. — sorrio. — Primeiro, eu fui demitida depois que resolvi "*brincar de UFC*" com uma de minhas pacientes. Então, logo em seguida, recebi a notícia que tinha uma semana para sair da minha lata de sardinha, também conhecida como meu ex-apartamento. Aí, como eu já estava fodida, resolvi encher a cara em um bar, foi nesse bar que conheci Travis.

— Quem é Travis?

O babaca que quase roubou o seu lugar de pau amigo.

— Meu novo chefe.

— Chefe? Então ele é psicólogo?

— Psicólogo? Não, ele está mais para louco problemático. — respondo e percebo que Henry não entendeu nada. — Como eu vou explicar isso, senhor? — faço uma pequena pausa enquanto procuro as palavras certas. — Travis precisa de uma namorada e...

— Por favor, Christina, não me diga que aceitou fingir ser a namorada de um desconhecido. — faz cara de bravo.

— Claro que não. — apresso-me em negar sua suposição.

— Uffa! — suspira, aliviado.

— Mas os pais deles acham que eu e Travis somos um casal e que nós devemos transar muito, até termos minis Travis espalhados por toda Nova Iorque. — falo, sem pensar.

— O QUÊ? — grita, freando o carro de forma brusca, em frente a uma Starbucks. — Então você já conheceu os pais dele? — pergunta, chateado, porém um pouco mais calmo.

Eu conheço Henry há dois anos e em todo esse tempo ele pressionou-me bastante para que eu conhecesse seus pais. No entanto, sempre inventei uma desculpa qualquer. Não me perguntem o porquê, nem eu sei a resposta.

— Por favor, Henry, não fique chateado comigo. — peço, passando uma de minhas mãos

pelo seu rosto.

Henry é um homem lindo e desejado por muitas mulheres. 28 anos, descendente de alemães, loiro, olhos claros, alto, romântico e bom de cama, além de muito inteligente.

Ele é um homem perfeito.

— Você gosta dele, né? — sou pega de surpresa por sua pergunta.

— Não, claro que não! — respondo sem hesitar. — Se isso te deixa feliz, ele me tira do sério. — comento e ele sorri.

— Então eu não preciso me preocupar?

— Nem um pouco.

Não sei se aquelas palavras foram ditas para ele ou para mim mesma.

— Agora vamos entrar nesse café e comer. Estou morrendo de fome.

— Eu também, mas minha fome é outra. — seu olhar de malícia fala por si só.

— Então controle essa sua fome, seu safado. — sorrio.

— Impossível. Não quando eu tenho você tão perto. — puxa-me para um beijo.

O beijo de Henry é bom, muito bom... Mas... Mas, pela primeira vez, sinto que falta algo. Mesmo assim, deixo-me envolver e me entrego ao beijo.

— Eu preciso de você, Tina. — morde meu lábio. — Estou com tanta saudade da minha "menina". — beija meu pescoço, enquanto vai descendo a mão até o zíper do meu vestido.

— Henry, aqui não! — afasto-me, arrumando minha roupa e meu cabelo.

— Ok, mas hoje à noite você será toda minha. — me dá um selinho, abre a porta do carro, sai e, logo em seguida, abre a porta do passageiro para que eu saia.

Travis jamais faria isso.

Merda, por que eu estou comparando Henry à Travis? É mais do que óbvio que Henry é mil vezes melhor e mais educado.



— Então você é uma espécie de cupido.

— Exatamente, eu pensei que seria fácil, mas está sendo muito complicado encontrar "*A Mulher Perfeita*". — digo, tristemente.

— Eu acho que posso ajudá-la. Na verdade, eu conheço uma mulher que se enquadra em todas essas características citadas. — fala e eu não sei se me sinto feliz ou triste em saber disso.

— Conhece?

— Conheço e já tenho o plano perfeito. — sorri como se tivesse acabado de descobrir a cura para o câncer. — Um encontro duplo.

— Encontro duplo?

— Sim. Eu, você, seu chefe e Kiara.

— Kiara? Quem é Kiara?

Pareço uma idiota, fazendo milhares de perguntas sem anexo.

— Como quem é Kiara, Christina? Kiara é a futura namorada do seu chefe. — responde.
— Você ao menos prestou atenção em algo que eu disse?

— Hã? Claro... Claro que eu prestei. Você falou do quão *perfeita* Kiara é.

— Você está com ciúmes, Tina?

— Não... Eu... Você sabe que eu não sinto ciúmes.

— Que bom, porque ela é perfeita para seu chefe, não para mim. Eu prefiro as gordinhas desastradas que são um furacão na cama. — se inclina para colar seus lábios nos meus.

Henry consegue ser fofo até quando não tenta ser.

— Ok, agora me fale sobre esse tal encontro duplo e de onde você conhece essa Kiara.

Kiara... Oh nome ridículo.

Será que sou apenas eu que associo Kiara à Tiara?

— Kiara é minha prima, ela mora aqui em Nova Iorque e acabou de sair de um relacionamento.

Mal saiu de um relacionamento e já quer abrir as pernas para Travis. — Penso.

— Nós poderíamos sair hoje à noite para algum restaurante ou, se preferir, para alguma

boate. O que você acha? — pergunta com um sorriso no rosto.

— Eu acho perfeito. Irei falar com Travis e você fala com sua prima.

— Combinado.

Eu não sei por que, mas algo me diz que esse encontro duplo acabará em merda.



Despeço-me de Henry e entro no elevador, depois de seu discurso do quão se sente incomodado com o fato de eu morar em um apartamento com outro homem. Henry, apesar de não ser oficialmente meu namorado, é um tanto quanto possessivo. Talvez seja esse um dos motivos pelo qual nunca aceitei entrar em um relacionamento sério com ele: seu ciúme.

— Já ia chamar a polícia.

Quase morro do coração quando entro em casa e dou de cara com Travis.

— Não foi trabalhar hoje? — questiono, recuperando-me do susto.

— Não, fui visitar Alice no hospital.

— Como ela está? — pergunto, não por educação, mas porque sinto que essa mulher é uma boa pessoa.

— Ainda em coma. — responde com um semblante triste. — E você, onde estava? Já são quase 15h da tarde.

Pelo visto agora tenho alguém que controla meu horário de saída e chegada.

— Matando a saudade de um amigo querido. — respondo, caminhando para meu quarto, que já teve a porta arrumada.

— Amigo? Do tipo homem?

Outro susto.

Não esperava ser seguida por Travis, que entra em meu quarto como se fosse o dono do pedaço.

Privacidade que é bom, nada!

— Sim. Do tipo másculo, do tipo do pau grande, do tipo que fode bem...

— Acho que já entendi. — bufa, interrompendo-me.

— Ah, antes que eu esqueça, temos um encontro hoje. — comunico-lhe, como se tivesse acabado de lhe dá um bom dia.

— Nós? Você quer dizer eu e você?

É impressão minha ou um leve sorriso se formou em seu rosto?

— Quase isso. Eu quero dizer, eu e Henry, você e sua futura namorada. — sorrio, mas ele não devolve o sorriso.

— Futura namorada?

— Exato! Henry tem uma prima que se encaixa em todos os seus quesitos de *"mulher perfeita"*. Não se preocupe, você vai gostar dela. Ela é formada em gastronomia, loira, inteligente, corpo perfeito... Exatamente como você descreveu em sua lista. Algo me diz que hoje será seu dia de sorte.

— Quem é Henry?

Sério que de tudo o que eu acabei de falar, ele só ouviu isso? O que diabos está acontecendo com esse nome? Cadê a comemoração? Onde está a alegria? Ele finalmente irá desencalhar e fica me olhando com essa cara de defunto? Fala sério.

— Henry é meu pau amigo, mas você não precisa se preocupar com ele. Se preocupe apenas em conquistar Kiara. Nós iremos jantar em um restaurante italiano que fica próximo a uma boate, você deve conhecer. Agora, se me der licença, preciso tomar um banho e descansar. — peço e ele sai, sem falar mais nada.

Entro no banheiro, dispo-me e vou direto para o box. Ligo o chuveiro e deixo a água cair por todo o meu corpo, enquanto meus pensamentos se voltam para essa tal Kiara e Travis.

Será que ele vai gostar dela?

"Oh pergunta idiota, Christina. É óbvio que ele irá gostar dela. Ela tem tudo o que você não tem."

Por que estou fazendo esse tipo de comparação?

"Porque você queria está no lugar dela. Mas não perca seu tempo pensando nisso. Travis não gosta de mulheres como você. Ele prefere as Barbies Siliconadas."

— Argh!

Merda de subconsciente desgraçado. Eu não estou nem aí para Travis. Estou pouco me fodendo para com quem ele sai ou deixa de sair. A vida é dele e o péssimo gosto para escolher mulher também.



— Você... Você está linda. — Travis elogia-me assim que saio do quarto em um vestido vermelho decotado, um pouco acima do joelho, barra rodada, estilo anos 50 e que eu simplesmente amo. Ah, não vamos nos esquecer do meu salto 15 e da minha make de gata selvagem.

— Você também não está nada mal.

Esse meu *"nada mal"* é na verdade um: *"Filho da puta, se arrumou todo só para jantar com aquela vadia"*.

Travis está um verdadeiro pecado em um jeans escuro, uma camisa cinza, sua típica jaqueta preta e um coturno estilo motoqueiro que o deixa ainda mais fodível.

Merda, ele está muito gostoso.

Um fato que eu ainda não mencionei a vocês. Travis. Tem. A. Bunda. Mais. Gostosa. Que. Eu. Já. Vi.

— Espero que Kiara ache o mesmo. — comenta.

Pronto, foi só mencionar o nome dessa mulher para minha alegria evaporar.

— Ela teria que ser cega para não achar. — solto baixinho, sem pensar.

— O que você disse?

— Eu disse que vamos no atrasar se não formos logo.

— Tudo bem, Srta. Pontual, vamos lá então. — oferece-me o braço e eu aceito.

Respiro fundo e sinto seu perfume marcante.

Diabo de homem cheiroso!

— Minha mãe ligou hoje. — fala assim que entramos no elevador. — Ela gostaria que fôssemos a um jantar de caridade que ela está organizando. Será esse final de semana.

— Eu adoraria ir, mas acho melhor você... Você deveria convidar a Kiara.

— Mas eu nem a conheço ainda. Nós nem mesmo sabemos se dará certo.

— Travis ela se encaixa em todas as características que você exigiu.

— Talvez eu tenha mudado de opinião. — sussurra.

— Ah não, Travis! Você sabe o trabalho que deu encontrar uma mulher exatamente do jeito que você descreveu? — pergunto, sem paciência. — Claro que não, mas eu sei, e você não irá voltar atrás aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo. Quanto a seus pais, você pode inventar qualquer coisa. Diga que nos separamos depois de uma briga, que não estava mais dando certo, sei lá. A gente pode pensar em algo.

— Ok, você tem razão. — isso foi tudo o que falou, depois disso ficou mudo.

— Você não vai abrir a porta do carro para mim? — pergunto, quando ele entra na Lamborghini.

— Desculpa, mas eu não sou seu motorista. Você tem duas mãos, aposto que é capaz de abrir a porta de um carro sozinha.

Grosso!

Não disse?! Ele é tão diferente de Henry. Eu devia ter concordado quando Henry propôs vim me buscar para irmos juntos até o restaurante. No entanto, como eu e Travis moramos não mesmo apartamento, não vi necessidade.

— Acho bom o senhor melhorar esses seus modos se quiser conquistar Kiara. — digo, entrando no carro.

— Eu não me recordo de pedir sua opinião. — fala, grosseiramente, dando partida no automóvel.

— Olha aqui, meu querido, eu não sei o porquê de toda essa sua grosseria. Por isso, só vou dizer uma coisa: vá procurar quem te mordeu. — bufo, voltando minha atenção à janela do carro.

— Desculpa. — escuto ele murmurar o pedido assim que chegamos ao restaurante.

— Tudo bem, agora seja educado e abra a porta do carro para mim. — sorrio.

— Será uma honra, *madame*. — entra na brincadeira e faz o que peço.

— Obrigada, meu caro *Sr. Maddock*. — agradeço quando ele abre a porta e me estende sua mão.

É estranho, mas sinto todo o meu corpo aquecer com este simples toque.

— Tina! — Henry chama por mim e o observo caminhar em nossa direção, ao lado de uma loira de tirar o fôlego.

Alta, corpo de dar inveja, olhos azuis, cabelos loiros e lisos, branca como a neve e um sorriso de *miss universo*.

A desgraçada é linda.

— Tina? — Travis pergunta em um sussurro. Pelo seu tom de voz ele está quase sorrindo.

— Oh, Travis, cale a boca. — dou-lhe uma leve cotovelada.

— Boa noite! — falamos todos em uníssono quando nos encontramos.

— Estava com saudade. — Henry sussurra, arrancando-me dos braços de Travis para um beijo nada formal.

— Henry, acalme-se! — peço baixinho, morrendo de vergonha de olhar para Travis depois desse beijo. — Bem, esse é Travis Maddock, meu... Meu amigo. Travis, estes são Henry e sua prima Kiara. — faço as apresentações e espero todos realizarem os cumprimentos.

Travis cumprimenta Henry com um aperto de mão e Kiara com um abraço, seguido por dois beijinhos na bochecha. Notei ela ficar corada, o que só significa uma coisa: Kiara gostou de Travis.

Eu?!

Eu não sei se estou feliz com isso. Na verdade eu sei e a resposta é não. Eu não estou nada feliz com isso.

— Vamos entrar? — Henry faz o convite, depois que ele e Travis entregam as chaves dos carros a um funcionário do restaurante.

— Claro. — respondo.

— Kiara? — Travis chama por ela e oferece seu braço, igual fez comigo minutos atrás.

Eu não sei qual demônio me possui, mas a vontade que tenho é de arrancar ela dos braços de Travis.

— Tina, você está bem? — sou tirada de meus pensamentos demoníacos, por Henry.

— Sim, só estou com fome.

— Então irei alimentá-la. — sorri, guiando-me para dentro do restaurante.

Por carma do destino, me sento ao lado de Travis e de frente para Henry. Pelo menos eu não irei precisar ficar encarando aquele par de olhos azuis.

— Então, Kiara, Henry mencionou que você é formada em gastronomia. — puxo conversa, em uma tentativa de fazê-la parar de encarar Travis como se ele fosse o homem mais lindo de todo o universo.

Tudo bem, ele pode até ser um deus grego e muito mais gostoso que o Henry Cavill, mas ela também não precisa ficar secando o menino com os olhos. *Mal educada.* Será que ela nunca ouviu falar que é falta de educação ficar encarando as pessoas, igual uma psicopata?

— Oh, sim. Cozinhar sempre foi minha maior paixão, desde criança. — responde com sinceridade e isso me irrita.

— Eu também sou um grande fã da culinária. — Travis comenta e ela sorri.

Idiotas.

— Engraçado, até hoje não vi você fritando um ovo. — alfineto e Henry me olha sério.

— Boa noite! Já escolheram o que irão pedir? — salva pelo garçom.

Henry faz seu pedido, eu o meu, Kiara o dela e quando o garçom pergunta a Travis, sabe qual sua resposta?

— Você poderia escolher para mim, Kiara?

Fala sério. Eles se conhecem há pouco menos de vinte minutos e ela já está escolhendo a comida dele? Mais vinte minutos e ele estará tirando uma caixinha preta do bolso, se ajoelhando e a pedindo em noivado.

Babaca idiota!

Kiara abre um sorriso e faz o pedido. Travis elogia sua escolha e de repente me pergunto se a menina tem algum parentesco com o Coringa, seu sorriso vai de orelha a orelha.

Ridícula!

— Então você trabalha em um lar para idosos no seu tempo livre? — Travis pergunta depois de Kiara nos contar em como ela é boa em tudo.

Boazinha até demais para o meu gosto.

— Sim, neste final de semana será realizado um jantar beneficente para arrecadar fundos para o lar que abriga milhares de idosos carentes. — fala.

— Que coincidência, é minha mãe quem está organizando o jantar. — Travis fala.

— Minha nossa, agradeça sua mãe por mim. Aquele lar é muito importante.

Tentei capturar alguma falsidade em seu tom de voz, mas nada. Ao que parece Kiara é sim a perfeição em pessoa.

— Por que você mesma não agradece? Seria um prazer se me acompanhasse ao jantar.

O quê? Ele havia me convidado e agora estava me trocando por essa aí?

Mas foi você mesma que sugeriu a Travis que ele convidasse à senhorita perfeição para acompanhá-lo ao tal jantar.

Foda-se se eu disse para ele fazer isso. Ele não deveria ter feito e ponto final. E foda-se você também, consciência chata.

— Eu... Eu vou ao banheiro. — digo, me levantando rapidamente, sem esperar para ouvir o que eles iriam falar.

Entro no banheiro e, simplesmente, começo a gritar.

Capítulo 11 | Encontro duplo – Parte II

Travis

Eu gostaria muito de saber o que se passa na mente feminina. Durante um tempo, um longo tempo — para ser sincero — julguei ser conhecedor dos pensamentos maléficos que habitam a cabeça de uma mulher. Mas isso foi antes de conhecer o furacão chamado Christina. Por mais que eu tente, não consigo decifrá-la e isso está me deixando louco.

A mulher é uma arma de destruição em massa, capaz de explodir com um simples: *"Acho que essa roupa não ficou legal em você"*. Então por que não paro de pensar nela desde a nossa quase transa? Por que sonho com ela e acordo de pau duro? E olha que nem meu tipo ela faz... Ou fazia.

O fato é que agora estou sentado em um restaurante italiano, saboreando uma bela massa e um bom vinho, de frente para a mulher que, aparentemente, possui todas as características da mulher que procurei durante quase duas décadas. Porém, meu cérebro insiste em comparar tudo o que Kiara faz, ou fala, com a forma que Christina costuma agir. Por exemplo, Kiara é um pouco mais reservada, enquanto Christina fala aos quatro ventos. A risada de Kiara é bonita, mas não é contagiante igual à de Christina. Seu corpo é lindo, mas onde estão as curvas fartas, o bumbum redondo, os seios enormes, os quilinhos a mais? *Não! Kiara não chega aos pés de Christina.*

— Tina está demorando. — Henry comenta e quase reviro meus olhos.

Odeio esse cara!

O *motivo?! Oras*, será que vocês esqueceram o beijo que ele deu em Christina? Eu com certeza não. Juro, que me controlei para não arrancá-la de seus braços e mostrar a esse babaca o porquê fui faixa preta em caratê aos 14 anos.

O que será que Christina viu nesse cara loiro, alto, tatuado, de olhos bonitos e pinta de galã de cinema? Aposto que vocês também devem está fazendo a mesma pergunta. Tipo, eu sou mil vezes melhor do que esse galego. Concordam? Quem não concorda, não precisa nem se dar ao trabalho de responder.

— Calma, Henry. Só faz alguns minutos que ela saiu. — Kiara fala com um leve sorriso no rosto.

— Você e Christina se conhecem há muito tempo? — quando percebo a pergunta já foi feita.

— Dois anos. — responde, sorrindo igual idiota. — Nos conhecemos em um café e desde então estamos juntos.

— Engraçado, ela nunca me falou de você. — solto pra fora e noto o rosto de Henry ficar vermelho.

— Christina é bem reservada, não costuma falar de sua vida pessoal com estranhos. — ele fala "*estranhos*" como se estivesse proferindo a palavra "*lixo*".

— Tão reservada que aceitou morar com um "*estranho*". — devolvo e Kiara se engasga com a comida.

— Oh, mas isso será por pouco tempo. Christina irá morar comigo na Alemanha. Foi por esse motivo que retornei. — diz triunfante e meu sorriso morre.

Como é que é? Christina irá embora com esse imbecil? Só se fosse por cima do meu cadáver. Ele não irá levá-la nem para a esquina, quem dirá para outro país.

Espera! Será que ela já sabe disso, ou melhor, será que ela aceitou? E se o motivo deste meu encontro com Kiara for exatamente essa maldita viagem? Mas é óbvio, como não pensei nisso antes? Christina quer que eu me relacione com Kiara para cumprir sua parte em nosso acordo, se livrar de mim e ir morar com seu amado na Alemanha.

Como eu fui burro!

— Eu preciso fazer uma ligação. Com licença. — peço, retirando-me da mesa.

Christina terá que me explicar essa história direitinho.

Desgraçada traidora.

Paro em frente ao banheiro feminino e rezo para que ela esteja sozinha. Já imaginou se eu entro e dou de cara com um grupo de mulheres? Eu seria lixado em questões de segundos, ou pior, teria meu lindo corpinho molestado por algumas taradas.

Preparo-me para entrar e quando vou abrir a porta, eis que duas senhoras resolvem sair do banheiro. Elas me olham assustadas e eu faço minha melhor cara de inocente.

— O que foi? Será que um pobre gay não pode mais usar o banheiro feminino? — pergunto, em um falso tom de indignação. — Eu conheço meus direitos, *queridinhas*, fazer xixi

sentada é um deles. Agora parem de me olhar com essas caras de defuntas velhas e vão cuidar da vida de vocês, suas homofóbicas. Ah, esse batom está muito over em sua boca. Tenta algo mais vibrante, *querida*. Eu tenho um vermelho que é um es-cân-da-lo, ficaria perfeito em você. — falo para senhora mais jovem que aparenta ter, no máximo, 46 anos.

— Você acha? — pergunta.

— Querida, eu trabalhei durante anos como maquiadora. — respondo. — Eu sei de tudo. Agora, se me derem licença, eu realmente preciso usar o *toalete*. Tenham uma boa noite, *meninas*. Tchauzinho. — jogo um leve beijinho no ar e entro no antro de conspiração feminino.

É aqui onde tudo acontece. Onde as mulheres se reúnem para falarem da vida alheia, com aquela velha desculpa de: "*Vou ao banheiro, mas não demoro*". Esse "*não demoro*" é eufemismo, elas vão e se esquecem de voltar. Simples assim.

— TRAVIS?! — Christina grita, mas eu estou muito ocupado, analisando o banheiro, para me importar com seu gritinho de surpresa.

Sim, estou analisando um banheiro feminino como se estivesse diante a uma obra de arte.

Porra, eu sempre sonhei com esse dia. Acho que vou até chorar.

Acreditem, invadir o banheiro feminino é o sonho de todo garoto. Se bem que já sou um homem, mas quem liga para esse mero detalhe? O fato é que isso tudo é muito emocionante.

— Travis Edward Maddock, o que o senhor faz no banheiro feminino? — pergunta, mãos na cintura e no rosto a expressão de quem diz: "*você está encrencado*".

— Eu vim ver se você não tinha se atolado no vaso. — brinco, mas ela não rir. — Ok, não teve graça. Por isso vou direto ao ponto. Quando você iria me contar?

— Contar o quê? — pergunta com aquela cara de inocente.

— Oh, Christina, essa cara de anjinho não combina com você. Você sabe muito bem do que estou falando.

Ela está cometendo um grande equívoco se pensa que pode me fazer de idiota.

— Você só pode está louco, Travis. Eu não sei do que você está falando. — revira os olhos, tirando um batom de seu sutiã.

Quem guarda batom no sutiã?

— O que você andou bebendo? — indaga e logo em seguida leva o batom aos lábios, os

contornando de uma forma sexy.

Caralho! Seria muita loucura minha se eu dissesse que, durante um segundo, desejei ser aquele batom? Merda, eu acabo de sentir inveja de um batom. Isso está ficando estranho.

— Como sabe? Eu bebi um pouco de vinho, por sinal muito bom, você irá gostar de prová-lo... Espera! Isso não vem ao caso agora. Eu quero saber quando você iria me contar sobre sua viagem à Alemanha.

— Minha o quê? Você ficou louco? Vamos... — pega minha mão e começa a me guiar em direção à saída. — Vou levá-lo ao hospital.

— Hospital? Mas eu não estou doente.

— Travis, pare de ficar me questionando feito uma criança mal criada. — para de caminhar. — Olha, está mais do que óbvio que você precisa bater um eletro dessa sua cabeça oca. Mas não se preocupe, não irá doer. — tranquiliza-me.

— Não tem nada de errado com minha cabeça, Christina. E não fuja da minha pergunta.

— Que pergunta, idiota? Eu não estou me mudando para a Alemanha. Eu nem sei de onde você tirou essa ideia.

Então o babaca de Henry estava mentindo?

— Foi seu namoradinho quem disse.

Sou dedo duro mesmo.

— Qual? Henry?

Como assim qual? Eu não acredito que essa desgraçada tem mais de um imbecil em sua vida. E eu pensando ser o único. Quanta ilusão, quanta mentira. Ela quase tirou minha honra de homem puro, e para quê? Para depois jogar em minha cara que tem mais de um "namorado"?

Mulheres são todas iguais.

— Qual? Então você tem mais de um? — tento controlar minha raiva. — O porteiro do meu prédio também é um deles?

— E se for? A vida é minha e a boceta também. Eu abro as pernas para quem eu quiser. — responde com ar de superioridade e todo o meu sangue ferve.

— Isso é o que você pensa. — resmungo, antes de puxá-la para um beijo ardente e

necessitado.

Minha língua invade a boca de Christina e começa a dançar com a dela, em um ritmo descontrolado. Uma de minhas mãos segura sua nuca, enquanto a outra está passeando por todo aquele traseiro delicioso.

— *Gostosa.* — sussurro em sua boca. — Eu irei mostrar a quem essa *boceta* pertence. Não lhe restará nenhuma dúvida depois do que farei. — levanto-a do chão e a coloco sentada em cima de uma enorme pia de mármore. — Você quer? — beijo seu pescoço. — Você quer que eu te foda neste banheiro? — aperto seus seios. — Responda a minha pergunta, Christina. Você quer ser fodida, mesmo sabendo que podemos ser pegos no flagra há qualquer momento? — pergunto e ela assente. — Eu não ouvi sua resposta. — sorrio de lado.

— Sim! Sim! Sim! Ouviu agora ou quer que eu grite em um alto falante? — debochada como sempre.

— Isso tudo é pressa?

— Não, isso se chama: *não perder tempo.* — agora é ela quem devora minha boca. Christina parece tão faminta quanto eu, o que me excita ainda mais.

Deslizo minhas mãos até barra de seu vestido e puxo-o até a altura de sua cintura. Fico surpreso com o que encontro, ou melhor, com o que eu não encontro.

— Você está sem calcinha.

Sua boceta está totalmente exposta. Ela é tão linda: lisinha, rosada e, com certeza, apertada.

— Não vi necessidade em usar uma. — dá de ombros. — E você? Vai ficar só admirando minha "*menina*", ou irá comê-la? Ela está louca para conhecer esse seu "*garotão*". — sussurra provocativa.

— Então acho melhor fazermos as devidas apresentações. — começo a desabotoar minha calça.

É hoje senhor. Hoje eu irei tirar meu atraso. Mais de um mês sem transar.

— Christina?! — escuto a voz de Kiara e a xingo mentalmente.

— Era só o que me faltava agora. A Madre Tereza de Calcutá é na verdade uma grande empata foda. — Christina reclama e eu tenho vontade de rir.

— Acho melhor você sair antes que ela entre. — sugiro.

— Claro, afinal, você não quer que sua namoradinha o flagre com outra.

Minha o quê?

— Você sabe muito bem que ela não é minha namorada, Christina. Se não me falhe a memória, você foi a única a arrumar todo esse circo.

— Eu? Foi você quem a convidou para acompanhá-lo ao jantar de caridade que sua mãe está organizando. Foi você quem pediu para que ela escolhesse sua refeição. Foi você quem não parou de ficar olhando para ela. — comenta furiosa.

Ela fica tão linda quando está brava.

— Isso tudo é ciúmes? — sorrio de lado.

— Ciúmes? Por favor, Travis, eu não sou o tipo de mulher que perde tempo sentindo ciúmes. — ri alto.

— Então se eu quiser levar a Kiara para meu apartamento hoje à noite, tudo bem para você? — questiono, louco para descobrir qual será sua reação.

Eu estava torcendo para que ela dissesse "não". Para que gritasse e armasse o maior barraco. Mas isso não aconteceu.

— Por mim tudo bem. — dá de ombros. — De qualquer forma não irei passar a noite lá mesmo. — levanta-se e arruma o vestido.

— Como assim não irá passar a noite em casa?

— Não ficou óbvio, Travis? Eu irei dormir na casa do Henry, isto é, se ele me deixar dormir. Henry é um homem insaciável. — se abana, deixando-me a um passo de pular em seu pescoço e estrangulá-la.

Como ela tem a coragem de esfregar sua vida sexual com aquele loiro oxigenado em minha cara?

— É muito bom saber disso. Desta forma poderei fazer amor com Kiara em cada canto daquele apartamento, sem me preocupar em ser interrompido.

— Então com ela é fazer amor, mas comigo é foder?

Eu sabia que isso a deixaria brava.

— Kiara se dá ao valor, já você... — sou interrompido por um belo de um tapa na cara.

Isso está se tornando um péssimo hábito.

— Nunca mais insinue que eu sou uma puta. — olha-me com raiva, saindo logo em seguida.

É... Novamente eu ferrei com tudo.

— QUE MERDA! — grito em frustração.

Espero alguns minutos e retorno para a nossa mesa, onde encontro Christina dando risada de algo que o loiro agitado falou.

Eu já mencionei o quanto odeio esse cara?

— Está tudo bem, Travis? Aconteceu algum problema com a ligação? — Kiara pergunta.

— Ligação?

— Sim, a que você saiu para fazer.

— Ah, sim... A ligação. Não, está tudo bem. — sorrio e me sento ao lado de Christina, que parece está tentando evitar minha presença.

— Então, Henry, quando você volta para a Alemanha? — pergunto.

Espero que seja logo e que não volte nunca mais.

— Eu ainda não sei. — responde.

— E você Christina? Henry mencionou que irá morar com ele. — menciono como quem não quer nada e noto três pares de olhos sob mim: Kiara me olha normal, Henry com raiva e Christina parece querer me matar, o que não é novidade.

— Eu... Eu ia falar com você sobre isso depois do jantar, Christina. Na verdade eu tinha preparado tudo. — Henry começa a explicação. — Bem, como Travis estragou minha surpresa, — olha para mim como se eu tivesse acabado de cometer um crime. — terei que fazer o pedido aqui mesmo.

Pedido? Que pedido?

— Tina, nos conhecemos há dois anos, eu diria que os dois melhores anos de minha vida. Você me conquistou com esse seu jeito de "menina mulher", com esse seu riso fácil e sua generosidade.

Droga ele irá pedi-la em namoro, ou pior, em casamento.

Não, isso não pode está acontecendo.

— Durante a última semana que passei na Alemanha, longe de você, pude perceber algo... Algo que eu já deveria ter feito há muito tempo. — o idiota levanta, se ajoelha e eu saio.

Sim, eu simplesmente saio. Eu não sei o que deu em mim, mas eu não podia continuar ali. Não quando minha Christina estava sendo pedida em casamento por outro homem. Alguém não tão bonito quanto eu, mas muito melhor.

Assim que saio do restaurante peço para que um dos funcionários traga meu carro, espero e vou embora.

Penso em afogar minhas mágoas em um bar, uma vez que não posso correr para desabafar com meu melhor amigo — que está atolado em problemas — nem chorar no colo de minha mãe, que descobriria que meu namoro com Christina não passou de uma farsa.

É, acho que estou fodido.

Por fim, decido que o melhor que posso fazer é ir para casa, abrir minha garrafa de *Jack Daniel's* e sofrer como um homem grande.

E daí se Christina irá casar e se mudar para a Alemanha? Quem é que liga? E daí se ela será a mãe dos filhos daquele loiro azedo?

Porra, ela será a mãe dos filhos dele. Não dos meus, mas dos dele.

Termino meu quinto copo e ainda não fui capaz tirar aquela desgraçada da minha cabeça. Aposto que, neste exato momento, eles devem está comemorando o noivado ou, até mesmo, dando início a fabricação dos bebês.

Já consigo visualizar Christina ao lado do Henry pai e Henry Jr.

Depois dessa imagem tomo mais dois copos de *Jack* e apago.



Eu estou morrendo, consigo sentir a morte se aproximando e ela tem o doce aroma de morangos. O mesmo aroma de Christina.

— Christina? — indago, surpreso, assim que consigo abrir meus olhos.

— Sim, sou eu. — sorri, passando suas delicadas mãos por entre meu cabelo.

— O que você está fazendo aqui? — questiono.

— Como o que eu estou fazendo aqui? Eu moro aqui, Travis.

— Mas e o Henry? Vocês estão noivos... Eu... Você não irá morar com ele?

— Você quer que eu vá morar com ele? — sussurra.

— Se eu disser que não, você fica? — não consigo esconder a esperança em minha voz.

— Talvez. — sorri. — Não custa nada tentar.

— Não, eu não posso fazer isso. Eu não posso te pedir para ficar só porque a ideia de você ir embora me machuca por dentro. Eu não posso te pedir para ficar quando você quer ir, quando Henry é o cara certo para você. Eu não... — sou interrompido por um beijo de tirar o fôlego. — Christina, nós não podemos fazer isso. Você está noiva. — tento me afastar.

— Eu não estou noiva, Travis. Você está vendo algum anel em meu dedo? — ergue a mão direita.

— Não? Quero dizer, não. Não há anel algum!

— Não, não há. Agora será que você poderia voltar a me beijar?

— Mas...

— Shhh! — coloca um dedo sob meus lábios. — Eu prometo que explico tudo depois, não quero falar sobre isso agora, prefiro fazer outra coisa. — morde o lábio inferior.

— Outra coisa?

— Sim, algo muito mais prazeroso. — senta-se em meu colo e meu "amigo" desperta. — O que você acha? — beija meu pescoço.

— Eu acho... A ideia... É boa... Muito boa... A ideia...

Pareço um idiota falando, mal consigo formular uma frase. Se bem que fica difícil raciocinar com um mulherão desses colada em meu corpo.

— Você gostará da ideia ainda mais. — tira o vestido, ficando totalmente nua, uma vez que está sem lingerie.

Eu não sei ao certo quanto tempo fiquei ali parado de boca aberta, admirando o copo e as curvas de Christina, mas pela sua expressão de impaciência, deve ter sido um longo tempo. Depois te tanto admirá-la caio de boca em seus seios.

Por que eles têm que ser tão perfeitos?

Eu poderia brincar com eles a noite toda e não enjoaria.

— Por favor, Travis. — pede, rebolando em meu colo.

— Por favor o quê?

— Eu quero senti-lo dentro de mim e tem que ser logo.

Impaciente!

— Eita, que menina mais apressada essa minha. — brinco. — Você quer me cavalgar? — pergunto e ela assente com um olhar safado. — Então ele é todo e exclusivamente seu. — sorrio de lado.

Christina rapidamente pula de meu colo, se ajoelha, tira minha calça, coturnos e meias, enquanto eu me livro de minha camisa.

— Você está sem cueca.

— Não vi necessidade de usar uma. — respondo, lembrando-me de suas palavras no banheiro do restaurante.

— Ele... Ele é grande. — aponta para meu pau, como se ele fosse uma *cobra sucuri*.

— Eu disse que era, mas não precisa ter medo. Só não posso prometer que ele será um bom *menino* com sua *menina*. — brinco. — Vem. — peço e ela volta a se posicionar em meu colo.

Noto que está um pouco apreensiva.

— Você não precisa fazer isso se não quiser. — tento tranquilizá-la.

— Eu... Eu quero, Travis. — beija meus lábios. — Quero muito.

E isso era tudo o que eu precisava ouvir para fazer de Christina minha.

Penetro-a com cuidado e sinto algo diferente. É como se, de repente, eu tivesse encontrado o que procurei durante anos.

Acho que acabo de encontrar a *perfeição*.

Capítulo 12 - Bebezão

Christina

Abro meus olhos lentamente, viro-me para o lado oposto da cama e dou de cara com um Travis calmo, dormindo feito um anjo. É aí que noto minha nudez e lembro-me da noite maravilhosa que tivemos. Fizemos sexo quatro vezes: uma no sofá, uma no chão da sala e duas na cama dele.

Travis mostrou-se um verdadeiro Tarzan na cama, proporcionando-me o melhor sexo de minha vida. O homem sabe como usar o pau, a língua, a boca e todo o resto do corpo. Fico molhada só de pensar em suas habilidades.

— Bom dia! — levo um susto ao ouvir a voz de Travis, que me olha sorrindo.

Sou pega no flagra admirando sua beleza.

— Bom dia. — dou-lhe um sorriso apreensivo.

— Acho que nós precisamos conversar.

Agora é a parte em que ele me dá o fora e me manda pastar, visto que não sou perfeita o suficiente para ele.

— Não se preocupe, Travis. Eu irei embora ainda hoje. — tento levantar-me da cama, mas sou impedida por ele, que me puxa para si.

— Ir embora? Como assim? Você não está me dando um pé na bunda, Srta. Wyatt! Não depois de fazermos amor.

Fazermos amor.

Sorrio com a menção não do nome, mas do significado de tais palavras.

— Espera! Por favor, não me diga que você está arrependida e quer voltar para os braços daquele loiro oxigenado. Porque se for isso, terei que raptá-la e levá-la para uma ilha deserta, onde ninguém poderá nos encontrar.

Controlo-me para não dar risada. Travis tem cada ideia maluca.

— Eu não me arrependi, Travis.

— Então porque raios você quer ir embora, mulher?

— Porque achei que era o que você queria. — confesso. — Eu sei que não faço o seu tipo.

— Quem te disse isso?

— Você. — respondo, deixando-o envergonhado.

— Oh, gostosa, esqueça o que eu disse. — beija o topo de minha cabeça, apertando-me ainda mais contra seu corpo.

— Mas eu não sei cozinhar, não gosto de TWD, sou espaçosa, irritante, me estresso facilmente, não curto vídeo game, sou uma bomba nuclear quando estou de TPM...

— Então você é perfeita para mim. — beija meus lábios, carinhosamente. — Eu não ligo para o fato de você não saber usar um fogão, não ligo para o seu péssimo gosto em escolher séries de TV, não ligo se suas calcinhas ficarem espalhadas pela sala, não ligo se fizer de mim seu saco de pancadas durante sua TPM, não ligo para nada disso, deste que eu tenha você ao meu lado. — termina de falar e pergunto-me se esse é o mesmo Travis que conheci há menos de uma semana. — Será que você poderia falar alguma coisa? Eu acabei de fazer uma declaração de amor, mulher.

— Eu... Eu amei sua declaração de amor. Gostei tanto que você ganhará uma recompensa. — digo, maliciosamente, já me preparando para mais uma rodada de sexo.



— Então nunca mais irei precisar ver a cara daquele loiro azedo? — Travis pergunta, depois que termino de narrar o fora que dei em Henry.

Nem em um milhão de anos poderia imaginar que Henry fosse me pedir em casamento. Nós nunca sequer chegamos à fase namoro e do nada sou surpreendida por seu pedido. Tenho que admitir, a forma como ele me pediu em casamento foi fofa, qualquer mulher em meu lugar diria sim. Porém, enquanto ele derramava seu amor por mim, a única coisa que vinha em minha cabeça era um lindo par de olhos azuis, um sorriso safado e um certo *gatinho* que me tira do sério. Naquele momento eu soube que não poderia continuar com aquilo. Não podia dar falsas esperanças a Henry, que sempre foi tão bom comigo. É óbvio que dizer não a ele foi duro, em momento algum tive a intenção de magoá-lo, mas foi preciso. Espero que algum dia ele possa me perdoar, não quero perder sua amizade.

— Travis, eu não irei deixar de ser amiga do Henry. — esclareço e ele me olha como se eu tivesse duas cabeças.

— O quê? Minha bunda que você continuará se encontrando com aquele imbecil. — rosna autoritário, voltando sua atenção para o fogão.

Travis está sexy, desfilando pela cozinha só de cueca, enquanto tenta preparar nosso café da manhã.

Eita homem gostoso!

— Sinto muito em lhe decepcionar, mas você não é meu dono, *gatinho*.

— Mas sou seu namorado, o que faz de você minha namorada. — solta as palavras para fora, quase me fazendo cair do banquinho em que estou sentada.

— Sua o quê? — pergunto.

Acho que não ouvi direito.

— Na-mo-ra-da ou, se preferir, futura *Sra. Maddock*. — sorri, como se tudo aquilo fosse muito simples.

Namorada? Futura Sra. Maddock?

Travis só pode ter batido com a cabeça.

— Eu não lembro de ter sido pedida em namoro.

— E precisa? — questiona. — Nós transamos sete vezes em menos de doze horas. — menciona, como se sentisse orgulho do fato.

Nossa, como Travis é romântico.

— Ok. Tudo bem. — aproxima-se de mim. — Christina Kathryn Wyatt, você aceita namorar comigo?

— Não. — respondo, levantando-me e indo em direção à sala de estar. Travis vem logo atrás.

— Você acabou de recusar meu pedido de namoro? — pergunta, perplexo.

— Sim. — respondo, sentando-me no sofá e ligando a TV.

— Você só pode está brincando comigo. — passa a mão no cabelo, que já está

bagunçado. — Você... Como você tem a coragem de usar meu corpinho, me desonrar e logo em seguida me dá um toco? Você... Será que você não tem coração? Eu não acredito que está dispensando tudo isso. — aponta para seu corpo escultural.

Meu Deus, como Travis é exagerado.

— Desonrar? Sério? Travis, se duvidar você é mais rodado que porta giratória. — não consigo controlar meu riso.

— Então, além de destruir meu pobre coração, — leva uma mão ao peito. — você também está insinuando que sou um prostituto de carteirinha? — indaga, claramente ofendido.

— Travis, menos. Agora venha aqui. — faço sinal para que ele se sente ao meu lado.

— Não, sua malvada. Você me magoou muito. — faz beicinho e cruza os braços.

Eita criança!

— Tem certeza? — desabotoo os primeiros botões da camisa que estou vestida, camisa essa que é dele.

— Você precisa fazer muito mais que isso para que eu esqueça as barbaridades que me falou. — diz, convicto, mas sei que está quase se entregando. Posso ver em seu olhar, na forma como cobiça meu corpo.

— É uma pena, eu estou tão molhada. — passo um dedo sob minha vagina e levo-o a minha boca. — Uhm!

— Isso é jogo sujo. — em um movimento rápido Travis está ajoelhado, com a cabeça entre minhas pernas.

— Isso, *gatinho*. — rebolo contra seu rosto, enquanto ele me segura pelos quadris. — Ahhhhh, Travis. — gemo, sem nenhum pudor, agarrando seus cabelos para que ele aprofunde o contato entre sua língua e meu sexo.

— Rebola, minha *gostosa*. — instrui. — Você é tão doce. — lambe com vontade. — Doce como o último episódio da sétima temporada de The Walking Dead.

Senhor, só Travis para fazer esse tipo de comparação.

— AHHHH, TRAVIS! — grito quando ele insere dois dedos dentro de minha boceta e começa a bombear. — MAIS FORTE! — grito ainda mais alto. — FORTE E RÁPIDO! — peço e ele faz exatamente o que eu digo. Em questões de minutos sinto meu corpo explodir em um mar de

prazer. — Uau! — exclamo, enquanto tento recuperar meu fôlego. — Eu... Eu aceito.

— Aceita o quê? — indaga, o rosto todo lambuzado.

— Ser sua namorada. Eu aceito. — inclino-me para lhe dá um breve selinho.

— Espera! — levanta-se. — O que te fez mudar de ideia?

— Sua língua. Agradeça a ela. — digo na maior cara de pau.

— Eu não acredito que você só aceitou namorar comigo por causa da minha língua mágica.
— parece revoltado.

— Oh, *gatinho*, aceite que doe menos. — beijo o canto de sua boca. — Ah, você acaba de queimar nosso café da manhã. — informo, sentindo o cheiro de comida queimada.

— Droga! Eu esqueci! — corre para cozinha e eu dou risada de seu desespero.

A campainha toca, fazendo-me pular do sofá e abotoar a camisa. Vou até a porta e fico me perguntando quem é. Abro-a e... Meu Deus! Que homem é esse?

Alto, pinta de modelo, corpo perfeito, cabelos e olhos castanhos, sorriso Colgate e um olhar triste.

— Uau. — solto sem pensar.

— Oi, será que eu poderia falar com o Travis? — pergunta de forma simpática.

— Oh, você... Você pode fazer o que quiser. — o homem é tão lindo que fico sem palavras.

Dou passagem e ele adentra o apartamento.

— TRAVIS, TEM UM ANJO QUERENDO FALAR COM VOCÊ! — grito, arrancando um sorriso do tal anjo.

— Anjo? Que história é essa... — Travis entra na sala e para de falar, mas isso dura apenas alguns segundos. — Merda, Christina! Eu não acredito que você acaba de flertar com o idiota do meu melhor amigo.

Oh, então esse é Matteo, o cara que está com a esposa no hospital. Isso explica o olhar triste.

— E você? Será que dá para parar de olhar para minha mulher? — Travis pergunta e Matteo apenas ergue as mãos para cima, como se não estivesse fazendo nada.

— Eu não estou olhando para sua mulher, idiota. — revira os olhos.

Até revirando os olhos ele é bonito.

— Eu vim aqui porque preciso falar com você, mas antes eu gostaria que vestisse alguma roupa e lavasse o rosto. Ele... Ele está um pouco lambuzado. — comenta de forma divertida, deixando tanto eu quanto Travis constrangidos.

— Eu... Eu volto em um minuto. E você vem comigo. — guia-me até seu quarto. — Que porra é essa de ficar babando pelo meu melhor amigo em minha frente?

Onwt... Ele está com ciúmes.

— Ele é bonito. — digo, só para atizar.

— E você ainda confirma com a maior cara lisa. — tira a cueca e segue para o banheiro, chateado com minha brincadeira.

Penso em segui-lo, mas ao invés disso vou para o banheiro que fica em meu quarto, tomo uma ducha e visto uma roupa. Como Travis e seu amigo, provavelmente, estão no meio de uma conversa, decido permanecer no quarto para não atrapalhar nada.

Depois de uma hora resolvo sair, afinal, estou morrendo de fome.

— Oh, desculpa, eu pensei que já tivessem terminado. — desculpo-me quando noto que os dois ainda estão na sala, ambos com uma expressão séria.

— Não se preocupe, Christina, nós já terminamos.

Como ele sabe meu nome?

Oh pergunta idiota. É obvio que Travis mencionou quem eu sou.

— Bem, eu preciso voltar para o hospital. — olha para o relógio em seu pulso. — Obrigado, Travis. — levanta, abraça o amigo, se despende de mim com um beijo no rosto e vai embora.

— Estou com fome.

— Então coma. — fala, ríspido, o que significa que ainda está chateado.

— Eu não acredito que vai ficar de birra por causa de uma besteira.

— Você flertou descaradamente com meu melhor amigo e ainda teve a ousadia de admitir em minha cara que ele é bonito. Isso não é besteira.

Oh homem ciumento!

— Então você queria que eu tivesse mentido e dissesse que ele é feio?

— Viu?! Você acaba de elogiá-lo de novo.

Não sei se choro ou dou risada.

— Mas ele é bonito, muito bonito. — faço uma pausa. — Só não mais lindo que você.

— Mentirosa! — faz carinha de zangado.

— Travis, não precisa ter medo da concorrência. Eu só tenho olhos para um certo *gatinho* de olhos azuis. — abraço sua cintura. — Me desculpa, bebê. — mordo o seu queixo. — Eu só estava brincando com você. — cheiro seu pescoço. — Ele nem faz meu tipo.

— É mesmo? E qual é o seu tipo?

— Me deixa pensar... Acho que um loiro azedo dos olhos claros. — brinco, mas Travis não acha graça e fecha a cara. — Calma aí, garanhão, estou brincando.

— Hahahaha... Que brincadeira mais divertida. — ironiza.

— Ok, parei de brincar. — rendo-me. — Agora, falando sério, meu tipo é um lindo *gatinho*, ciumento, gostoso e muito bom de cama, mesmo sendo um bebezão na maioria das vezes.

— Eu não sou um bebezão. — faz biquinho.

— É sim. Você é um bebezão lindo. O meu bebezão. — colo minha boca na dele e logo sinto seu corpo relaxar.

Fecho meus olhos e não sinto borboletas no estômago, sinto uma verdadeira escola de samba. É estranho, eu sei, nunca senti isso antes. Mas toda vez que Travis me toma em seus braços essa sensação me preenche. É uma sensação tão boa que rezo baixinho para que nunca tenha fim.



— Vou precisar sair. — Travis anuncia, procurando as chaves do carro. — Droga, onde estão as merdas das chaves?

— Estão na sua mão direita. — respondo.

O que será que aconteceu com esse homem?

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupada.

— Aconteceu, mas eu não posso falar agora, gostosa. Eu preciso ir para o hospital.

Hospital? Como assim?

— Espera! — levanto-me do sofá e caminho em sua direção. — Aconteceu alguma coisa com a sua mãe?

— Não, gostosa, minha mãe está bem. Olha, eu não posso falar agora. Eu realmente preciso ir.

— Ótimo, então eu vou com você. — não espero por uma resposta, vou logo abrindo a porta e saindo. — Você vem ou não? — pergunto e ele começa a andar.

— Tem certeza de que quer ir comigo? — faz a pergunta ao entrarmos no elevador.

— Absoluta. A não ser que você queira que eu fique? Tá com vergonha de ser visto com a gorda?

— Claro que não, Christina! Pare de falar besteira! — repreende-me, como se eu tivesse acabado de proferir um grande absurdo. — Se eu tivesse vergonha de você não a teria pedido em namoro.

— Desculpa, você tem razão. — falo, envergonhada.

— Tudo bem, eu só não quero que fique pensando esse tipo de merda. — me abraça.

— Sinto muito. É... É só que...

— É só que eu sou um filho da mãe sortudo por ter você como namorada. — beija meus lábios e eu me derreto toda.

Travis e eu somos tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidos. No fim, acho que podemos ser perfeitos um para o outro. É claro que essa história de namoro é um pouco nova para mim, mas que se dane, eu topo me arriscar.

Acabo de apostar todas as minhas fichas nesse relacionamento e estou torcendo para que eu não caia do cavalo e acabe quebrando a cara e o coração.

Capítulo 13 | Insegurança

Travis

Dirijo pelas ruas de Nova Iorque, ainda sem acreditar na ligação que recebi minutos atrás.

Alice havia finalmente acordado.

Matteo me ligou entre lágrimas e sorrisos, disse apenas que sua esposa tinha saído do coma e, logo em seguida, desligou o telefone em minha cara.

Bastardo mal educado.

— Será que você poderia me falar agora o porquê de estarmos indo ao hospital? — Christina pergunta e só então me dou conta de que ela ainda não sabe o motivo.

Fiquei tão eufórico com a notícia que acabei esquecendo de esclarecer os fatos a ela.

— Alice acordou.

— Sério? Que notícia maravilhosa, Travis! — sorri sincera. — Matteo, seu amigo, parece amar muito a esposa. — sussurra.

— Sim, ele a ama. Mesmo tendo cometido algumas burradas.

— Burradas? — sua curiosidade se faz presente. — Que tipo de burradas?

— Do tipo que devem ser esquecidas. O importante é que tudo já passou e eles estão bem.

— Eles tem uma filha, certo? — confirmo com a cabeça.

— Sophie é o nome dela. Mas por que essa curiosidade repentina sobre a vida do Matteo? Oh meu Deus, Christina! Você está gostando do meu melhor amigo, é isso? — pergunto apreensivo, mas tudo que ela faz é gargalhar alto. — E você ainda rir?

— Claro. Quem não daria risada dos absurdos que você fala? — continua sorrindo. — Travis, eu não estou interessada em seu amigo.

— Então por que todas essas perguntas? — fecho a cara.

— Porque ele é seu melhor amigo. Porque estamos namorado e eu gostaria de conhecer um pouco mais as pessoas que fazem parte de sua vida. Porque tudo que eu sei sobre você é que

possui pais maravilhosos e busca a mulher perfeita. Porque eu fui uma idiota em ter aceito seu pedido de namoro. — sorri sarcasticamente. — Tá bom ou quer mais? — bufa, virando a cara para o lado oposto, passando a encara a janela do passageiro.

— Desculpa. — sussurro. — Mas você está errada.

— Errada?

— Sim, eu não estou procurando "*A Mulher Perfeita*". — entro no estacionamento do hospital e estaciono o carro na primeira vaga que encontro.

— Não? — volta a me encarar.

— Não. Eu a encontrei há um par de dias, em um bar nova-iorquino, enquanto eu enchia a cara até ficar bêbado. — noto seus olhos brilharem.

— Aposto que essa mulher é muito gostosa. — brinca, um sorriso divertido nos lábios.

— Como você sabe? — finjo surpresa, entrando na brincadeira. — Ela é realmente muito gostosa. Minha gostosa. — sussurro.

Liberto-me do cinto de segurança e ataco sua boca, em um beijo lento e demorado.

— Sinto muito por ser um idiota ciumento. — a desculpa sai entre beijos e amassos.

— Eu acho que posso perdoá-lo. — faz uma pausa, aproximando sua boca até um de meus ouvidos. — Mas terá que usar sua língua para me convencer de que merece meu perdão. — sussurra as palavras em um tom provocante, deixando-me de cacete duro.

Ah desgraçada!

— Não seja por isso. Posso convencê-la agora mesmo. — massageio sua coxa esquerda.

Tão macia!

— Por mais que sua proposta seja tentadora e muito excitante, acho melhor entrarmos. — me dá um selinho rápido e logo pula para fora do carro.

Bufo em frustração, também saindo do automóvel. Faço a volta e entrelaço minha mão na dela.

— Vamos? — pergunto ao notar sua insegurança.

Insegurança...

Eu nunca imaginei que Christina Wyatt, a louca sem papas na língua, fosse insegura. No entanto, aos poucos, percebo que por trás de toda essa pose de mulher poderosa existe alguém frágil, que já sofreu muito na vida. Alguém que se esconde atrás de uma *"máscara"*, em uma tentativa de sentir-se mais forte. Em uma tentativa de fugir de seus próprios medos.

Sinto meu coração apertar ao imaginar minha gostosa sofrendo.

— Eu... Eu Acho melhor você entrar sozinho. Na verdade... Eu... Eu tenho algo para resolver. — pronuncia as palavras sem olhar em meus olhos.

Sei que ela está mentindo.

— E o que seria isso? — questiono. — Uma tentativa de fugir de sua insegurança?

— Eu... Eu não sou insegura, Travis. — sorri amarelo, como se minha pergunta tivesse sido uma piada.

— Então porque não quer entrar?

— Porque não! — responde um pouco alterada. — Olha, eu já disse que tenho um assunto para resolver. — fala, agora mais calma.

— Então eu vou com você assim que saímos do hospital.

— Não. — apressa-se em recusar a oferta. — Eu prefiro ir sozinha.

— Christina, olhe para mim. — peço. — Você não precisa ter medo.

— Medo? Eu não estou com medo.

— Está sim. Você está com medo do que as pessoas irão falar ao vê-la comigo. — acaricio seu rosto. — No entanto, não precisa temer nada disso, sabe por quê? — pergunto, mas não espero por uma resposta. — Porque você é linda e incrivelmente sexy.

— Eu... Obrigada, Travis. — sorri, fazendo-me sentir o cara mais especial do mundo porque sei que fui eu quem colocou esse sorriso em seu rosto.

— Não me agradeça, gostosa, eu só falei a verdade. — sorrio de lado. — Agora vamos, antes que eu volte para aquele carro e a foda sem sentido. — pisco e Christina me acerta com um leve tapinha no ombro.

— Será que você só pensa nisso?

— Nisso o quê? Sexo? — ela assente que sim. — Não, gostosa, eu também penso em seu

corpo nu sob o meu, enquanto grita meu nome e declara o quão sou maravilhoso na cama, no carro, no chão do quarto, na ilha da cozinha, no banheiro... — Christina coloca uma mão sob minha boca para que eu pare de falar.

— Ok, eu acho que já entendi o quão tarado meu namorado é. — sorrio e, finalmente, entramos no hospital.

A guio até recepção, onde dou de cara com Matteo, Dean e as duas crianças mais fofas que já vi: Sophie e Ethan. É claro que só continuarão sendo as mais fofas até que eu tenha meus próprios filhos.

— Até que enfim você chegou, preciso que fique com Sophie e Ethan para que eu e Dean possamos obter um pouco de comida. — essa é a primeira coisa que sai da boca de Matteo. — Ah! Oi, Christina. — cumprimenta-a, como se eu não existisse.

— Oi para você também. Ah, e eu estou bem, obrigada por pergunta. — falo, ironicamente.

— Tio, *Tlav*. — Sophie grita, se atirando em meus braços.

— Hey, *princesa*, cadê o meu beijo? — pergunto, ganhando um beijo estalado em minha bochecha esquerda. — O melhor beijo do mundo.

— Quem é *echa*? — Sophie sussurra em meu ouvido, um pouco envergonhada.

— Essa é a tia Christina, namorada do tio Travis. — respondo com orgulho.

— Ela parece uma *plincesa*. — sorrio de seu comentário.

Sim, Christina é uma princesa. A minha princesa gostosa. Muito gostosa!

— Bem, nós não iremos demorar, Travis. — Matteo fala, mas peço para que ele não se preocupe e leve o tempo que precisar.

Quem está comigo, está com Deus!

— Ah, fique de olho nesse moleque. Não quero ele com gracinha pra cima da minha menininha. — essa última frase é sussurrada baixinho, para que apenas eu escute.

Olho para Ethan, que brinca com um carrinho, e me pergunto do que raios meu amigo está falando. O menino parece um anjo.

— Mas ele... — tento questionar.

— Só faça o que eu estou pedindo. — interrompe-me antes de sair acompanhado por

Dean.

— Vocês estão brincando de quê? — Christina pergunta.

— De *cachinha*, o Ethan é meu *malido*. — Sophie responde.

Agora entendo o motivo da preocupação de Matteo.

— Nossa que legal! — Christina exclama animada.

— Voxê quer *blincá*?

— Eu... Eu não sei como brincar de casinha. — confessa envergonhada.

Ouvir a resposta de Christina fez meu coração se partir em dois. Minha *gostosa* possui feridas que nem o tempo foi capaz de apagar. Isso me faz sofrer.

— A gente *enchina*. — Sophie puxa Christina em direção à alguns brinquedos. — Vem tio *Tlav*, voxê vai ser o *malido* da tia *Clis*.

Dessa parte eu gostei.

A brincadeira começa e em poucos minutos vi um lado de Christina que, talvez, nem ela soubesse que existia: o lado criança. Enquanto ela brinca com Sophie e Ethan, seus olhos se iluminam, é como se ela tivesse cinco anos de idade novamente. *Eu?!* Eu fico admirando a cena, como um bobo apaixonado.

Sim, vocês leram corretamente!

Apixonado!

Eu sei que a conheço há pouco tempo e que queria matá-la no início. Entretanto, isso foi antes de cair de quatro por essa louca. Christina não é a mulher com quem sempre sonhei, mas é perfeita para mim.

— Tio *Tlav*, quando eu vou *podé* ver a minha mamãe? — Sophie pergunta.

— Depois que o feioso do seu papai chegar. — respondo.

— O papai não é feio, tio *Tlav*. — sempre defendendo o babaca de seu pai. — Me leva *plá* ver a mamãe, tia *Clis*. — pede.

— Eu, eu não sei se... — Christina começa a falar, mas eu a interrompo.

— Pode ir, amor. — falo e ela arregala os olhos.

— Você me chamou de quê? — pergunta estática.

— Amor. Por quê? Você não gostou?

Droga, eu devo está apressando as coisas.

— Não é isso. Eu... Eu gostei, Travis. — sorri.

— Que bom porque, gostando ou não, eu continuarei lhe chamando assim para o resto da vida.

Por mais que minha vontade seja a de devorar os lábios de minha namorada, dou-lhe apenas um leve selinho, visto que o ambiente e o público de pirralhos aqui presente tornaria a cena inapropriada.

— Vamos, tia *Clis*. Eu quero vê minha mamãe.

Eita Sophie empata selinhos!

— Ok, princesa, vamos lá. — Christina pega Sophie no colo e começa a andar, até lembrar de que não sabe onde fica o quarto de Alice. — Amor, onde fica o quarto?

Amor!

Ela me chamou de amor e eu adorei.

— Segundo corredor à direita, quarto 13. — respondo. — Ah, não se esqueça de dar um beijo em seu irmãozinho, Sophie.

As duas saem e eu passo a encarar Ethan que agora está muito entretido com seu boneco do Capitão América.

— Então, Ethan, quantos anos você tem? — pergunto, sentando-me ao seu lado.

— Quatro. — responde.

— Quatro anos. — analiso. — Muito velho para namorar uma menina de dois anos, não acha? — pergunto e ele me olha sem entender nada. — Oh, não me olhe com essa cara de anjinho. Eu vi a forma como você olha para a Sophie, uma garotinha inocente e pura. — faço cara de sério e o moleque se assusta um pouco.

— Sophie é minha amiga. — fala.

— Não minta para mim, garoto. Eu sei que você quer dividir seu pirulito com a minha afilhada.

— Eu... Eu gosto de Sophie.

— Não disse?! É claro que gosta, mas ela é muito nova para você, meu caro Ethan. Você deveria procurar meninas da sua idade.

— Tia Chris parece ser mais nova que você. — devolve e eu fico mudo por alguns segundos.

— Isso... Bem... Isso é diferente. — me enrolo com as palavras.

— Não é não. — rebate. — Vou me casar com Sophie quando ela crescer. — diz orgulhoso.

Moleque atrevido!

— Matteo sabe disso?

— Eu irei me casar com ela, não com ele.

Ethan 01 x 00 Travis

Penso em alertá-lo sobre o que pode acontecer ao seu *piu-piu* caso ele venha a insistir com essa história, mas fico calado. Não porque sou bonzinho, mas porque Matteo e Dean aparecem carregando algumas sacolas com comida.

— Se divertindo, filho? — Dean pergunta para Ethan.

— Sim, estava conversando com o tio Travis. Ele me disse que eu e Sophie fazemos um belo casal. — fala e eu quase engasgo.

Oh moleque mentiroso!

— Eu... Eu... — tento falar, mas Matteo me interrompe.

— Vamos! Ajude-me a levar essas sacolas com comida para o quarto de Alice. — Matteo fala em um tom autoritário e Dean me passa as sacolas. — Que história é essa de dizer que minha filha faz um belo casal com aquele pirralho? — pergunta, assim que nos afastamos.

— Aquele moleque mente! Eu não disse aquilo. Eu nem acho mais que ele parece um anjinho. — defendo-me.

— Acho bom está falando a verdade, ou irei arrumar namorados para cada uma das três

filhas que você tiver.

Tenho medo de sua ameaça.

— Também não precisa jogar praga.

Desejar-me três filhas é o mesmo que querer que eu morar de um ataque cardíaco antes dos quarenta.

— Praga? Você ainda não viu nada. — gargalha igual o Coringa, antes de abrir a porta.

Cristo do céu! Nunca vi um quarto de hospital tão lotado. Parece até fila de banco.

Entro e cumprimento minha mãe com um abraço, antes dela e Lauren saírem. Christina também faz menção de sair, mas eu a detenho, puxando-a para mim.

— Fico feliz que tenha acordado, *Bela Adormecida*. Seu marido estava um verdadeiro pé no saco. — brinco com Alice, que até em uma cama de hospital consegue ser linda.

— Um saco que você continua amando. — Matteo devolve.

— Não, querido, um saco que eu amava. Agora encontrei algo muito melhor. — olho para Christina.

— Mamãe é vledade que vou ganhá um *irmãoshinho*? — Sophie pergunta e Alice olha para Matteo.

— Não fui eu quem contou. — se apressa em responder o olhar de acusação da esposa.

Ela então olha para mim. Tento fazer minha melhor cara de inocente, mas não funciona muito bem.

— Que foi? Ela ficou feliz em saber. — contesto e dou graças a Deus por não levar bronca. Alice é especialista no assunto.

— Sim, querida. Você ganhará um irmãozinho. — confirma.

— Então cadê ele? — pergunta, olhando por todo o quarto, como se fosse encontrar seu irmão escondido em algum lugar.

— Ele está na barriga da mamãe. — Matteo responde e Sophie olha para a barriga de Alice com os olhinhos surpresos.

— Mamãe, voxê engoliu meu *irmãoshinho*? — pergunta, horrorizada, fazendo todo mundo cair na gargalhada.

— Não, princesa. — Matteo toma a voz. — A mamãe não engoliu seu irmão.

— Então *plu* que ele tá *ati*? — aponta para a barriga de sua mãe.

— Porque é aqui onde os bebês crescem, querida. Eles ficam aqui até que possam sair. —

Alice explica.

— E como eles *entlam* aí? — ouço Matteo tossi sem parar. Eu, por outro lado, rio feito um louco.

Ninguém pode me culpar por rir da expressão cômica que o babaca de Matteo faz.

— Lembra daqueles espermatozoides que seu pai disse que nunca chegariam perto de você? — pergunto, lembrando-me de uma conversa que tivemos há alguns meses.

Olho para Alice e sei que ela não está entendendo nada.

— *Lembu!* — responde. — Papai *diche* que eles chão *pioles* que piolhos. — faz uma carinha de nojo.

— Então, foram esses espermatozoides que colocaram seu irmãozinho aí dentro. — explico e pela expressão facial de Matteo, eu arriscaria dizer que estou a um passo de ser morto.

— E de quem *chão* esses bichinhos? — pelo visto as perguntas continuam.

— Do seu papai. — falo.

— Ah, então a tia *Clis ficalá glávida* com os *pematozoide* do papai? — agora foi a minha vez de perder a pose.

— Oh não! Com certeza não. A tia Chris só pode chegar perto dos espermatozoides do tio Travis. — respondo, deixando Christina corada.

Ela fica ainda mais sexy com o rosto vermelhinho de vergonha.

— Tio *Tlav* também terá lindos bebês, mamãe. Ele e a tia *Clis*. Ele disse que está *tleinando* bastante *plá* isso. — o comentário de Sophie só aumenta o constrangimento da minha gostosa.

— Não precisa ficar com envergonha, Christina. — Alice fala. — Seu namorado é o único que não possui um filtro entre o cérebro e a boca.

Por que na mente feminina nós, homens, somos sempre os culpados de tudo?

— Mas eu não fiz nada. Sua filha que sai falando o que não deve. — protesto na maior cara limpa.

— Travis Edward Maddock, eu não acredito que está colocando a culpa em cima de uma menina fofa e linda de dois anos. — Christina diz incrédula, presenteando-me com um beliscão que foi tudo, menos leve.

— Ai, gostosa! — reclamo de dor. — Olha, não se deixe levar por essa carinha de anjo. — aponto para Sophie. — E só para constar, eu também sou fofo e lindo. Ah, antes que eu esqueça de mencionar, essa mocinha que fala sem parar fará três anos em um par de semanas. — esclareço, fazendo meu típico biquinho.

Sim, pareço uma criança, porém uma criança sexy. Quem, em sã consciência, não gostaria de ter uma criança como eu para cuidar?

— Pobre, Chris. Ao invés de uma namorado ganhou uma criança para cuidar. — Matteo debocha e todos sorriem, menos eu.

O que eu posso fazer se não vi graça na piada?

— Vocês são maus. — cruzo meus braços e bufo irritado.

— Nossa, quanto drama. — Christina fala e aí que meu bico ganha forma.

— Eu não sou dramático, sou apenas um ser humano com sentimentos, que só quer ser amado igual o Papai Noel durante o natal. — arranco outras gargalhadas.

— Eu acho que posso mostrar a você o quão amado é assim que chegarmos em casa. — sussurra as palavras em meu ouvido.

— Tchau, Alice. Foi muito bom revê-la. — digo, arrastando Christina para fora do quarto.

— O que você está fazendo? — pergunta.

— Te levando para casa. — respondo o óbvio.

— Mas nós chegamos agora a pouco. — tenta questionar.

— Oh mulher, pare de me questionar e faça o que estou mandando.

— Eu não estou entendendo o motivo de toda essa pressa.

— Ok, então irei explicar. Você disse que quando chegarmos em casa me mostrará o quão amado sou, certo? — ela assente. — Pois bem, estou levando-a para casa para que me prove todo esse amor. Resumindo: estamos indo para casa para fazer amor, transar, *rockrole*ar, fazer o *lepo lepo*, trepar... — Christina tampa minha boca com uma de suas mãos, pela segunda vez no dia.

— Acho que já entendi, Travis. — sorri. — E eu vou adorar provar o quanto você é amado. — sussurra baixinho e meu pau levanta.

— Oh, queridos, que bom que encontrei vocês. — ouço a voz de minha mãe e quase solto um palavrão.

Porra, eu quero transar!

— Oi, mãe, achei que a senhora já tivesse ido embora.

— Não sem antes convidar minha nora querida para ir as compras comigo. Você não está ocupada está, Christina? — pergunta.

Christina responde "não" no exato momento em que eu falo "sim".

Minha mãe nos olha confusa.

— Mamãe, a senhora quer netos, certo? — pergunto e ela confirma. — Então terá que fazer compras sozinhas porque eu preciso transar e para que isso ocorra Christina precisa vir comigo. — explico normalmente.

Dona Taty agora me olha feliz. Christina, porém, aumenta o aperto em minha mão.

— Oh, então acho melhor eu não atrapalhar vocês. Nos vemos no jantar de beneficente. — nos abraça, pisca para Christina e sai.

— Você tem cinco segundos. — ouço Christina murmurar.

— Para quê?

— Para fugir. Eu vou matá-lo, Travis Edward Maddock.

Ela começa a contar e no dois eu começo a correr.

Pelo visto nada de sexo para mim hoje.

Capítulo 14 | Você é meu!

Christina

Alguém saberia responder o porquê de homens gatos e sexy ficarem enfiados dentro de um escritório em pleno sábado? Fala sério! É final de semana, eu acordei querendo transar e me deparo com um bilhete do meu namorado gostoso, ao invés de seu corpo pecaminoso.

Gostosa,

Precisei ir direto para a empresa. Matteo pediu para que eu recebesse a assistente que irá substituí-lo por alguns dias. Sinto muito por sair sem me despedir, mas você parecia dormir tão tranquilamente que fiquei com dó de acordá-la.

Ah, não esqueça que hoje à noite é o jantar beneficente que minha mãe está organizando. Pegue um de meus cartões e vá as compras. Quero minha gostosa ainda mais gata ;)

Com amor,

Seu Gatinho!

PS¹: Peço desculpa por não me despedir antes de sair, mas você estava fodidamente linda dormindo, não tive coragem de acordá-la.

PS²: Já estou com saudades :'("

Termino de ler e um sorriso bobo se forma em meu rosto.

Meu namorado é tão perfeito.

Pego meu celular, que está sob o criado mudo, e digito uma rápida mensagem para meu gatinho.

Eu — New York | NY 9:37 AM

Bom dia, gatinho : D

Acabei de acordar e não encontrei você

na cama :'(

Li seu bilhete e também estou morrendo de saudades ♥

Termino de escrever e aperto em enviar. Espero por uma resposta que, por incrível que pareça, não vem. Provavelmente ele está ocupado demais trabalhando.

Jogo o celular sob a cama, levanto-me ainda drogada de sono e vou direto ao banheiro. Faço minhas necessidades matinais, tomo banho, visto um vestido justo, que realça minhas curvas, e vou às compras. Antes passo em uma Starbucks, é claro. Tenho uma manhã de compras pela frente e não quero morrer de fome enquanto bato perna pelas lojas mais luxuosas de Nova Iorque.

Ah, não! Nem ousem me olhar com essa cara de quem diz: "*Já está explorando o pobre Travis*". Até mesmo porque essa frase está completamente errada. Primeiro, foi ele quem me ofereceu o cartão. Segundo, ele pode ser tudo, menos pobre.

Algumas horas depois encontro o vestido perfeito. Ele é... Não, não irei revelar os detalhes do meu vestido bafônico. Não agora. Vocês terão que esperar até que eu esteja pronta para o jantar. Jantar esse que promete, na verdade o que promete mesmo é a surpresinha que preparei para Travis. Digamos apenas que hoje a noite será longa, muito longa.

Eu — New York | NY 11:54 AM

Encontrei o vestido perfeito!!!

Algo me diz que você irá gostar... Ou não ;)

Envio mais uma mensagem para Travis e novamente não obtenho resposta. Penso em ligar para ele, mas o coitado deve estar trabalhando muito. Tadinho do meu *gatinho*. Aposto que ainda não comeu nada.

É isso!

Irei passar em um restaurante, obter um pouco de comida e levar para meu namorado gostoso.

Entro no primeiro táxi que encontro e vou direto para um dos restaurantes que fica próximo a empresa em que Travis trabalha. Pago o taxista, pego minhas sacolas e entro no restaurante, sorrindo, mas isso foi antes de vê o meu homem almoçando em uma mesa, ao lado de uma ruiva cabelo de salsicha.

Sinto meu sangue ferver e começo a olhar vermelho.

Desgraçado de uma figa!

Por isso não respondeu às minhas mensagens. Estava ocupado demais com a piriguete que agora colocou sua mão sob a dele.

Ah, mas eu vou matar esses dois!

Aproximo-me da mesa na qual os dois pombinhos estão almoçando e Travis abre um enorme sorriso ao me vê.

Babaca!

Mal sabe ele que irá precisar gastar uma fortuna no dentista, afinal, eu irei quebrar todos os seus dentes.

— Amor, o que você está fazendo aqui? — pergunta, sem tirar o sorriso do rosto.

Em questão de segundos ele levanta e vem em minha direção. O desgraçado tem a audácia de me beijar. Vocês acreditam nisso?

Eu?!

Eu deixo porque minha carne é fraca e traidora.

— É essa sua namorada? — a água de salsinha pergunta, olhando-me dos pés a cabeça.

— Não. Essa é a mulher da minha vida. — Travis responde tão orgulhoso que me sinto um pouco culpada por está pensando besteira a seu respeito.

Sou uma péssima namorada, né?

— Christina, essa é Rebecca, a assistente de quem falei. — apresenta-me a tal Rebecca, que me dá um sorriso falso.

Bem falso.

— Olá, Christina. Travis me falou muito de você. Mas eu não sou apenas a assistente de Matteo, eu sou uma grande "amiga" de seu namorado. Conhecemo-nos desde a faculdade. —

comenta e minha vontade de matá-la se torna gritante.

É mais do que óbvio quais são as intenções dessa *vadiranha* para com meu namorado.

— Pena que eu não possa dizer o mesmo. Travis não me falou na interessante a seu respeito. — digo com um sorriso nos lábios, sem perder a pose.

— Eu não acredito que não falou de nosso passado, *amorzinho*. — a vagabunda fala na maior cara de pau.

— Querida, quem vive de passado é professor de história, e meu namorado não é seu "*amorzinho*". Por isso, se ponha em seu devido lugar ao invés de se comportar como uma puta pronta para abrir as pernas. — cuspo as palavras para fora e ela me olha como se não acreditasse no que acabara de ouvir.

— Christina... — Travis começa a falar, mas eu o interrompo.

— Nem ouse dar um piu, Travis Edward Maddock. Agora pague a droga dessa conta e venha comigo. — mando, saindo logo em seguida.

Um minuto depois e tenho Travis ao meu lado, abrindo a porta de seu carro para mim.

— Será que você poderia me explicar que cena foi aquela? — Travis pergunta, já com o carro em movimento.

— Eu mostrando aquela vadia a quem você pertence. — respondo.

— E a quem eu pertenço? — sorri.

— A mim. Você é meu, Travis. Seu corpo é meu, — passo uma de minhas mãos sob seu peitoral. — seu pau é meu... — desço minha mão descaradamente, descansando-a no enorme volume de sua calça social. — ...e seus pensamentos são todos meus, principalmente os inapropriados. — sussurro em ouvido.

— Cristo, mulher. Você quer que eu provoque um acidente de trânsito? — geme quando massajeio seu pênis.

— Não, eu só estou mostrando a quem esse belo "*menino*" pertence

— Isso tudo é ciúmes? — pergunta, seu típico sorrisinho de lado dando o ar da graça.

— Eu não sou ciumenta. — dou de ombros, afastando minha mão de seu membro duro. — Eu apenas cuido do que é meu.

— Claro, esqueci que você não sente ciúmes. — debocha.

— Para onde estamos indo? — tento fugir do assunto.

— Para nosso apartamento. Eu irei deixá-la lá e depois voltarei para a empresa. — fala

— Para a empresa ou para a água de salsicha? — murmuro baixinho.

— Para a empresa, Christina.

Droga! Ele escutou.

— Se você diz. — resmungo.

— Por favor, Christina, não há motivos para se comportar como uma criança.

— Eu? Comportando-me como criança? Você só pode está brincando. A única criança aqui é você. — gargalho alto.

— Claro, afinal, fui eu que protagonizei uma ceninha de ciúmes. — bufa.

Eu não acredito que ele falou isso.

— Quer saber, Travis? Vá se foder! — viro meu rosto em direção à janela e fico assim até chegarmos ao nosso prédio.

Travis estaciona o carro, pego minha sacolas de compras e desço sem trocar uma palavra com ele, que sai logo em seguida.

Idiota!



São quase 18h e aqui estou eu, sentada em um sofá, assistindo a uma comédia romântica, enquanto devoro um pote de sorvete com calda de chocolate.

Travis ainda não chegou e me pergunto se ele está rindo da minha cara ao lado daquela vadia.

Merda!

Agora pareço uma daquelas mulheres casadas, mal amadas e inseguras.

A que ponto cheguei, Senhor?

Dez minutos depois e escuto um barulho de porta sendo aberta.

Travis chegou!

— Você ainda não está pronta? — pergunta, jogando a chave do carro em cima da mesinha de centro.

— Eu não vou mais. — respondo sem olhar para ele. Nesse momento até um comercial de margarina parece mais interessante do que encarar aquele par de olhos azuis.

— Como assim não vai? Você já comprou o vestido, Christina. — parece chateado, mas em momento algum altera o tom de voz.

— E daí? Eu não vou e ponto. — falo, como se isso não fosse nada.

— O vestido custou três mil dólares, Christina. — lembra-me.

Mas como ele sabe o preço?

Claro, a fatura do cartão.

— Se o problema é o preço do vestido, então você pode devolvê-lo. — rosno.

Levanto-me do sofá, vou até meu quarto (*ou seria o de Travis?*), pego a sacola com o vestido e entrego a ele.

— Toma!

— O que é isso?

— O maldito vestido. — respondo o óbvio.

Será que ele é cego?

— Eu não estou pedindo que devolva o vestido, Christina.

— Não, só esfregando na minha cara o valor dele. — devolvo com raiva. Muita raiva. Tanta raiva que volto para o quarto em uma tentativa de não matá-lo, mas a anta é tão burra que me segue.

— Amor, o vestido é seu. — senta na cama em que estou deitada.

— Eu não quero. — falo, semelhante a uma criança mal criada.

— Por favor, gostosa, eu não quero ficar brigado com você. — sussurra baixinho. — Em momento algum pedi para que devolvesse o vestido. — se defende. — Eu só quero minha namorada ao meu lado, em um jantar que é muito importante para minha mãe.

Colocar a mãe dele no meio já é jogo baixo. Taty é uma mulher maravilhosa, não merece uma desfeita da sua nora favorita.

— Vamos comigo, *amor*, por favor. — pede, beijando meu pescoço.

Minha periquita se anima toda.

Eita menina assanhada!

— Eu... Eu estou chateada com você. — digo.

— Eu sei, mas eu estou arrependido por ter agido como um completo idiota. — mais beijos.
— Eu te amo.

Três palavrinhas que ele nunca havia falado para mim antes e meu corpo congela. Nem sei se estou respirando.

Porra! Como é que se respira?

— Christina, você está bem? — pergunta ao notar minha reação inesperada.

— Eu... Eu...

Eu não consigo falar. Só consigo ouvir o "*Eu te amo*" de Travis.

— Por que você está chorando, *gostosa*? — pergunta preocupado. Eu sequer havia notado que lágrimas descem por todo o meu rosto. — Foi alguma coisa que eu disse?

— Foi. — fungo. — Você disse que... Que me ama.

— Você... Você não gostou de ouvir as palavras? É isso? Droga, eu sabia que era cedo demais para falar o quanto amo você. Merda! Eu falei de novo. Olha, você não precisa dizer de volta. Eu... Eu estou me enrolando todo com as palavras, né? — sorri, nervoso.

— Está tudo bem, Travis. Eu gostei de ouvir. Eu... É só que ninguém nunca me disse isso antes? — confesso envergonhada.

— Isso o quê? Que te ama? — confirmo com a cabeça. — Deus, Christina! Eu não posso acreditar que você nunca ouviu essas palavras antes. — diz. — Como... Eu simplesmente não consigo entender como alguém tão maravilhosa como você nunca foi amada.

— Eu não sou tão maravilhosa assim.

— O quê? Não, você tem razão. Você não é maravilhosa, você é **perfeita**. E eu, Travis Maddock, irei amá-la até o dia em que meu coração parar de bater. Então, quando isso acontecer,

eu a amarei em espírito, porque sou incapaz de não amá-la. — fala com sinceridade e meu coração dá pulinhos de alegria.

Travis me ama e eu o amo...

Eu o amo!

— Eu também te amo! — declaro antes de selar nosso amor com um beijo.

Um beijo puro, sincero e apaixonado.

— Eu quero fazer amor com você. — ele fala.

— E eu quero que ame cada parte do meu corpo. — abro as pernas em um convite simples e claro.

Travis me ama como se eu fosse o seu bem mais precioso. Como se eu fosse única e rara. E, por alguns minutos, é assim que me sinto.



— Acho melhor ficarmos em casa mesmo. — Travis menciona assim que me ver vestida em meu elegante, longo e sexy, vestido preto.

— E eu posso saber o porquê dessa mudança repentina? — pergunto, só para atizar.

O motivo eu sei.

— Por acaso é algo relacionado ao meu vestido?

— Vestido? Que vestido, mulher? Isso em seu corpo é um pedaço de pano. — fala exagerado.

Quanto drama. Meu vestido é super comportado. Preto, longo, de um ombro só, um decote em "V" e uma fenda que revela uma de minhas belas pernas.

Sim, eu estou sexy pra caramba.

Para completar o look, optei por um salto alto preto com detalhes em dourado e uma carteira de mão também dourada. Já meu cabelo está levemente preso, uma vez que não tive tempo para arrumá-lo.

— Você está insinuando que estou feia? — finjo está ofendida.

— Não. Você está fodidamente sexy e é por isso que ficaremos em casa. — senta no sofá e liga a TV.

Ele só pode está brincando, ou ficando louco.

— Oh não, *queridinho*. Eu não me produzi toda para ficar mofando em casa.

— Então eu sugiro que vista uma burca se quiser ir ao jantar. — seu machismo me deixa irritada.

— Se você não levantar esse seu traseiro gordo desse sofá em cinco segundos, eu irei fazer greve de sexo. — ameaço.

— Como se você conseguisse ficar longe de meu pau mágico. — sorri convencido.

— Como se eu não pudesse comprar um vibrador com o dobro do tamanho do seu pau. — devolvo, fazendo-o pular do sofá irritado.

— Você não faria isso.

E ele ainda duvida.

— Me teste e você verá. — cruzo os braços e lhe dou o meu melhor sorriso.

— Você está com sua bolsa? Estamos saindo em um minuto. — pega as chaves do carro e corre em direção à porta. — Vamos, amor, não podemos nos atrasar. — fala e eu solto um leve sorrisinho.

É engraçado como nós, mulheres, somos capazes de conseguir tudo se ameaçarmos fechar as pernas.

Caminho em direção ao meu namorado sexy e meu sexto sentido me diz que esse jantar beneficente promete.

Capítulo 15 | O jantar

Travis

Christina joga sujo, muito sujo! Eu ainda não acredito que fui fraco o suficiente ao ser chantageado por sexo.

Que tipo de homem eu sou?

O tipo que não consegue ficar sem sua guloseima preferida, neste caso, a deliciosa boceta de Christina.

Meu subconsciente responde e tenho que dar razão a ele. Tornei-me um **cristinomaníaco**. Essa mulher é meu vício. Um vício sem cura.

— Por favor, Travis, tire essa cara de garoto mimado do rosto. — Christina pede assim que paro o carro em frente à casa dos meus pais.

— Sinto muito em decepcioná-la, mas essa é a única que eu tenho. Muito bonita por sinal. — respondo, ainda com a cara fechada.

O motivo?!

Tonico.

— Eu não acredito que está assim só porque Antonny me elogiou. — bufa e eu mal posso acreditar no absurdo que ela acaba de proferir

— Ele não a elogiou, Christina. Ele praticamente a comeu com os olhos. Há uma grande diferença.

O que quase me fez partir para cima daquele porteiro metido a segurança de meia tigela.

O bastardo está pedindo para morrer.

— Não seja exagerado, Travis. Você está vendo coisas onde não há. — contesta.

— Eu sei muito bem o que eu vi, Christina. — digo. — Agora se você gostou, eu não posso fazer nada. — termino de falar e logo noto o olhar mortal que Christina me dá.

— Ok, Travis! Pense o que quiser. Não irei perder meu tempo discutindo algo sem fundamento. Por isso, sugiro que procure outra pessoa para brigar. — exclama, já saindo do carro.

— Onde você pensa que vai? — questiono-a, seguindo logo atrás.

— Para o jantar que sua mãe fez a gentileza de me convidar. — responde, sem ao menos se dá ao trabalho de olhar em minha cara enquanto fala.

— Então me espere! — peço, mas logo me arrependo.

Christina se vira e sei que estou encrencado.

— Como é que é? Então me espere? — pergunta. — Eu não sei se você sabe, mas eu não sou sua empregada para receber ordens. Com quem você pensa que está falando? — aponta o dedo em meu peito e morro de medo. — Olha, *que-ri-do*, só para deixar bem claro, tá para nascer o homem que mandará em mim. Então acho melhor ir cortando essas asinhas. — com essas palavras ela entra na casa dos meus pais, deixando-me para trás como um verdadeiro idiota.

O que eu faço?!

Vou atrás dela, como um verdadeiro cão adestrado.

É difícil admitir, mas Christina tem minhas duas bolas em suas mãos.

— Oi, mã... — tento cumprimentá-la, mas sou interrompido por uma Taty furiosa, que bloqueia minha entrada.

— O que você fez para deixar minha nora chateada? — interroga-me.

Por um segundo fico me perguntando se ela esqueceu que seu filho sou eu e não Christina.

— Eu não...

— Você será um idiota se deixar Christina escapar por suas mãos. — sou novamente interrompido pela sinceridade de dona Taty.

Sim, minha mãe prefere minha namorada a mim.

— Então ela já foi fofocar tudo para a senhora? — indago e acabo por levar um tapa na cabeça. — Aí, mãe! Isso dói. — massajeio o local em que fui atingido pela mão pesada de dona Taty.

— Que bom, porque era para doer mesmo. Quem sabe depois desse tapa, você não ponha a cabeça no lugar. — debocha. — Agora entre e peça desculpa a Christina. Juro que não sei como conseguiu uma namorada tão maravilhosa, sendo tão criança às vezes.

Nossa, o amor que minha mãe sente por mim é tão comovente.

— Travis. — chama por mim quando começo a entrar para fazer exatamente o que ela mandou. — Você esqueceu o meu beijo e o meu abraço. — abre os braços em um convite e sorri.

E essa é minha mãe bipolar. A melhor mãe do mundo.

— Te amo, bebê. — sussurra, abraçando-me protetoramente.

— Eu também te amo, mãe. — deposito um beijo no topo de sua cabeça e peço a Deus para que não a leve de mim.

Depois de alguns segundos abraçados, entro na enorme sala, que mais parece a Premiere do Oscar.

De onde saiu tanta gente?

Em meio a rostos conhecidos e outros que nunca vi tão gordos em minha vida, avisto minha gostosa em um canto, conversando animadamente com Scott, meu primo debilóide.

Noto quando o imbecil coloca suas patas imundas no braço de Christina e fala algo em seu ouvido. Nesse momento meu sangue ferve e caminho a passos apressados em direção aos dois.

— Oi, Travis.

— Agora não, Carly! — dispenso uma de minhas ex-fodas e continuo minha caminhada, rumo ao assassinato do meu priminho.

— Nem pense nisso, Travis. — dessa vez é meu pai quem resolve bloquear meu caminho. — Os dois estão apenas conversando.

— Conversando? Scott e Christina? Por favor, pai. Scott mal consegue segurar aquele *micro pau* que ele carrega, dentro das calças.

Scott já havia dado em cima de metade das mulheres que já fiquei. Para ser sincero nunca liguei para isso, porém, agora a história é diferente. Christina é minha e eu cuido do que é meu.

— Então isso significa que não confia em Christina. — eu sei que meu pai não fez uma pergunta, mas mesmo assim sinto uma enorme necessidade em respondê-lo.

— É claro que confio. Só não confio nele e em seus instintos de vagabundo rodado.

— Filho, eu nunca o vi com ciúmes e isso só comprova o quanto gosta dessa moça. — olha para Christina.

— Eu... Eu a amo, pai. — confesso e ele sorri orgulhoso.

— Será que já disse isso a ela? — confirmo com um leve balançar de cabeça. — Ela disse as palavras de volta? — volto a confirmar, desta vez com uma cara de bobo apaixonado. — Então qual o motivo de toda essa insegurança? — fico estático, sem saber o que responder.

— Eu... Sei lá, pai. Acho que tenho medo que Christina perceba que pode encontrar alguém melhor que eu. — solto as palavras para fora, depois de uma longa pausa.

— Oh, filho, acredite, Christina não poderia encontrar homem melhor que você.

— Mas... — tento falar, mas meus pais adoram me interromper.

— Entre a sua felicidade e a dela? Qual você escolheria? — pergunta sério.

— A dela. — respondo sem hesitar.

— Então não há nada a ser questionado. Vocês se amam e precisam deixar as inseguranças de lado. — conclui. — Converse com ela, peça desculpa e nunca deixei que seu orgulho fale mais alto. — aconselha-me.

— Obrigado, pai. — agradeço. — Pai, o senhor sente ciúmes da mamãe, do tipo que mataria qualquer homem que ousar encostar nela? — questiono e ele me olha sem entender nada.

— Eu não estou entendendo onde pretende chegar com essa história, Travis.

— É que o Sr. Takashi me parece entretido demais apreciando a bunda da mamãe. — falo, olhando para o japonês descarado.

— O quê? — meu pai olha pelo salão até encontrar a imagem que acabei de descrever. — Quem diabos aquele japonês do pau pequeno, pensa que é para ficar cobiçando a minha mulher? — papai rosna furioso e em questão de segundos faz sua caminhada até minha mãe, prendendo-a pela cintura e beijando seus lábios. Olho para o japonês e sinto uma vontade incontrolável de rir da cara de babaca que o mesmo estampa.

Esse é meu pai! — Penso com orgulho.

— Agora eu sei para quem você puxou. — ouço a voz de Christina e viro meu corpo para encará-la.

Cristo, como essa mulher é linda!

— Desculpa, gostosa. — peço. — Eu sei que agir como um idiota ciumento e que a cada dia que passa me pareço mais com o Matteo. — faço uma carinha triste. — Mas eu prometo controlar meu ciúmes. — falo e ela sorri. — Se você prometer pensar em comprar algumas burcas.

— completo e levo um tampa no ombro. — Tô brincando, amor. — sorrio, entrelaçando minhas mãos em sua cintura. — Eu te amo. — sussurro, meus lábios próximos aos dela.

— Eu também te amo. — devolve as palavras e meu coração se encher de sentimentos bons.

Como é possível se apaixonar por alguém em tão pouco tempo?



Christina

Eu ainda não sei o que fiz de bom para merecer o melhor namorado do universo. Tudo bem que Travis é um bebezão e que dá um pouco de trabalho, na verdade ele dá muito trabalho. Entretanto, ele é carinhoso, atencioso, protetor e o principal: ele me ama! Características que eu nunca recebi de ninguém. Talvez seja por isso que sinto medo.

Sim, estou morrendo de medo de que a qualquer momento eu acorde e descubra que tudo isso não passou de um sonho. Ou até mesmo do momento em que o amor que Travis diz sentir por mim se esvair.

E se eu nunca for o suficiente para ele, assim como eu não fui para os meus pais?

— Um dólar por seus pensamentos. — Travis fala e eu quase pulo de susto. — Aqui está seu drink. — entrega-me um coquetel de frutas.

— Obrigada. — agradeço.

— E então? — insiste.

— Então o quê? — faço-me de desentendida.

— Não vai me contar o que martelava nessa cabecinha linda?

— Não. Não me deixo ser comprada tão facilmente. Um dólar é muito pouco por meus pensamentos. — brinco.

— Então que tal uma noite de sexo selvagem com o homem mais gostoso de Nova Iorque? — sorri, maliciosamente.

— Oh meu Deus! Sério que você me deixará transar com o Chris Evans? — finjo euforia e

ganho um olhar mortal do meu namorado ciumento.

— Eu... Porra, Christina! Eu não acredito que você acabou de declarar em minha frente que prefere o retardado do Capitão América a um gato como eu. — começa a fazer seu típico showzinho de drama. — Será que você enxerga direito? Você por acaso já viu o homem que tem em casa, mulher? — pergunta revoltado. — Sabe o que você deveria fazer, sua ingrata? Levantar as mãos para o céu e dar graças a Deus por ter o homem mais sexy do mundo todas as noites em sua cama. — cruza os braços e faz aquele beicinho que eu aprendi a amar. — Ah, só uma pequena informação geográfica, Chris Evans nasceu em Boston. — complementa e eu me seguro para não rir.

— Nova-iorquino ou não, ele continua sexy pra caralho. — digo só para atizar o furacão chamando Travis Maddock.

— Ótimo, então faça bom proveito. — diz chateado. — E só para esclarecer, hoje você dormirá no sofá. — bate o pé.

Quem ver é capaz de pensar que Travis é a mulher da relação e não eu.

— Travis, eu estava só brincando, amor. — falo. — É claro que eu acho o Chris Evans um gostoso, gato, delicioso... — olho para meu namorado e sei que devo parar com os adjetivos. — Mas eu tenho algo muito melhor em casa. — coloco o meu drink em uma mesinha e entrelaço minhas mãos ao redor do pescoço do homem mais lindo de todo o mundo. — Você já deveria saber que eu só digo essas coisas para provocá-lo. Adoro ver essa sua carinha de bebê ciumento. — enterro minha cabeça em seu pescoço e começo a distribuir beijos e leves mordidinhas naquela região, sem me importar com os olhares dos curiosos de plantão.

— Você é uma menina má, me fez odiar meu personagem da Marvel favorito. Agora terei que virá fã do Robin e do Batman.

— Batman e Robin? Por quê? — franzo a testa.

— Sim, os heróis dos gays. — responde e eu não aguento mais. Caio na gargalhada.

— Você está pensando em se tornar homossexual, Travis? Eu não me importaria em dividir você com outro homem, desde que ele seja bonito, é claro. — brinco e só então Travis percebe a ambiguidade de suas palavras.

— Oh, Christina, você sabe o que eu quis dizer. — sinalizo que não. — O que eu quis dizer é que Batman e Robin são gays, não eu. — tenta se explicar.

— Não sei não, você costuma soltar a franga algumas vezes. — continuo sorrindo.

— Eu... Eu vou te mostrar quem é gay. — puxa-me pelo braço e guia-me em direção às escadas.

— O que você está fazendo, Travis? — pergunto quando ele para em frente à porta do que é certamente um quarto.

— Mostrando a minha namorada meu antigo quarto. — abre a porta e me puxa para dentro do quarto. — Ou seria a minha antiga cama? — sussurra em meu ouvido e logo depois beija meu ombro nu. — Você está incrivelmente deliciosa nesse vestido, Christina. Sexy pra caralho! Mas eu prefiro mil vezes você sem ele. — seu tom de voz sensual faz todo meu corpo tremer e minha calcinha virá uma cachoeira. — Eu estou louco para tirá-lo de seu corpo e me enterrar nessa sua boceta apertadinha. — acaricia minha pele e eu já estou quase me deitando na cama e abrindo minhas pernas para ele.

— Então está esperando o que para começar nossa festinha, Sr. Maddock? — digo e Travis sorri de lado.

— Apressada como sempre.

— Não, eu só não gosto de ficar perdendo tempo. — empurro-o, fazendo-o cair sob a cama. — Agora fique quietinho enquanto eu faço um *striptease* particular. — digo para um Travis que já começou a tirar a gravata.

Depois a apressada sou eu.

Começo a fazer uma dança sensual enquanto vou aos poucos tirando meu vestido.

— Será que você poderia tirar esse negócio de uma vez? — pergunta, impaciente. — Eu não quero um *striptease*, Christina. Tudo que quero é você nua, deitada nesta cama, com meu pau enterrado em você até as bolas.

Quanto romantismo, Senhor. Eu querendo apimentar nossa relação, fazer algo diferente, e Travis só pensando nos finalmente.

— Ok... Irei fazer esse sacrifício. — dou-me por vencida e desfaço-me de toda minha roupa, incluindo minha micro calcinha vermelha.

Travis já está nu há um bom tempo.

— Porra! Você é muito gostosa. — olha para meu corpo como uma criança olha para um

parque de diversões da Disney: com os olhos brilhando. — Eu amo seus seios. — aperta-os com as mãos, me fazendo soltar um leve gemido. — Eu só não os amo mais que sua "*menina*". Ela é a minha preferida. — sorri, maliciosamente, e em um único movimento deita-me na cama, se enterrando em mim, sem quaisquer preliminares. Solto um gemido de prazer e me entrego a uma noite de sexo selvagem.



Ouçó batidas na porta e quero mandar a pessoa ir se foder.

Porra, eu quero dormir.

— TRAVIS! — alguém grita enquanto as batidas se intensificam. — TRAVIS! — outro grito.

Com muito esforço, abro meus olhos e percebo que estou completamente nua, abraçada por um Travis que dorme como uma estátua, mas o que chama minha atenção e ganha meu total desespero é notar que ainda estamos na casa de seus pais.

Putaquepariu! Será que Taty e Michael me ouviram gritar enquanto eu pedia para Travis meter mais forte? Minha nossa, onde irei enfiar minha cara?

— TRAVIS, ABRA A PORTA! — reconheço a voz de Michael e começo a sacudir a *Bela Adormecida* que dorme ao meu lado.

— Travis, seu pai está chamando. Acorde! — peço, mais nada. A criatura dorme como uma pedra. — Ok, terei que apelar para a força bruta. — sem alternativa, acerto uma tapa em sua face.

— Aí, caralho! Por que raios você me bateu? — indaga atordoadado, sem entender nada.

— Seu pai está lhe chamando. — dou de ombros.

— Meu pai? — questiona, vestindo sua boxer.

— TRAVIS SUA MÃE ESTÁ MORRENDO. ABRA A PORTA. — Michael grita e noto o rosto de Travis perder a cor.

Capítulo 16 | O começo do fim

Travis

Chego em casa e a primeira coisa que faço é me jogar no sofá enquanto Christina vai em direção ao banheiro, preparar um banho para mim. Segundo ela, um bom banho e um delicioso prato de comida farão com que eu me sinta um pouco melhor.

Quem dera isso fosse verdade.

Hoje, tive uma pequena demonstração do que virá pela frente. Eu vi minha mãe quase morrer, enquanto gritava de dor. Cada grito quebrava um pouquinho do meu coração e levava consigo a esperança de que tudo ficaria bem.

Eu vi o olhar de pânico estampado no rosto do meu pai e na expressão facial do médico, que o tempo está acabando, que a morte se aproxima e que não há nada que eu possa fazer para reverter essa situação.

Tudo isso me deixa com uma terrível sensação de impotência. É difícil saber que sua mãe está morrendo e você não pode fazer nada.

Absolutamente nada!

Não consigo entender o porquê de pessoas boas morrerem quando no mundo há tantas pessoas más. Talvez essa seja uma das milhares injustiças que nos rodeiam.

— Hey, *gatinho!* Seu banho está pronto. — ouço a voz de Christina e só então noto sua presença.

Olho para minha namorada e me pergunto o que seria de mim sem ela.

Hoje, Christina se mostrou mais especial e importante do que nunca. Enquanto eu sentia meu mundo desmoronar, ela estava ali, pronta para me amparar. Pronta para enxugar minhas lágrimas e me trazer a paz com seus abraços e beijos.

— Não gosto de vê-lo assim. — sussurra baixinho.

— Assim como? — pergunto, apesar de já saber a resposta.

— Triste. — responde e eu faço sinal para que ela se aproxime e sente ao meu lado. — Eu

sei que deve ser muito difícil passar por isso. — começa. — Mas você não está sozinho, Travis. — aconchega sua cabeça em meu peito. — Eu estou aqui, ao seu lado. — torna a levantar a cabeça e fixa seu olhar no meu.

Por um segundo esqueço-me de tudo.

— Eu sei. — sussurro.

E é por esse motivo que continuo em pé.

— Eu te amo. — diz, voltando a aconchegar sua cabeça em meu peito, seus braços ao redor de meu pescoço, em uma forma silenciosa de afirmar o que ela dissera.

Ela está ao meu lado e saber disso me dar força e coragem para enfrentar qualquer obstáculo.

Ficamos assim por um longo tempo, até Christina decidir que estava na hora de eu comer algo. Ela praticamente me colocou no banho e logo depois foi preparar algo para comermos, correção, foi liga para alguma pizzaria.

Saio do banho, visto o primeiro pijama que encontro e volto para a sala.

— Droga! — ouço Christina praguejar da cozinha e todo meu corpo entra em estado de alerta.

Digamos que cozinha e Christina não combinam na mesma frase.

Sem pensar duas vezes corro em direção à cozinha e quase tenho um ataque cardíaco.

— Caralho! O que passou aqui? Um furacão? — pergunto, enquanto encaro a bagunça que se tornou minha cozinha.

Christina me olha com uma cara de cão arrependido e começa a chorar.

Sim, ela começa a chorar do nada.

— Eu... Eu só queria cozinhar algo para você. — balbucia as palavras entre soluços. — Eu... Eu não consigo fazer nada direito. — suas lágrimas se intensificam e em questões de segundos a tenho envolvida em meus braços.

— Está tudo bem, gostosa. Não precisa chorar. — beijo o topo de sua cabeça e sinto o gosto de massa e clara de ovo.

Como diabos isso foi parar no cabelo dela?

— Desculpa. Eu não sei cozinhar. Eu...

— Shh, gostosa. Está tudo bem. Você não precisa aprender a cozinhar apenas para me agradar. — digo. — Eu amo você exatamente do jeitinho que é. Eu amo seus defeitos e não os mudaria por nada. — ergo seu queixo e beijo seus lábios.

O beijo começa lento e calmo, mas bastou Christina soltar um gemido para meu corpo despertar completamente. Coloco-a em cima da ilha e intensifico o beijo, que agora é selvagem e necessitado. Sua boca parece ter sido feita para a minha.

Exploro suas curvas com minhas mãos, dando uma atenção especial a seus seios fartos, que parecem ficar maiores a cada dia.

— Eu amo eles! — exclamo, levando um de seus seios à minha boca.

Deliciosos!

Só não são mais saborosos do que sua boceta.

— Eu quero ser fodida, Travis. — pede. — Eu quero duro e forte. — implora, mas meu instinto me diz para fazer o contrário.

Ao invés de fodê-la duro e forte, como ela pediu, eu faço amor com ela como se fosse a nossa última vez.



São quase 19h da noite quando ligo para meu pai pela nona vez, só hoje.

Ligação on...

— *Eu estou bem, Travis. — sou pego de surpresa ao ouvir a voz da minha mãe. — Você já pode parar de ligar para seu pai a cada 15 minutos. — fala em um tom brincalhão.*

— *Oi, mãe. Eu só liguei para saber se está precisando de algo. — falo meia verdade, já que não é totalmente uma mentira.*

— *Sim. — responde. — Estou precisando que você pare de se preocupar um pouco com essa*

velha aqui e desfrute mais de sua namorada. Eu ainda quero netos, filho. — fala e sinto um nó apertar minha garganta. — Agora vá transar um pouco e colocar esse piu piu para trabalhar. Beijos, querido.

— Beijos, mãe. Nos vemos amanhã.

Ligação off...

— Falando de novo com seu pai? — Christina pergunta com uma bacia de pipoca nas mãos.

Hoje é nossa sessão cinema e serei obrigado a assistir uma dessas comédias românticas que as mulheres, por algum motivo, amam.

— Não. Desta vez foi minha mãe quem atendeu ao telefone.

— E como ela está?

— Bem, ela disse que ao invés de ficar me preocupando com ela, eu deveria colocar meu pau para trabalhar, então acho que ela está melhor.

— Sério que ela falou isso?

— Sim. Só não com essas palavras. Mas no final o significado é o mesmo: eu, você, nus e com um bebê a caminho. — sorrio ao mencionar a palavra bebê, já Christina parece ter visto um fantasma.

— Acho melhor assistirmos ao filme. — muda de assunto e foca seu olhar na TV.

— Christina, você pensa em ter filhos? — pergunto e ela se engasga com a pipoca.

Dou leves tapinhas em suas costas e espero ela voltar ao normal.

— Que pergunta foi essa, Travis?

— Sei lá, eu estava pensando que poderíamos começar a planejar um bebê. — confesso, o que faz Christina levantar, como se o sofá estivesse pegando fogo.

— Travis... Eu... Eu não sei o que dizer. Nós estamos namorando há menos de uma semana. — fala.

— Eu sei, gostosa. Mas nós nos amamos e eu não tenho nenhuma dúvida de que é ao seu que quero passar o resto de minha vida. — declaro meus reais sentimentos para que ela

compreenda o quanto a amo.

— Isso é um pedido de casamento? — pergunta assustada.

— Isso é um: eu quero que você seja a mãe dos meus filhos e a mulher da minha vida. Nós não precisamos rotular nossa relação.

— Eu... Eu... Por que você está me dizendo isso justo agora, Travis? — questiona baixinho.

— Como assim, Christina? Do que você está falando, amor?

— Eu... Eu não sou a mulher certa para você, Travis. Eu não sou a mulher perfeita. A mulher que você idealizou.

— Claro que não, amor. Você é mil vezes melhor do que um dia imaginei. Você é perfeita, exatamente assim, com esse seu jeitinho maluquinho. — tento me aproximar, mas ela se afasta.

O que está acontecendo?

— Christina, por favor, me explica o que está acontecendo, amor. — peço, começando a ficar preocupado com seu comportamento estranho. — Você está me deixando assustado, gostosa.

— Desculpa, Travis. Mas eu não posso continuar escondendo a verdade.

— Verdade? Que verdade, Christina? — pergunto, mesmo sem saber se estou preparado ou não para ouvir a resposta.

— Eu... Eu não posso ter filhos, Travis. — fala e de repente sinto meu chão abrir e o céu desmoronar sob minha cabeça.



Christina

— Eu... Eu não posso ter filhos, Travis. — reúno toda a coragem que procuro desde o dia em que transei com Travis pela primeira vez e noto seu rosto ficar pálido.

— Como assim? O que você quer dizer com isso?

— Eu estou tentando dizer que sou estéril. Que sou incapaz de gerar um bebê. Que nunca irei poder te dar um filho, o neto com o qual sua mãe sempre sonhou. — solto as palavras para

fora e sinto lágrimas banharem meu rosto. — Eu... Eu sinto muito, Travis. — soluço.

— Eu... Eu preciso de ar, Christina. — fala e quando percebo estou sozinha.

Escuto o barulho da porta se fechando e nesse momento sei que este é o fim.

Sinto meu coração quebrar em pequenos pedaços.

Por alguns segundos cogitei a possibilidade de que Travis me diria que tudo ficaria bem e que nada disso importava. Mas a quem eu queria enganar? Travis deixou bem claro, desde o início, o porquê de sua procura à mulher perfeita. Ele queria casar, ter filhos, construir uma família e nada disso será possível ao meu lado.

Quando eu descobri aos 20 anos que não poderia ser mãe, eu quase não me importei com a notícia, mas bastou conhecer Travis Maddock para eu lamentar profundamente.

Acreditem, ficar grávida de Travis se tornou o meu maior desejo. Porém, isso é algo impossível.

Sento-me no chão da sala, abraço meus joelhos e choro sem parar. Encaro a porta fixamente, na esperança de que Travis entre a qualquer momento, mas isso não acontece.

Talvez esse seja o momento de ir e deixá-lo seguir com sua vida.



Travis

Caminho pelas ruas de Nova Iorque, perdido em um turbilhão de pensamentos, enquanto tento processar as palavras de Christina. Por fim, acabo sentado em um banco qualquer, ao lado de um mendigo.

— O que o senhor faria se a mulher da sua vida não pudesse ter filhos? — pergunto.

— Eu agradeceria a Deus. — responde e eu acabo deixando escapar um sorriso amarelo. — Acredite, isso teria me poupado muito dinheiro. Pensão hoje em dia é praticamente um assalto, sem mencionar o preço das fraldas, leite e todas essas frescuras das quais as mães acham que os bebês precisam.

— O senhor deve ter experiência no assunto.

— Eu diria que sou um exemplo que não deve ser seguido. Depois de seis filhos e quatro casamentos fracassados, você acaba se transformando em um zumbi. — faz uma pausa. — Sabe, um dia eu fui jovem como você, me apaixonei e deixei a mulher da minha vida escapar.

— O senhor terminou com ela?

— Não. Ela me trocou pelo cara da banca de revista.

— Ah...

— Estou brincando, garoto. — sorri fraco. — Eu fui egoísta e deixei meus sonhos falarem mais alto que o amor que eu sentia por ela. Se a sua garota não pode ter filhos, mas ela é a mulher da sua vida, então você está no lugar errado.

— Como assim?

— Você deveria está ao lado dela. Você deveria amá-la e apoiá-la durante todos os momentos de sua vida, principalmente os mais difíceis. — fala e é como se eu tivesse acabado de levar um soco na cara.

Um soco que me trouxe de volta a realidade.

— Obrigado. — agradeço, dou-lhe um par de dólares, e vou atrás da minha mulher.

Eu amo minha gostosa e no fim é só isso que importa.

Capítulo 17 | Ombro amigo

Christina

Saio do apartamento de Travis exatamente como entrei, com uma mala na mão e sem nenhum centavo no bolso. A única diferença é que agora eu tenho um coração partido e uma dor dilacerante cravada em meu peito.

Olho uma última vez para o enorme arranha-céu antes de entrar no táxi, que eu ainda não sei como irei pagar.

— Para onde, senhora? — o taxista pergunta e eu penso por alguns segundos antes de responder.

Passo-lhe o endereço da única pessoa que pode me ajudar e rezo para que ela não me vire as costas.

O caminho parece logo e meus pensamentos mais extensos ainda.



— Christina? O que você faz aqui? — pergunta e eu, ao invés de responder, me jogo em seus braços e me permito chorar mais um pouco.

Henry me envolve em um abraço caloroso e sinto-me protegida.

É tão bom saber que existe alguém que está ali quando você precisa.

— Shh, *baby*. Está tudo bem. — sussurra as palavras em meu ouvido e me abraça apertado.

— Quem vai pagar a corrida? — o taxista pergunta e eu posso sentir meu rosto ruborizar de vergonha.

— Eu... Eu não tenho dinheiro, Henry. — falo com a cabeça baixa.

— Está tudo bem. Eu pago.

Vejo Henry tirar uma nota de cinquenta dólares de sua carteira e entregar ao taxista, que acena e vai embora. Henry pega minha mala e me guia para o interior de sua casa.

Ele me leva até um dos quartos, me deita na cama e fica ao meu lado enquanto eu choro feito uma criança pequena. Em momento algum meu amigo pergunta o que aconteceu, ele apenas sussurra um *"Vai ficar tudo bem, baby"* e eu o agradeço por isso.

Não sei se sou capaz de pronunciar uma palavra sequer em meio ao nó que se formou em minha garganta.



Abro meus olhos com dificuldade e analiso o quarto masculino ao meu redor.

O quarto de Henry.

Então me recordo do desastre que foi a noite passada e tenho uma vontade incontrolável de dormir e nunca mais acordar.

Por que amar tem que doer tanto?

Depois de alguns segundos, crio coragem e me levanto da cama. Vou até o banheiro, faço minha higiene matinal e me assusto ao encarar minha imagem no espelho. Meus olhos e rosto estão inchados, devido a minha incessante crise de choro, e meu cabelo parece uma bola de pelo. Não estou muito diferente de uma das atrizes que participaram do vídeo clipe *Thriller* do Michael Jackson.

Saio do banheiro enrolada em uma toalha, visto a primeira roupa que encontro e sigo a procura de Henry.

Ao contrário de Travis, Henry sempre gostou de acordar cedo e correr um pouco antes de trabalhar. Segundo ele, não há nada mais lindo do que o nascer do sol e a dádiva de um novo dia.

Mas porque diabos eu estou comparado os dois?

— Bom dia. — Henry me saúda com um sorriso e uma mesa de café da manhã digna da realeza. — Preparei as torradas que você gosta, seu bolo favorito, leite natural, nutella, morangos, bacon, omelete e waffle. Espero não ter me esquecido de nada. — aponta para a mesa que mais

parece uma obra de arte.

Tudo está tão perfeito.

— Bom dia, Henry. E você não precisava ter tido todo esse trabalho. Um café e cinco fatias de pão seriam o suficiente. — falo e noto ele se aproximar.

Detalhe: Ele. Está. Sem. Camisa!

— Te mimar nunca foi um trabalho para mim, Tina. — coloca uma mecha de meu cabelo atrás da minha orelha e eu fico um pouco sem graça.

É estranho tê-lo tão próximo a mim quando eu costumava ir para a cama com ele.

— Você está linda.

— Mentiroso! Eu estou horrível. — digo e ele faz uma careta.

— Você e horrível na mesma frase não existe. Agora sente-se e aprecie o café da manhã que preparei para a mulher mais incrível do mundo. — arrasta uma das cadeiras para que eu me sente e começa a me servir.

— Eu sou capaz de me servir, Henry. — reclamo.

— Eu sei, mas hoje eu quero mimá-la e você não pode me privar disso. — sorri para mim e eu não o questiono mais.

— Eu contei para Travis que não posso ter filhos. — menciono e Henry quase derrama leite em meu colo.

— Desculpa. E como ele reagiu?

— Ele saiu de casa e me deixou chorando. Então eu peguei minhas coisas e vim para cá. — faço um breve resumo do desastre de ontem.

— Eu... Eu vou matar aquele desgraçado. Porra! Como ele pode ser tão egoísta? — Henry parece furioso, pronto para atacar alguém, neste caso, Travis.

— Está tudo bem, Henry. — tento acalmá-lo.

— Não. Não está tudo bem. Aquele filho da puta a fez sofrer e pagará caro por isso.

— O que você está pensando em fazer, Henry? — pergunto, preocupada, quando noto ele procurar as chaves de seu carro.

— Eu vou ter uma conversa com aquele desgraçado.

— Não, você não vai. — levanto-me, segurando-o pelo braço.

— Eu não acredito que você irá defendê-lo, Christina.

— Eu não estou defendendo ninguém, Henry. Eu só quero esquecer essa história e seguir em frente.

— Mas...

— Por favor, Henry, eu estou implorando.

— Tudo bem. Então o que irá fazer agora que terminou com ele? — questiona.

— Eu... Eu não sei. Procurar um emprego, um lugar para morar... Eu realmente não faço a mínima ideia.

A verdade é que estou mais perdida que cego em tiroteio.

— Irei voltar para a Alemanha depois de amanhã. — faz uma pausa. — Eu ficaria feliz se viesse comigo. — sussurra baixinho.

— Henry, eu amo o Travis... — começo.

— Eu sei disso, Christina, e não estou pedindo que me ame de volta. Tudo que peço é uma chance, nós podemos continuar sendo amigos. — sugere. — Você não tem nada que te prenda a Nova Iorque e merece uma oportunidade de ser feliz.

— Eu...

— Apenas diga que sim. Eu prometo fazê-la feliz, Christina. Você sabe disso. — entrelaça uma de minhas mãos na sua.

— Tudo bem, Henry, eu aceito seu convite. — solto as palavras e, por incrível que pareça, sinto que estou fazendo a escolha certa.

Meu coração sempre pertencerá a Travis, mas já passou da hora de eu correr atrás da minha felicidade.

Chega de sofrer por quem não merece uma lágrima.



Travis

Chego em casa e a primeira coisa que faço é correr para o meu quarto e de Christina. Preciso pedir desculpas e concertar a burrada que fiz.

Adentro o quarto com a esperança de encontrá-la deitada sob nossa cama, mas me surpreendo ao me deparar com a cama completamente arrumada, sem nenhum sinal de que Christina esteve ali.

Meu coração acelera e começo a procurar por ela em cada canto do apartamento, enquanto chamo seu nome sem parar.

— Christina! — chamo e a cada milésimo de silêncio sinto o medo invadir meu corpo. Por fim me dirijo ao closet e constato o que eu mais temia.

Ela foi embora.

O desespero toma conta de mim. Não sei o que fazer. Pego meu celular e disco o número dela, escuto o celular tocando e acabo encontrando o aparelho na sala de estar, sob o sofá.

— Droga! — xingo, enquanto lágrimas se formam em meus olhos.

Ela não pode ter me deixado.

Não pode.

Repito as palavras como um mantra, pego as chaves do meu carro e saio à procura da minha mulher.

Christina não tem família, nem amigos na cidade, então ela não pode ter ido muito longe, certo?

Eu irei trazê-la de volta, pedirei desculpas por ter sido um idiota, lhe darei uns belos tapas na bunda por ter ido embora de casa, iremos brigar novamente, pedirei desculpa mais uma vez e então faremos o melhor sexo de reconciliação de nossas vidas.

Sim, no final ficará tudo bem.

Pelo menos é isso o que eu espero.



Rodei toda a cidade de Nova Iorque durante a noite e a madrugada, e não consegui encontrar nenhuma pista que me levasse até Christina. Volto para casa frustrado e sem rumo.

Abro a porta de meu apartamento e me joto no sofá, apoio minha cabeça entre minhas mãos e choro sem parar.

Por que eu tinha que ser tão idiota?

Por que eu simplesmente não a abracei e disse que tudo ficaria bem?

Por que sinto que vou morrer?

As perguntas invadem meus pensamentos, me fazendo sentir ainda pior. Ergo minha cabeça e noto uma folha de papel no chão. Pego-a e a letra de Christina chama a minha atenção.

Gatinho,

Eu cresci acreditando que o amor não existia, que conto de fadas eram historinhas para boi dormir. Mas então eu te conheci naquele bar e de uma hora para outra eu vi meu mundo dá um giro de 360°.

Se alguém me dissesse que um dia eu me apaixonaria pelo idiota mais fofo do planeta Terra, eu mandaria essa pessoa tomar no c. Se alguém me dissesse que eu amaria esse alguém mais que a mim mesma, então eu perguntaria de qual hospício essa criatura fugiu.*

O fato é que nem em um milhão de anos eu me imaginaria amando alguém como eu te amo. Você é birrento, manhoso, dramático, ciumento, possessivo, grudento e fofo... Você possui todas as características que eu sempre odiei em um homem. No entanto, eu não mudaria nada em você, porque foram essas manias e defeitos que me fizeram cair de quatro por você. Eu aprendi a amar cada parte sua, até mesmo suas piadas sem graça e o seu péssimo gosto para escolher filmes. E é por te ama, que hoje te deixo livre para seguir seu caminho e realizar o seu sonho.

Eu espero, do fundo do meu coração, que você encontre alguém que te faça feliz e que seja

merecedora do seu amor. Que ela possa te dá os filhos mais lindo de todo o universo e que eles possuam seus lindos e penetrantes olhos azuis.

Travis Edward Maddock, você me ensinou a amar e eu serei eternamente grada por isso.

*Com amor,
sua eterna gostosa.*

PS: Diga a Taty que ela é a melhor sogra do mundo ♥♥

Termino de ler as palavras e uma enorme sensação de vazio se instala em meu peito. Lágrimas parecem brotar de meus olhos e meu coração já não bate como antes.

Esse não pode ser o nosso fim.

Capítulo 18 | Hora de seguir em frente

Travis

Quase dois dias sem saber nenhuma notícia de Christina e estou a um passo da loucura. Já procurei em hotéis, pousadas, motéis, abrigos, hospitais, delegacias... e nada. Estou sem dormir desde o dia em que ela foi embora, não fui trabalhar e mal consigo comer ou ingerir qualquer alimento. Aos poucos a tristeza parece tomar conta de mim. Nem sei dizer ao certo o que estou sentindo, se é saudade, mágoa ou raiva.

Sim, raiva!

Raiva da infantilidade de Christina e, principalmente, raiva por ela ter ido embora sem antes me dar o direito a uma explicação.

Não estou querendo ser hipócrita, sei que errei quando sai sem mais nem menos, deixando-a sozinha. Mas eu precisava respirar um pouco, pensar e pôr a cabeça no lugar.

Custava ela ter me esperado para termos o que os adultos chamam de conversa?

Confesso que até ontem estava me martirizando de culpa. No entanto, depois de chorar rios de lágrimas, cheguei a conclusão de que contribui sim para essa situação, mas Christina foi a protagonista de toda essa história.

Porra, não é justo que em nossa primeira crise ela simplesmente vire as costas e fuja.

Se ela cogitou a ideia de que eu a deixaria pelo fato de que nunca poderá me dá um filho, então ela não tem noção do quanto a amo. E é por esse amor que continuarei lutando por nós dois. Por nosso futuro e pela família que quero formar ao seu lado, afinal, orfanatos existem para isso.

E daí se a criança não terá nosso sangue? Ela terá nosso amor e isso é o suficiente.

— Meu Deus, filho. Que furacão passou por aqui? — surpreendo-me ao ouvir a voz de meu pai e noto-o parado na entrada da porta.

— Pai? O que o senhor está fazendo aqui? — pergunto.

— Você não foi visitar sua mãe hoje, então ela me obrigou a vim saber o que anda acontecendo com o bebezinho dela. — brinca.

Merda! Eu havia me esquecido de ir vê-la.

— Eu estou bem. — minto.

— E eu acabo de descobrir que você tem uma irmã gêmea dez anos mais nova.

— Eu tenho uma irmã gêmea? — questiono, atordoado.

— Depende, você está bem? — devolve e eu finalmente nego com a cabeça.

— Ela foi embora. — sussurro.

— Ela quem? Christina?

Faço que sim com a cabeça, uma vez que as palavras parecem vidro em minha garganta.

Cortam até sangrar.

— Você quer falar sobre isso? Pode até parecer que não, mas falar ajuda muito, filho. —
senta ao meu lado e passa um de seus braços, protetoramente, ao redor do meu ombro.

— Ela é estéril. — solto.

— Você terminou com sua namorada porque ela não pode ter filhos? — parece incrédulo.

— Não. Ela me deixou porque concluiu que eu não a quisesse mais. Mas eu a quero pai. Eu
a quero tanto que dói.

— Então por que não fala isso para ela?

— Porque eu não sei onde raios ela está. Christina foi embora e agora eu não sei o que
fazer. — levo minhas mãos ao meu cabelo, bagunçando-o ainda mais.

— Talvez ela tenha ido para a casa de algum amigo, uma vez que ela não tem família.

— Christina não tem amigos, pai. — faço uma pausa. — A não ser o idiota do Henry, mas
ela não iria procurá-lo.

— Tem certeza? — pergunta e, neste momento, não tenho mais certeza de nada. — Se
quer um conselho, Travis, ligue para esse amigo de Christina ou vá até a casa dele. Só não deixe a
mulher que ama escapar de suas mãos.

As palavras de meu pai ficam martelando em minha cabeça e assim que ele vai embora
ligo para James, o cara de confiança de Matteo, coisa que eu já deveria ter feito há um bom
tempo.

Ligação on...

— Oi, James. Aqui é o Travis. Preciso que você descubra o endereço de Henry Becker.

— Henry Becker? Como o advogado da Lawyers Millman?

— Você o conhece?

— Ele é filho de um amigo.

— Então está esperando o que para me passar o endereço? É urgente, James.

— Ok. Anote aí.

Passa-me o endereço, agradeço-o e finalizo a chamada.

Ligação off...

Hora de trazer minha mulher para casa.



Estaciono meu carro em frente à casa de Henry e não perco tempo. Um segundo depois estou em frente à porta de sua casa, tocando a campainha sem parar.

— JÁ VAI! — ouço Christina gritar e todo o meu corpo congela.

Ela está aqui!

— Mas quem é que... — para no meio da frase quando seus olhos encontram os meus.

Como eu senti saudade desse olhar.

Olho para seus cabelos molhados e para as curvas que eu tanto amo, cobertas apenas por uma toalha branca.

— Travis?! — fala, sem acreditar em minha presença.

— Nós precisamos conversar, Christina. Eu gostaria de pedir desculpa por...

— Quem é, Tina? — escuto a voz do babaca de Henry e logo ele aparece enrolado em uma toalha e com o corpo todo molhado, assim como Christina.

Mas que porra é essa?

— Travis não é nada disso que você está pensando. — Christina fala quando nota meu olhar viajar dela para Henry e vice-versa.

— Eu... Eu não acredito que você fez isso comigo, Christina. — falo antes de virar as costas e sair andando em direção ao meu carro, com o coração quebrado e a certeza de que agora é realmente o nosso fim.

— Travis, por favor, me deixe explicar. Você está interpretando as coisas de forma errada. — puxa meu braço. — Eu e o Henry, nós...

— Não, Christina. Guarde suas desculpas para si mesma. — solto meu braço de seu aperto.

— Você está tirando conclusões precipitadas, Travis. Por favor, vamos conversar. — sussurra a última frase e eu acabo cedendo.

— Você tem dois minutos. — aponto para o relógio em meu pulso.

— Vamos entrar que eu explico tudo.

— Você está louca se pensa que irei entrar na casa daquele imbecil.

— Por favor, Travis, largue de agir como uma criança mimada. Henry é um amigo e eu não quero ficar conversando de toalha no meio da rua.

— Eu não vou entrar nesse ninho de cobra. — cruzo meus braços.

— Ok, então vamos deixar que aquele grupo de garotos ali continue olhando para mim. — aponta para um grupo de adolescentes tarados, que olham para Christina como se ela fosse um pedaço suculento de carne.

Sem pensar duas vezes coloco-a para dentro do meu carro.

Minha bunda que esses moleques ficarão olhando para o que me pertence.

— Pronto. Você ainda tem trinta segundos.

— Travis...

— Seu tempo está acabando. — olho para meu relógio.

— Será que você poderia parar de agir como uma criança?

— Uma criança? A única criança aqui é você, Christina, que fugiu em nossa primeira crise, que se despediu e chutou minha bunda com a porra de um papel e algumas palavras. — tiro a carta de meu bolso e jogo em cima de seu colo.

— Eu...

— Não, você vai ficar calada enquanto eu falo. — digo e ela se cala, os olhos esbugalhados. — Eu voltei para casa ontem... Eu voltei depois da burrada que fiz... Eu voltei para pedir desculpas, para dizer que pouco me importa o fato de que você não possa ter filhos. Eu... Eu voltei porque te amo. Mas você não estava mais lá. Você não estava e passei a noite toda te procurando, preocupado, com medo de que algo tivesse acontecido. Será que você pensou nos meus sentimentos quando fugiu sem me dar a chance de uma explicação plausível? — pergunto e percebo seus olhos marejarem. — Será que cogitou a possibilidade de que eu a amo acima de tudo?

Droga!

Odeio vê-la chorar.

— Me... Me de-desculpe. — sussurra, entre soluços. — Eu... Eu a-achei que... Eu não sei o que pensei, Travis. Me perdoa, por favor, me perdoa. — pede, enquanto lágrimas transportam de seus olhos.

— Está tudo bem, gostosa. Eu estou aqui. — puxo-a para um abraço. — Só... Só não faça mais isso. Não me deixe mais, Christina.

— Eu nunca mais farei isso. — pressiona seus lábios nos meus.

Como eu senti saudade do seu beijo.

— Tina! — o idiota de Henry chama por Christina, batendo na janela do carro.

— Eu odeio esse cara. — rosno, abaixando o vidro. — O que diabos você quer? — questiono, sem paciência. — Caso não tenha notado, eu e minha namorada estamos ocupados no momento. — dou ênfase ao minha namorada.

— Eu gostaria de saber se a minha amiga ainda viajará comigo para a Alemanha. Nosso vou sai em uma hora, Christina. — fala a última frase olhando para Christina.

— Isso... Isso é verdade, Christina? Você estava indo embora para outro país com esse cara?

Por favor, diga que não. Por favor...

— Responde! — peço com a voz um pouco mais firme.

— Sim. — sussurra.

— Sai do meu carro. — rosno, sem pensar.

— Travis, por favor, me deixa expli...

— SAI DO MEU CARRO, PORRA! — grito, fazendo-a se afastar com o susto.

— Ei, não grite com ela. — o imbecil fala e eu tenho vontade de socá-lo até que ele perca a consciência.

— Por favor, Travis, não faz assim...

Desço do carro, dou a volta, abro a porta do passageiro e puxo Christina pelo braço.

— Você está me machucando, Travis. — chora.

— Solta ela, idiota! — Henry me empurra, libertando Christina de meu aperto. — Você está bem?

— Sim.

— Nunca mais encoste um dedo nela seu babaca. — esbraveja.

— Quanto a isso não se preocupe. Eu espero nunca mais ter que vê-la em minha frente. — olho fixamente para Christina enquanto pronuncio cada palavra, me segurando para não chorar. — A partir de hoje ela morreu para mim. — digo, antes de entrar em meu carro e sair por aí, sem rumo e sem direção.

Sei que fui um monstro por tratá-la daquela forma, mas a raiva que eu estou sentindo falou mais alto que qualquer razão.

Christina brincou com meus sentimentos. Eu lhe dei meu coração e ela o destruiu em um milhão de pedaços.

Merda!

Ela escolheu ir embora com outro a ter que enfrentar nossos problemas, isso não é algo que

eu consigo perdoar.

Antes que alguém me julgue eu gostaria de perguntar: o que você faria se descobrisse que sua (seu) namorada (o), depois de uma discussão, decidiu se mudar para outro país ao lado de um ex-amigo (a) de foda? O que você faria se ela (e) tomasse essa decisão sem pensar em seus sentimentos?

Foi exatamente isso o que Christina fez e por mais que eu a ame, não tenho sangue de barata.

Ela dissipou os últimos resquícios de esperança que me restavam.

Choro... Grito... E percebo que é hora de seguir em frente.

Capítulo 19 | Grávida?

Christina

(Dois meses depois...)

Olho, pela milionésima vez, uma foto de Travis ao lado de uma vagabunda qualquer e tenho uma vontade incontrolável de desfigurar o rosto dos dois.

— Minha nossa! Quem é esse gato? E essa mulher? Deve ter entrado na fila da beleza umas duzentas vezes. — Marcela comenta, fazendo com que eu me sinta pior do que já estou.

— Esse é o babaca do meu ex e essa é, provavelmente, uma das prostitutas com as quais ele resolveu sair.

Essa é a quarta *Barbie Siliconada* com quem ele saiu em pouco mais de uma semana.

Não que eu esteja contando, é claro.

— Olhando por esse ângulo, ela nem é tão bonita assim. E esse sorriso dela é falso. — fala em uma tentativa de me fazer sentir um pouco melhor.

Como se algo fosse capaz de me deixar para cima.

Faz exatos dois meses que vim para a Alemanha com Henry e me sinto pior a cada dia. Viver sem Travis se tornou algo quase impossível e bastante doloroso. Eu penso nele 24 horas por dia.

Até em meus sonhos o desgraçado resolveu me perturbar.

— Não precisa mentir, Marcela. Eu sei que ela é linda. — olho para a imagem mais uma vez antes de fechar o MacBook. — Muito mais bonita que eu. — sussurro baixinho.

— Eu não acredito que você acabou de falar um absurdo desses, Christina Wyatt. Você é linda! E o melhor de tudo: não é um espeto ambulante. — diz com seu ar brincalhão, me fazendo soltar uma leve risada.

— Cheguei. — a voz de Henry ecoa pelo apartamento.

Ele mal coloca os pés na sala e Marcela já está com a língua enfiada em sua garganta e as pernas ao redor de sua cintura.

Senhor do céu, será que esses dois não sabem o que é um quarto?

Henry e Marcela se conheceram há pouco mais de um mês e deste então não se desgrudam mais.

O que me deixa feliz.

Marcela é uma brasileira linda, cheia de curvas, que veio tentar a vida na Alemanha, mas acabou servindo mesas, assim como eu. Possui um humor incrível e não poderia ser mais perfeita para Henry.

— Será que vocês dois poderiam procurar um quarto? — pergunto e os dois se separam.

— Eu trouxe comida. — Henry ergue uma sacola.

— Ótimo, eu estou faminta. — Marcela pega a sacola da mão do namorado e segue em direção à cozinha.

— E você, Tina? Não vai comer? — ele pergunta e eu faço que não com a cabeça.

— Estou sem fome. — respondo.

— Christina, eu estou preocupado com você. — senta ao meu lado. — Você mal come e quando come coloca tudo para fora.

— Eu estou bem...

— Não, você não está. — desta vez quem fala é Marcela, que volta para a sala com uma fatia de pizza na mão.

O cheiro de queijo derretido preenche o ambiente e, em questão de segundos, corro direto para o banheiro. Ajoelho-me em frente ao vaso sanitário, colocando todo o meu café da manhã para fora. Sinto alguém segurar meu cabelo, olho para o lado e vejo minha amiga olhando-me com uma cara de preocupação.

Depois que termino de vomitar, ela me ajuda a levantar. Escovo meus dentes e sigo para meu quarto, onde encontro um Henry andando de um lado para o outro.

— Eu estou bem, Henry. Foi só um mal estar. — falo para acalmá-lo, mas a verdade é que estou tonta e fraca.

— Para mim isso tem outro nome. — Marcela comenta e eu me pergunto do que ela está falando.

— Como assim? Você acha que pode ser algo grave? — Henry questiona, parecendo ainda mais assustado.

Oh meu Deus! Será que vou morrer?

Olho para Marcela e espero por uma resposta.

— Bem, no Brasil nós costumamos dizer que quando se faz o *tchan* depois de nove meses você ver o resultado.

— Tchun? O que diabos é isso? — Henry indaga.

— Não é tchun, docinho, é tchan. Ou, se preferirem: trepar, foder, transar, ir ao paraíso e voltar...

— Ok, amor. — interrompe sua explicação. — Mas o que isso... Bem, o que isso tem a ver com o fato de Christina está doente?

— Ela não está doente, bobinho. Ela está grávida.

A palavra grávida sai da boca de Marcela e as lembranças da noite em que terminei com Travis invadem minha mente.

— Eu... Eu não posso engravidar, Marcela. — balbucio.

— Mas... Eu... Como você pode ter tanta certeza disso?

— Ela é estéril, amor.

— Então o médico deu o diagnostico errado. Eu conheço uma mulher grávida e Christina é uma. — fala confiante.

— Não existe nenhuma possibilidade de o diagnóstico está errado. Eu não posso ter filhos e ponto final, isto é um fato. — mesmo sem querer acabo sendo um pouco grosseira.

— Erros existem, Christina. — rebate.

— Marcela. — Henry repreende a namorada.

— Quer saber? Eu vou resolver essa situação. — diz, saindo do quarto.

— Para onde você vai? — Henry pergunta.

— Comprar alguns testes de gravidez e provar para essa teimosa que dentro dessa barriga há um lindo bebê. Vou logo avisando que quero ser a madrinha. — termina de falar e sai, sem esperar para ouvir o que eu tenho a dizer.

— Desculpa, ela não fez isso por mal.

— Eu sei que não, Henry. Mas é difícil tocar nesse assunto.

— Por causa dele? — refere-se à Travis.

— Também. — confesso.

— Você devia procurá-lo se ainda o ama.

— Ele com certeza não iria querer me ver. — falo, sem esconder minha tristeza.

Ainda hoje sou capaz de lembrar das últimas palavras de Travis.

"A partir de hoje ela morreu para mim."

Ouvir essas palavras saindo da boca da pessoa que mais amo foi o mesmo que levar um tiro na cabeça.

Fatal!

Por mais que eu tente, não consigo esquecer essas palavras. E isso me machuca cada vez mais.

— E se você realmente estiver grávida? Como irá contar para ele?

— Eu não estou grávida, Henry. — digo.

Sei que muitos devem está me tachando de pessimista. Contudo, isso não se chama ser pessimista, isto é ser realista. Eu sei que não posso engravidar. Alimentar essa esperança seria apenas mais uma forma de me martirizar.

— Ok, mas vamos supor que esteja grávida. Então, o que fará?

— Então eu amarei essa criança como nunca amei ninguém na vida. — respondo sem hesitar e por um momento me permito pensar na possibilidade de eu realmente está esperando um filho de Travis.

Um fruto do nosso amor.



Estou deitada em minha cama quando Marcela abre a porta do quarto e entra com uma sacola de farmácia na mão.

— Aqui estão sete testes de gravidez. — despeja o conteúdo da sacola na cama e eu ainda não consigo acreditar que ela realmente seguiu em frente com esse absurdo.

— Eu não vou fazer o teste. — falo, enterrando minha cabeça no travesseiro.
Estou com tanto sono.

— Meu traseiro que você não irá. — puxa-me pelas pernas e eu quase caio no chão. — Vamos! Levante esse bumbum daí, pegue os teste e vá fazer xixi igual um chafariz. — entrega-me os teste e me empurra para dentro do banheiro. — BOA SORTE! — grita ao fechar a porta.

Coloco os testes em cima da pia e fico encarando a embalagem de cada um, como se eu estivesse diante a uma cobra gigante.

Meus dedos coçam, pego um dos testes, respiro fundo, ligo a torneira da pia e espero a vontade de fazer xixi chegar.



Saio do banheiro vinte minutos depois, com três testes de gravidez e um semblante que nem eu consigo decifrar.

Eu simplesmente não sei o que fazer. Só tenho vontade de chorar.

— Oh meu Deus! Que cara é essa? — Marcela pergunta. — Deu negativo? Olha, amiga, eu sinto muito. Eu... Eu não deveria tê-la obrigado a fazer o teste. Você pode me bater e me xingar se quiser.

— Eu não vou fazer isso.

— Não?

— Não. Eu... Eu estou grávida, Marcela. Eu vou ser mãe. — solto as palavras junto com uma enxurrada de lágrimas e um enorme sorriso nos lábios.

Lágrimas de felicidade.

— Parabéns, amiga! — Marcela me abraça.

— O que foi que aconteceu? — Henry pergunta após entrar no quarto e me encontrar aos prantos.

— Você será titio. — Marcela fala por mim e eu agradeço-a.

Mal consigo formular uma única palavra de tão emocionada que estou.

— Como assim? Você... Você está grávida, Tina?

— Sim. — respondo me desvencilhando dos braços de Marcela e correndo para os braços protetores do meu "irmão".

— Eu nem sei o que dizer. Parabéns, Tina. Fico feliz por você. — fala sincero.

— Obrigada.

— Você vai contar para ele? — pergunta e meu corpo fica rígido por alguns instantes.

— Eu... Eu não sei se sou capaz de contar agora. — admito.

— Ele é o pai da criança, Christina, tem o direito de saber da existência do filho.

— Eu sei, Henry. Mas...

— Mas o Henry está certo, Christina. Eu cresci sem a presença de um pai, você também. Sério que é isso que você deseja ao seu bebê? — Marcela pergunta.

— Não. — sussurro.

— Então eu sugiro que volte para os Estados Unidos e conte a novidade ao mais novo papai.

— E se ele não quiser me ver? E se ele rejeitar essa criança? — levo uma de minhas mãos a minha.

— Você nunca saberá a resposta para essas perguntas se não tentar fazer o que é certo. — Henry fala e me dá um sorriso de incentivo. — Posso comprar a passagem? — pergunta e eu, sinceramente, não sei a resposta.



(Alguns dias depois...)

Henry

Faz pouco mais de uma semana desde que Christina descobriu sobre a gravidez e até agora não contou nada a Travis. Principalmente depois que viu uma foto dele beijando uma puta oxigenada dos peitos caídos, palavras dela.

O fato é que, por mais que Travis esteja se comportando como um retardado e por mais que eu não vá com a cara dele, não concordo com a decisão de Christina em esconder a gravidez.

Poxa, se eu estivesse no lugar do idiota de olhos azuis, eu com certeza gostaria de saber sobre a existência do meu filho.

Não é justo o que ela está fazendo.

Pego meu celular e digito o número da empresa em que o Maddock trabalha.

Ligação on...

— Sala do Sr. Maddock, bom dia. — sua secretária saúda.

— Bom dia, eu gostaria de falar com Travis Maddock.

— Desculpe-me, mas o Sr. Maddock está em uma reunião importante e pediu para não ser incomodado.

— Então, por favor, diga que Henry Becker deseja falar com ele. O assunto é referente à Christina Wyatt.

— Christina? — a mulher pergunta. — Vou passar a ligação para ele.

Espero uns dois minutos antes de ouvir a voz de Travis.

— O que aconteceu com ela? — a preocupação em sua voz é nítida. — Responde, merda! O

que aconteceu com ela?

— Primeiro, eu sugiro que abaixe seu tom de voz. Segundo, Christina está bem.

Travis solta um longo suspiro, como se estivesse prendendo a respiração antes de ouvir minha resposta.

— Então o que tanto quer falar comigo? Espere! Deixe-me adivinha. Você ligou para me convidar para o casamento.

E o Travis idiota está de volta.

— Não, seu babaca. Eu liguei para comunicá-lo que ela está grávida. — solto as palavras e rezo para que minha amiga não sinta raiva de mim.

— Co-como? Grá-grávida? Eu vou ser pai?

Sou surpreendido por ele não associar a gravidez a mim.

Pelo visto ele não é tão babaca assim.

— Sim, você será pai. — solto um leve sorriso.

— Eu... Eu preciso vê-la. — fala.

— Vou passar o endereço. O primeiro ultrassom será amanhã. Então eu o aconselho que pegue um voo para Alemanha ainda hoje.

— Eu... Obrigado, Henry.

— De nada. Só faça minha amiga feliz. — peço.

Passo o endereço e antes de desligar ouço Travis balbuciar algumas palavras.

— Henry, ela me odeia? — sussurra a pergunta.

— Christina seria incapaz de odiar alguém. — respondo, finalizando a chamada logo em seguida.

Ligação off...

Por mais que Christina fique com raiva ao descobrir o que acabo de fazer, sinto que fiz o certo.

Capítulo 20 | Quatro corações

Travis

— Você colocou tudo dentro da mala? — minha mãe pergunta pela vigésima vez.

— Sim, mãe. — respondo a uma Taty eufórica com a ideia de ser finalmente avó.

— Eu ainda não consigo acreditar que irei ganhar um netinho. — fala com rosto banhado de lágrimas.

Meu pai se aproxima, envolvendo-a em um abraço.

— Eu também não, mãe. — admito.

A ficha de que Christina está grávida e de que serei pai ainda não caiu.

— Irá pedi-la em casamento, certo? Você comprou o anel? — minha mãe joga as perguntas em cima de mim e eu não sei o que responder.

Na verdade eu sei. Só não faço a mínima ideia se Christina me aceitará de volta ou não. Deus queira que sim, porque se existe algo que aprendi durante esses últimos meses foi que não consigo viver sem ela.

Sei que muitos devem está se perguntando o porquê de eu não tê-la procurado antes e ter saído com metade da população feminina de Nova Iorque. Bem, o motivo é simples: eu sou um idiota. Quer razão maior que essa? Eu sou um babaca orgulhoso, que só pensa em si mesmo e que corre o sério risco de perder a mulher que ama.

— Tudo ficará bem, filho. — meu pai comenta como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Que os anjos digam amém e o senhor esteja certo.

— Se ela não o aceitar de volta, eu mato você. — fala como se Christina fosse sua filha e eu um vagabundo qualquer.

— Nossa, agradeço o carinho, mãe.

— Desculpe-me, querido. Mas você sabe que vacilou e que há uma grande probabilidade de Christina chutar esse seu traseiro.

— Taty! — papai a repreende.

— Ah, Michael, nem venha querer defender o seu filho. Ele fez merda e precisa ter consciência disso.

— Tudo bem, mãe. Eu fiz merda, admito, mas irei concertar cada uma de minhas burradas. Prometo. — dou um beijo no topo de sua cabeça, agora raspada, e abraço meu pai logo em seguida. — Tenho que ir agora. — pego minha mala. — Me desejem sorte.

— Boa sorte, filho. — os dois dizem em uníssono, ambos com um sorriso de esperança no rosto.

Arrasto minha mala até meu carro e sigo para o aeroporto. Tenho oito horas de voo pela frente. Oito horas que serão de total tortura, uma vez que o medo de não saber o que me aguarda me atormenta sem cessar.



Christina

É hoje...

Hoje é o dia do meu primeiro ultrassom e a palavra medo me define.

Sim, medo! Medo de que algo possa está errado com meu bebê.

E se ele tive algum problema?

Não! Eu preciso parar de pensar negativamente. Marcela me disse para ser mais otimista e é isso o que devo fazer.

— Você precisa parar de andar de um lado para o outro. — Henry fala, sentado no sofá.

Estamos na sala há quase duas horas, esperando Marcela terminar de se arrumar.

Agora me digam, que pessoa leva duas horas se produzindo para acompanhar a amiga em um ultrassom? Acho que só a louca da Marcela.

— Pronto. Estou pronta. — anuncia, desfilando pela sala.

Henry solta um assobio, levantando-se para agarrar a namorada pela cintura e lhe dá um

baita de um beijo.

Por um segundo sinto inveja dos dois e me imagino fazendo o mesmo, só que com Travis.

Aff... Porque raios eu ainda perco meu tempo pensando naquele idiota? Juro que a primeira coisa que irei fazer quando encontrar o desgraçado é dar um belo de um soco naquele seu rosto perfeito.

Tão perfeito que devia ser crime.

— Ok, será que o casal de pombinhos poderia parar com os amassos. Não quero chegar atrasada em minha primeira consulta.

— Tudo bem, estraga prazeres. — Marcela me dá a língua e nós, enfim, saímos para a tão esperada consulta.



— Por que diabos você tanto encara aquela porta? Ou seria a recepcionista? — minha amiga pergunta ao namorado.

— Eu? Hã... Claro que não, Marcela. Isso é coisa da sua cabeça. — tenta beijá-la, mas ela se esquivava.

Dessa vez eu tenho que concordar com a louca da Marcela. Desde a hora em que chegamos à clínica, Henry não para de olhar em direção a porta de chegada. É como se estivesse esperando alguém.

Mas quem?

— Srta. Wyatt? — o obstetra gato chama meu nome e logo estou em pé.

— S-Sim. — gaguejo porque, acreditem, é impossível não gaguejar perante a um monumento da natureza.

Dr. Wolf é alto, loiro, dos olhos claros... Resumindo: o típico alemão gostoso.

— Eita amiga, depois dessa até eu quero ficar grávida. — Marcela comenta descaradamente, fazendo Henry abrir uma carranca.

— Então, a senhorita está pronta? — pergunta.

— Meu bem, eu já nasci pronta. — quando percebo as palavras já saíram de minha boca.

— Fico feliz em saber. — sorri e eu sinto meu rosto corar. — A senhorita entrará sozinha, ou acompanhada por um de seus amigos?

Antes que eu possa responder, sou surpreendida pela única voz capaz de abalar todas as minhas estruturas.

— Ela entrará com o pai do bebê. — Travis fala.

Viro-me para encará-lo, ainda sem acreditar que ele realmente esteja aqui.

Mas como... Como ele sabe da gravidez?

— Desculpe-me, Tina, mas ele tinha o direito de saber. — Henry fala com um olhar de súplica.

— Você não deveria ter feito isso. — balanço minha cabeça negativamente, me sentindo traída.

— Eu fiz o que era certo, Christina. Espero que possa me perdoar e entender que só entrei em contato com Travis porque me preocupo com você. — justifica-se e bem lá no fundo sei que ele tem razão.

— O que você faz aqui, Travis? — direciono-me ao mais belo par de olhos azuis de todo o universo.

Uma rápida olhada para Travis e percebo que o desgraçado continua mais gostoso do que nunca.

Isso é tão injusto.

Enquanto eu pareço uma atriz de filme de terror, toda descabelada e com olheiras enormes, ele está impecável. Se bem que sua expressão parece cansada e abatida.

— Como assim o que eu estou fazer aqui? Eu vim para o primeiro ultrassom do nosso filho. — responde, um sorriso idiota no rosto, como se nada tivesse acontecido nos últimos meses.

— Então você é o papai do bebê? — o obstetra pergunta.

— Não, ele é o cara que contribuiu com os espermatozoides. — respondo ao mesmo tempo em que Travis fala um orgulhoso "sim".

— Oh, acho que entendi. Isso significa que ele irá acompanhá-la?

— Demorou a compreender, amigo. — Travis se aproxima e dá um leve tapinha no braço do obstetra, que faz uma cara de cão raivoso.

— Eu não quero que você me acompanhe, Travis.

— Você só pode está ficando louca se acha que irei perder a oportunidade de ouvir o coração do meu filho bater.

E antes que eu volte a questioná-lo, o imbecil invade a sala do Dr. Wolf, como se fosse o dono do mundo.

— VOCÊS NÃO VÃO ENTRAR? — grita e eu conto até um milhão para não deixar meu bebê órfão de pai.

— Desculpe-me. — balbucio um pedido de desculpa para o doutor, que me dá um leve sorriso. Um sorriso que diz: *"Tenho pena desse bebê"*.

O Dr. Wolf faz sinal para que eu entre, entrando logo em seguida. Travis já está sentado em uma cadeira, ainda com aquele sorriso idiota no rosto.

— Então, já podemos ouvir o coração do meu bebê? — pergunta, como se o grávido fosse ele e não eu.

O Dr. Wolf faz sinal para que eu sente ao lado de Travis e começa a explicar o que irá ser feito.

— Bem, antes do ultrassom é necessário que primeiro seja realizado um exame físico, que inclui: peso, altura, pressão arterial, batimentos cardíacos, pulmões, mamas, exame pélvico (útero, ovários, colo do útero, vagina)...

— Você não irá examinar a vagina nem os seios da minha mulher. — Travis rosna e eu corro de vergonha.

— Travis! — olho para ele com um olhar de repreensão.

— Senhor?

— Maddock. — responde a contra gosto.

— Pois bem, Sr. Maddock, os exames são necessários para que possamos dar início ao pré-natal e descartar qualquer possibilidade de futuras complicações. — o médico explica com uma paciência invejável.

— Então chame uma obstetra do sexo feminino. Na minha mulher você não toca. — cruza

os braços, não muito diferente de uma criança de três anos, só faltou bater o pé.

— Sinto muito em decepcioná-lo, querido, mas isso quem decide sou eu. E se eu quiser que o Dr. Wolf olhe minha vagina, então ele o fara. — falo e Travis olha para mim como se eu acabasse de proferir uma barbaridade.

— Esse bebê também é meu. — gesticula.

— Não é você que está carregando ele na barriga.

— Mas fui eu quem o colocou aí. — replica.

— Desculpem, mas acho melhor procurarem outro obstetra. — o doutor sugere.

— Eu não irei procurar outro médico. O senhor examinará minha vagina e ponto final.

— Ele...

— Será que você poderia calar a boca, Travis? Eu irei fazer um exame como qualquer outro. Não sou igual você que sai transando com qualquer uma que aparece.

— Eu não transo com qualquer uma.

— Não, só com um par de prostitutas mais rodadas que catraca de ônibus.

— Eu... Sem querer me intrometer, mas vocês já pensaram em fazer terapia de casal?

— Nós não somos um casal. — respondo mal-humorada.

— Não ligue para o que ela fala. Christina só está chateada com algumas idiotices que fiz, mas seu amor por mim é algo comovente.

— Eu... Eu lrei pedir para que a Dra. Anne venha examiná-la. — pega o telefone e liga para a tal obstetra.

Olho para Travis, que sorrir de orelha a orelha, e tenho uma séria vontade de pular em seu pescoço e matá-lo asfixiado.

No fim o bastardo acabou conseguindo o que queria.

Sou examinada por uma senhora de cinquenta anos de idade, que não parou de paquerar Travis por um só segundo.

— Você tem um belo traseiro. — ouço Anne sussurrar para Travis, no exato momento em que volto para a sala, desta vez para a realização do ultrassom.

— Estou pronta. — anuncio, fazendo Travis pular para trás.

— Oh, sim. Deite-se na cama e levante a blusa. — instrui e eu faço exatamente o que ela pede.

Anne passa um gel em minha barriga e explica como é realizado o ultrassom. Travis senta em uma cadeira ao meu lado e entrelaça uma de suas mãos na minha. Por um segundo cogito a ideia de afastar sua mão, mas estou nervosa demais e esse contato transmite a segurança da qual preciso.

— Preparados? — Anne pergunta e nós assentimos que sim.

Ela mal encosta o aparelho em minha barriga e um barulho invade a sala.

O que é isso? A bateria de alguma escola de samba?

— Que barulho é esse? — Travis pergunta, encarando a pequena tela.

— São os corações. — a doutora responde e tanto eu como Travis entramos em estado de choque.

— Como assim? Meu bebê tem mais de um coração? Ele é alguma espécie de bebê mutante? — pergunta alarmado.

— Não. — Anne sorri. — Vocês serão pais de quadrigêmeos. — fala e os fatos que se sucederam em seguida foram um verdadeiro borrão.

Em um segundo eu estava chorando ao lado de Travis e no outro ele estava caído no chão.

Sim, ele desmaiou.

Olho para a doutora Anne e peço para que ela continue com o ultrassom.

— Mas e ele?

— Hum, ele está bem. — falo, voltando a encarar os quatros pontinhos no pequeno televisor.

Quadrigêmeos...

Eu serei mãe de quatro lindos *babys*.

Espera! Será que serei uma boa mãe? E se eu confundir os bebês? Como irei alimentar os quatros de uma vez se só tenho dois seios? E se eles me odiarem?

As perguntas invadem minha mente e meu medo aumenta.



Travis

O cheiro forte de álcool invade meu olfato e depois de muito esforço, consigo abrir meus olhos.

Pisco algumas vezes antes de finalmente encontrar o rosto da minha gostosa.

— Eu... Eu tive um sonho estranho. Você... Nós estávamos grávidos de quadrigêmeos. — relato meu sonho maluco e Christina sorri.

— Não foi um sonho, Sr. Maddock. Vocês serão papais de quatro lindos bebês. — a Dra. Anne fala.

Só então percebo que ela está ao meu lado, muito próxima do meu corpo. Mais próxima do que deveria

— Então... Não foi um sonho? — pergunto, ainda sem acreditar.

— Ao que parece você tem um super esperma. — fala. — Sua namorada é uma mulher de sorte. — pisca e Christina revira os olhos.

— É-É sério. Meu Deus, quatro crianças? Eu preciso ligar para minha mãe. — procuro por meu celular no bolso de minha calça jeans. — Droga, onde raios essa merda foi parar? — praguejo quando não encontro o maldito aparelho.

— Então isso significa que não está chateado com o fato de que terá que me ajudar a cuidar de quatro crianças? — Christina sussurra a pergunta.

Levanto-me e vou até ela. Pego seu rosto em minhas mãos e olho fixamente em seus olhos.

— Mas é claro que eu não estou chateado. Porra, como eu poderia ficar triste quando a mulher que amo está grávida e me dará quatro filhos lindos? — indago com uma enorme vontade de colar meus lábios nos dela, porém me controlo. — Obrigado. — agradeço, levando uma de minhas mãos ao seu ventre.

— Ok, eu odeio ter que atrapalhar o momento romântico entre o casal, mas preciso passar algumas orientações a futura mamãe antes de finalizar a consulta.

Anne faz sinal para as duas cadeiras em frente a sua mesa e nós nos sentamos, um ao lado do outro.

— Bem, acredito que vocês já tenham conhecimento do quão é raro uma gravidez de múltiplos, principalmente de quadrigêmeos. — começa. — No entanto, além de rara, é uma gestação que inspira cuidados ainda maiores. — fala, séria, e sinto a mão de Christina ir de encontro a minha, apertando-a com força. — Não quero assustá-los, mas na maioria dos casos os bebês nascem prematuros, pequenos, ficam um longo tempo internados e podem ter sequelas neurológicas, motoras e intelectuais.

— A senhora está dizendo que meus bebês sofreram complicações? — Christina indaga, a voz trêmula e os olhos cheios d'água.

— Eu não estou afirmando que eles terão complicações, querida. Estou alertando-os do que poderá vir a ocorrer caso não sigam a risca as recomendações que irei passar.

— E que recomendações são essas? — pergunta.

— Para começar, é de suma importância que procure praticar algum exercício físico que não exija muito esforço, eu recomendo uma caminhada no início da manhã ou, se preferir, no finalzinho da tarde. A alimentação tem que ser a mais saudável possível. Irei prescrever algumas vitaminas e uma lista de alimentos que deverão ser inclusos em seu cardápio alimentar.

— E quanto ao sexo? — solto a pergunta naturalmente, ganhando um sorriso da doutora e um olhar de repreensão por parte da minha gostosa, que aperta minha mão sem piedade. — Ai! — exclamo de dor.

— O sexo pode continuar de forma normal, porém sugiro que deem uma pausa quando entrar no sexto mês de gestação. Como mencionei anteriormente, por ser uma gravidez de múltiplos, o parto pode ocorrer durante o sétimo mês.

Putz, isso significa que tenho que aproveitar os últimos quatro meses, uma vez que Christina já está no segundo mês de gestação.

— Ah é importante que a futura mamãe evite o máximo de estresse possível.

— Quando poderemos descobrir o sexo dos bebês? — Christina pergunta com um brilho no olhar.

— A partir da décima sexta semana, dependendo da posição na qual os fetos se encontrarem. Mas alguma pergunta?

— Sim. Nós estamos na Alemanha a passeio, há algum problema caso quisermos voltar para Nova Iorque? — indago, ganhando novamente um olhar mortal vindo da mulher ao meu lado.

— Bem, como Christina ainda está no início da gravidez, não há nenhum problema quanto a isso. — responde. — Agora irei passar as vitaminas das quais falei e vocês estarão liberados para contar a novidade aos amigos e familiares. Afinal, não é todo dia que você descobre que terá quatro filhos de uma só vez. — brinca.

Caralho eu serei pai de quatro lindos pestinhas.

Agora só falta convencer minha gostosa a me perdoar e a voltar comigo para Nova Iorque.

Só me resta saber como irei fazer isso.

Capítulo 21 | All of me

Christina

— Eu ainda não consigo acreditar que você está grávida de quadrigêmeos, amiga. —
Marcela comenta enquanto esperamos Henry e Travis terminarem de preparar o almoço.

Sim, o imbecil de Travis decidiu se instalar no apartamento de Henry, que o recebeu de braços abertos, como se fossem melhores amigos.

— E eu não consigo acreditar que o idiota do seu namorado permitiu que Travis ficasse aqui. — falo emburrada.

— Eu não sei do que está reclamando. Travis além de gato deve ser um Tarzan na cama. Não podemos esquecer que ele realizou a façanha de colocar quatro *babys* dentro dessa barriga. Por isso, pare de reclamar, mulher. Aproveite que seu boy está aqui e transe. Porra, já faz mais de dois meses que você não abre as pernas, amiga. Sua vagina deve está repleta de teias. —
termina seu discurso no exato momento em que o babaca de olhos azuis entra na sala.

— Quanto a isso não se preocupe, Marcela, sou capaz de resolver esse problema rapidinho. — fala as últimas palavras olhando fixamente em meus olhos.

Vontade de esganar esse idiota gostoso é o que não me falta.

— Agradeço sua preocupação, Travis, mas pode socá-la em seu cú. Não estou a fim de pegar uma DST. — joga as palavras para fora, fazendo o sorriso que estava no rosto de Travis evaporar e Marcela fugir de fininho.

— Vou ver se o Henry precisa de ajuda. — inventa uma desculpa qualquer e sai, deixando-me sozinha para lidar com a fera.

— Olha, Christina, sei que você deve ter visto algumas fotos minhas com outras mulheres...

— Algumas? Você por acaso está se referindo as quase 120 fotos suas com vadias diferentes? — pergunto, interrompendo seu discurso de: "*Não é nada disso que você está pensando*".

— Você contou o número de fotos? — sorri de lado.

— É-É óbvio que não. Por que raios eu contaria o número de vagabundas com as quais você saiu depois que me colocou para fora da sua vida como se eu fosse um lixo? — minhas

palavras saem duras e firmes.

— Porque você sente ciúmes. E só para constar, você nunca saiu da minha vida, Christina. — tenta se aproximar, mas eu me afasto. — Você não vai me perdoar, né? — sua voz sai quase inaudível.

— E por que eu deveria? Você... Você me magoou muito, Travis.

— Eu sei, gostosa e me arrependo disso. Eu só preciso que me dê uma chance para provar que te amo.

— Eu não sei se sou capaz de esquecer todas aquelas palavras que jogou sob mim e a forma como me tratou. — faço uma pausa. — Aquilo doeu, Travis. Doeu muito.

— M-me desculpe, gostosa. Aquilo... Doeu em mim também. — se ajoelha no chão para ficar da mesma altura que eu. — Por favor, diga que me perdoa. — toca meu rosto com uma de suas mãos. — Por favor, por favor, por favor... — implora, repetidas vezes.

— E-Eu preciso pensar, Travis. — digo, me levantado do sofá e indo em direção à meu quarto.

Tranco a porta, deito-me na cama e choro baixinho até pegar no sono.



Eu não sei por quanto tempo dormir, mas, olhando para a janela do quarto, percebo que já anoiteceu. Espreguiço-me na cama, vou ao banheiro fazer xixi e depois corro para a cozinha. Abro a geladeira e começo a pegar tudo o que vejo pela frente.

Nem pensem em julgar uma gordinha grávida de quadrigêmeos.

— Costeleta de Vitela com strudel? — Henry pergunta ao entrar na cozinha.

— Eu não estou falando com você, seu amigo da onça. — resmungo mal-humorada.

— Ainda brava comigo por eu ter permitido que Travis ficasse aqui?

— O que você acha? — pergunto, voltando a devorar a mistura em minha frente.

— Desse jeito você vai acabar passando mal. — aponta com cara de nojo para a minha deliciosa refeição.

— E você acabará sem sua língua se não calar a boca. — devolvo. — Onde está a sua namorada? — pergunto e ele fica calado. — Eu te fiz uma pergunta.

— Achei que fosse para eu ficar calado.

— Então achou errado!

Acordei com um humor ótimo.

— Calminha aí, Tina. Controle esses seus nervos.

— Eu não estou nervosa. Você acha que eu estou nervosa? — aponto uma faca de mesa em sua direção e ele arregala os olhos.

— N-não. Vo-você está su-super calma. — gagueja. — A-agora abaixe essa fa-faca. — pede, sem tirar os olhos do objeto em minha mão.

— Eu só ia cortar mais um pouco de costeleta.

— Desde que não sejam as minhas. — faz um pausa. — Agora, respondendo à sua pergunta, Marcela foi comprar uma roupa para a sua festa.

— Minha festa? — questiono, sem entender nada.

— Marcela decidiu que devemos comemorar sua gravidez de múltiplos.

— E por que eu sou sempre a última a saber? — faço beicinho. — Porra a festa é minha, eu tenho que ficar apresentável. — resmungo, pegando o prato de costela com strudel.

— Para onde você vai com esse prato?

— Como para onde? Eu vou me arrumar para a minha festa. Mas antes preciso alimentar meus babys. — respondo, ainda com fome.

Estou saindo da cozinha quando esbarro em um Travis sexy, vestido em uma calça jeans, camisa azul e jaqueta de couro.

Ele está tão comestível.

— Você vai comer tudo isso? — pergunta, espantado, olhando diretamente para o meu prato.

Será que agora todo mundo vai ficar querendo regular o quanto eu como? Que saco!

— Eu não sei se ainda lembra, mas estou grávida de quadrigêmeos. Você quer que os

nossos filhos passem fome? Quer que nasçam desnutridos? Quer que eles sejam fracos porque eu não comi o suficiente? Quer que os coitados sofram bullying no colégio ao serem comparados com palitos de fósforos, Olívia Palito, Salsicha...?

— Calma. — ergue as mãos para cima em sinal de rendição. — Eu só quero que eles nasçam saudáveis e lindos. Igual à mãe. — fala a última frase com um sorriso encantador nos lábios.

— Puxa saco. — resmungo.

— Realista. É diferente. — sorri de lado.

— Você também irá para a minha festa?

— Festa? Que festa?

— Eu... Esquece. É-é que você está todo arrumado. — solto, sem querer.

— Ah, eu irei sair.

— Sair? Algum lugar em especial? — pergunto como quem não quer nada.

— Não, só vou aproveitar um pouco a noite.

Aproveitar um pouco a noite? Isso significa o quê? *"Irei sair, transar com alguma vadia e depois volto"*?

Cara de pau, filho de uma mãe. Pede desculpas para logo em seguida me esnobar.

Arghhhhhhh!

— Algum problema, Christina?

— Hã? Não, nenhum. Por que haveria algum problema? Você está vendo algum problema? Porque eu não estou vendo nenhum problema. Nenhunzinho. Nada!

— Ok, então eu vou indo. — beija minha testa e sai.

— Arghhhhhhhhhh! — rosno furiosa. — TOMARA QUE SEU PAU FIQUE MOLE PARA O RESTO DA SUA VIDINHA DE MERDA E QUE NEM VIAGRA OU MEU INCRÍVEL BOQUETE RESOLVA O PROBLEMA! — grito para a porta, que abre logo em seguida.

— Eita, nem pau eu tenho e dispenso seu boquete. — Marcela entra, nas mãos umas cinco sacolas de compras. — Essa raiva toda é porque Travis acabou de sair lindo, gato, gostoso e pronto para comer alguém? — sua pergunta não me ajuda em nada.

— Você também acha que ele saiu para foder alguma dessas loiras sem cérebro da Victoria Secret's?

— Claro que não, amiga. Eu só estava brincando. Travis pode até ter cara de bobão gostoso, mas não é burro a ponto de trocar um belo pedaço de carne por um pedaço de osso.

— Você acha?

— Eu não acho. Tenho certeza. Agora largue esse prato e venha comigo. Temos uma noite de festa pela frente. — com muita batalha ela consegue arrancar o prato de minhas mãos e me arrastar até seu quarto, onde damos início ao ritual de beleza feminina.



Nunca, em toda a minha vida, tive uma festa tão entediante. O *motivo?! Bem, estou sentada em um banco de bar, bebendo água mineral sem gás, pensando no que o imbecil do meu ex está fazendo, enquanto olho meus melhores amigos dançarem alegremente, como se quisessem esfregar em minha cara o quão fodida sou quando o assunto é relacionamento.*

— Eu deveria ter nascido com um pau entre as pernas ao invés de uma vagina. Seria tudo tão mais fácil. — falo para o cara ao meu lado.

— Was haben Sie gesagt? (O que você disse?).

— Ótimo, mas um que não consegue entender o que eu falo. — bufo. — Será que é tão difícil assim tentar entender o meu lado? Sim, porque ele diz que me ama, mas saiu desfilando com a primeira vagabunda que apareceu.

— Sorry, aber ich spreche nicht Ihre Sprache. (Desculpa, mas eu não falo seu idioma).

— Será que você poderia calar a boca e me deixar falar? Não sei se percebeu, mas você fala muito. — bebo mais um pouco da minha água e volto a falar. — Agora, voltando ao que realmente interessa, eu não sei se devo perdoá-lo ou se continuo lhe dando um gelo. Não sei se soco aquele rostinho lindo ou se abro minhas pernas. Por mencionar essa última parte, está cada dia mais difícil tentar não pensar naquele pau mágico, principalmente agora com todos esses hormônios da gravidez. Ah, eu mencionei que estou grávida de quadrigêmeos? Pois é, eu estou. — abro um sorriso. — Mas não pense que o fato de que irei ficar igual uma bola me deixa triste, porque eu serei a bola mais sexy de todo o universo.

— Sie verrückt? (A senhora é louca?).

— Oh, obrigada. Mas, por favor, não vamos falar do quão o papai do céu foi generoso quando me esculpiu. O foco aqui é o imbecil do pai dos meus filhos. Você acha que ele realmente se arrependeu das burradas que fez? — pergunto, mas ao invés de me responder, o homem foge como se eu fosse uma louca. — FOI UM PRAZER CONVERSAR COM VOCÊ TAMBÉM! NÃO PRECISA ME AGRADECER POR TE OUVIR. — grito, enquanto ele corre para bem longe.

Provavelmente a procura de um banheiro.

— Meu Deus, que gato é aquele? — a bartender, que graças a Deus fala inglês, menciona enquanto olha para um ponto logo atrás de mim.

A curiosidade fala mais alto e viro-me para descobrir de que beldade ela está falando. É nesse momento que meu olhar cruza com o mais belo par de olhos azuis da face da Terra e o sorriso cafajeste que me faz delirar.

Travis Edward Maddock, também conhecido como o meu gatinho.



Travis

Estou nervoso, muito nervoso, principalmente com todos esses olhares sob mim. Sempre tive vergonha de falar em público, mas hoje resolvi criar coragem e abrir meu coração perante a uma centena de desconhecidos, que me olham sem entender nada.

Procuro o rosto de minha gostosa em meio à pequena multidão, quando finalmente a encontro meu coração acelera, minhas mãos suam e minhas pernas viram gelatina. Ela me olha como se me perguntasse: "O que diabos você está fazendo em cima desse palco, babaca?".

Eu estou provando o quanto a amo.

Penso.

Hoje mais cedo, quando Christina me pediu um tempo, eu cogitei fazer exatamente o que ela pedira. Mas dá-lhe um tempo significaria ficar longe dela, dos meus filhos e do seu corpo pecaminoso. Por isso, ao invés de lhe dá um tempo, resolvi mostrar a minha gostosa o quão

arrependido estou. É exatamente esse o motivo que me trouxe para cima deste palco, onde derramarei meu coração enquanto pago um king kong digno de um Oscar.

O que a gente não faz por amor?!

Penso, antes de me posicionar em frente ao piano, arrumar o microfone e dar início ao show.

Rezo mentalmente, começando a tocar e cantar a música que escolhi... A música que resume a minha história com Christina.



Christina

Olho fixamente para Travis, ainda sem entender nada. Ele se posiciona em frente ao piano, arruma o microfone, olha em meus olhos e o que vem em seguida me deixa sem reação. Travis começa a cantar *All of me* de Jonh Legend.

“O que eu faria sem sua boca esperta

Estou me arrastando e você me está me dispensando

Estou com a cabeça a mil, sem brincadeira

Não posso te forçar a nada

O que está se passando nessa mente linda

Estou passando pelo seu mágico mistério

E estou tão confuso que não sei o que me atingiu

Mas eu vou ficar bem”

Canta o primeiro refrão, fazendo algumas lágrimas se formarem em meus olhos.

Malditos homônimos.

Praguejo, mentalmente, voltando a focar minha atenção na letra da música.

“Minha cabeça está embaixo d’água

*Mas estou respirando bem
Você é louca e eu estou fora de controle"*

Sorrio com a última frase.

*"Porque tudo de mim
Ama tudo em você
Ama suas curvas e todos os seus limites
Todas as suas perfeitas imperfeições
Dê tudo de você para mim
Eu te darei meu tudo
Você é o meu fim e meu começo
Mesmo quando perco estou ganhando
Porque te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você oh"*

As lágrimas parecem jorrar de meus olhos. E enquanto algumas mulheres gritam: "gostoso", "casa comigo"... Eu me controlo para não gritar: "ELE É MEU E ESTÁ CANTANDO PARA MIM, SUAS PUTIANES. ENGULAM QUE DOE MENOS!".

*"Quantas vezes tenho que te dizer
Que mesmo quando você está chorando você continua linda
O mundo está te massacrando
Estou por perto a todo o momento
Você é minha ruína, você é minha musa
Minha pior distração, meu ritmo e tristeza
Não consigo parar de cantar
Está tocando uma música em minha cabeça para você*

*Minha cabeça está embaixo da água
Mas estou respirando bem
Você é louca e eu estou fora de controle*

*Porque tudo de mim
Ama tudo em você
Ama suas curvas e todos os seus limites
Todas as suas perfeitas imperfeições
Dê tudo de você para mim
Eu te darei meu tudo
Você é o meu fim e meu começo
Mesmo quando perco estou ganhando
Porque te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você oh
Me dá tudo de você
As cartas na mesa, estamos mostrando os nossos corações
Arriscando tudo, apesar de isso ser difícil*

*Porque tudo de mim
Ama tudo em você
Ama suas curvas e todos os seus limites
Todas as suas perfeitas imperfeições
Dê tudo de você para mim
Eu te darei meu tudo
Você é o meu fim e meu começo
Mesmo quando perco estou ganhando
Porque te dou tudo de mim
E você me dá tudo de você oh

Te dou tudo de mim*

E você me dá tudo de você oh"

Palmas invadem todo o ambiente quando Travis termina de cantar. As mulheres gritam eufóricas, os homens morrem de inveja e eu continuo parada, no mesmo lugar, chorando igual criança.

— Obrigado. — Travis agradece com um sorriso nervoso no rosto. Levanta, se posiciona no centro do palco, encara o chão, passa as mãos pelos cabelos e, só então, volta a me encarar. — Christina, eu não sou muito bom com palavras, nem elaborei um discurso enorme, como você merece. — faz um pausa. — Quando te conheci naquele bar eu me perguntei de que hospício você havia fugido... — comenta fazendo aqueles que falam inglês soltarem uma gargalhada. — Você tinha todas as características que eu sempre detestei em uma mulher, ou seria as que um dia achei que odiasse? O fato é que, em meio as suas manias e defeitos, você roubou meu coração. Em menos de uma semana passei a amá-la mais que minha própria vida. E hoje, quando penso no futuro, não me imagino sem você. É ao seu lado onde quero dormir e acordar. É o seu rosto que quero ver quando abrir os olhos todas as manhãs. É suas broncas que quero ouvir quando eu fizer alguma besteira, porque nós sabemos que eu as farei. É sua mão pesada que quero sentir quando eu olhar para a bunda ou seios de alguma mulher na rua... — fecho a cara para seu último comentário. — É essa sua cara de noiva do Chuck que quero ver quando sentir ciúmes. — sorri de lado. — Por mencionar a palavra noiva... Christina Kathryn Wyatt, mais conhecida como minha gostosa, quer casar comigo? — se ajoelha, tirando uma pequena caixinha do bolso.

Um lindo anel é revelado e meu coração parece a bateria de uma escola de samba.

Olho para Travis ajoelhado e as palavras ficam pressas em minha garganta.

— Gostosa, meus joelhos estão começando a doer. Será que você poderia subir neste palco, me responder um "*sim*" e acabar com meu sofrimento? — pergunta, me dando mais um de seus sorrisos nervosos. — Gostosa?

— Christina? — Henry e Marcela chamam meu nome.

As pessoas olham de mim para Travis, fico nervosa, penso rápido e então faço a única coisa que eu poderia fazer.

Eu corro!

Capítulo 22 | Recomeço?

Christina

Corro em direção ao homem que amo.

Sim, Travis errou! Porém ele não foi o único. Eu também errei. Alguns podem até achar que estou perdoando-o rápido demais — ok talvez eu esteja —, mas qual o sentido de ficarmos separados quando, na verdade, tudo o que mais desejamos é estarmos um ao lado do outro? Qual o sentido de ficar chorando pelos cantos, com dor de cotovelo, se eu posso me deliciar de vários orgasmos? Exatamente! Não há porque eu não perdoá-lo. Eu o amo e é isso o que importa.

— Para o seu próprio bem, eu sugiro que nunca olhe para a bunda ou seios de qualquer mulher que não seja eu. — falo com lágrimas no rosto.

— Isso é um sim? — pergunta, ainda ajoelhado.

— Isso é um: põe logo esse anel no meu dedo, levanta daí e me beija. — falo, fazendo-o abrir um sorriso idiota enquanto faz exatamente o que instrui, mas antes dá um leve beijo em minha barriga, sussurrando algumas palavras que não consigo entender.

— Eu te amo e prometo fazê-la a mulher mais feliz do mundo. — beija meus lábios e eu tento manter todo o meu autocontrole para não transar com ele ali mesmo, em cima do palco. Ninguém pode me culpar por isso, afinal, são mais de dois meses sem sexo, minha *menina* está clamando por atenção.

— PROCUREM UM QUARTO! — Marcela e Henry gritam em uníssono, fazendo Travis sorri contra meus lábios e eu direcionar meu dedo do meio ao caszinho irritante.

— O que acha de procurarmos o hotel mais próximo? — Travis pergunta, sugestivamente.

— O que acha de procurarmos o carro mais próximo.

Sim, preciso ser fodida e há uma grande pressa de minha parte para que isso aconteça.

— Isso tudo isso é saudade do meu corpo sedutor?

— Não. Este é o principal sintoma de minha abstinência por seu delicioso pau. — respondo e ele gargalha alto. — Agora chega de perder tempo com conversa fiada. Eu quero transar horrores com meu noivo gostoso.

— E eu quero satisfazer minha noiva gostosa. — devolve e, sem pensar duas vezes, arrasto-o pelo braço, em direção à saída do bar.

— Eu vim de táxi. — menciona quando já estamos do lado de fora.

— Droga! — praguejo, em sinal de frustração.

— Não se preocupe, gostosa. — sorri. — Eu posso pedir um táxi ou chamar um uber.

— Então isso significa que só iremos fazer sexo quando chegarmos ao hotel? — faço a pergunta sem esconder minha decepção.

— Sim. — beija meus lábios. — Mas prometo que a espera valerá a pena.

Disso eu não tenho dúvidas.



— Isso, Travis... Ma-mais forte. Vai... Vaiiii... FODE MINHA BOCETA COM FORÇA, CARALHO!

— grito tão alto que, provavelmente, metade dos seres presentes neste motel devem ter escutado nossa pequena cena pornô.

Oh, pois é. Quase esqueço de mencionar, mas acabamos vindo parar em um motel. Tudo porque o táxi demorou uma eternidade para chegar e o hotel mais próximo ficava à 15 minutos. Quem esperaria 15 fodidos minutos para navegar em um mar de luxúria? Eu com certeza não. Não quando estou grávida de quadrigêmeos e com uma vontade incontrollável de "dar".

— De quem é essa boceta? — meu gatinho pergunta, enquanto aumenta suas estocadas.

Meu Deus, como eu senti falta desse pau.

— Su-sua! — respondo, minha respiração irregular. — Mais fort-te, Travis. — peço chegando ao clímax.

— Você quer mais forte, gostosa? Quer que eu te faça gozar de novo? — indaga e eu só consigo assentir que sim. — Então vem, amor. Goza no meu pau. Goza, gostosa. Goza comigo. — aperta meu seios e eu venho junto com ele. — TRAVIIIIIS. — grito seu nome e ele o meu, enquanto ambos explodimos de prazer.

— E com esse são cinco. — comenta, orgulhoso de seu grande feito.

Estamos neste quarto há pouco mais de três horas e Travis já me fez gozar cinco vezes. Meu corpo, por incrível que pareça, ainda quer mais.

Muito mais.

— Nem pense nisso, gostosa! — Travis adverte quando olho para seu membro masculino, com meus olhos brilhando e a boca salivando. — Não me leve a mal, mas ele precisa de um descanso.

— Ok. — me dou por vencida, uma vez que seu pobre pau trabalhou sem parar desde o instante em pisamos os pés neste quarto. — Mas ele só tem uma hora para descansar, nem um segundo há mais. Depois ele tem que voltar ao trabalho para cumprir a carga horária pendente. — digo, fazendo Travis soltar uma gargalhada.

— Certo, chefe, agora venha aqui. — me puxa contra seu corpo. — Quero ficar agarradinho com minha noiva. — beija o topo de minha cabeça. — Eu te amo, gostosa.

— Eu te amo, gatinho.

E naquele momento, aconchegada ao lado do homem que amo e pai dos meus filhos, eu tenho a certeza de que fiz a escolha certa.



Travis

Eu ainda não consigo acreditar que ela disse sim. Ela disse sim, porra, e agora é oficialmente a futura senhora Maddock. Minha felicidade é tamanha que é impossível controlar o sorriso bobo estampado em meu rosto.

Eu, definitivamente, sou um filho da mãe sortudo.

Irei me casar com a mulher que amo e serei pai de quatro lindos bebês.

Obrigado, Senhor!

— No que você está pensando? — Christina pergunta, a cabeça apoiada em meu ombro. Estamos dentro de um táxi, a caminho da casa de Henry.

— No quão sortudo sou por ter você ao meu lado. — respondo com sinceridade e como prêmio ganho um delicioso beijo nos lábios.

— Você deveria parar de ser tão fofo, assim eu me apaixono ainda mais.

— Talvez seja essa a intenção. — brinco, mordendo sua orelha.

Christina solta um leve gemido e meu pau entra em alerta. Cristo do céu, passamos a noite inteira transando e ainda não fui capaz de saciar meu desejo. Christina é definitivamente meu vício. Minha kryptonita.

— Eu não acredito nisso, Travis! — exclama, incrédula, apontando na direção do meu amigo.

— Nem me olhe assim, aposto que está molhada, posso até sentir o cheiro de sua excitação. Além do mais, não tenho culpa se minha noiva é gostosa e irresistível. Quanto mais eu como, mais quero. — outro beijo e uma gargalhada alta.

O motorista do táxi olha em nossa direção e Christina esconde o rosto na curva de meu pescoço, em um claro sinal de vergonha.

— O que acha de darmos um show ao pobre taxista. — sugiro, brincando, e acabo por levar um soco no ombro.

— Travis! — repreende-me.

— Calma, gostosa, eu estou apenas brincando.

— Não teve graça. — resmunga.

— Então peço desculpa, prometo que não brinco mais. — lhe dou um leve selinho.

— Chegamos! — diz, animadamente, quando o táxi para em frente a casa de Henry.

Um segundo depois e ela já está fora do carro, abraçando Marcela e mostrando a amiga o anel em seu dedo. O sorriso que Christina exhibe no rosto é o suficiente para que um outro se forme no meu. Pago o taxista, agradeço e sigo em direção a Henry, uma vez que Christina e Marcela parecem ter se esquecido de nossa existência.

— Vamos entrar. Comprei algumas cervejas. — Henry faz o convite e eu, prontamente, aceito.

— Eu gostaria de te pedir desculpas e agradecer por tudo o que fez pela Christina e meus filhos. — digo quando ele me entrega uma das cervejas e senta-se no sofá, ao meu lado.

— Você não precisa...

— É claro que preciso. Eu julguei a amizade de vocês. É que... Poxa, você a pediu em casamento, eu achei que ainda gostasse dela. — confesso.

— Eu também, mas isso foi antes de conhecer Marcela. — sorri da mesma forma idiota que eu sorrio quando menciono o nome de Christina. — Tina é muito importante para mim, Travis. Eu a amo, mas é um amor fraternal. Entende?

— Agora sim. — respondo, aliviado.

— Amigos? — estende uma de suas mãos em minha direção.

— Amigos. — e com um aperto de mãos selamos o início de uma nova amizade.

— Eu quero ir para Nova Iorque, Henry. — Marcela profere as palavras, sem mais nem menos, enquanto adentra a sala ao lado de Christina.

— Desculpe-me, querida, mas acho que não entendi.

— Eu disse que quero ir para Nova Iorque.

— Tudo bem, nós iremos durante as férias.

— Eu quero morar lá, Henry. — fala e Henry se levanta em um impulso.

— De onde você tirou essa ideia? Você está terminando comigo? — pergunta, o tom de voz desesperado.

— Claro que não. — se apressa em responder. — É que Christina irá embora amanhã e eu... Sei lá, Henry. Eu sentirei saudades dela e dos bebês. — explica com a voz embargada.

— E de mim? — indago, me sentindo excluído.

— Você não influi nem contribui, Travis. — sua resposta deixa meu ego ferido.

— Grossa! — finjo está magoado.

— Menos drama, Travis. — Christina me repreende. — Quanto a você, Marcela, não se preocupe, amiga. Eu irei vir lhe visitar sempre que puder. — abraça a amiga e as duas começam a chorar. Henry olha para mim e eu dou de ombros.

— São loucas. — sussurro para ele.

— Eu ouvi isso, Travis. — Christina rosna, quebrando o momento abraço.

— Desculpa, gostosa. — pisco meus olhos e joga um beijinho no ar.

— Por favor, Henry. — Marcela suplica.

— Baby, eu entendo que você goste da presença de Christina, mas eu não posso largar tudo de uma hora para outra. Eu tenho meu trabalho...

— Você está querendo insinuar que seu trabalho é mais importante que eu?

— Claro que não, Marcela. Eu te amo, mas não podemos ir para Nova Iorque assim do nada.

— Então eu irei sem você. — esbraveja enquanto segue rumo ao quarto que divide com Henry.

— Cristo, o que deu nessa mulher? — Henry pergunta, sem saber o que fazer.

— Acho que deve ser TPM. — sugiro.

— Não, mulher grávida não tem TPM. — Christina solta, sem querer, cobrindo a boca com as mãos logo em seguida.

— Grávida? — Henry questiona, o rosto pálido mais pálido que papel.

— Eu não disse isso. Eu disse grávida? — se joga no sofá. — Não, eu não disse que ela descobriu hoje que está grávida e que está com morrendo de medo da reação do futuro papai. — solta novamente e desta vez sou eu a tampar sua boca.

— Pai. Eu vou ser pai. — parece não acreditar.

— Parece que sim. — digo. — Se eu fosse você iria falar com... — e antes que eu conclua a frase, Henry já está fazendo seu caminho em direção a seu quarto.

— Pronto, agora sua boca está livre, *Srta. Fala Demais*. — liberto a boca de minha noiva.

— Marcela vai me odiar, né?

— A probabilidade é grande. — respondo.

— Travis! Era para você dizer que não.

— Ok, então não. Ela não irá te odiar.

— Mentiroso. É obvio que ela o fará. — faz um bico enorme e eu fico mais perdido que filho de rapariga no dia dos pais.

— Mas não era para eu dizer que não?

— Sim e não. Eu não sei.

— Você está me deixando confuso.

— Eu sei.

— Vem cá. — puxo-a para meus braços. — Ficaré tudo bem.

— Você acha?

— Sim. Agora venha comigo. Preciso alimentar minha noiva e meus filhos. — menciono a palavra comida e seus olhinhos brilham.

— Eu te amo.

— Te amo mais.



Henry

Quando se entra na casa dos trinta, o sonho de grande parte da população masculina é ser pai. Comigo não foi diferente. E agora, depois de ouvir da boca de minha amiga linguaruda que serei papai, minha felicidade é tão grande que parece transbordar de meu peito.

Eu vou ser pai, caralho!

— Vai embora! — Marcela esbraveja, ainda chorando, quando nota minha presença.

— Eu vim em missão de paz. Será que podemos conversar? — pergunto, me aproximando da cama onde ela está deitada.

— Não. — resmungo e eu sorrio.

Tão teimosa.

— Por favor, *baby*. — peço.

— Você tem exatos cinco minutos. — aponta para o relógio em seu pulso.

— Ok... Então... Não há nada que queira me falar?

— Hã? Quem pediu para conversar foi você, não eu. — senta-se, cruzando os braços. —

Por que raios eu teria algo para falar?

— Não sei. Talvez exista algo muito importante que você queira revelar.

— Como o quê? Espera! Christina abriu a boca, não foi? — pergunta e eu fico calado. —

Olha, Henry, eu sei que estamos namorando há pouco mais de um mês, o que não é quase nada, mas aconteceu e agora eu estou grávida. Eu... Eu não vou ser hipócrita e dizer que irei entender se você disser que não quer essa criança, porque eu não a fiz sozinha. Então, se você sugerir que eu aborte ou algo do tipo, eu juro que irei arrancar o seu pau com um alicate.

— Eu... De onde você tirou essa ideia absurda? Mas é claro que eu quero essa criança. — sento-me ao seu lado.

— Quer?

— Sim, eu quero. É óbvio que eu não estava esperando por essa notícia, mas, caralho, a ideia de ser pai me deixa estupidamente feliz.

— E se forem mais de um, como no caso da Christina?

— Então minha alegria se multiplicará.

— Isso quer dizer que não irá me deixar?

— Isso significa que você está pressa a mim por toda a eternidade. Você acha que pode conviver com isso? — encosto minha testa na dela, repousando uma de minhas mãos sob seu ventre.

— Bem, terei que fazer um grande esforço, mas acredito que conseguirei viver minha eternidade ao lado do homem que amo. — beija meus lábios, deito seu corpo sob a cama e faço amor com a mãe do meu filho.



Travis

— Eu estou com sono, Henry, vamos voltar para casa. — resmungo, minha cabeça apoiada

contra a janela do carro.

Neste exato momento são pouco mais de 4h da manhã e eu, ao invés de está dormindo meu sono da beleza, estou rodando Berlim ao lado de Henry, a procura de um pote de sorvete de açaí. Tudo porque Marcela cismou que quer porque quer tomar seu sorvete favorito. Sorvete este que é tipicamente brasileiro. Bastou ela mencionar para Christina o quão saboroso é o tal sorvete, para que minha noiva colocasse na cabeça que também o queria. E agora aqui estamos nós, eu e Henry, procurando uma agulha no palheiro.

— Nós não podemos voltar para casa sem o sorvete. Elas estão desejando. — fala e eu reviro meus olhos.

— Para mim isso tem outro nome: fres-cu-ra. Será que você não percebe que elas estão se aproveitando da gravidez para nós fazer de escravos? Mas se Christina pensa que manda em mim, ela está muito enganada. — digo, firmemente.

— Falando nela. — Henry aponta para o celular vibrando no bolso do meu pijama.

— Aposto que é para pedir mais alguma coisa, mas dessa vez ela ouvirá poucas e boas.

Ligação on...

— *CADÊ A MERDA DO SORVETE, TRAVIS?* — *grita do outro lado da linha e eu quase fico surdo.*

— *Oi, amor. Sabe o que foi? É que eu e Henry ainda não encontramos o sorvete. Mas não se preocupe, vamos continuar procurando.* — *falo e Henry começa a ri.*

Desgraçado!

— *Tudo bem, gatinho.* — *seu tom de voz foi de satânico para angelical em questão de segundos.* — *Será que você poderia me trazer um pouco de nutella? A daqui acabou.*

— *Claro, amor. Mais alguma coisa?*

— *Não. Qualquer coisa eu ligo.*

Ligação off...

E desliga, sem nenhum *tchau* ou um *eu te amo*.

Ingrata!

— "*Mas se Christina pensa que manda em mim, ela está muito enganada*". Realmente ela não manda em você, nenhum pouco. — Henry debocha, se divertindo à custa da minha situação.

— Hahaha, estou morrendo rir. Você também não pode dizer nada. Marcela tem suas bolas na palma da mão.

— Eu nunca disse o contrário. — dá de ombros, estacionando o carro em frente a um supermercado brasileiro. — Preparado para os olhares curiosos? — pergunta, encarando nossos pijamas.

Pois é, aquelas duas são tão loucas que nem sequer deixaram que trocássemos de roupa.

— Não. — respondo, saindo do carro e rezando para que exista ao menos um pote de sorvete de açaí dando sopa por aí.

— Hallo! lassen Sie mich wissen , wo ich Acai- Eis finden? — Henry pergunta para um dos funcionários do super mercado onde podemos encontrar sorvete de açaí e ele responde algo que não consigo entender.

— Es tut mir leid , Mann. Letztere wurde von einer Dame kaufte gerade jetzt. — o rapaz fala e pela expressão no rosto de Henry sei que não vem coisa boa por aí.

— O que ele disse? — pergunto, quando o rapaz vira as costas.

— Ele disse que o último pote foi vendido para uma senhora agora há pouco. — solta uma lufada de ar.

— Droga! — praguejo. — Já sei! — exclamo e, sem perder tempo, saio a procura da tal senhora, Henry vem logo atrás.

— O que diabos você está fazendo? — pergunta.

— Achei! — comemoro quando encontro a tal senhora que, na verdade, é uma velhinha de uns 70 e tantos anos. — Ok, você distrai ela enquanto eu pego o sorvete. — falo e ele me olha como se eu tivesse acabado de falar: "*Eu mato a velha e você esconde o corpo*".

— O quê? Ficou louco? Eu não vou roubar uma senhora que tem idade para ser minha avó.

— Nós não iremos roubá-la. — digo, indignado por ele cogitar tamanha barbárie. — Iremos apenas pegar o pote e depois vamos embora. É claro que antes iremos passar no caixa

para pagar, afinal, eu não sou nenhum ladrão. — completo, me lembrando dos valores morais que meus pais fizeram questão de me ensinar.

— Você é doido.

— E você será um homem morto se não conseguir chegar em casa com o sorvete de açaí. Por isso, vamos agilizar as coisas que eu ainda quero dormir.

— Tudo bem, mas se eu for para o inferno a culpa é sua. — fala antes de se aproximar da pobre velhinha.

Pego um carrinho e, como quem não quer nada, finjo escolher alguns produtos, que se resumem a fraldas geriátricas, pomadas, fixador de dentadura, etc.

— *Hello. Es tut mir leid, Sie zu stören, a ber meine Freundin ist schwanger un d wollen Acai-Eis zu nehmen. Leider kaufte die da me die letzte topft. Will... Na ja... Könn te ich es mir selva weg. Ich versprec he, die mente, die Sie mich France, zahlen.* (Olá. Desculpe-me incomodá-la, mas é que minha namorada está grávida e desejando tomar sorvete de açaí. Infelizmente, a senhora comprou o último pote. Será que... Bem, será que poderia me cedê-lo. Prometo pagar o valor que me pedir.)

— Henry parece xingar a pobre velhinha e eu fico perplexo.

O cara é mal!

— *Oh , meine Liebe, Glückwunsch! Sie können das Eis nehmen.* (Oh, querido, parabéns. Pode ficar com ele.) — a velinha entrega o pote de sorvete a Henry, certamente com medo de suas ameaças. O desgraçado ainda tem a audácia de sorrir para a pobre senhora.

— Consegui! — sorri vitorioso e eu conto até dois para não dar na cara dele.

— Será que você não tem vergonha nessa sua cara de príncipe encantado da Cinderela? Precisava ameaçar a pobre velhinha de morte?

— O que diabos você está dizendo? Eu não ameacei ninguém.

— Não? — enrugo minha testa.

— Não.

— Então o que você fez para ela lhe entregar o sorvete?

— Eu falei a verdade. — responde.

— O quê? Você disse que eu iria roubar o sorvete? E agora? O que ela deve está pensando de mim? Nossa, ótimo amigo que você é...

— Calma, Travis, eu só disse que minha namorada está grávida, desejando tomar sorvete de açaí, e que ela havia comprado o último pote. Então ela, muito gentilmente, me cedeu o bendito sorvete.

— Só isso? — pergunto desconfiado e ele assente. — Tem certeza que não jurou ela de morte ou ofereceu seus serviços sexuais?

— Tenho, Travis. — gargalha. — Agora vamos pagar por ele e irmos embora.

— Aleluia. — agradeço, pensando na cama que me espera.

Seguimos em direção ao caixa, pagamos pelo tal "tesouro" e o pote de nutella, que não fui louco de esquecer. Voltamos para a casa, como dois heróis recém-chegados da guerra.

— CHEGAMOS. — gritamos em uníssono.

— Ué, onde estão elas? — pergunto, enquanto Henry coloca a sacola em cima do balcão da cozinha.

— Devem está no quarto. Vamos, me ajude a colocar o sorvete nessas taças para levar até elas.

— Hum, pega duas colheres e pronto. Aposto que vão querer comer direto do pote. — digo.

— É, você tem razão. — pega as colheres e seguimos para o quarto de Henry, onde encontramos Christina e Marcela dormindo feito pedras.

— Eu acordo a Christina e você a Marcela. Elas irão ficar tão felizes. — sorrio triunfante. — Gostosa, eu trouxe o sorvete e a nutella que você pediu. — beijo seu pescoço e nada.

— Baby, acorda. — Henry também tenta acordar Marcela, mas é em vão.

— Acorda, amor! — tento mais uma vez, agora obtendo êxito. Henry parece ter conseguido também.

— Por que diabos você me acordou? — Christina rosna, mal-humorada.

— Eu trouxe o sorvete que você queria. — aponto em direção ao pote que está na mão de Henry.

— Sério que você me acordou por causa de um sorvete? Eu quero dormir, Travis.

— Mas você disse que queria comer a porra do sorvete.

— Mas agora eu quero dormir. Meu desejo passou. — fala e meu sangue ferve.

— O meu também passou, Henry. — Marcela fala e Henry parece contar até mil e um.

— Será que vocês poderiam apagar a luz? Nós queremos dormir e vocês estão atrapalhando. — Christina reclama, nos expulsando do quarto.

Eu e Henry saímos feito dois touros bravos.

— Eu ainda não acredito no que aquelas duas vacas fizeram. — resmungo, indignado.

— Eu também, não. E ainda nos expulsaram do quarto.

— Mas isso não ficará assim.

— O que você está pensando em fazer?

— Não sei. — digo, derrotado.

— Quer sorvete? — Henry me entrega uma das colheres e eu prontamente aceito.

É um verdadeiro pecado desperdiçar comida.

Capítulo 23 | “Tem certeza que não é um pinto?”

Travis

Às vezes chega a ser engraçado o quão irônica a vida pode ser. Christina é a prova viva desta minha teoria, pelo menos em meu caso. Eu nunca — repito — nunca imaginei que me apaixonaria por alguém tão louca, desmiolada, desbocada e incrivelmente linda como ela. Alguém que fosse capaz de me levar à loucura. Capaz de tirar o pior e o melhor de mim, tudo ao mesmo tempo. Também nunca cogitei entregar meu coração, em uma bandeja de prata, para uma desconhecida que conheci em um bar e que se aproveitou de minha embriaguez para se instalar em meu humilde lar. Não, eu não escolhi nada disso.

A vida escolheu!

O destino nos uniu de uma forma inusitada, mas incrivelmente perfeita. E hoje, não consigo imaginar meu futuro sem suas mudanças de humor, sem sua comida horrível, sem nossas brigas bobas, sem suas crises de ciúmes, sem seu abraço apertado, sem seus beijos molhados, sem nossos quatro pestinhas... Sem um mundo sem ela.

Sim, caros leitores! Estou perdidamente apaixonado por uma louca desequilibrada, dona de um sorriso manhoso, um olhar de gata e que me tem envolvido em seu dedo mindinho. Entrei para o time dos maricas xônados e nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

Faz pouco mais de dois meses desde o dia em que ela me disse o tão aguardado “sim” e voltamos para Nova Iorque. Duas semanas depois, Marcela conseguiu fazer a cabeça de Henry e ambos retornaram à cidade que não dorme, para a felicidade de Christina, que agora não desgruda da amiga.

Sim, eu estou com ciúmes!

— Sr. Maddock? O senhor está me escutando? — a corretora pergunta e eu aceno positivamente com a cabeça, quando na verdade não ouvi sequer meia palavra do que ela falara. Tudo que consigo imaginar é na cara que Christina fará quando descobrir que acabo de comprar nosso mais novo lar. Uma casa grande o suficiente para uma família de dez pessoas. Afinal, eu com certeza não pretendo parar nos quatro filhos. Quero, no mínimo, onze.

É claro que Christina ainda não está ciente do time de futebol que pretendo formar, mas

isso é apenas um detalhe.

— Essa casa é perfeita. — contemplo o enorme espaço ao meu redor.

Já consigo visualizar eu e minha noiva gostosa, fodendo em cada canto deste lugar: sala, cozinha, biblioteca, quartos, banheiros... Só de imaginar as cenas meu pau começa a ganhar sinal de vida.

— O senhor quer conhecer a suíte principal antes de irmos embora? — a corretora, da qual esqueci o nome, pergunta sugestivamente enquanto encara o meu garoto.

Sério que ela acha que minha excitação é por causa de seus seios siliconados e de sua boca cheia de botox? Por favor, eu tenho algo muito melhor em casa.

Quando estou prestes a colocá-la em seu devido lugar, eis que meu celular toca, me fazendo abrir um enorme sorriso quando a foto de minha barrigudinha gostosa aparece na tela.

Ligação on:

— Oi, amor. — falo, ainda com um sorriso bobo no rosto.

— Não me venha com essa de "oi, amor", Travis. Onde o senhor está? — interroga, seu tom de voz autoritário.

— Na empresa. — minto.

— Seu mentiroso! Eu acabo de sair de lá e Matteo disse que hoje você nem sequer pisou seus lindos pés por lá. Aposto que está me traindo com alguma rapariga. — cospe as palavras em uma fúria de dar medo. — Quem é a vagabunda, Travis? — questiona e eu respiro fundo.

A gravidez deixou Christina um pouco insegura, provavelmente por causa dos hormônios gestacional.

— Eu não estou te traindo, gostosa. — profiro as palavras com toda a paciência do mundo. — Eu te amo. — completo e em resposta ouço seus soluços.

— Então onde você está? — indaga, entre sua pequena crise de choro.

Ultimamente as lágrimas parecem transbordar tão facilmente de seus olhos que me assustei pra caralho quando minha noiva começou a chorar ao assistir um comercial de carro. Lembro que liguei desesperado para minha mãe, sem saber o que fazer.

— *Eu não posso contar, gostosa.*

— *Então você está realmente com outra, seu cafajeste? — agora as lágrimas deram lugar ao seu ataque de raiva.*

Minha maluquinha gostosa.

— *Claro que não, Christina. Eu só estou preparando uma surpresa para a mãe dos meus filhos. — falo e sei que a sementinha da curiosidade acaba de ser plantada em sua cabeça.*

— *Surpresa? Que surpresa?*

Não disse...

— *Eu não posso falar agora...*

— *Travis! Não seja malvado, eu estou grávida. — é essa a desculpa que usa quando quer arrancar algo de mim, mas desta vez ela não obterá êxito.*

— *Sinto muito, gostosa, mas eu não posso contar nada ainda.*

— *Ok. — mesmo não estando ao seu lado, neste exato momento, sei que está revirando os olhos enquanto bufa. — Só não chegue atrasado para o ultrassom, ou eu juro que arranco suas bolas.*

Cristo! Com toda essa empolgação de casa nova acabei esquecendo que hoje descobriremos o sexo dos bebês.

Christina está com quase cinco meses de gravidez e sua barriga já está redondinha e enorme. A coisa mais linda de todo o universo, depois de sua "menina", é claro.

— *Travis Edward Maddock, não vá dizer que esqueceu?!*

— *Claro que não, amor. — minto, sem hesitar e com convicção, para que a mentira possa parecer verídica. — Estarei em casa dentro de uma hora.*

— *Não precisa vim me pegar. Irei de táxi e nos encontramos no consultório da Dra. Collins.*

— *Tem certeza? Eu posso...*

— *Eu tenho certeza, Travis. — fala, a voz mansa e suave.*

Mulher é um bicho complicado de se entender.

— *Ok, nos vemos lá então. Te amo.*

— *Te amo mais, gatinho.*

— *Impossível. — digo antes de finalizar a chamada.*

Ligação Off...

— Desculpe-me, onde foi mesmo que paramos? — pergunto para loira ao meu lado que, mesmo depois de ouvir toda a conversa que acabo de ter com minha noiva, não me parece arrependida de suas insinuações, uma vez que me olha com uma cara de puta louca para dar.

— Eu perguntei se você gostaria de conhecer melhor a suíte principal. — morde o lábio e eu não aguento. Começo a rir. — Do que está rindo?

— Da sua cara. — respondo, entre gargalhadas. — Sério que acha que quero fodê-la?

— Mas seu... Seu pau ficou duro.

— Porque eu estava imaginando as diferentes formas e posições que usarei para foder a mãe dos meus filhos em nosso novo lar. — digo e ela me olha como se eu tivesse acabado de falar um absurdo.

— Como se você fosse fiel. — desdenha.

— Como se eu fosse trocar o sexo sensacional que tenho com minha mulher por uma foda insignificante. — devolvo, sem me preocupar se estou sendo grosseiro ou não. — Pode até parece que não, mas existem homens fieis. Homens que não colocam em risco um amor por uma transa qualquer.

— Você está me ofendendo.

E a criatura ainda se faz de vítima.

— Olha, eu não tenho tempo para ficar discutindo com uma qualquer. — digo, já me encaminhando para a porta principal.

— E a casa? — pergunta com certo desespero.

— É minha. — respondo. — Não irei deixar de comprá-la somente porque a corretora é uma oferecida. O dinheiro será depositado ainda hoje.

— Espere! — pede quando abro a porta do meu carro. — Você não irá reclamar de meu serviço para meu chefe, vai?

— Não. — dou de ombros. — Mas minha mulher irá matá-la quando souber. — lhe dou o pequeno aviso e noto seus olhos crescerem rapidamente. — Tenha um bom dia. — sorrio, entro em minha Land Rover, dou partida e rezo, mentalmente, para que minhas pequenas crias resolvam abrir as perninhas desta vez.



Enquanto caminho pela recepção do consultório da Dra. Collins, sinto olhares sob mim: os de grávidas taradas e maridos ciumentos.

Ser desejado é foda!

Procuro pela minha gostosa e encontro-a lendo uma revista, com a maior cara de tédio.

Ela é tão linda.

— Cheguei. — anuncio, me aproximando dela e lhe roubando um beijo. — Como estão meus pestinhas? Vocês não deram trabalho para a mamãe hoje, certo? — faço a pergunta para o barrigão de minha mulher.

— Eles passaram o dia chutando. — Christina fala e, como que para provar o que a mãe acabara de dizer, nossos filhos começam a sessão futebol.

— Ei, a barriga da mamãe não é a casa da mãe Joana. Se comportem, pestinhas!

— Travis! — Christina me repreende. — Pare de se referir desta forma aos nossos filhos.

— Tudo bem, mamãe coruja. — deposito quatro beijos em sua barriga e sento-me ao seu lado. — Nervosa? — pergunto, ao perceber que ela não para de balançar as pernas.

— Eu sempre fico. — responde, sincera.

— Eu tenho certeza que eles estão bem e saudáveis. — entrelaço minha mão na dela, que encosta a cabeça em meu ombro.

— Obrigada por ir atrás de mim na Alemanha.

— Obrigado por me aceitar de voltar. — devolvo, no exato momento em que a assistente da obstetra chama nossos nomes.

— Preparada para conhecer o sexo das nossas crias? — pergunto, no rosto um enorme

sorriso, e Christina assente, também sorrindo.

Que sejam todos meninos!



Christina

Nervosa!

É assim que me sinto.

Por mais que eu tente, não consigo controlar o nervosismo que toma conta de minha mente e corpo. E agora, enquanto a doutora espalha gel por toda a minha barriga, eu começo a rezar baixinho para que meus bebês estejam bem.

— Está tudo bem, gostosa. Eu estou aqui. — Travis sussurra, segurando minha mão, o que me deixa um pouco mais tranquila.

— Então, pais? Preparados para descobrir o sexo dos bebês? — a doutora pergunta e Travis assente que sim, sorrindo de orelha a orelha. — Vamos lá, então. — ela começa a passar o aparelho por minha barriga, olhando atentamente para a tela ao lado. — Batimentos cardíacos normais, pressão arterial normal, crescimento normal... — ela vai dando seu "ok" e aos poucos meu nervosismo se transforma em um suspiro aliviado.

Eles estão bem.

— É, temos quatro perninhas abertas. — a doutora anuncia.

— São todos meninos, certo? — Travis faz a pergunta e eu o fuzilo com o olhar.

Para mim o sexo é o que menos importa desde que venham todos com saúde.

— Acalme-se, papai. — diz e volta a movimentar o aparelho sob minha barriga. — Temos um menino aqui. — fala e Travis começa a pular feito louco.

— Eu sabia... Eu sabia... — repete sem parar.

— Por favor, esqueça as loucuras de Travis. — digo, envergonhada. — Prossiga. — peço.

— Bem, vamos lá. — volta a observar a tela e desta vez leva alguns pares de minutos, o que me deixa preocupada.

— Está tudo bem? — questiono.

— Sim, você será mãe de três lindos meninos e uma princesinha. — diz e lágrimas começam a brotar de meus olhos.

Meus bebês.

— O quê? — Travis para de comemorar e volta sua atenção para a imagem na tela. — Como assim? Uma menina?

— Sim. — ela responde.

— Tem certeza que não é um pinto? — pergunta e eu quase pulo da cama para esganar seu pescoço. — Será que a senhora pode olhar de novo?

— Travis Edward Maddock, você está rejeitando sua própria filha? — indago, sem esconder minha raiva e indignação.

— Eu-Eu... Claro que não! Eu só estou tentando evitar futuras dores de cabeça. Por favor, Dra. Collins, olhe de novo. — pede e a doutora o faz.

— Menina! — exclama e Travis insiste para que ela olhe novamente.

— Eu juro que se você pedir mais uma vez para que a doutora procure por outro pinto, onde não há, irei triturar seu pau em um liquidificador. — ameaço e ele engole seco.

— Bem, Christina. Você já está liberada. — me entrega um papel toalha e eu começo a limpar minha barriga. — Nos vemos na próxima consulta. Aqui estão as fotos do ultrassom de hoje. — entrega-me as fotos, nos despedimos e eu saio, sem esperar por Travis.

— Será que dá para você parar de correr? — Travis pergunta, me puxando pelo braço. — Toda essa correria pode prejudicar os bebês.

— Qual deles? Os meninos ou a filha que você rejeitou? — disparo a pergunta.

— Eu não rejeitei minha filha, Christina.

— Claro que não, só queria que ela tivesse um pinto entre as pernas. — me liberto de seu aperto e sigo em direção à saída.

Hoje Travis dormirá no sofá!



Travis

— Você deve uma Ferrari a Henry. — Matteo anuncia com um sorriso idiota no rosto, enquanto aproxima-se de onde estou.

— Vá se foder. — resmungo.

— Qual o motivo de todo esse mau humor?

— Christina está sem falar comigo porque, segundo ela, rejeitei nossa filha. — bufo.

— Então o negócio é sério. — deduz.

— Você não imagina o quanto. Já pedi desculpas um milhão de vezes, tentei explicar que só estou preocupado com os garotos que se aproximarão da minha filhinha, mas nada. Ela parece irredutível. O pior é que minha mãe tomou as dores da nora. — olho para a sala onde meus pais, vulgo dois traidores, Alice e Christina conversam animadamente.

— Então você não está feliz por ter uma menina?

— Claro que estou. — respondo, sem hesitar. — Ela será minha princesinha, porra. Mas... Sei lá... Eu estou com medo. — confesso. — E se fizerem ela sofrer? E se ela for tão bonita quanto à mãe? Ou pior, e se ela puxar a beleza e o charme do pai? Eu terei um ataque cardíaco antes dos 50 anos, Matteo. — digo, desesperado, e meu amigo começa a gargalhar. — Isso não tem graça, idiota.

— É claro que tem. Até um tempo atrás era você debochando dos meus ataques de ciúmes. Agora, meu caro, você sentirá na pele o que é ser pai de uma menina.

— Você não está me ajudando muito, Matteo.

— Eu não estou aqui para ajudar. A psicóloga é sua noiva, não eu. — dá de ombros, se achando o espertinho.

— Você me deve uma Ferrari. — a voz de Henry ecoa pelo ambiente e noto-o ao lado de Marcela, Lauren e Dean, ambos acabam de chegar para o jantar de última hora que minha mãe resolveu organizar.

— Como assim? — Christina pergunta e eu faço sinal para que Henry fique calado.

— Travis fez uma espécie de bolão, quem adivinhasse o sexo dos bebês ganharia uma Ferrari. Eu, é obvio, fui o vencedor. — o boca aberta fala e os fatos seguintes acontecem em câmera lenta. Christina acertando meus ovos com uma joelhada, eu no chão chorando de dor, ela proferindo palavrões contra minha pessoa, minha mãe puxando minha orelha, meus amigos rindo e meu pai tentando acalmar as duas feras que querem me matar.

— Eu vou te matar, Travis! — Christina esbraveja.

— Também te amo. — falo, entre gemidos de dor.

— Argh, seu idiota. — monta em cima de mim e de repente suas mãos estão em meu pescoço.

— Pa-para, Christina. Mãe, me aju-ajuda. — peço.

— Só se for para ajudá-la a dá na sua cara. Como você teve coragem de fazer esse tipo de aposta?

— Eu... Eu não estou con-conseguindo respirar. — digo, desesperado, porque não é brincadeira. Eu realmente estou sendo asfixiado.

A cena não é muito diferente daquela do estacionamento. A única diferença é que, desta vez, não posso me defender. Não com minha gostosa grávida.

— Matteo! — peço ajuda ao meu amigo, que tira Christina de cima de mim.

Finalmente consigo respirar.

— Obrigado. — agradeço a Matteo que me ajuda a levantar e me guia até meu antigo quarto, onde procura por um kit de primeiros socorros.

— Sua mulher sabe bater. — fala, mas não rir, ele parece sério.

— É, estou ciente deste detalhe. — aponto para meu membro dolorido.

— Isso deve está doendo pra porra. — faz uma careta.

— Você não imagina o quanto. — falo, no momento em que alguém bate na porta.

— Posso entrar? — Christina pergunta e eu assinto.

— Você ficou louco? — Matteo sussurra. — Não vê que ela veio para terminar o serviço. Ela irá matá-lo, Travis.

— Eu não sou surda, Matteo. — fala, fazendo meu amigo ficar mais branco que papel.

— Está tudo bem, Matteo, pode ir! — dou sinal verde. — Obrigado pela ajuda. — agradeço.

— Tudo bem, qualquer coisa é só gritar. Estarei por perto. — fala mais para Christina do que para mim. Como se o fato dele está a poucos metros fosse impedi-la de cometer um homicídio.

— Eu trouxe essa bolsa de gelo para colocar no seu pau. — me estende a bolsa quando Matteo nos deixa a sós.

— Obrigado. — pego a bolsa térmica de suas mãos e coloco em cima do *Travis Jr.* — Ah! — sinto uma pequena sensação de alívio.

— Desculpa. — e do nada ela começa a chorar. — Eu não queria te machucar. — funga. — Eu... Eu só estava com raiva e acabei extravasando da forma errada. Eu... Eu só queria que você ficasse feliz por saber que iremos ter uma menina, mas você odiou a notícia. — chora, ainda mais forte.

Esqueço minha dor e, sem pensar duas vezes, puxo-a para meus braços.

— Não chore, gostosa. Eu estou feliz por saber que iremos ter uma menina. — beijo o topo de sua cabeça.

— Mentira, você não está! Você a rejeitou, igual meus pais fizeram comigo. — e eis que ela admite o motivo de toda sua raiva. Os fatos ocorridos lhe trouxeram lembranças de um passado doloroso. Passado este que lhe deixou marcas severas.

De repente me sinto mal por, de certa forma, fazê-la reviver seus medos e anseios.

— Amor, olhe para mim. — peço e ela me encara, os olhos marejados. — Eu irei amar nossa bonequinha da mesma forma que amarei nossos moleques. E sabe por quê? — pergunto e ela faz que não com a cabeça. — Porque eles são o fruto do nosso amor, eles são uma parte de nós. — coloco uma de minhas mãos em sua barriga. — Vocês são meu mundo, meu tudo, e eu cuido do que é meu. Por isso, desde já, gostaria de deixar claro que a *Maria Antonieta* só irá namorar depois que eu morrer. — brinco.

— Quem? — questiona, fazendo careta.

— Nossa filha, Maria Antonieta. — respondo.

— Suas ventas que minha filha terá esse nome.

— Sua filha? Achei que fosse nossa. E como pai, também tenho direito na escolha do nome.

— reivindico meus direitos de contribuinte de esperma.

— Oh, mais você pode escolher, desde que seja um nome normal.

— Minha filha é única, ela não terá um nome normal.

— E você não terá um pau se continuar com essa ideia absurda.

— Por que você sempre profere ameaças contra meu pobre pau, sendo que, se fizer algum mal a ele, não terá com o que brincar? Não esqueça que é ele quem te faz gritar e subir pelas paredes. — falo, arrancando uma gargalhada gostosa de minha deusa.

— Como se o seu pau fosse o único em todo o planeta Terra. — devolve e algo em mim, chamado ciúmes, ganha vida. Em questão de segundos, Christina está deitada em minha antiga cama, meu corpo sob o dela.

Sim, sou o típico homem das cavernas que gosta de marcar território fazendo sexo... Muito sexo.

— Agora eu irei fodê-la e provar que você não sobreviveria sem meu pau. — sussurro em seu ouvido e ela solta um gemido, se esfregando em mim. — Apressada? — brinco.

— Cala a boca, Travis. — reclama, me puxando para um beijo digno de um filme... Um filme pornô, é claro.

E nada melhor do que um delicioso sexo de reconciliação.

Capítulo 24 | Marry you

Christina

Eu nunca sentir tanta vontade de matar Travis quanto estou sentindo agora. O *motivo?! Bem, ele simplesmente esqueceu meu aniversário. Não que eu ligue muito para essa data do ano, mas sei lá, achei que este ano seria diferente. Cogitei, em meus sonhos mais malucos que, pela primeira vez em 26 anos, eu teria um motivo para comemorar.*

Quão boba eu seria se dissesse que imaginei Travis me acordando com infinitos beijos e um "feliz aniversário, gostosa"? Não seria necessário nenhum presente sequer, eu só queria que ele lembrasse. Por que ele tinha que esquecer? E por que o fato dele ter esquecido dói tanto?

Olho mais uma vez o bilhete sob a cama e repito para mim mesma que está tudo bem, que hoje é um dia como outro qualquer. Contudo, por mais que eu me esforce, sei que não é um dia normal. Hoje é a lembrança mais viva da rejeição de meus pais. Um lembrete de que não fui boa o bastante para eles e que posso não ser o suficiente para Travis e nossos filhos.

Não! Eu me recuso a continuar tendo esse tipo de pensamento!

O som do meu celular invade o ambiente, até então silencioso, e me enche de esperança.

Talvez Travis tenha lembrado. — Penso animada. Animação essa que evapora quando a imagem do meu casal de amigos aparece no visor do aparelho celular.

— FELIZ ANIVERSÁRIO, CHRISTINA! — Henry e Marcela gritam do outro lado da linha e eu me esforço a dá um sorrisinho.

Ao menos eles lembraram. — Penso.

— Obrigada. — agradeço, tentando parecer o mais feliz possível, o que foi uma tentativa falha.

— Por que você está triste, Tina? — Henry é o primeiro a perceber meu estado emocional. — O que o idiota do seu noivo fez agora?

— Nada. — faço uma pausa para controlar as lágrimas que teimam em cair. — Ele... Ele esqueceu meu aniversário. — confesso com a voz embargada. Eu só não esperava que dizer as palavras em voz alta tornasse minha dor ainda pior.

— Filho da puta! — Marcela esbraveja. — Eu vou matar aquele desgraçado. — ameaça e eu sei que ela não hesitaria em matá-lo.

— Está tudo bem, Marcela. Não é como se fosse uma grande coisa. — tento parecer forte.

— Não é uma grande coisa? Minha bunda que não é grande coisa. — seu estado de fúria me dá medo. — Tive uma ideia. Se arrume que eu e Henry iremos buscá-la em uma hora.

— Não é necessário, amiga. Eu prefiro ficar em casa.

— Não discuta comigo, Christina. Iremos comemorar seu aniversário e ponto final. Agora levante sua bunda gostosa dessa maldita cama, enxugue essas lágrimas e me espere como uma boa menina. — ordena como um general a um exército, e a mim só resta aceitar as maluquices de minha amiga.



— Henry, será que você poderia explicar para sua namorada que eu não preciso de um Spa. — tento recorrer ao meu amigo, uma vez que Marcela parece irredutível.

Minha amiga colocou na cabeça que eu preciso relaxar um pouco antes de comemoramos meu aniversário em grande estilo, porque, segundo ela, esta será uma data inesquecível.

— Sinto muito, Tina, mas Marcela tem razão. Você precisa relaxar um pouco. — o traíra concorda, como se eu fosse a rainha do estresse.

— Sabe do que eu preciso? — pergunto e eles acenam que não. — De comida. Caso tenha esquecido, estou comendo por cinco agora. — aponto para minha barriga.

— Nós também estamos com fome, amor. — Marcela faz referência a ela e a Estela, que ainda nem nasceu e já tem Henry em torno de seu dedo mindinho.

— Tudo bem. Iremos ao Mac e logo em seguida ao Spa. — cede e eu quase pulo de alegria pensando no cardápio saboroso do *MacDonald's*, o mesmo do qual tenho sido privada há dias.

Ok, eu sei que devo manter uma alimentação balanceada por causa dos meus babys, mas poxa, é meu aniversário e eu mereço comer algo que não seja verde ou que tenha gosto de comida hospitalar.

— Podemos obter um pouco de chocolate também? — pergunto, igual criança, e Henry cai na gargalhada.

— Sim, hoje você pode tudo.

E o poder do aniversário está no ar.



Devo confessar que Marcela tinha total razão quando sugeriu o Spa. Consegui relaxar e, de quebra, pensar o mínimo possível em Travis, que ainda não deu sinal de vida.

Ah, mas quando eu cruzar com aquele desgraçado... Tenho até pena do que acontecerá com suas bolas.

— Ok. Hora da make e de experimentar meu presente de aniversário. — Marcela surge com uma caixa enorme. — Feliz aniversário, amiga. — me parabeniza, entregando-me o presente e me abraçando apertado.

— Você sabe que não precisava, Marcela.

— Sim, precisava. Agora abra e me diga o que achou. — pede e eu o faço. Coloco o embrulho em cima de sua cama, abro-o com cuidado e o vestido a minha frente é simplesmente perfeito. Longo, um tom perto do branco, com detalhes em pedrarias e de uma delicadeza que parece ter sido feito para ser exposto em uma galeria de arte. — E-ele é lindo. — exclamo, abismada, completamente apaixonada pela peça.

— Sim, ele é. E você o usará hoje. Henry e eu a levaremos para jantar na casa de um amigo e em seguida para uma balada.

— Que amigo?

— Um dos advogados que trabalha com Henry no escritório. — responde. — Agora vamos nos arrumar porque a noite promete. — sorri, guiando-me em direção a seu camarim particular.

Marcela é uma amante da maquiagem.

Quase duas horas depois e estamos prontas, para a alegria de Henry que gritava a cada cinco segundos para nos apressarmos ou chegaríamos atrasados.

— Estamos prontas. — Marcela anuncia.

— Uau... vocês estão lindas. — elogia-nos, como um bom cavalheiro que é.

— Obrigada. — agradecemos em uníssono e saímos em direção ao tal jantar.



— Então? Preparada? — questiona ao estacionar o carro em frente a uma mansão incrivelmente linda.

Uau! Esse amigo do Henry deve ser um filho da puta podre de rico.

— Preparada para exatamente o quê? — pergunto, sem entender nada. É quando Marcela começa a chorar e eu fico mais perdida do que já estava. — Por que você está chorando, amiga?

— Eu-Eu... Eu só estou feliz por você.

— Feliz por mim? Meu Senhor, será que alguém poderia, por favor, me explicar o que está acontecendo aqui? — começo a entrar em desespero.

— Dê-me sua mão, Tina. Você tem um compromisso importante. — Henry abre a porta do carro e me oferece o seu braço.

— Que compromisso? — entrelaço meu braço no dele, enquanto Marcela se encaminha as presas para o jardim.

— Você descobrirá em breve. Apenas confie em mim. — sorri com ternura. — Chegou a hora, Tina. — fala, no mesmo instante em que Marcela surge com um buquê.

Espera! Por que ela está me entregando este buquê?

Olho de Marcela para Henry, depois para o meu vestido e o buquê em minhas mãos.

— Oh... Meu Deus... I-isso é o que estou pensando? — faço a pergunta entre soluços, depois de encaixar as peças.

— Travis nunca esqueceria seu aniversário. — a voz de Taty se faz presente. Ela surge em um lindo vestido de festa. — Feliz aniversário, querida. — abraça-me e minhas lágrimas se

intensificam. Agradeço mentalmente o fato da maquiagem ser aprova d'água.

— Preparada? — agora quem faz a pergunta é minha sogra. Eu sorrio de orelha a orelha e respondo com convicção:

— Sim.



Travis

— Desta forma você acabará se enforcando com a própria gravata. — o idiota do meu amigo comenta de forma humorada, se divertindo a custa do meu nervosismo.

— Então por que, ao invés de dá palpite, você não me ajuda aqui? — rosno.

— Calma! — ergue as mãos. — Eu também não sou nenhum especialista em dá nó em gravata.

— Deixe que eu o ajudo, filho. — meu pai fala, vindo ao meu socorro.

— O senhor conseguiu falar com o Henry? — pergunto, pela quinta vez em um intervalo de cinco minutos.

— Sim, eles estão a caminho. — responde.

— Quando o senhor fala eles, se refere à Christina também, certo?

— Sim, filho. — sorri. — Não precisa ter medo. Christina não irá fugir.

— Nunca se sabe. — Matteo comenta e eu tenho que usar toda a minha força de vontade para não quebrar sua cara de *Ken paraguaio*.

— Não o provoque, Matteo. — pede. — Ou ele terá um ataque cardíaco antes do sim. — brinca e os dois caem na gargalhada.

— Isso não tem graça. — bufo.

— Tem sim. — Matteo continua sorrindo como o idiota que é.

— Eu deveria ter chamado o Marcus para ser meu padrinho de casamento. — menciono o nome de um dos nossos amigos de faculdade e Matteo fecha a cara.

— Como se você fosse me trocar por outro macho. — se faz de ofendido.

— Como se não existissem outros melhores. — rebato.

— Parem, crianças, ou acabarei deduzindo que realizaremos uma cerimônia homoafetiva ao invés de um matrimônio. — papai fala e tanto eu como Matteo fazemos o sinal da cruz.

— Eu gosto de mulher, na verdade eu gosto da minha mulher. — falo, todo babão ao me lembrar da minha gostosa.

Sair de casa hoje sem antes lhe desejar parabéns foi tão doloroso que quase chorei. Quase chorei porque sei o quão difícil é essa data para *minha garota*. Christina encara seu aniversário como o dia em que foi rejeitada. Porém, resolvi mudar sua forma de encarar o dia de hoje. Quero que ela tenha um motivo para sorrir ao olhar os números 17/11 no calendário. Quero que ela compartilhe de minha felicidade, porque quando eu encaro esses números só consigo enxergar uma coisa: AMOR.

— Ela chegou! — Alice anuncia e meu coração acelera ainda mais rápido e forte. Volto minha atenção para o espaço ao meu redor e torço para que Christina goste do que preparei. Pego o microfone e espero minha futura esposa surgir.



Christina

Está tudo lindo, a decoração tão perfeita, que tenho medo de acordar e perceber que tudo não passa de um sonho.

— Ele está esperando por você. Vamos? — meu amigo pergunta e eu assinto que sim. Caminhamos mais um pouco até pararmos em frente à um enorme tapete branco, que nos guia ao altar improvisado. Consigo avistar Travis ao longe e mais lágrimas se formam quando meu olhar cruza com o do homem que amo. Ele está incrivelmente lindo.

Travis levar um microfone à boca, os músicos começam a tocar e, ao invés da marcha nupcial, sou surpreendida por meu cantor favorito. Meu futuro marido.

*"É uma noite linda
Estamos à procura de algo idiota para fazer
Ei, querida
Eu acho que quero me casar com você*

*Será o olhar em seus olhos
Ou é esta dança empolgante?
Quem se importa, querida
Acho que quero me casar com você"*

Travis começa a cantar, realizando uma dancinha ridícula, mas ao mesmo tempo perfeita. Eu absorvo cada palavra, enquanto caminho rumo a minha felicidade. Hoje serei oficialmente a senhora Maddock.

*"Conheço uma pequena capela na avenida onde podemos ir
Ninguém vai saber
Venha garota
E daí se estamos bagunçados,
Tenho um bolso cheio de dinheiro que podemos gastar
Com doses de tequila
E tá valendo, garota*

*Não diga não, não, não, não, não
Só diga sim, sim, sim, sim, sim
E nós vamos, vamos, vamos, vamos
Se você estiver pronta, como eu estou"*

A música é tão perfeita.

Todos olham admirados para o homem que cantar com a alma e o coração. Saber que esse

mesmo homem será oficialmente meu, me deixa em êxtase.

"Porque é uma noite linda

Estamos à procura de algo idiota para fazer

Ei, querida

Acho que quero me casar com você

Será o olhar em seus olhos

Ou é esta dança empolgante?

Quem se importa, querida

Acho que quero me casar com você

Eu vou pegar um anel, deixe o coro cantar e o sino tocar

Então o que quer fazer?

Vamos apenas fugir, garota

Se você acordar e quiser terminar, tudo bem

Não, eu não vou te culpar

Foi divertido, garota

Não diga não, não, não, não, não

Só diga sim, sim, sim, sim, sim

E nós vamos, vamos, vamos, vamos

Se você estiver pronta, como eu estou

Porque é uma noite linda

Estamos à procura de algo idiota para fazer

Hey baby

Eu acho que quero me casar com você

Será o olhar em seus olhos

Ou será que esta dança empolgante? Quem se importa, querida

Acho que quero me casar com você

Basta dizer que aceita

Diga-me agora, baby

Diga-me agora, baby (x2)

É uma noite linda

Estamos à procura de algo idiota para fazer

Hey baby

Eu acho que quero me casar com você

Será o olhar em seus olhos

Ou é esta dança empolgante?

Quem se importa, querida

Acho que quero me casar com você"

A música termina e antes que eu perceba Travis me arranca dos braços de Henry e me beija com tamanha intensidade que a cena passa a ser imprópria para menores de 18 anos.

— Feliz aniversário, gostosa. — me dá um último beijo, antes do juiz de paz lembrar-nos de que o beijo só vem depois do sim. No entanto, nós já havíamos dito "sim" um ao outro há muito tempo atrás, quando nos conhecemos naquele bar. De alguma forma eu já me sentia casada com Travis, afinal, meu coração pertence a ele.

— Podemos começar? — o juiz pergunta e nós assentimos que sim.

Nada poderia estragar minha felicidade. Hoje é dia de comemorar.

Capítulo 25 | Vale night

Christina

Um mês após meu casamento surpresa e me sinto, literalmente, uma bola. Sete meses de gestação e já não sou capaz de enxergar meus próprios pés. Continuo chorando por qualquer motivo, meus desejos se tornaram ainda mais "esquisitos" e meu apetite sexual parece algo de outro planeta. No entanto, por recomendações médicas, eu e Travis não fazemos sexo desde o sexto mês de gestação, o que vem me causando uma séria abstinência sexual. Ainda bem que aproveitamos muito a lua de mel que, respondendo aos curiosos de plantão, foi em Las Vegas. Exatamente! Nada de Paris, Roma ou alguma ilha paradisíaca. Nossa lua de mel foi na cidade do pecado e não poderia ter sido mais perfeita.

— Pensando em mim? — meu marido pergunta, adentrando a sala com um sorriso sapeca nos lábios.

— Sim. Em como você precisará se submeter a uma vasectomia depois que seus filhos nascerem. — respondo, apontando para minha barriga que parece que irá explodir a qualquer momento.

— Eu não irei fazer nenhuma vasectomia e você sabe disso. — senta ao meu lado, levantando minha blusa. — Como vocês estão, pestinhas?

— Inquietos. — bufo, frustrada. — Eu juro que se eu peitar eles saem voando. — sem querer arranco uma risada de Travis. — Isso não é engraçado, Sr. Maddock. — repreendo-o.

— Desculpe-me, Sra. Maddock. — dá quatro beijinhos em minha barriga, antes de beijar meus lábios. — Te amo e sou eternamente grato pelos quatro presentes que carrega em seu ventre. — fala, um sorriso bobo no rosto.

— E eu sou grata por você existir. — puxo-o para mais um beijo. — Te amo muito mais.

— Impossível. — rebate, ainda com os lábios colados nos meus. Suas mãos passeiam pelo meu corpo e logo estamos ambos ofegantes, excitados e frustrados por não podermos transar loucamente. — Acho melhor pararmos, ou irei acabar arrancando suas roupas e enterrando meu pau nessa sua bocetinha apertada. — suas palavras me deixam ainda mais excitada.

— Você falando sujo não ajuda muito, Travis. — faço biquinho e ele ri.

— Você gosta quando eu falo sujo, né sua safada? — sussurra em meu ouvido e eu o empurro para trás.

— Para, Travis! — tento me levantar do sofá, mas é quase impossível, Travis me prende em um abraço de urso. — Me solta, amor. Eu preciso preparar o café. — peço.

— Não. Só depois que me der mais um beijo. — impõe a condição, que eu aceito sem protestar.

— Pronto. Agora eu preciso alimentar nossos babys. — acaricio minha barriga e me levanto com a ajuda de Travis. — Não irá trabalhar hoje, gatinho? — indago, já na enorme cozinha de nosso novo lar.

— Infelizmente sim, mas já comuniquei a Matteo que chegarei um pouco mais tarde hoje. — responde, beijando meu pescoço. — Se quiser posso ficar em casa com você. — morde o lóbulo da minha orelha e deixo escapar um pequeno gemido.

— Eu... Eu adoraria, amor. Mas você já se ausentou ontem da empresa. Além do mais, sei que o motivo de querer ficar em casa é pura preocupação comigo e com os bebês. — coloco minhas suspeitas para fora e Travis não contesta. — Não precisa ficar preocupado, gatinho. Nós ficaremos bem sem o papai urso.

— Eu ficaria mais tranquilo se você cogitasse a ideia de contratarmos alguém para ficar com você.

De novo essa conversa...

— Eu não preciso de uma babá, Travis. — reviro meus olhos.

— Eu sei, mas está grávida de quadrigêmeos e necessita de certos cuidados. — profere o discurso que a Dra. Collins utilizou em nossa última consulta. — Eu... Talvez seja melhor eu me ausentar da empresa durante os próximos meses. — sugere.

— Nem pense nisso, Travis. — apresso-me em vetar essa sua ideia maluca. — Eu estou grávida, não doente.

— Christina, tenta entender meu lado, por favor. Eu não consigo trabalhar sabendo que minha mulher está em casa, sozinha, e que se algo de ruim acontecer não terá ninguém para ajudá-la. — o olhar de apreensão em seu rosto é golpe baixo.

— Eu prometo que irei pensar a respeito. — digo, em uma tentativa falha de tranquilizá-lo.

— Quando? Depois que nossos netos nascerem? — ironiza visivelmente chateado.

— Eu não quero brigar, Travis. — afasto-me em direção ao fogão.

— Ótimo, porque eu também não. — sai, pisando fundo, em seu típico show de drama.

Meia hora depois e estou sentada à mesa, degustando do café da manhã que eu mesma preparei. Devo admitir que melhorei muito na cozinha depois que me casei com Travis. Ainda não sou nenhuma *másterchef* da vida, mas já não corro o risco de morrer de fome ou envenenada.

— Não vai comer antes de sair? — pergunto ao meu marido que acaba de sair do quarto, vestido em um terno Armani, incrivelmente sexy.

— Estou sem fome. — sua resposta sai ríspida, o que me magoa um pouco.

— Você que sabe. — dou de ombros, tentando não parecer abalada por seu tratamento grosseiro.

— Tenho que ir agora. — pega as chaves do carro e sua bolsa sob a mesinha de centro. — Haverá uma reunião importante, talvez eu retorne um pouco mais tarde do que o habitual para casa.

— Tudo bem.

— Então é isso. — aproxima-se, e quando eu acho que ele beijará meus lábios, como sempre faz antes de sair, ele curva-se e beija minha barriga. — Comportem-se, pestinhas. Deem um bom tempo a mamãe. — e sai, sem nem sequer me dar um selinho. Tenho vontade de gritar, mas me controlo.

— Bastardo! — xingo baixinho, voltando a focar minha atenção no café à minha frente e no convite que preciso fazer as minhas amigas.

Acho que hoje é noite *vale night*.



Travis

— Que cara é essa? Acabamos de fechar um contrato milionário e você está aí, com essa

cara de cachorro sem dono. — Matteo fala, enquanto terminamos de organizar alguns documentos.

— Essa cara se chama casamento.

— Problemas no paraíso? — sorri.

— Christina cismou que não precisa de ajuda.

— E precisa?

— É claro que precisa. — bufo. — Cara, ela está carregando quatro bebês. A barriga dela parece uma bola gigante.

— Sua mulher ficará feliz em saber que você a ver como uma bola gigante. — o idiota brinca.

— Eu corto o seu pau fora se mencionar algo parecido a ela. — ameaço-o. — Além do mais, é a bola gigante mais linda e sexy de todo o universo. — esclareço, como um verdadeiro bobo apaixonado.

— Talvez você esteja sendo neurótico demais.

— Claro, porque não é a sua mulher que tem uma gravidez de risco. — digo, irritado com sua falta de sensibilidade.

— Calma, irmão! — ergue as mãos para o alto. — O que estou tentando dizer é que Christina é uma mulher independente, você já deveria ter consciência desse fato.

— Desculpa. É que eu sinto medo, sabe? Tenho medo de que algo ruim aconteça. — confesso.

— Você a ama, é normal sentir medo. Mas brigar com ela só piora a situação.

— Você está certo. Eu odeio brigar com minha, gostosa. — admito. — Acho que vou passar em seu restaurante favorito, obter um pouco de comida e mendigar por seu perdão.

— Com licença, Sr. Martinelli. — a secretária de Matteo pede, adentrando a sala de reuniões com um telefone celular nas mãos. — Sua esposa está na linha. — passa o celular para Matteo que atende com um largo sorriso no rosto.

— Oi, querida. Já terminei o trabalho e logo estarei em casa. — diz, animado. — Você está bêbada, Alice? — pergunta, sem esconder sua surpresa. — Droga, Lice! O que raios você está fazendo em uma balada?... Não, você vai ficar quietinha enquanto espera eu chega... Não,

Lice. Eu não estou bravo, só estou chateado... Não chora, amor. Eu juro que não estou bravo.

Está sim!

— Fiquem aí. Eu e Travis estamos indo buscá-las... Também te amo. — finaliza a chamada.

— Alice resolveu dá uma fugidinha? — brinco.

— Se eu fosse você parava de rir, idiota. Foi sua mulher que teve a brilhante ideia de arrastar minha Lice para a noitada nova-iorquina. — fala e meu sorriso dá lugar a uma carranca.

— Que merda é essa que você está falando?

— Eu não entendi muito bem, mas, ao que parece, Christina arrastou Alice, Lauren e Marcela para uma noite das mulheres, regada a música alta, álcool e homens tarados. — faz uma careta. — Eu não sei você, mas estou indo pegar minha mulher, antes que algum idiota resolva fazer alguma gracinha.

— Eu vou matar aquela cadela. — esbravejo, seguindo Matteo pelos corredores da empresa.

Homem é realmente um bicho muito idiota. Eu, me martirizando de culpa pela nossa discussão de hoje, e ela farriando com as amigas. Sorte a dela está grávida, ou levaria uma dúzia de palmadas naquele traseiro gostoso para aprender a não fazer besteira e testar minha paciência.

Ah, Christina, hoje você dormirá no sofá da sala.



Quarenta e cinco minutos depois e estamos em frente a uma das boates mais luxuosas de Nova Iorque, prontos para buscar o que nos pertence.

— EU VOU ESGANAR A MARCELA. — Henry grita por cima da música alta.

No caminho para cá, Matteo resolveu ligar para Henry e Dean. Afinal, suas mulheres deveriam estar mais bêbadas que carrapeta, se bem que como Christina e Marcela estão grávidas não podem ingerir álcool. Ao menos eu espero que as duas estejam sóbrias.

— Ok, rapazes, vamos à caça! — anuncio e vai cada um para um lado.

Procuo em meio ao aglomerado de pessoas que dançam em um ritmo descontraído, fazendo eu me sentir um velho de 70 anos. É engraçado como em menos de um ano sinto como se eu nunca tivesse pertencido a este tipo de ambiente. O amor e a paternidade são realmente capazes de transformar um homem. Por mencionar a palavra paternidade, o que raios aquele filho da puta faz acariciando a barriga da minha mulher?

Como um touro bravo, pronto para o ataque, me aproximo a passos largos dos dois, que sorriem como se fossem íntimos.

— Espero não está atrapalhando. — me pronuncio e Christina fica pálida com o susto.

— Travis?

— Surpresa, amor? — pergunto, ironicamente, envolvendo meus braços ao redor de sua cintura. — Não vai me apresentar seu amigo?

— Eu... Hã... Este é Alexander, um amigo da faculdade. Alexander, este é...

— O responsável por essa barriga. — interrompo-a, enquanto sinalizo em direção ao seu barrigão. — Também conhecido como o marido dela e o cara que irá arrancar todos os seus dentes se tocar nela mais uma vez. — sorrio.

— Travis! — Christina me repreende.

— Eu só vou dizer uma vez: fique longe da minha mulher! — faço minha pose de durão, a mesma que Christina nomeou de troglodita.

— Meu Deus, Travis. Pare de agir como um Neandertal. — me empurra para longe.

E ela ainda tem a cara de pau de defender ele.

— Neandertal é meu cú. O que diabos você está fazendo em uma boate com um homem qualquer? O pior, colocando em risco a saúde dos meus filhos.

— Seus filhos? Não é você que carrega eles de lá pra cá, queridinho. — rosna. — E eu não sou louca a ponto de colocar em risco a saúde deles. Por isso, meça suas palavras antes de falar o que não sabe.

— Claro, porque você em uma balada ao lado de outro homem é a coisa mais normal do mundo. — volto a olha o desgraçado, denominado Alexander, que ainda não falou nada.

— O que você está insinuando, Travis? Que eu estou te traindo? Que eu seria capaz de trai-lo? — pergunta, fazendo papel de durona.

— Eu... Eu não disse isso. Mas porra, porque merda você não me avisou que queria vim à droga de uma boate? — indago, agora um pouco mais calmo.

— Provavelmente porque você não iria deixar, ou talvez tenha sido porque você agiu como um idiota essa manhã. — sua voz sai trêmula, sinal de que lágrimas irão surgir a qualquer momento.

— Desculpe-me por hoje mais cedo. — passo as mãos por meus cabelos. — Eu só estava preocupado. — torno a me aproximar de seu corpo.

— Eu sei me cuidar, Travis. Não sou nenhuma criança.

— Eu sei, *gostosa*, mas o amor faz isso. É impossível não me preocupar com a mulher que amo. — beijo seus lábios e ela logo abre passagem para a minha língua.

— Oh, que lindos! — Alexander se pronuncia pela primeira vez e eu quase dou risada de sua voz fina e afeminada.

— Ele... Ele é... — sussurro baixinho no ouvido de Christina.

— Sim, ele é gay. E aquele cara ali... — aponta para um homem que se aproxima com dois drinks nas mãos. — é o noivo dele.

— Eu... Eu acho melhor eu não falar nada. — digo, me sentindo um babaca.

— Sim, é melhor. — dá risada.

— Aqui está sua bebida, querido. — o namorado de Alexander falar, entregando um dos copos ao companheiro.

— Travis esse é Tony. Tony, este é o cara que me transformou em uma bola ambulante. — faz as apresentações e Tony sorri.

— Ai, amiga, preciso ir ao banheiro. Você vem comigo? — Alexander pergunta e Christina assente.

— Não demoro, amor. — me dá um selinho e sai em direção ao banheiro.

— Então, Travis, você vem sempre aqui? — Tony pergunta com um sorriso esquisito nos lábios.

— Não depois que conheci minha esposa. — respondo.

— Por quê? Ela é do tipo possessiva?

— Não. Eu só não faço mais parte de ambientes como este.

— Sabe, eu já vi você antes. Em um restaurante. — esclarece. — Você estava brigando com duas senhoras que queriam impedir sua entrada em um banheiro feminino. — comenta e eu quase engasgo com minha própria saliva.

— Você estava lá? — pergunto, olhando para os lados, me certificando de que ninguém tenha escutado o que ele acabara de falar.

— Sim e desde então não paro de pensar em você. — aperta minha bunda e eu pulo de susto.

Mas que porra é essa?

— Não precisa ter medo, Travis. Não irei contar seu segredinho a sua esposa. — pisca.

— Olha cara, eu acho que você deve está me confundindo com outra pessoa. — tento ser educado, apesar de está morrendo de raiva.

— Era você mesmo, gato, eu lembro perfeitamente deste seu traseiro gostoso. — faz menção em pegar novamente em minha parte traseira, mas desta vez sou mais rápido que ele e o impenso.

— Eu não sou gay e a menos que não queira se meter em confusão, sugiro que mantenha suas mãos longes de mim.

— Oh, adoro um cú doce.

— CÚ DOCE É MINHA MÃO ENFIADA NA TUA CARA. — grito, sem paciência.

— Está tudo bem por aqui? — Christina pergunta.

— Não. Seu marido estava se insinuando para mim. — o imbecil fala com a cara mais lavada do mundo, se fazendo de vítima.

— Meu pau que eu estava. — cuspo. — Olha Alexander, seu noivo não vale o que o gato enterra. Pegou na minha bunda, me paquerou e ainda tentou me molestar. Eu sei que sou gostoso, mas daí querer enfiar o pau onde não deve já é demais.

— Isso é verdade, Tony? — Alexander pergunta e ele fica calado.

— Eu quero ir embora, Christina. — falo para minha mulher que parece não acreditar na situação ocorrida.

— Eu... Vamos. — e saímos sem nos despedir do casal que acaba de iniciar uma DR.

Já a caminho de casa, Christina começa a rir sem parar, depois que termino de narrar os fatos.

— Isso não tem graça, Christina. — digo, emburrado. — Ele quase me molestou.

— Ah, Travis, quem manda você ter um traseiro gostoso. — brinca.

— Então por você tudo bem as mulheres saírem pegando na minha bunda, afinal, ela é gostosa. — rebato.

— Se tudo bem significa eu matando cada uma delas, então sim. — responde, dando uma mordidinha em minha bochecha.

— Isso tudo é fome?

— Sim, fome de Travis. — responde com uma cara de safada que faz meu pau despertar.

— Não me provoque, Sra. Maddock.

— Mas eu não estou fazendo nada, Sr. Maddock. — morde o lado inferior e quando estou pronto para repreendê-la mais uma vez, meu celular toca.

— Atende pra mim, amor. — peço, indicando o aparelho que está em meu bolso. Christina pega o celular, levando em direção à orelha.

— Oi, Michael. — sorri, mas logo seu sorriso desaparece. — Como assim?... E-eu aviso... Nós chegaremos aí em breve. — finaliza a chamada e não é necessário perguntar o que aconteceu. Pela expressão no rosto de minha mulher já tenho a resposta.

Minha mãe piorou!

Capítulo 26 | Nostalgia

Travis

É como, se de repente, eu fosse novamente aquela criança mimada, chorando pelo colo da mãe.

Ah, mãe, por que a senhora tem que ser tão teimosa? E por que a vida precisa ser tão injusta?

— Filho, você precisa se alimentar. — meu pai estende uma bandeja em minha direção que, provavelmente, se deu ao trabalho de ir buscá-la na lanchonete do hospital.

— Como se você tivesse comido algo, pai.

Estamos desde a madrugada aqui — esperando — enquanto minha mãe continua sendo dopada de remédios para que sua dor amenize.

E a nossa? Como amenizar a nossa dor?

— Sua esposa ligou preocupada, perguntando o porquê de você não atender o celular. — meu pai menciona e eu apenas dou de ombro.

Mandeí Christina ir embora com a desculpa de que ela precisava descansar um pouco, mas a verdade é que não quero que ela me veja sofrendo. Não quero que ela sofra por mim.

— Porra, Travis! Por que raios você não entrou em contato comigo para comunicar-me sobre o estado de saúde da tia Taty? — Matteo entra furioso na sala de espera do hospital, atraindo a atenção de algumas pessoas.

— Não achei que fosse necessário.

— Não achou que fosse necessário? Que merda está acontecendo contigo, cara? A tia Taty é como uma mãe para mim. Então sim, era necessário.

— Por favor, meninos, mantenham a calma. — papai pede e Matteo senta ao meu lado.

— Desculpa, Michael. Como ela está?

— Sendo drogada. — meu pai responde, os olhos marejados.

— Ela vai morrer, Matteo, se é isso o que quer saber. Minha mãe vai morrer e ninguém pode fazer nada. — solto tudo de uma vez. Meu pai me olha assustado e Matteo parece não se

surpreender com meu ataque.

— Travis! — sou repreendido por meu pai.

— Peço desculpa, pai. Mas é a verdade. Minha mãe está na droga deste hospital esperando a morte e nenhum de nós tem o poder de mudar isso. — deixo uma lágrima escapar, mas antes que Matteo ou meu pai possam falar qualquer coisa, eu saio. Saio para longe de tudo isso.

Eu só queria voltar no tempo, voltar para o abraço protetor de minha mãe e nunca mais sair. Queria voltar à época em que suas histórias eram a única receita para eu dormir. Queria ouvir suas broncas ou simplesmente sentar ao seu lado e jogar conversa fora.

É... Mãe deveria ser eterna.



Acordo em meu antigo quarto, abraçado a um dos brinquedos que minha mãe me dera em minha infância. Aperto meus olhos e com muito esforço consigo me levantar.

Depois que sai do hospital vim direto para casa dos meus pais, uma maneira de me sentir mais perto das lembranças boas, das lembranças que o câncer ainda não destruiu.

Desço as escadas e um barulho vindo da cozinha rouba minha atenção. A passos lentos, caminho em direção ao cômodo e uma barrigudinha linda mexe uma panela no fogão.

O que Christina faz aqui?

— Oh meu Deus! Acordei você? — pergunta assim que nota minha presença.

— Não. — respondo, seco. — Eu já havia acordado.

— Ah...

— O que você faz aqui, Christina? — pergunto, sem rodeios.

— Neste exato momento? Seu almoço. — responde, sem se deixar abalar por meu tratamento grosseiro.

— Eu quero ficar sozinho, Christina. — digo, antes de sair e me jogar no sofá da sala.

— E eu que o meu marido confie em mim o suficiente para desabafar. — diz, já na sala. — Seu almoço está pronto. Bom apetite, Sr. Maddock. — joga um pano de prato em minha cara e sai pela porta da frente.

Merda!

Sem pensar duas vezes corro atrás da minha *barrigudinha furiosa* e encontro-a travando uma briga com a porta do carro que não quer abrir.

A cena seria hilária, se não fosse trágica.

— Problemas com a porta? — pergunto, tentando conter o riso que teima em escapar.

— Ela não quer abrir. — bufa, cruzando os braços em sinal de derrota.

— Ainda bem, uma vez que a senhora sabe que não pode dirigir. — repreendo-a por sua atitude imprudente.

— Então o negócio está difícil, porque eu também não posso voltar para casa a pé.

— Bem, minha esposa fez um almoço que, com certeza, deve está delicioso. Se quiser entrar... — sorrio de lado.

— Oh, mas e se ela não gostar da minha presença? — entra na brincadeira.

— Ela não está em casa.

— Não? — finge surpresa.

— Não. Eu fui um completo babaca com ela, ela jogou um pano de prato sujo em minha cara e depois saiu. — digo e Christina me presenteia com um de seus sorrisos, capaz de iluminar meu mundo.

— Você deve ter sido um babaca king para ela ter feito isso.

— Sim, eu fui. — aproximo-me dela. — Eu a amo muito, sabe?

— Mesmo quando age como um estúpido, imbecil, idiota, retardado...? — coloco uma de minhas mãos sob sua boca para que ela pare com os adjetivos.

— Mesmo assim. — respondo. — Desculpa, gostosa. — tiro minha mão de sua boca e puxo seu corpo de encontro ao meu.

Eles se encaixam perfeitamente, mesmo com uma bolona entre eles.

— Aceita meu convite para almoçar? — pergunto, fitando seus olhos.

— Deixa-me pensar. — faz uma breve pausa, como se estivesse realmente pensando a respeito. — É... Eu acho que posso aceitar, desde que você tome um banho antes. — respira fundo. — Você está fedendo, Travis. — faz um careta, afastando nossos corpos.

— Você está me chamando de porco? — indago, ofendido.

— Não, eu estou dizendo que você precisa de um banho. — diz e eu, instantaneamente, ergo minhas axilas para verificar o odor.

— Para, Christina! O cheiro não está tão ruim assim.

Na verdade está.

— Está sim. Agora abra a porta do carro para que eu possa tirar a muda de roupa que trouxe para você. — minha mulher como sempre pensa em tudo.

Sem muito esforço, abro a bendita porta e Christina pega uma pequena bolsa. Voltamos para dentro da casa de meus pais, onde eu sigo para o banho enquanto Christina arruma a mesa.



Depois de um longo banho, enrolo uma toalha ao redor de minha cintura e, só então, lembro que a bolsa com minha roupa está no andar de baixo. Preparo-me para descer, quando minha esposa adentra o quarto com a bolsa.

Os olhos de Christina pousam em meu corpo e em questão de segundos ela está mordendo seu lábio inferior.

— Uau! — exclama ainda me devorando com o olhar. — Agora eu entendo o porquê de Tony ter se apaixonado por sua bunda. — a descarada dá voltinhas ao meu redor, encarando minha comissão de trás como se minha bunda se resumisse a um suculento pedaço de carne.

— Já apreciou o bastante ou quer que eu tire a toalha?

— Bem, é uma sugestão tentadora, mas uma vez que eu não posso usufruir deste corpinho, é melhor mantê-lo coberto.

— O boquete está aí para isso, gostosa. — digo, meu tom de voz sugestivo.

— Pena que as relações sexuais tenham sido proibidas até segunda ordem. Logo, se eu não posso gozar, você também não o fará. — diz, diabólica.

— Isso é injusto, Christina. — protesto, revoltado.

— Injusto ou não, é assim que será até que possamos voltar a trepar igual dois coelhos. Ah, e acho bom o senhor não está fazendo uso de suas mãos para sentir prazer. Não quero um marido punheteiro enquanto nem me masturbar eu posso. — desvio o olhar perante ao seu último comentário. — Travis Edward Maddock, eu não acredito que você... Argh... Isso é injusto, seu ninfomaníaco.

— Foram só algumas batidinhas, gostosa. — me aproximo dela, beijando o canto de sua boca, enquanto inalo seu delicioso aroma de morangos.

— Beijos não me farão esquecer o que o senhor anda fazendo. — afasta-se. — Eu não gozo há mais de um mês, Travis. Eu estou entrando em um sério estado de abstinência sexual profunda, você sabe o que é isso? Não, não sabe, porque é um punheteiro desalmado. — diz, toda dramática.

— Vem aqui, amor. — abro os braços em um convite, que é aceito depois de alguns segundos. — Eu sei que deve ser difícil passar todo esse tempo sem o meu pau mágico, mas prometo que, assim que fomos liberados, você terá o melhor sexo da sua vida. Eu irei comê-la como nunca comi antes, minha gostosa.

— Jura? — pergunta, a cabeça enterrada em meu peito.

Sim, eu juro, amor. Agora traga essa boquinha para cá, preciso beijar minha mulher.



— Sim... Eu aviso... Certo... Tchau.

— Meu pai ou Matteo? — pergunto quando minha esposa finaliza a chamada.

— Seu pai. Ele está preocupado, Travis. — fala e eu me mantenho calado, mastigando a comida à minha frente. — Fala comigo, amor. Eu preciso saber o que se passa em sua mente. — pede, quase que em um sussurro.

— Eu não sou um de seus pacientes, Christina. — levanto-me apressado, levando meu prato

a pia. Christina, claro, vem logo atrás.

— Eu só quero ajudar, Travis. Então sugiro que pare de agir como um idiota. Nós somos casados. Eu não sei você, mais eu, com toda a maldita certeza, não estava brincando quando jurei que estaria ao seu lado na alegria e na tristeza. Eu estou aqui como sua mulher, não como sua psicóloga. — viro-me para encará-la.

— Eu sei... Desculpe-me. E-eu... Eu só não consigo falar sobre isso. Dói, Christina. Dói muito. — e as lágrimas que tanto segurei vêm como uma tempestade. Quando percebo, Christina me tem envolvido em seus braços.

Abraço-a apertado, como se aquele ato amenizasse um pouco minha dor. E, de certa forma, ameniza.

— Eu estou aqui, amor. Infelizmente não posso prometer que tudo ficará bem, mas posso consolá-lo, ouvi-lo e amá-lo de todas as formas possíveis. — segura meu rosto com suas mãos, fazendo com que nos olhares se encontrem. — Eu te amo e sempre estarei ao seu lado. Sempre. — beija meus lábios e sinto um conforto inexplicável.



Christina

Eu sempre detestei hospitais, por algum motivo eles me remetem a doença, morte... É claro que neste tipo de ambiente também existe vida e salvação. Mas agora, enquanto meu marido está em um quarto chorando ao lado do corpo frágil da mãe, eu só consigo pensar no pior, ao mesmo tempo em que rezo por um milagre.

Taty não merece morrer de uma forma tão dolorosa. Ela merece continuar vivendo.

— Sabe, Michael, falar ajuda. — digo para meu sogro que, até o momento, se mantém forte. Porém, sei que esse comportamento não passa de uma posse, por dentro ele está sangrando. Sei não porque sou psicóloga, mas porque me coloco em seu lugar.

— É complicado, Christina. — fala, cabisbaixo.

— Então me fale sobre essas complicações. Sofrer calado pode ser bem pior. — insisto,

desta vez obtendo êxito.

— Eu não consigo imaginar minha vida sem ela. É isso. Eu não consigo. — solta. — Sabe, quando a vi pela primeira vez eu pensei: "*Ela tem que ser minha*". Um olhar e pronto. Eu já estava perdidamente apaixonado pela baixinha da língua afiada e dona de um temperamento forte. — sorri com as lembranças. — Em pouco tempo Taty se tornou o meu motivo para respirar e agora esse motivo está em uma cama de hospital, morrendo. — deixa uma lágrima escapar. — Eu não acho que serei capaz de viver sem ela. — confessa. — Quem vai me chamar de ursinho? Quem me dará um soco quando achar que olhei para outra mulher com segundas intenções? Quem vai me abraçar todas as manhãs e reclamar do meu bafo matinal? Para quem eu irei declarar meu amor? — suas perguntas me causam um rio de lágrimas. — Ela não vai está ao meu lado quando eu acordar. Eu já não verei seus olhos brilhando a cada manhã ou ouvirei sua voz de sono, sussurrando palavras desconexas em meu ouvido. Não iremos brigar pela última fatia de pizza, nem serei obrigado a assistir *Diário de Uma Paixão* pela milésima vez. Chegará o momento em que não precisarei mais fazer as coisas que eu "*odiava*", então eu sentirei falta... Sentirei falta porque já não vou poder tê-la em meus braços. E, no fim, a maior parte de mim morrerá com ela. — soluça, em meio ao seu próprio mar de lágrimas. — Eu só queria amenizar a dor da minha pequena. Queria não me sentir um inútil, porque é assim que me sinto. — desabafar e, sem pensar duas vezes, envolvo-o em um abraço.

— Eu não conheço Taty há muito tempo, mas sei que ela ama muito você e Travis. Ela não gostaria de vê-los se martirizando por algo que não cabe a vocês. Infelizmente, ninguém pode ajudá-la, mas podemos amá-la e aproveitar o tempo que nos resta. — digo e ele assente.

— Você está certa. Obrigado, Christina. Fico feliz que meu filho tenha escolhido você. — enxuga as lágrimas. — Acho que vou vê-la. — fala quando Travis sai do quarto.

— Ela estava chamando pelo senhor. — Travis diz e Michael abraça o filho antes de entrar no quarto.

— Como foi lá? — pergunto.

— Bem, eu acho. — senta ao meu lado, puxando-me para seu colo.

— Travis, eu estou pesando quase uma tonelada. — digo, tentando sair de seu colo.

— Por favor, amor. Só me deixe sentir você e os nossos pestinhas. — pede e eu cedo, descansando minha cabeça na curva de seu pescoço. Ficamos assim por um bom tempo, eu cheirando seu pescoço e Travis acariciando minha barriga.

— Gostosa! — Travis chama.

— Hã? — pergunto, mordendo sua orelha.

— Por que você fez xixi em cima de mim? — a pergunta de Travis me faz pular de seu colo. Olho em direção a sua calça, agora molhada, e depois passo a encarar o líquido que parece minar de minha vagina.

Putá que pariu!

— Tem um banheiro no segundo corredor à direita.

— Isso não é xixi, Travis. — constato ao sentir a primeira pontada de dor.

— Então o que raios é todo esse líquido saindo entre suas pernas?

— Minha bolsa. Ela estourou, Travis. — não sei se sorrio ou me apavoro, visto que ainda estou no sétimo mês de gestação.

— Isso significa que... Oh meu Deus! É isso mesmo? — pergunta, todo atrapalhado, se levantando do pequeno sofá.

— Sim, seremos oficialmente pais. — respondo e logo meu marido começa a andar de um lado para o outro.

— Oh céus! E agora? O que eu faço?

— Bem, me levar até a ala da maternidade seria uma boa ideia. — dou risada de seu nervosismo.

— Certo! Eu devo carregá-la no colo?

— Não, Travis. Eu acho que sou capaz de andar. — digo, antes de soltar um gritinho de dor.

— Caralho, você está bem, amor? — questiona, preocupado.

— Sim, gatinho, não se preocupe. — tento tranquilizá-lo.

— Está tudo bem por aqui? — uma enfermeira pergunta e eu dou graças a Deus ao ouvir sua voz.

— Não! — Travis responde ao mesmo tempo em que pronuncio um "*sim*". — Ela está grávida e pronta para jogar os bebês para fora.

— Como? — a enfermeira indaga.

— O que ele está tentando dizer é que acabo de entrar em trabalho de parto. — reformulo a resposta.

— Certo, eu irei encaminhar a senhora à maternidade. Meus parabéns. — nos parabeniza com um sorriso e logo um enfermeiro super sexy, devo ressaltar, vem em minha direção com uma cadeira de rodas. Mesmo não achando necessário, eu me sento e sorrio ao imaginar que em poucos instantes terei meus filhotinhos em meus braços.

Capítulo 27 | Sejam bem-vindos, pestinhas!

Travis

— Aiiiii! — grito de dor, após a quarta tentativa de Christina quebrar minha mão. — Isso dói, amor.

— Dor? Sério que você estava falando de dor justamente para mim? — sua expressão facial me dá medo. — Você não sabe o que é sentir dor, Travis! Dor é ter quatro crianças prestes a sair por sua vagina. Aiiiii!!!!!! — agora é ela quem solta o grito. — Escute bem, Travis, porque eu só irei falar uma vez. Seu pau não chegará em minha "menina" pelos próximos cem anos. — tento controlar a risada, mas não consigo.

Como se ela fosse capaz de viver sem meu maravilhoso pau.

— Calma, gostosa. — beijo sua testa banhada pelo suor. — A enfermeira falou que falta pouco mais de três centímetros de dilatação para que você possa ser levada até a sala de parto. — lembro.

— Isso foi há quase uma hora, Travis. Eu estou há mais de dez horas em trabalho de parto. — exclama frustrada. — Dói tanto. — choraminga e meu peito aperta.

É horrível ver minha gostosa sofrendo e não poder fazer absolutamente nada. Juro que se pudesse trocaria de lugar com ela.

— Que tal escolhermos os nomes? Nós ainda não o fizemos. — sugiro, tentando distrai-la da dor.

— Você acha que a essa altura do campeonato estou preocupada com os nomes? — revira os olhos. — Eu só quero que eles saiam logo. Aiii! Por que tem que doer tanto?

— Logo a dor passará, gostosa. — deposito mais um beijo em sua testa. — Eu gosto de Damien. — insisto com a história dos nomes e Christina, enfim, dá-se por vencida.

— É um belo nome. — sorri.

— Então este será o nome do filho número um. Você tem que escolher o do segundo pestinha.

— Christopher. — fala com um sorriso provocante nos lábios.

— Nem pensar! — veto rapidamente sua escolha de nome.

— Por que não? — pergunta como se já não soubesse a resposta.

— Porque meu filho não levará o nome do ator com o qual você confessou desejar uma noite de sexo. — respondo, emburrado.

— Bem, pode ser uma manhã de sexo também, eu não ligo para o horário. — dá de ombros, gesto seguido por mais um de seus gritos.

Bem feito, quem manda ficar desejando o Capitão América quando se tem um marido muito melhor em casa.

— Então você deveria ter casado com o Sr. Christopher Robert Evans, ao invés de um deus grego como eu. — digo, sem esconder meu ciúme.

— Você fica... Aiii!... — respira fundo antes de voltar a falar. — ainda mais lindo com ciúmes. — leva uma de suas mãos ao meu rosto. — Devo confessar que Chris Evans é realmente um pecado, mas não poderia escolhê-lo quando meu coração já é seu. — capturo sua mão e levo-a aos meus lábios, beijando-a com todo meu amor. — Trevor.

— Hã?

— Trevor. Este será o nome do nosso filho número dois. — fala e meu coração se enche de orgulho. — Sua vez, papai do ano.

— Maximus? — sugiro e ela faz uma careta horrível. — Maximus é um nome bonito, amor.

— Meu filho não terá o nome de um dos Transformers, Travis. — contesta. — Escolha um nome normal, de preferência um que não traga-lhe problemas como o bullying.

— Certo. — gargalho alto. — Deixe-me pensar. — faço uma pausa. — Alec. — sugiro, depois de alguns minutos.

— É bonito e simples. Gostei.

— Então agora só falta o da nossa princesinha.

— Preparada, Sra. Maddock? — a enfermeira torna a entrar na sala, desta vez acompanhada.

— Se o seu preparada estiver relacionado à minha vontade de colocar meus babys para fora, então sim. Estou preparada. — minha esposa responde, fazendo com que as duas enfermeiras soltem uma risada.

— Bem, vamos ver se já está dilatada o suficiente. — a mulher verifica a vagina de Christina e logo volta a sorrir. — A hora chegou. — anuncia. — A sala de parto já está pronta e sua obstetra já chegou.

— Você virá comigo, certo, Travis? — Christina pergunta, sem largar minha mão.

— Como se eu fosse perder o nascimento dos nossos pestinhas. É claro que irei. — tranquilizo-a.

— Então é melhor o senhor acompanhar a Mila. — aponta para a enfermeira loira. — Ela levará o senhor para trocar de roupa. — esclarece e eu assinto.

— Vejo você em breve, gostosa. — despeço-me com um selinho.

— Não demora, Travis. — pede chorosa. No fundo sei que está morrendo de medo, o que faz dois de nós.

A médica deixou claro, desde o início, que a gravidez de Christina, por ser múltipla, inspirava certos cuidados. E ter um parto normal no sétimo mês de gestação poderia ser mais arriscado do que se imagina. No entanto, meus pais sempre me lembraram de que existe um Deus e é a esse Deus que imploro para que proteja minha mulher e filhos.



Christina

— Pronto, Christina? — a doutora pergunta.

— Não. — respondo. — Eu quero o meu marido. — estou prestes a chorar.

A dor se tornou insuportável e Travis ainda não retornou.

— Estou aqui, gostosa. — escuto a voz de Travis se aproximar e logo ele está ao meu lado. Sua mão volta a segurar a minha e sinto-me segura outra vez.

— Agora eu estou pronta. — anuncio. — Hora de conhecerem o mundo, babys. — sussurro a última frase.

— Certo, então sugiro que comece a empurra. Temos um apressadinho aqui, pronto para sair. — a douta instrui e eu o faço. Empurro com toda a força que consigo reunir. — Aiiiiiiiiii! — grito, já imaginando o quão difícil será colocar quatro bebês para fora.

Travis e seu super esperma.

— Vamos, Christina. Empurre mais!

— EU ESTOU EMPURRANDO! — grito, ao mesmo tempo em que o som de um pequeno choro preenche o ambiente.

Travis sorri feito bobo.

— Já temos o primeiro garotão. — Dra. Collins fala. — Faltam mais três.

— Nosso Damien. — sussurro com lágrimas nos olhos. Noto uma das enfermeiras se aproximar com um pequeno pacotinho nos braços e escuto quando Travis identifica a ela o nome de nosso primogênito. A mulher sorri e leva-o para longe.

Por que estão levando o meu bebê?

— Você irá vê-lo em breve, amor. Fique tranquila. — Travis fala, como se estivesse lendo meus pensamentos.

— Vamos lá, mamãe... Continue empurrado.

E empurrar foi a única coisa que conseguir fazer até que o nosso quarto filho viesse ao mundo. Depois disso só lembro de ouvir Travis proferir o quanto me ama.

Estava exausta demais para continuar acordada.



Travis

Através do enorme vidro, observo meus filhos, lado a lado, cada um em uma incubadora. Tão pequeninos e ao mesmo tempo tão perfeitos.

— Oh meu Deus! Meus netinhos são lindos. — sou pego de surpresa por uma Taty chorona, em uma cadeira de rodas, ao lado de um Michael também emotivo.

— Mãe, você deveria está em seu quarto. Descansando. — repreendo-a.

— Foi o que tentei explicar a ela. — papai fala, mas sem desviar os olhos dos netos. — Parabéns, filho. — abraça-me apertado.

— Obrigado, pai.

— Já escolheram os nomes dos meus netinhos? — mamãe pergunta, sorrindo de orelha a orelha.

— Sim, só falta o daquela princesinha ali. — aponto para minha garotinha.

— Como Christina está? — papai pergunta.

— Quando sai do quarto ela ainda estava dormindo.

— Não é de se admirar que esteja cansada. Se dá a luz a um bebê é exaustivo, imagine a quatro. — mamãe comenta como se tivesse lembrando o dia em que nasci.

— Christina é uma mulher incrível. — comento com um sorriso no rosto.

— Sim, ela é. — mamãe concorda. — Você não imagina o quão feliz estou por vê-lo, enfim, formar uma família. Obrigada, filho. Obrigada por realizar meu sonho de ser avó. — mais lágrimas brotam de seus olhos e apresso-me em enxugá-las.

— Ei, mãe, sou eu que devo agradecer. — beijo uma de suas bochechas. — Seu desejo acabou tornando-se minha vida. Obrigado.

Ficamos mais um par de minutos ali, babando pelos pestinhas mais lindos de todo o universo, antes de mamãe ser levada de volta ao seu quarto e eu voltar para minha esposa.

— Eu quero meus filhos, Travis. — entro no quarto em que Christina está internada e encontro-a chorando. Ao seu lado está uma enfermeira que tenta explicar-lhe que no momento não é possível tirá-los da incubadora.

— Pode ir. Eu resolvo. — a enfermeira não questiona meu pedido, apenas sai, como se desse graças a Deus por partir.

— Por favor, Travis, vá buscá-los. — pede, ainda chorando.

— Shhh, amor. — sento ao lado de sua cama e afago seu cabelo. — Eles estão bem,

Christina. No entanto, nasceram antes do tempo e, conseqüentemente, precisam ficar internados até ganharem peso. — explico.

— Então eu terei que ir embora sem os meus bebês?

— Infelizmente sim, gostosa. Mas prometo que viremos visitá-los todos os dias.

É doloroso para mim também ter que ficar longe dos meus pestinhas.

— Eles estão bem? — sua preocupação é nítida.

— Sim, eles estão.

— Como eles são?

— Os bebês mais lindos do mundo, mas isso já era de se esperar. Afinal, o pai deles é gato pra caramba. — arranco, enfim, um sorriso da minha gostosa.

— Convencido!

— Realista. É diferente. — dou-lhe um de meus sorrisos de lado. — Obrigado por me dá os meus maiores tesouros. — apoio minha testa na dela. — Eu te amo. Amo vocês! — a emoção toma conta de mim e quando percebo estamos ambos chorando... Chorando de felicidade.

O amor é realmente algo incrível, capaz de mudar o ser humano e quebrar padrões. Nunca me imaginei casado com uma mulher louca igual a minha gostosa. Hoje, no entanto, não consigo imaginar minha vida sem ela. Seus "defeitos" me conquistaram e o que começou como uma mentira, acabou tornando-se minha maior verdade.

— Quero passar o resto da minha vida ao seu lado. — sussurro as palavras contra seus lábios.

— Como se você tivesse alguma alternativa. O senhor está preso a mim, Sr. Maddock, sem direito à carta de alforria.

— Isso significa que serei seu escravo sexual?

— Não pelos próximos cem anos, ou você achou que eu estava brincando? — a estraga prazeres pergunta.

— Aposto que não ficará dois dias sem meu pau depois que as relações sexuais forem liberadas. — dou de ombros.

— Isso é uma espécie de aposta, querido marido? — arqueia uma sobrancelha.

— Não. Isso é a simples constatação de um fato, querida esposa gostosa.



(Dois meses depois...)

Sabe aquele meu desejo de ter no mínimo onze filhos? Esqueçam! Ele evaporou na primeira noite em que os pestinhas, enfim, vieram para casa. Se eu fechasse meus olhos poderia ouvir o choro incessante e sentir o odor de fralda suja. As criaturas são especialistas na arte de fazer merda. Um montão de merda, para ser mais específico. Sem mencionar que são graduados na escola dos empata fodas mirins. Basta eu encostar meu corpo no de Christina para um deles abrir o berrero. Juro que estou passando por um sério problema de bolas azuis.

— No que está pensando? — Christina pergunta, dando de mamar a Trevor e Alec, tudo ao mesmo tempo.

— Em como estou feliz por tê-los aqui. — respondo, sem hesita, o que de fato é verdade.

Por mais que minhas noites de sexo tenham sido drasticamente reduzidas, não mudaria nada. Tê-los tão pertinho de mim é incrível. Ser pai é a melhor sensação do mundo.

— Acho que nossa marrentinha também quer mamar. — olho para a pequena Blue Ivy Maddock, que procura por meu mamilo, como se eu tivesse o que só sua mamãe pode oferecer-lhe.

— Segure Trevor e Alec. Agora irei alimentar minha bonequinha e meu outro príncipe. — fazemos a troca e apresso-me em colocá-los para arrotar.

— Quem são os garotões do papai? Quem são? — faço uma voz infantil e ao invés de sorrisos banguelas, sou presenteado com uma crise de choro.

— Você está assustando-os. — Christina se pronuncia, com um sorriso de deboche no rosto.

— Eles que são frescos. — faço beicinho, enquanto tento a calmar a dupla de pestinhas. — Ei, rapazinhos, desta forma vocês não conseguirão pegar nem resfriado, quem dirá as gatinhas dos parquinhos da vida.

— Travis! — Christina repreende-me. — Eles são muito novos para terem esse tipo de conversa.

— Eles já têm dois meses, amor. Sem mencionar que herdaram o *pipiu* do papai.

— Eu não acredito que você acabou de falar isso.

— Isso o quê? Que meus moleques são bem dotados? — sorrio de lado.

— Eu juro que só não chuto suas bolas porque estou ocupada no momento.

— Eu posso fazer isso por você. — Matteo surge do nada, igual fantasma em filme de terror.

— Não sabe mais bater na porta não, meu querido? E se eu estivesse transando com minha mulher? — pergunto para o idiota que beija Christina no rosto.

— Como se vocês fossem capaz de transar com quatro bebês em casa.

O pior é que ele tem razão.

— Como estão esses garotões? — Matteo utiliza o mesmo tom de voz que usei ao falar com Trevor e Alec.

Os traidores, ao invés de chorarem, olham admirados para a cara feia do meu melhor amigo.

— Bando de puxa saco. — digo, indignado com a postura das criaturinhas que eu ajudei a colocar no mundo.

— Venham com o titio. — Matteo chama, mas eu os mantenho presos em meus braços.

— O que nós falamos sobre o ciúme, Travis? — Christina pergunta e eu acabo cedendo.

— Certo, mas se demorar muito com eles nos braços, irei cobrar aluguel.

— Meu Senhor Jesus. Ainda não consigo acreditar em algumas idiotices que saem da sua boca. — minha esposa revira os olhos. — Como Alice está se sentindo? — muda de assunto.

— Os enjoos ainda persistem, mas fora isso está tudo bem. — sorri, como sempre faz quando o assunto é Alice. — Ela irá fazer um jantar para apresentar Jace aos familiares e amigos, gostaríamos que vocês fossem.

— Claro, será um prazer. — Christina responde ao mesmo tempo em que Blue e Damien largam o peito, deixando meus brinquedinhos a mercê da visão de Matteo.

Em um rápido movimento pego a primeira toalha que encontro e cubro o que me pertence.

— Eu não estava olhando para os seios da sua mulher, Travis. — Matteo esclarece.

— É melhor prevenir do que remediar. Agora me diga o que veio fazer aqui.

— Eita que hoje você está impossível, Sr. Maddock. Custa ser um pouco mais educado? —
minha mulher rosna.

— Tudo bem, Christina, convivo com as grosserias de Travis há mais de 10 anos. Já estou acostumado. — se faz de vítima. — Mas, respondendo à sua pergunta. — volta sua atenção para mim. — Trouxe alguns papéis que precisam de sua assinatura. — explica.

— Então vamos fazer isso logo. Meus pais nos convidaram para o almoço e antes de ir pretendo ter uma rapidinha. Bem que você poderia ficar com os quadrigêmeos enquanto eu e Christina tiramos o atraso. — falo e Christina *arregala* os olhos. — Estou brincando, amor. — volto atrás antes de ser assassinado. — Vamos ao meu escritório, Matteo. — digo, ajudando-o a colocar os pestinhas nos berços.

— Não demoro, gostosa. Faça-os dormirem e lhe darei quatro orgasmos. — sussurro em seu ouvido e a danada apenas ri.

— Irei cobrar, Sr. Maddock.



Christina

Não existe nada mais incrível do que ser mãe, é uma sensação inexplicável e única. Você se sente completa e, só então, consegue entender o real significado do amor incondicional.

Enquanto olho meu marido e meu sogro babarem meus filhotinhos lindos, é impossível controlar o sorriso que se forma em meu rosto. Às vezes tenho medo de acordar e perceber que tudo não passou de um sonho.

Sinto-me realizada e eternamente grata a Deus.

Não sou o tipo de pessoa que acredita em coincidência. Prefiro crê na força do destino e o meu destino foi ligado ao de Travis por quatro lindos motivos.

— Sabe, querida, eu posso morrer a qualquer momento. — Taty, que está sentada ao meu lado admirando o marido, o filho e os netos, quebra o silêncio de forma repentina.

— Não pense nisso...

— Está tudo bem, Christina. — interrompe-me com um sorriso nos lábios. — Acabei me acostumando e aceitando este fato. Eu só queria agradecê-la pelos netos que me deu e por fazer meu filho feliz. — noto uma lágrima escapar de seus olhos. Eu já estou aos prantos. — Muito obrigada, filha. Obrigada por fazer parte de nossas vidas. Obrigada por não desistir de Travis.

— Eu... Eu jamais desistiria dele.

— Eu sei e isso me conforta. Sei que Travis será aparado quando eu me for.

— Por favor, Taty, não fale isso. — choro ainda mais. — É doloroso pensar em sua morte. — confesso.

— Oh, minha querida, não quero que se sinta triste. Quero que cuide deles quando eu me for. Quero que console meu menino e não deixei que Michael se transforme em um desses viúvos amargurados. Prometa-me isso, Christina.

— Taty, não fale...

— Por favor, prometa-me. — entrelaça uma de suas mãos na minha, me fazendo encará-la.

— Eu prometo. — cedo entre as lágrimas.

— Obrigada. — sussurra pouco antes de Travis se aproximar.

— Damien e Trevor fizeram cocô... Por que vocês estão chorando? — pergunta preocupado.

— Porque somos duas mulheres sensíveis, que não aguentam ver tanta fofura em uma sala só. — Taty responde, limpando seu rosto.

— Está tudo bem, amor? — agora é Michael que faz a pergunta, Alec e Blue em seus braços.

— Sim, ursinho. — responde. — Eu só quero aproveitar minha família. — sorri. — Eu amo tanto vocês.

— Nós também te amamos, mamãe.

E duas semanas depois Taty perdeu a luta para o câncer. Ele levou um pedaço importante de nossas vidas... Uma parte que ficará eternizada em nossos corações. Tatyanne Ivy Maddock foi um anjo enviado do céu e anjos merecem ser lembrados e em hipótese alguma esquecidos.

Muito obrigada, Taty. Obrigada por tudo o que fez, pela mulher incrível que sempre foi e por lutar até o fim.

Nós te amamos!

Capítulo 28 | Perdendo o controle

Travis

— Você deveria parar de chorar. Não é como se eu tivesse indo para matar nossos filhos ou algo parecido.

— Eu sei, Travis, mas serão três dias longe dos meus bebês. — continua soluçando em meu peito.

— Amor, eu sei que é difícil ficar longe deles. — falo por experiência própria. — Mas também estou ciente do quão importante essa conferência será para sua carreira.

Christina voltou a exercer a profissão de psicóloga há alguns meses, logo após o aniversário de quatro anos dos gêmeos. Os primeiros dias foram horríveis, devo confessar, mas com o tempo fomos nos adaptando a nova rotina.

— E se acontecer algo?

— Não irá acontecer nada, gostosa. — aperto seu corpo contra o meu. — Prometo que cuidarei deles. — beijo suas testas. — Agora durma! Você precisa descansar para a viagem de amanhã.

— Você me levará ao aeroporto?

— Com certeza eu o farei. Ou acha que irei perder a chance de lhe roubar mais alguns beijos e amassos? Podemos usar um dos banheiros como da última vez. — sugiro.

— Travis! — repreende-me.

— O que foi, gostosa? Se bem me recordo, você era a única que gritava: "*Mais forte, Travis! Ah... Não para, gatinho! Aiiii...*". — tento imitar seus gemidos.

— Eu não fico gemendo igual uma atriz pornô. — finge revolta.

— Não, você é muito melhor. Seu show é ao vivo e exclusivamente meu. — em um rápido movimento coloco meu corpo sob o dela.

— Achei que eu precisasse descansar. — protesta, entre sorrisinhos, quando começo a distribuir beijos e mordidas por toda a região do seu colo e pescoço.

— Achei que soubesse que sexo é a melhor forma de relaxamento. Por isso, ao invés de questionar, agradeça-me.

— Pergunto-me quando você deixará de ser tão convencido.

— Quando você parar de ser tão gostosa, ou seja, nunca. — capturo seus lábios com os meus e faço amor com a mulher da minha vida.

PRIMEIRO DIA SEM CHRISTINA EM CASA

Escuto um barulho estrondoso de algo caindo no chão, o que me faz pular da cama. Calço meus chinelos e desço as escadas em tempo recorde, já com medo do que eu posso vir a encontrar.

São exatamente 6h da manhã, duas horas desde que levei Christina até o aeroporto, e pergunto-me qual a probabilidade dos quadrigêmeos terem acordado e ateado fogo na casa.

— Puta que pariu! — xingar é a primeira coisa que me vem a mente quando encontro a cozinha destruída e quatro pestinhas completamente sujos de alguma coisa branca, provavelmente farinha. — Eu não acredito no que estou vendo. — tento fazer minha melhor pose de bravo, mas tudo que consigo é arrancar quatro sorrisos. — Oh, não. Não desta vez. Podem ir tirando esse sorrisinho da cara. — continuo firme em meu papel de pai durão. — Quem foi o responsável por toda essa bagunça? — cruzo os braços.

— A gente só queria fazer seu café da manhã. — Damien responde com os lábios trêmulos e meu coração se derrete.

Por que será que de repente me sinto o pior pai do mundo?

— Você está bravo, papai? — minha marrentinha pergunta, já com lágrimas nos olhos.

— Claro que não, meu amor. — apresso-me em respondê-la. — O papai só ficou surpreso com a bagunça. — ajoelho-me em meio à sujeira. — Agora venham aqui. Preciso do meu abraço. — peço e logo os quatros estão sorrindo novamente, enquanto distribuem beijos molhados por toda a minha face.

— Mamãe disse para cuidar de você. — Alec fala e Trevor balança a cabeça, como que para confirmar as palavras do irmão.

— O papai ama vocês, pestinhas.

— Nós também amamos você, papai. — respondem em uníssono e meu coração se preenche de pura felicidade.

— Papai, estou com fome. — Trevor fala quando o ronco de sua barriga se torna audível.

— Achei que vocês tivessem preparado o café da manhã para mim. — brinco, já me levantando do chão.

— A gente não sabe cozinhar, papai. — Blue sussurra, como se tivesse contando um segredo.

— Oh, então isso significa que tenho quatro monstinhos para alimentar? — faço a pergunta e ambos confirmam. — Certo, será que alguém poderia me ajudar? Acho que não consigo fazer tudo sozinho.

— Eu, eu... Eu, papai! — novamente a resposta vem em uníssono, acompanhada de gritos e pulinhos eufóricos.

— O que vocês irão querer? — arrependo-me de ter feito a pergunta quando recebo quatro respostas diferentes.

Ao que parece terei um logo dia pela frente.



Depois de dar banho e alimentar os pestinhas, foi hora de levá-los para a escolinha e seguir para o trabalho.

— Você está com uma aparência horrível. — Beth fala, sem sequer me desejar um bom dia.

— Bom dia para você também, Beth, e isso se chama filhos.

— Christina mal saiu e já está fazendo falta?

— Você não imagina o quanto.

Por incrível que pareça, Christina é a única capaz de controlar aqueles pequenos furacões.

— Algum compromisso importante para hoje? — pergunto.

— Apenas uma vídeo conferência com a representante de uma empresa russa. — responde. — Ah, o Sr. Martinelli pediu para que fosse à sala dele assim que chegasse.

— Certo. Obrigado, Beth. — agradeço e sigo para a sala de Matteo.

— Você está com uma aparência horrível.

Será que todo mundo falará isso ao me vê? Poxa, será que ninguém liga para minha autoestima?

— Você também não está em sua melhor aparência. — devolvo ao perceber as orelhas pouco abaixo de seus olhos.

— Benjamin passou mal durante a madrugada.

— Nossa! O moleque já melhorou?

Não existe nada pior do que ver um filho sofrer. Ainda lembro da primeira vez que os gêmeos adoeceram. Chorei igual criança.

— O levamos ao pediatra e graças a Deus está tudo bem. — responde, visivelmente aliviado. — E Christina? Já viajou?

— Infelizmente sim. — jogo-me em uma das poltronas que ficam em sua sala, de frente para sua mesa. — Os gêmeos destruíram a cozinha. — faço uma careta ao lembrar que ainda preciso arrumar toda a bagunça quando chegar em casa.

— Dou até o final do dia para eles destruírem o resto da casa. — gargalha.

— Vira essa boca pra lá. — bato três vezes na madeira. — Eles não são tão terríveis assim.

Na verdade são, mas sou o pai deles e, como tal, tenho a função de defendê-los.

— Você deveria ser mais pulso firme.

— Falou o cara que comprou uma boneca de mil dólares só porque Sophie começou a chorar. — rebato.

— Era só uma boneca. — dá de ombros, como se não fosse nada de mais.

— Uma boneca que custou *mil dólares*. — dou ênfase ao valor exorbitante.

— Então você não faria o mesmo se fosse Blue chorando?

— Com certeza não. — respondo, sem hesitar, e Matteo me olha incrédulo. — O que foi? Eu não sou doido para ficar gastando dinheiro com uma boneca que mais parece à noiva do Chuck.

— Você continua mão de vaca.

Agora é minha vez em dá de ombros.

— Você me chamou aqui para falar do quão bem administro meu dinheiro, ou há algo mais que queira dizer?

— Certo, preciso que você use todo o seu poder de persuasão para convencer os russos a fecharem contrato conosco. — entrega-me uma pasta com alguns dados e um monte de zeros.

— Estaremos lucrando tudo isso? — continuo a encarar os zeros.

São tão lindinhos.

— Sim, por isso é tão importante fecharmos esse negócio.

— Tudo bem. — levanto-me. — Usarei todo o meu poder de sedução. — brinco.

— Você é um idiota.

— E mesmo assim você continua me amando. — pisco antes de sair de sua sala.



Quase duas horas de reunião e tudo o que consegui, até agora, foi receber cantadas de uma russa.

Oh mulherzinha tarada.

Por isso prefiro tratar de negócios com homens. Não estou querendo desvalorizar as mulheres, longe disso, só tenho consciência de que sou gostoso demais. É praticamente impossível resistir a um homem como eu.

— Você é casado? — a criatura, finalmente, percebe a aliança em meu dedo.

— Sim, Sra. Gundariéva. Casado e pai de quatro filhos. — esclareço, rezando para que

ela pare com seus flertes.

— Oh, eu adoro crianças e não sou nada ciumenta. — sorri de forma maliciosa e eu começo a tossir.

— Você está bem, querido?

— Sim... Eu... Eu só... O que a senhora está fazendo? — pergunto assustado quando ela começa a desabotoar sua blusa.

— Tornando o seu dia mais feliz, gostosão.

Sou capaz de ver seu sutiã vermelho.

— Se eu fosse a senhora começava a se vestir novamente. — tento ser educado.

— Por quê? Não está gostando? — seus seios soltam livremente.

— Que saber? Chega! Não sou obrigado a ficar vendo esses limões murchos só porque temos alguns milhões em jogo. Nossa reunião está encerrada e, se aceita um conselho, vá procurar um velho para apagar esse seu fogo. — finalizo a vídeo conferência e mal tenho tempo de respirar quando Beth entra na sala, sem sequer bater na porta.

— Ligaram da escola. — três palavrinhas foram o suficiente para me deixar em estado de alerta.

— Qual dos quatro destruíram as paredes da sala? — pergunto, ao lembrar-me do último episódio.

— Desta vez as paredes estão intactas, mas Trevor parece ter se machucado. — Beth mal termina de falar e já estou saindo de minha sala, feito um louco.

Chego à escola minutos depois, me identifico e um dos funcionários me guia até a enfermaria, onde encontro Trevor em uma espécie de cama hospitalar e Blue chorando ao lado de Alec, Damien e Estela.

— Papai! — Blue larga a mão de Alec e corre em minha direção, querendo colo. Pego-a em meus braços e, como sempre, sua cabecinha vai de encontro a um de meus ombros. — O nariz de Trevor estava san-sangrando. — soluça.

— Trevor caiu do balanço. — a enfermeira explica.

— Como você está se sentindo, campeão? — aproximo-me do garotinho de cabelos e olhos escuros. Trevor fora o único que herdara os olhos da mãe.

— Eu estou bem, papai. Só Blue e Estela que não param de chorar. Acho que elas têm medo de sangue. — dá de ombros, como se já fosse um homem feito.

— Acho que elas só estavam preocupadas, filho. — sorrio ao perceber a mão de Estela entrelaçada a de Trevor.

É impossível não sentir orgulho do meu filho. Controlo minha vontade de tirar uma foto e provar a Henry minha teoria: sua filhinha se casará com um de meus garotos.

— O senhor irá levá-los para casa? — a enfermeira pergunta e eu confirmo.

— Sim.

— Tio, eu posso ir também? — Estela pergunta com sua voz doce e angelical.

— Claro, querida. Eu só preciso ligar para seus pais primeiro.

Depois de tudo resolvido, acomodo a pequena tropa na mini van e faço meu caminho para casa.

SEGUNDO DIA SEM CHRISTINA EM CASA

Não dá! Eu juro que tentei, mas não sou capaz de cuidar de quatro crianças sem a ajudar de minha esposa. Estou a um passo da loucura.

— Pai, como eu faço para tirar chiclete do cabelo da Blue? — ligo desesperado para meu pai, depois que Damien, "*acidentalmente*", jogou goma de mascar no cabelo da irmã, que agora mais parece um ninho de passarinho.

— Como assim? — papai pergunta e explico a situação.

Seria tudo tão mais simples se ele não estivesse em outro continente.

Depois que minha mãe faleceu, tanto eu como meu pai ficamos desolados. Foi preciso mais de um ano para que entendêssemos que dona Taty não gostaria de nos ver sofrendo. Por isso, papai decidiu que era o momento de sair de casa e viajar pelo mundo.

— Tem certeza que Coca-Cola resolve?

— Segundo sua mãe, sim. Taty sabia de tudo. — como sempre, é notável a emoção em sua voz ao falar da única mulher a quem amou na vida.

— Sim, ela era realmente sábia.

— Papai! — Blue exclama em meio a sua crise de choro.

— Vá resolver o problema de nossa pequena, depois nos falamos. Tchau, filho, te amo.

— Também te amo, pai. — finalizo a ligação com uma enorme pontada de nostalgia.

— Eu juro que foi sem querer, papai. — Damien continua negando a acusação que foi feita por parte de sua irmã.

— Seu mentiroso! — Blue cospe revoltada, o que me faz lembrar de sua mãe.

Ambas são donas de uma personalidade forte.

— A mamãe quer falar com você, papai. — Alec aparece no quarto, segurando um telefone nas mãos.

— Oi, amor...

— Amor é o escambau! Como diabos o Trevor se machuca e você não me fala nada?

— Christina, eu...

— Cala a boca! — manda e eu obedeço, é claro. — Eu sabia que viajar seria um erro.

— Ele só machucou o nariz, gostosa.

— Só? E você ainda diz só?

— Mamãe, Damien colocou chiclete no meu cabelo. — Blue arranca o aparelho de minhas mãos e termina de assinar minha sentença de morte.

— Tá bom... Ela pediu para falar com você, papai.

— Eu estou voltando ainda hoje. — fala em um tom duro e logo a linha fica muda.

Capítulo 29 | The end?

Travis

— NÃO É PARA CORRER, DAMIEN! — grito para o pestinha, vulgo meu filho com o diabo nos couro, que incorporou o *Usain Bolt*.

A criatura corre pelo saguão do aeroporto como um louco e sei que é questão de segundos para que o restante do esquadrão suicida siga o exemplo.

— Nem pense nisso, Blue. — advirto a marreta do grupo.

— Parece divertido, papai. — Alec protesta.

— Divertido será vocês sem vídeo game e *McLanche Feliz*. — ameaço. — Agora fiquem aqui enquanto eu capturo o demônio da tasmânia.

Deixo-os sentados, onde consiga vê-los, e vou atrás de Damien.

— Esse moleque é seu filho? — uma senhora pergunta, segurando Damien pelo braço.

— Ela está me machucando, papai. — os olhos lacrimejados e a voz embargada de Damien me fazem ver vermelho.

— Sim. E a senhora será uma velha morta se não largar o braço do meu filho.

— Seu filho é um pestinha. Olha o que ele fez com minha blusa. — solta o braço de Damien e sinaliza para a blusa branca, encharcada de vômito.

— Foi sem querer, papai. — os lábios trêmulos de meu filho são um claro sinal de que está prestes a chorar.

— Tudo bem, campeão. — o pego no colo. — NÃO É COMO SE A BLUSA DELA FOSSE BONITA. — falo a última frase bem alto, para que a rabugenta possa ouvir.

— Agora eu sei de onde vem a falta de educação do garoto.

— Como se você soubesse o que é educação, sua mal amada. — cuspo. — E se aceita um conselho, é melhor gastar seu tempo comprando fraldas geriátricas ao invés de agredir criancinhas indefesas.

— Eu não sou velha! — bufa. — Para sua informação sou uma mulher madura de quarenta e nove anos.

— Quarenta e nove anos, mas dona de uma cara de *Bruxa do 71* de dar medo até em assombração. — devolvo, antes de virar-lhe as costas.

A bruxa fica soltando fogo pelo nariz.

— Não foi culpa minha, papai. — Damien apoia a cabeça em meu ombro.

— Eu sei, filho. Mas foi errado ficar correndo. — repreendo-o. — Alguma coisa poderia ter acontecido.

— Desculpa, papai. Você está zangado?

Como eu poderia ficar zangado quando ele me olha com aquele olhar que se tornou meu mundo?

— Não, mas você precisa prometer que não fará mais isso.

— Eu prometo, papai. — beija minha bochecha e agarra meu pescoço.

— Ainda está com vontade de vomitar?

— Não. Só enjoado.

— Certo. O papai vai te dar um remédio e logo, logo a sensação de enjoo irá passar. — beijo o topo de sua cabeça e volto para buscar o resto da *prole* que, graças a Deus, continua no mesmo lugar.

— Damien está bem, papai? — Trevor pergunta ao notar o irmão quietinho em meus braços.

— Ele só está enjoado, filho, mas logo estará melhor. — tranquilizo-o.

— Estou ansiosa para ver a mamãe. — Blue abre um sorriso quando entramos no avião.

Estamos indo para Califórnia, onde a conferência da qual Christina está participando está sendo realizada.

Depois de quase uma hora, consegui convencer minha esposa a concluir seu trabalho. E agora, aqui estamos nós, prontos para surpreendê-la.

Ela ficará tão feliz ao ver as crianças. E a mim também, é claro. Aposto que está morrendo de saudades do meu corpo nu.



Christina

— É impressão minha ou você está preocupada? — Ryan, um colega de trabalho, pergunta.

— Travis não atende o celular. — respondo frustrada, depois da vigésima terceira tentativa de falar com ele.

— Ele deve está ocupado.

— Ele nunca está ocupado para mim.

Palavras do meu marido, não minhas.

— Há sempre uma primeira vez para tudo. — dá de ombros. — Vim convidá-la para jantar.

— Desculpe, Ryan, mas estou sem fome.

— Por favor, Christina, é apenas um jantar. — insiste. — Prometo que não irei flertar com você, nem derramar o quanto sua beleza me atrai.

— Travis não gosta de você.

— Eu sei. Eu também não iria gostar de mim se estivesse no lugar dele. Não podemos esquecer que sou um forte concorrente. — brinca.

— Você é mesmo um idiota. — gargalho. — Quanto à concorrência, meu marido não precisa se preocupar. Ela não existe.

— Se nós tivéssemos nos conhecido cinco anos atrás, você me daria uma chance?

— Ryan! — repreendo-o por sua capacidade de me deixar sem jeito.

— Apenas responda, Christina. — pede.

— Eu não imagino minha vida sem Travis.

— Como eu pensei. — dá-me um sorriso amarelo.

— Um dia você encontrará a pessoa certa.

— Queria que essa pessoa fosse você. — acaricia meu rosto com uma de suas mãos.

— E eu queria que você largasse minha mulher.

Sou surpreendida por um Travis, que mais parece um touro bravo, e meus quatro bebês.

— MAMÃE! — gritam em uníssono, enquanto correm direto para meus braços.

Senti tanta saudade dos meus bebês que começo a chorar.

— Você está triste, mamãe? — Trevor pergunta, secando uma de minhas lágrimas.

— Não, querido. A mamãe está chorando de felicidade. — beijo cada um deles.

— Bem, eu vou indo. — Ryan anuncia, enquanto Travis o fuzila com um olhar. — Nos vemos amanhã, Cris. — beija meu rosto, só para provocar meu marido ciumento. — Foi muito bom revê-lo, Taylor.

— É Travis. — o corrijo. — E eu espero que você morra.

— Travis! — repreendo-o.

— Está tudo bem, linda. — Ryan pisca de forma sedutora e sai logo em seguida.

— O que diabos ele estava fazendo aqui?

— Ryan é meu amigo, Travis, e se você continuar xingando na frente dos nossos filhos, irei lavar sua boca com soda cáustica. — ameaço o criançaço todo empurrado. — Por que não me avisaram que vinham?

— Porque era surpresa, mamãe. — Blue responde.

— Papai disse para não contar. — Alec completa.

— Estou com fome, mamãe. — Damien fala, aconchegando-se em meus braços.

— Damien come muito, mamãe. Ele comeu todas as minhas batatas fritas. — Alec reclama.

— E meu *Swiss Miss*. — Trevor faz biquinho.

Trevor é minha cara, mas a personalidade ele herdou do pai.

— Vou sair para comprar algo. — Travis anuncia.

— Ou nós poderíamos sair para jantar fora. — sugiro e as crianças pulam eufóricas.

— Certo, então todos para o banho. — Travis instrui e logo os quatro estão correndo para o banheiro.

— Espera! — peço quando Travis faz menção de seguir as crianças. — Você ainda não me beijou.

— Não? Então você deveria chamar o seu amiguinho. Aposto que ele ficaria feliz em beijá-la.

— Travis, Ryan é um apenas um colega de trabalho.

— Um colega de trabalho que quer levá-la para a cama. — rebate.

— Talvez ele queira, mas eu não quero. — dou de ombros. — Eu só quero você, gatinho. — entrelaço meus braços ao redor de seu pescoço. — Eu te amo e não precisa sentir ciúmes. — mordo seu queixo.

— Eu não estou com ciúmes. — revira os olhos.

— Claro que não. — ironizo. — Você só está puto da vida. — sorrio.

— Isso não tem graça, Christina. — fecha a cara.

— O que não tem graça é você me deixar na vontade. — mordo meu lábio inferior. — Você não imagina quantas vezes me toquei pensando em você. — sussurro de forma sedutora e Travis solta um gemido, antes de tomar meus lábios no seu.

Finalmente!

Sua língua dança com a minha em um ritmo selvagem, ao mesmo tempo em que uma de suas mãos bobas aperta minha bunda.

— Minha gostosa. Só minha. — esbraveja em meio ao beijo.

— MAMÃE, VEM LIMPAR MEU BUMBUM! — Blue grita.

— Preciso ir. — digo, em uma tentativa de quebrar o beijo.

— Deixa ela lá. — Travis me prende em seus braços.

— Travis, eu preciso limpar minha filhinha.

— E eu preciso transar com você. Olha! Sente isso! — me vira de costa e roça sua ereção em minha bunda.

— Você é um perverso, Sr. Maddock. — volto a encarar sua cara de safado.

— E você um garoto, má. — devolve. — Vamos lá, amor. Podemos trancá-los no banheiro enquanto fazemos coisas de adulto. — sugere. Soco seu ombro em resposta. — Ai!

— Você deveria se envergonhar por fazer esse tipo de proposta.

— E você deveria ser mais inteligente a ponto de não recusar meu pau.

— MÃE! — Blue torna a gritar.

— ESTOU INDO, QUERIDA! — grito de volta.

— Ela já tem quatro anos, deveria aprender a limpar a própria sujeira.

— Não sei como ainda fico surpresa pelas idiotices que você fala. — bufo, antes de sair rumo ao banheiro.

— PORQUE VOCÊ ME AMA! — ouço-o gritar e o sorriso é involuntário.

Sim, eu o amo!



(Um mês depois...)

— Mais um copo! — o moreno de olhos azuis, sentado ao meu lado, faz o pedido ao bartender.

— Esse é o seu décimo copo de vodka em menos de uma hora. — digo, porém ele permanece calado. — Me deixa adivinha. Pegou sua esposa na cama com o seu melhor amigo. — sugiro.

— Com certeza não. Minha esposa é apaixonada pelo meu pau. — sorri de lado, todo convencido.

— Quanta modéstia.

— E você? Vem sempre aqui? — ele pergunta e não consigo controlar a risada.

— Que cantada mais brega, Travis. Você não tinha uma melhor não? — continuo sorrindo, já ele parece uma criança emburrada.

— Você estragou todo o clima. — faz beicinho.

— Desculpa, amor, mas sua tentativa de reviver nosso primeiro encontro foi por água abaixo depois desse flerte. Você nem sequer flertou comigo na primeira vez que me viu. Na verdade, se bem me recordo, sua cara era de nojo.

— Eu não fiz cara de nojo. — defende-se.

— Fez sim. Tudo porque eu não era uma loira gostosona. — joga em sua cara.

— Então eu era um homem cego. Como não percebi o mulherão que estava ao meu lado?

— Eu me faço a mesma pergunta. Se bem que não adiantaria muito, uma vez que eu não teria indo para a cama com você.

Sua cara de indignação ao ouvir minhas palavras é cômica.

— Está dizendo que eu não era bom o bastante para você?

— Não. Estou dizendo que você também não fazia meu tipo. — brinco.

— Engraçado, eu não fazia o seu tipo, mas você acabou casando comigo. — devolve.

— Bem, nós mudamos muito, gatinho. Você me mostrou que não era um mauricinho idiota e eu que não era uma louca desmiolada.

— Mas você é louca, amor. — o imbecil gargalha. — A louca que roubou meu coração e adestrou meu pau. — completa.

— Nossa, Travis. Você é tão romântico.

— Um romântico apaixonado por você. — puxa-me para seu colo, sem se importa com os olhares curiosos. — Obrigado por está aqui há exatos cinco anos, por se mudar para meu apartamento sem minha permissão, por aceitar ser minha namorada de mentirinha, por todos os risos e brigas, por ter aceitado meu pedido de namoro, por me perdoar quando pisei na bola, pelos pestinhas que me deu... Obrigado por ser minha mulher. — encosta sua testa na minha. — Eu te amo e quando penso no futuro vejo nós dois, velhinhos, deitados em uma cama, provando ao mundo que sexo na terceira idade por ser algo incrível.

— Você não tem jeito, Travis. — dou risada de seu comentário. — Eu também amo você e

não precisa me agradecer. Gosto de prestar caridade aos bêbados necessitados. — brinco.

— Desde que esse bêbado seja eu. — beija meus lábios. — Minha casa ou a sua? — morde meu lábio.

— Melhor a sua, meu marido é muito ciumento. — torno a entrar em seu joguinho.

— Oh, então é melhor não arriscar.

— Melhor não. — sussurro em seu ouvido. — Mas antes de irmos tenho um presente para você.

— Um presente? E o que seria? Eu me contento com sua menina.

— Largue de ser tarado, Travis. — sorrio. — Aqui está. — entrego uma pequena caixinha a ele.

— O que é isso? Algum brinquedo sexual?

— Abra e verá.

Travis abre a caixinha, passando a encarar os dois pares de sapatinhos, que levei horas para escolher depois que recebi a notícia.

— Meu número é um pouco maior, mas o que vale é a intenção. Espera! Isso... Não pode ser.

— Estamos novamente grávidos. — anuncio com um sorriso no rosto.

— Sério? Mais um bebê? — seus olhos brilham.

— Não seu bobo, mais dois. — termino a frase e Travis está pálido.

— Dois? Eu acho que vou desmaiar, gostosa.

— Calma, amor. Respira! — instruo-o.

— Eu... Eu acho que vou agendar aquela vasectomia. — diz sério.

— Não está feliz?

— Estou... É claro que estou! — abraça-me. — Mas acho que seis é um bom número.

— Acho que sim.

— Vocês serão meus anjinhos. Minha cota de pestinhas já foi esgotada. — fala, acariciando minha barriga.

— Você é tão mal, Travis. — solto uma risada.

— E você é perfeita. — volta a me beijar. — A minha mulher perfeita. A minha **perfeição**.

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Wattpad](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para os futuros leitores. Obrigada.